

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Camila Scherdien da Silva

Depois do acesso:

A inserção profissional de jovens egressos do Prouni

Porto Alegre

2017

Camila Scherdien da Silva

Depois do acesso:

A inserção profissional de jovens egressos do Prouni

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Scherdien da Silva, Camila

Depois do acesso: A inserção profissional de jovens egressos do Prouni / Camila Scherdien da Silva. -- 2017.

242 f.

Orientador: Sidinei Rocha de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Inserção Profissional; Educação Superior; Classe Social; Sociologia Disposicionalista.. I. Rocha de Oliveira, Sidinei, orient. II. Título.

Camila Scherdien da Silva

Depois do acesso:

A inserção profissional de jovens egressos do Prouni

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

Aprovada em: 29 de setembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Angela Beatriz Busato Scheffer

Profa. Dra. Célia Elizabete Caregnato

Profa. Dra. Lúcia Barbosa de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Por acreditar que “a felicidade só é real quando compartilhada¹”, gostaria de agradecer algumas pessoas que compartilharam comigo essa fase de vida extraordinária que foi o mestrado. Ter pessoas incríveis e especiais como vocês ao meu redor, prontas para ser fonte de auxílio, carinho e entusiasmo, foi essencial para que eu pudesse percorrer essa jornada. Esse trabalho é um pouco de cada um de vocês, porque vocês me ajudaram a construí-lo.

Agradeço à CAPES, por financiar a realização dessa pesquisa e por conceder-me o privilégio de dedicar-me exclusivamente ao mestrado ao longo de 24 meses.

Aos participantes desse estudo, por terem aceito compartilhar sua vida e história comigo e assim tornarem essa pesquisa possível. Muito obrigada pela confiança, abertura e disponibilidade de cada um de vocês.

Ao Professor Sidinei agradeço pela orientação, pela parceria, pelos inúmeros ensinamentos e pela amizade. Obrigada pela paciência para com minhas dúvidas, insegurança e ansiedade ao longo do primeiro ano, e para com minhas descobertas, experimentações e mudanças ao longo do segundo. Obrigada por teres acreditado em mim e no trabalho a que me dispus construir e por teres topado embarcar nessa aventura comigo.

As Professoras Angela Scheffer e Lúcia Barbosa, por aceitarem o convite para compor a minha banca de projeto e de defesa final e terem compartilhado seus conhecimentos, percepções e opiniões acerca da construção e dos resultados desse trabalho.

A Professora Célia Caregnato, por ter aceito o convite para compor a banca de defesa final dessa dissertação e por dedicar seu conhecimento, tempo e atenção em prol do aprimoramento e melhoria dessa pesquisa.

Ao Professor Márcio Gomes de Sá, por me oferecer auxílio no momento de definir, construir e operacionalizar os procedimentos metodológicos desse trabalho. Obrigada pelas sugestões e trocas de experiências, tanto virtuais quanto presenciais.

Aos colegas de Gineit – em especial a Aline, Anelise, Bibiana, Gabriela e Vanessa – por todas as contribuições que gentilmente fizeram as minhas pesquisas nos últimos anos, contribuindo para o meu crescimento pessoal e desenvolvimento como pesquisadora e docente. Agradeço, em especial, a Gabriela, por ter inspirado e incentivado minha decisão de ingresso no mestrado. Obrigada pela amizade, pelas longas e atentas conversas, pelas críticas e sugestões que sempre te dispusestes prontamente a fazer acerca dos meus escritos e pesquisas, assim como por todas as parcerias de trabalho que firmamos nesses anos. A Bibiana, pela parceira e confiança depositada em mim e no meu trabalho. Trabalhar contigo sempre foi leve, prazeroso e enriquecedor.

Aos meus colegas de turma de 2015 do mestrado em Gestão de Pessoas, obrigada por compartilharem comigo as primeiras dúvidas, inseguranças e descobertas geradas pelo ingresso na Pós-Graduação. Obrigado por terem ajudado a construir um ambiente de aprendizagem tão acolhedor quanto o que tivemos ao longo do primeiro ano de disciplinas juntos. Agradeço a oportunidade de me transformar e crescer junto com cada um de vocês, em especial a Ana, Carla, Carol, Daiane e Renato.

Aos tantos amigos que conquistei nos diversos espaços da EA/UFRGS, seja na sala de estudos, no café, ou mesmo na sala de aula, em especial a Ana Clara, Bruno, Jaqueline, Jéssica, Matheus, Paulinho e Vanessa. Obrigada por partilharem comigo discussões teóricas e políticas, conselhos de pesquisa e docência, bem como momentos de alegria, divertimento e descontração, tão importantes e necessários. Ter cada um de vocês ao meu lado tornou essa caminhada mais leve e prazerosa.

¹ Tradição livre da frase: “Happiness only real when shared”, oriunda do filme Na Natureza Selvagem.

Aos meus queridos penitentes - Luiza, Henrique, Fabiano e Marcelo - por terem compartilhado comigo tantos momentos de alegria e por terem acompanhado de perto os maiores processos de transformação que vivi durante o mestrado.

Aos meus colegas de trabalho do IFSul – Câmpus Lajeado, por compreenderem minha situação de concluinte de mestrado e professora iniciante e por terem me oferecido apoio e incentivo nos dias difíceis.

As amigas e amigos “de fora da bolha acadêmica”, que tantas vezes me lembraram que existe vida também do lado de cá, me proporcionando momentos de leveza quando me via no olho do furacão. Vocês me inspiram e me fazem querer ser melhor a cada dia! Meu obrigada, em especial, a Letícia e a Raquel, minhas irmãs de alma e fonte de tanto amor e carinho. Me faltam palavras para expressar o quanto amo vocês! Ao Bernardo, pelas tantas conversas inspiradoras e pelos sorvetes compartilhados nos momentos em que mais precisei de um ombro amigo e de uma pausa na escrita. A Ana Paula, por dividir a casa e a vida comigo nos meses finais desse trabalho, me motivando a seguir em frente nos momentos de desânimo. Ao Douglas, por ter sido, em tantos momentos, minha fonte de força e segurança. Levo comigo a tua calma, leveza, serenidade e otimismo, os quais foram essenciais para que eu ingressasse no mestrado e, principalmente, conseguisse concluir esse trabalho.

E por fim, àqueles que são a minha origem, aos meus pais, Paulo e Carmem, e ao meu irmão Daniel. Obrigada por me amarem, acreditarem nos meus sonhos e por não medirem esforços me ver feliz e realizada.

RESUMO

O ensino superior brasileiro se configura, historicamente, como um espaço de formação elitista e excludente, destinado às classes dominantes. No entanto, esse cenário tem se alterado ao longo dos últimos 20 anos, a partir do processo de expansão e diversificação do acesso ao ensino superior, o qual possibilitou o ingresso de grupos antes pouco expressivos, por meio de políticas públicas como o Programa Universidade para Todos – Prouni.

Frente a esse contexto de expansão no acesso ao ensino superior do país, essa pesquisa visa compreender como a origem social influencia o acesso, permanência e conclusão do ensino superior, assim como a posterior inserção profissional dos jovens egressos do Prouni, no momento em que essa se configura como uma política pública baseada em critérios de seleção socioeconômicos.

A fim de compreender o peso da origem social no processo de formação e ingresso no mercado de trabalho, adotou-se o olhar da sociologia disposicionalista, suportado teórica e metodologicamente em autores como Bernard Lahire, Pierre Bourdieu e Jessé Souza. Para isso, foram realizadas entrevistas em profundidade com cinco egressos do Prouni – oriundos dos cursos de Direito e Administração de duas das melhores instituições de ensino privado do Rio Grande do Sul – as quais foram organizadas e apresentadas no formato de retratos sociológicos (LAHIRE, 2004). A partir da construção dos retratos, foram identificadas as disposições incorporadas ao longo da trajetória de cada um dos jovens, sendo analisadas a partir de suas ocorrências intra e interindividuais. Por meio das disposições compartilhadas, ou interindividuais, foi possível caracterizar os jovens egressos do Prouni como pertencentes a nova classe trabalhadora (SOUZA, 2010). Além disso, as diferenças nas disposições à nível individual permitiram identificar diferentes estratos dentro da nova classe trabalhadora, o que contradiz a ideia de um modo de conduta homogêneo entre aqueles pertencentes a uma mesma classe social.

Percebeu-se que a identificação do sistema disposicional incorporado pelos indivíduos e a análise de sua influência ao longo da trajetória individual e coletiva dos egressos do Prouni contribuiu para desvelar o peso e influência da estrutura social sob a ação individual. Tal abordagem contribuiu para ressaltar as desigualdades existentes ao longo do processo de formação e inserção profissional, auxiliando no combate ao discurso meritocrático de responsabilização individual.

Por fim, percebe-se no instrumento analítico de identificação das disposições um promissor caminho para aprofundar os estudos acerca da formação e inserção profissional no país e compreender as particularidades dos diferentes grupos de jovens que acessam o ensino superior, levando em conta suas trajetórias, que podem ser mais ou menos limitadas, a partir da origem de classe.

Palavras-chave: Inserção Profissional; Educação Superior; Classe Social; Sociologia Disposicionalista.

ABSTRACT

Brazilian higher education is historically an elitist field, destined to the highest social classes. However, this context has changed over the last 20 years, due to the process of expansion and diversification of higher education access. This allowed the entrance of minority groups at university, through public policies such as the University for All Program – in Portuguese called Prouni, which is based in social economic criteria.

Based in this context of expansion in the access to higher education in Brazil, this research aims to understand the social origin influence on transition school-to-work process of young graduates from Prouni.

In order to understand the social origin influence in higher education studies and transition school-to-work, a sociological dispositional view was adopted in this research, supported by authors such as Bernard Lahire, Pierre Bourdieu and Jessé Souza. In-depth interview were conducted with five graduated students from Prouni, enrolled in Administration and Law courses in two of the best universities of Rio Grande do Sul state. These interviews data were reconstructed and organized into sociological portraits (LAHIRE, 2004). From this material, some incorporated dispositions were identified, being classified based on their individual or collective occurrence.

Based on these shared dispositions, was possible to identify this group of young Prouni students as part of the new working Brazilian class (SOUZA, 2010). Besides that, differences in the individual dispositions allowed the identification of distinctive social strata inside this social class, which contradicts the idea of a homogenous mode of conduct shared between members of a same social group.

From the incorporated dispositional system analysis, was possible to identify some motivational factors which influence the decisions made by the individuals. Based on that, is possible to combat the meritocratic discourse of individual accountability, which make invisible the weight and influence of the social structure in agent's life.

Finally, the analytical instrument of dispositions identification seems to offer a promising alternative to deepen the transition school-to-work studies in Brazil. The individual analyses can help to understand the particularities in different young people groups that access the higher education, taking into account their trajectories and the divergent aspects they present, related to their social class origin.

Keywords: School-to-Work Transition; Higher Education; Social Class; Dispositional Sociology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A EXPANSÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL.....	16
3 FORMAÇÃO, INSERÇÃO PROFISSIONAL E CLASSE SOCIAL.....	21
3.1 FORMAÇÃO: EMPREGABILIDADE E MERITOCRACIA.....	21
3.2 INSERÇÃO PROFISSIONAL: INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO.....	30
3.3 CLASSE SOCIAL: O OLHAR SOCIOLÓGICO.....	38
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	51
5 OS JOVENS EGRESSOS DO PROUNI.....	64
5.1 JULIANA.....	64
5.2 TIAGO.....	71
5.3 FERNANDA.....	78
5.4 DIEGO.....	84
5.5 GUSTAVO.....	90
6 AS DISPOSIÇÕES INCORPORADAS.....	101
6.1 DISPOSIÇÕES INTERINDIVIDUAIS.....	102
6.2 DISPOSIÇÕES INTRAINDIVIDUAIS.....	114
6.3 SÍNTESE ANALÍTICA.....	121
7 FORMAÇÃO E INSERÇÃO PROFISSIONAL: UMA ANÁLISE DISPOSICIONALISTA.....	125
7.1 A PRIMEIRA SOCIALIZAÇÃO: ORIGEM SOCIAL E CAPITAL FAMILIAR.....	126
7.2 A SEGUNDA SOCIALIZAÇÃO: A TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	130
7.3 INGRESSO, PERMANÊNCIA E ÊXITO NO ENSINO SUPERIOR.....	132
7.4 DEPOIS DO ACESSO: A INSERÇÃO PROFISSIONAL.....	142
7.5 SÍNTESE ANALÍTICA.....	149
8 REFLEXÕES E CONCLUSÕES.....	153
REFERÊNCIAS.....	163
APÊNDICE A – RETRATOS SOCIOLÓGICOS.....	171
APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA JOVENS EGRESSOS.....	238
APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA COORDENADORES PROUNI.....	241
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	242

1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação se origina de uma série de dúvidas e questionamentos referentes ao momento histórico e social recente do país. Em 2015, ano em que ingressei no mestrado, havia a poucos meses iniciado o quarto mandato sucessivo do Partido dos Trabalhadores – PT, no governo. Entre os anos de 2003 a 2012, o Brasil conquistou uma maior representatividade nas discussões políticas e econômicas no cenário internacional, principalmente por sua boa situação econômica, enquanto grande parte dos países desenvolvidos era afetado pela crise global de 2008. No cenário internacional, enquanto os países vinham apresentando um aumento nos índices de desigualdade e concentração de renda, o Brasil seguia na direção oposta (OECD, 2015), demonstrando aumento no poder de compra, nos níveis de consumo e no acesso à crédito (MARIANI, LUPION e ALMEIDA, 2016; OLIVEIRA e HESSEL, 2012).

O cenário de crescimento econômico deu origem ao discurso de ascensão de uma nova classe social no país, amplamente divulgado na mídia entre os anos de 2008 e 2014, intitulada como nova classe média. Essa seria composta por brasileiros que haviam ascendido socialmente por meio do aumento do seu poder de compra, se estabelecendo como um novo grupo consumidor responsável por aquecer a economia do país (NERI, 2010). Frente a esse discurso, questionei-me: **existe, de fato, uma nova classe social no país? Como se dá o processo de ascensão social?**

Para além dos incentivos econômicos para ampliação do consumo e acesso à crédito, outras políticas sociais foram implementadas, compondo o projeto de governo que visava o desenvolvimento e crescimento do país, voltando-se também para setor de educação e qualificação da mão de obra brasileira. Tais políticas, destinadas à ampliação do acesso ao ensino superior no país, deram continuidade ao projeto de expansão do acesso à educação, iniciado nos anos 1990, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (DURHAM, 1999). Assim, além do cenário de crescimento econômico, o contexto brasileiro também se caracterizava pelo aumento do investimento em educação e pela implementação de programas de expansão e diversificação em seu acesso, em especial à educação de nível superior, por meio do aumento no número de instituições e vagas no país, em especial na rede privada (VOLKMER MARTINS e ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2017).

Nesse momento, diferentes grupos que antes estavam a margem do espaço universitário, como negros, indígenas e indivíduos pertencentes às classes baixas, passaram a

ser o foco de políticas públicas que poderiam facilitar seu ingresso à formação de nível superior. Esse contexto suscitou questionamentos, entre eles: **Quem são os jovens que passam a ter acesso à universidade por meio dessas políticas públicas? Quais as expectativas desses ingressantes com a formação? Como eles vivem o processo de acesso, permanência e conclusão do ensino superior? Como se dá o processo de inserção profissional após a obtenção do diploma?**

Frente a esse contexto diversas inquietações relacionadas ao âmbito do ensino superior, seu histórico e características, despertaram meu interesse pelo tema de estudo ao longo do primeiro ano de mestrado. A fim de compreender esse cenário, se iniciaram leituras sobre o ensino superior no Brasil, seu histórico e surgimento, bem como acerca das mudanças implementadas pelos governos e parcerias público-privado estabelecidas após o período de redemocratização do país, nos anos 1980. Buscou-se indicadores e dados a respeito do acesso à formação no país, bem como sobre as políticas públicas implementadas. Esse primeiro momento foi de aproximação com o tema, que ainda tinha poucos contornos, através das mais variadas fontes, como jornais, revistas, documentos, vídeos, páginas em redes sociais, blogs, entre outros. Além disso, levantou-se o que já vinha sendo estudado a respeito do acesso ao ensino superior no país e das políticas públicas lançadas nas últimas décadas, em paralelo a leituras sobre classe e estrutura social brasileira.

A partir disso, o objeto de estudo começou a ser construído, com base em leituras e análise do cenário de redução das desigualdades e aumento do nível de renda e poder de consumo no país, bem como de ampliação do acesso ao ensino superior. Ao longo dessa construção, uma política pública específica, o Programa Universidade para Todos – Prouni, despertou meu interesse e acabou se tornando o campo empírico de análise dessa pesquisa. O Prouni se destacou frente as demais políticas públicas de acesso a qualificação por algumas de suas particularidades, como o fato de estar vinculado às instituições privadas, que passam a converter a isenção de seus impostos em vagas ofertadas para alunos de baixa renda. Assim, a possibilidade de ingresso no ensino superior não seria promovida por meio do acesso ao ensino público, e sim pela reserva de vagas em instituições privadas, as quais apresentam uma estrutura e um modo de operação diferente das universidades públicas brasileiras. Além disso, o grupo de instituições privadas de ensino superior existentes no país não é homogêneo, sendo composto por instituições de ensino particulares tradicionais e reconhecidas, historicamente frequentadas pelos jovens das classes dominantes; instituições de pequeno e médio porte, que têm baixo reconhecimento de seu diploma e foco predominante no ensino de caráter

utilitarista, e um incipiente número de instituições constituídas nos últimos 15 anos, que surgem e crescem a partir de financiamento público, tendo diversas delas um caráter rentabilizador do negócio (ALMEIDA, 2012).

Sendo os critérios de elegibilidade ao Prouni voltados, essencialmente, a fatores socioeconômicos, escolheu-se investigar o grupo de alunos atendidos por essa política pública, visando compreender a influência da classe social de origem e da socialização familiar no processo de formação e inserção profissional. Para tanto, buscou-se conhecer o Prouni, por meio de reportagens, pesquisas e publicações acerca do surgimento e funcionamento do programa, seus objetivos e fins, o perfil dos bolsistas e das instituições de ensino participantes, assim como diferentes opiniões a respeito do programa, tanto daqueles que o exaltam por sua função social (DO AMARAL e DE OLIVEIRA, 2011; FELICETTI, 2011) quanto daqueles que o criticam por seu caráter mercantilista e de financiamento público do ensino privado no país (ALMEIDA, 2012; CATANI, HEY e GILIOLI, 2006; CARVALHO, 2006).

Partindo da leitura da tese defendida por Perdigão (2015) sobre as (im)possibilidades de mudança na trajetória profissional dos bolsistas pelo Prouni, vislumbrou-se como oportunidade de estudo a trajetória dos alunos que acessaram, por meio do Prouni, as melhores instituições de ensino superior do estado do Rio Grande do Sul, segundo o Índice Geral de Cursos – IGC². A escolha pelas melhores instituições de ensino privado do estado, as quais são também sem fins lucrativos, se deu a partir dos resultados apresentados no trabalho de Perdigão (2015), o qual retrata a história de vida de alunos ingressantes em uma instituição de ensino superior com fins lucrativos, integrante de um grande grupo educacional do país, que tem como principal objetivo a melhoria de seu resultado financeiro e por conta disso, acaba oferecendo uma formação de qualidade questionável e que pouco contribui para o aumento das chances de mobilidade social de seus alunos.

Em paralelo a escolha do Prouni como campo empírico para a análise do processo de formação de nível superior e ingresso no mercado de trabalho pelos jovens brasileiros oriundos das classes baixas, construiu-se a base teórica que sustenta e orienta essa pesquisa, composta pelos seguintes eixos temáticos: formação, inserção profissional e classe social. A construção teórica e metodológica desse trabalho, bem como as análises realizadas a partir dos dados empíricos, foram influenciadas por três principais autores - Pierre Bourdieu, Bernard Lahire e Jessé Souza – inseridos no campo da sociologia disposicionalista da ação,

² Para maiores informações a respeito do Índice, assim como seus resultados anuais, sugere-se o acesso ao site: <http://portal.inep.gov.br/indice-geral-de-cursos-igc->. Último acesso em 04 de setembro de 2017.

oriunda da perspectiva epistemológica estrutural-constructivista. Essa perspectiva reconhece tanto as limitações impostas pela estrutura objetiva aos agentes, podendo restringir ou coagir suas ações, quanto a capacidade de ação desses agentes frente à estrutura, no momento em que essa é construída, legitimada e reproduzida por esses. Portanto, tal perspectiva foge da dicotomia subjetivismo *versus* objetivismo presente nas ciências sociais, ao buscar compreender como os agentes incorporam a estrutura social, sendo seus modos de agir moldados por ela, por meio da incorporação de disposições para a ação, ao mesmo tempo em que são também seus produtores, seja legitimando-a ou lutando para modificá-la.

Esses autores discutem a temática de origem e pertencimento de classe, como também adotam a concepção de sociedade como um campo de disputa, reconhecendo o acesso desigual ao poder e status perante os diferentes grupos que compõem a estrutura social. Assim, o pertencimento de classe é fruto das disposições incorporadas e compartilhadas pelos indivíduos, as quais moldam suas maneiras de agir, pensar, compreender o mundo e se relacionar.

Bourdieu (2011) é um dos principais autores dessa perspectiva, tendo influenciado os trabalhos tanto de Bernard Lahire quanto de Jessé Souza. Sua filosofia da ação volta-se para a relação entre a estrutura incorporada pelos agentes – o *habitus*, e as estruturas objetivas dos campos onde esses atuam. Os conceitos de *habitus*, campo e capital (BOURDIEU, 1989; 2011) são fundamentais em sua obra, tendo sido construídos ao longo de suas pesquisas acerca dos mecanismos educacionais, culturais, sociais e simbólicos de dominação (VALLE, 2007).

Lahire (2004), assim como Pierre Bourdieu, defende que as disposições incorporadas representam a interiorização das estruturas sociais. No entanto, discorda da afirmação de que esse sistema de disposições seria fruto de uma fórmula geradora, unificadora das práticas dos indivíduos que compõem um mesmo grupo social. Por disposição, Lahire (2002) se refere a um princípio incorporado, a partir da socialização e das experiências vividas, que dá origem a modos de agir, de sentir e de pensar no contexto presente. Isso significa que os modos de conduta de um agente não são fruto apenas do momento atual, sendo necessário reconstruir as experiências passadas para se compreender os modos de conduta, como também não são determinados apenas pela socialização passada, sendo possível reforçar ou enfraquecer no presente as disposições incorporadas no passado.

Assim, Lahire (2004) argumenta que existem, para além das disposições interindividuais, ou compartilhadas, também disposições intra individuais, as quais tornam

visíveis as contradições presentes nos e entre os indivíduos que as carregam. Por essa razão, acredita não haver um único sistema de disposições homogêneo compartilhado dentre um grupo social, nem mesmo que uma disposição se apresente, necessariamente, da mesma maneira em todos os contextos de socialização e em diferentes momentos. Por tal razão, o autor chama a atenção para a análise à nível individual das disposições incorporadas, dedicando-se a ressaltar as diferenças, ao invés das semelhanças, entre os indivíduos.

Tanto Pierre Bourdieu quanto Bernard Lahire são sociólogos franceses que têm como campo de estudo seu país, o que justifica a importância das obras de Souza (2009; 2010), a fim de se empreender um estudo a partir da realidade brasileira. Souza (2009; 2010) ao construir uma teoria de classe que possibilite a análise da estrutura social do país, adota a concepção de classe social como um construto sociológico e não apenas econômico, levando em conta o contexto sócio histórico brasileiro e suas particularidades.

Frente a isso, essa dissertação se propôs a compreender como os modos de ação, ou disposições incorporadas a partir dos diversos contextos acessados ao longo da trajetória de vida, influenciam a trajetória formativa dos jovens brasileiros, com relação ao acesso, permanência e conclusão do ensino superior, assim como seu processo de inserção profissional. Esses contextos acessados se referem a origem familiar e ao espaço doméstico, ao espaço escolar, ao espaço universitário e as experiências de trabalho, sendo esses perpassados pela origem social e de classe, a qual se constrói e é construída por meio das disposições evidenciadas em cada um desses contextos de ação.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo geral responder à pergunta de pesquisa: **como a origem social influencia a formação e inserção profissional de jovens egressos do Prouni?**

Para responder a essa pergunta e orientar a construção dessa pesquisa, elencou-se como objetivos específicos:

1. Construir retratos sociológicos (Lahire, 2004) de jovens egressos do Prouni;
2. Identificar as principais disposições individuais e compartilhadas incorporadas por esses jovens;
3. Analisar como as disposições incorporadas influenciam o acesso, permanência e conclusão do ensino superior;
4. Analisar como as disposições incorporadas influenciam o processo de inserção profissional após a conclusão do curso.

O percurso metodológico trilhado para atingir esses objetivos foi inspirado nos trabalhos de Lahire (2004; 2006; 2008), assim como nas pesquisas realizadas no contexto brasileiro por Souza (2009; 2010) e Sá (2015), a partir do uso de retratos sociológicos e da identificação e análise das disposições incorporadas pelos indivíduos como instrumento metodológico para análise e compreensão da estrutura e realidade social.

A etapa de construção³ dos dados se deu por meio de entrevistas com cinco jovens egressos pelo Prouni, as quais produziram material empírico para a elaboração dos retratos sociológicos, bem como para identificação das disposições incorporadas pelos entrevistados. Assim, após a realização das entrevistas, os dados foram lidos, organizados, escritos e rescritos, a partir de idas e vindas aos textos que compõem o referencial teórico escolhido para suportar a análise do campo empírico e responder à pergunta de pesquisa. Após a construção dos retratos de cada um dos participantes do estudo e da identificação de suas disposições incorporadas, essas foram analisadas a nível individual e compartilhado e serviram como base para as análises acerca do processo de formação de nível superior e inserção profissional.

Por fim, essa dissertação está organizada em oito seções. Após essa introdução (1), será apresentado o contexto sócio histórico de expansão e diversificação do acesso ao ensino superior no país (2), no qual as políticas públicas – como o Prouni, estão inseridas. Em seguida, o leitor encontrará o referencial teórico (3), dividido em três eixos-temáticos: formação (3.1), inserção profissional (3.2) e classe social (3.3). A seção seguinte apresenta o percurso metodológico (4), sendo apresentada na sequência a análise dos dados construídos, composta por três seções: a apresentação dos retratos sociológicos e disposições incorporadas pelos participantes do estudo (5); a análise dessas disposições, demonstrando quais aparecem a nível individual e quais são compartilhadas pelos participantes do estudo (6), seguida pela discussão teórico-empírica acerca da influência das disposições incorporadas no ingresso, permanência e conclusão do curso superior e na inserção profissional (7). A última seção se refere as reflexões e conclusões (8) geradas a partir desse trabalho, seguida pelas referências e apêndices.

³ Adota-se o termo construção ao invés de coleta dos dados por considerá-los produto da interação entre pesquisadora e participantes do estudo (JACOBSSON e ÅKERSTRÖM, 2012).

2 A EXPANSÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

A formação do sistema de ensino superior no Brasil se origina na primeira metade do século XX, sob influência dos modelos francês e alemão. O modelo napoleônico se caracterizava por escolas isoladas, de cunho profissionalizante, com dissociação entre ensino e pesquisa. Já o modelo alemão trazia a concepção de universidade como formadora de elites, com formação científica de cunho humanista e não pragmática (PAULA, 2009).

Desde o seu início, percebe-se que o sistema de ensino superior brasileiro se constituiu sob a divisão entre universidades com maior ênfase à pesquisa, oferecendo uma formação geral e humanista, e aquelas com caráter funcionalista, voltadas a profissionalização e a formação de mão de obra. A partir do golpe militar de 1964, ocorreu a reformulação estrutural das universidades brasileiras, que passaram a sofrer grande influência da concepção universitária estadunidense, caracterizada pela racionalização do ensino e sua associação ao caráter mercadológico, visando atender ao demandante do produto ofertado pelo sistema universitário, ou seja, o mercado de trabalho e sua necessidade por mão de obra (PAULA, 2009).

Entre as décadas de 1950 e 1980, o Brasil passou por uma transição estrutural, deixando de ser uma sociedade agrária tradicional para tornar-se uma sociedade industrial urbana. Foi característico desse período um grande êxodo rural, devido à migração para os centros urbanos, em especial para a região sudeste do país. Esse processo de migração fez com que os anos 1980 ficassem marcados como a década perdida, devido ao aumento no número de empregados sem carteira assinada e de trabalhadores autônomos, sinalizando um processo de deterioração das condições de trabalho a partir do aumento da oferta de mão de obra (HANSENBALG, 2003).

Nos anos 1990, outras mudanças ocorrem no país, a partir da redução da intervenção do Estado na economia, privatização de empresas estatais e dos serviços públicos e abertura da economia ao comércio internacional e investimento estrangeiro. Essa mudança na estratégia de gestão do país teve forte impacto no mercado de trabalho, por conta do processo de desindustrialização da força de trabalho, aumento do número de vagas no setor terciário e o crescimento do desemprego no país (HANSENBALG, 2003).

Em paralelo as iniciativas governamentais de redução do Estado, a partir de meados dos anos 1990, o Brasil passa a vivenciar um contexto de expansão no acesso à formação e qualificação, através de diversas reformulações na política educacional brasileira. Essas

reformulações visaram tanto à diversificação das instituições de ensino superior e seus cursos quanto à diversificação das fontes de financiamento educacional. As alterações se iniciaram ainda no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, através do estímulo ao investimento empresarial na área da educação, permitindo a abertura de novas instituições de ensino privadas (LIMA, 2011). Foram promovidas mudanças a fim de facilitar o acesso dos jovens a uma maior qualificação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) e a consolidação, entre os anos 2000 e 2010, da universalização do acesso ao sistema educacional das crianças e jovens (ARRETCHE, 2015).

A partir do ano 2002, o aumento dos níveis de escolaridade no país foi definido como um dos pilares do governo do Partido dos Trabalhadores, após a criação do Plano Nacional de Educação – PNE⁴ – lançado em 2001. Esse plano estabelecia a meta de 30% dos jovens entre 18 e 24 anos cursarem o ensino superior até 2011, o que se relaciona diretamente ao investimento na expansão do número de vagas. Ao longo da década de 2000, o Ministério da Educação – MEC – priorizou a implementação de diversas iniciativas e políticas públicas, visando a expansão, qualificação e democratização do ensino superior no país. Como resultado, 9.306.877 pessoas concluíram o ensino superior no país entre os anos de 2003 e 2013, o equivalente a 5% da população brasileira atual (BRASIL, 2015).

Segundo a Secretária de Educação Superior – SESu:

O processo de democratização compreende reverter o quadro no qual ir à universidade é opção reservada às elites. A definição de um projeto para a educação superior deve entender esta como bem público, destinada a todos indistintamente, inserida no campo dos direitos sociais básicos, tratada como prioridade da sociedade brasileira, sendo que a universidade deve ser a expressão de uma sociedade democrática e multicultural, em que se cultiva a liberdade, a solidariedade e o respeito às diferenças (BRASIL, 2015, p.19).

Com relação ao ensino superior, houve o crescimento de políticas públicas e programas governamentais voltados à ampliação de vagas e democratização no acesso a esse nível de formação, como o Prouni, o REUNI⁵, a UAB⁶, a Lei de Cotas⁷ e a expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica, que culminaram em um aumento expressivo

⁴ Sobre o PNE 2001: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acesso em 09 de fevereiro de 2016.

⁵ Sobre o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI: <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>. Acesso em 07 de fevereiro de 2016.

⁶ Sobre a Universidade Aberta do Brasil - UAB: <http://portal.mec.gov.br/uab>. Acesso em 07 de fevereiro de 2016.

⁷ Sobre a Lei de Cotas: <http://portal.mec.gov.br/cotas/legislacao.html>. Acesso em 08 de fevereiro de 2016.

de vagas nas IES públicas e privadas no país. Percebe-se que a reformulação da política educacional se dá por duas vias principais: a diversificação das instituições de ensino superior e de seus cursos e a diversificação das formas de financiamento educacional no país:

Uma opção consiste no acesso à educação privada por meio da oferta de bolsas a parcela dos estudantes de baixa renda. Outra possibilidade é o financiamento parcial ou total dos estudos, por meio de empréstimos com longo prazo para restituição dos valores e juros módicos. Essas medidas podem ser combinadas à ampliação progressiva das vagas nas universidades gratuitas, nos três entes federativos, e a oferta de bolsas e subsídios complementares aos estudantes de universidades públicas e privadas, com a finalidade de custear os demais gastos do estudante. Como exemplos de soluções do governo federal para esses desafios, pode-se citar programas como o Fies e o Prouni (BRASIL, 2015, p.23).

Segundo Comin e Barbosa (2011), a estratégia inicial para expansão do acesso ao ensino superior foi estimular a oferta de vagas pelas instituições privadas, a partir da flexibilização na oferta dos cursos, que se deu através do aumento de cursos sequenciais, tecnológicos e à distância. As universidades públicas, que atendiam as demandas educacionais das classes médias e altas seguiram voltadas, majoritariamente, para esse público, enquanto ao ensino superior privado foi delegada a missão de absorver os estudantes oriundos das classes baixas, principalmente através da oferta de cursos com baixo custo de implementação e operacionalização, como Pedagogia, Direito e Administração. A partir de 2004, cresceram as políticas de subsídio governamental ao ingresso de indivíduos de baixa renda no setor privado de educação, ocorrendo em paralelo à expansão das vagas oferecidas no setor público, por meio da ampliação das universidades federais e criação dos institutos federais.

Segundo o Censo da Educação Superior, em 2015 houve um aumento de 2,5% no número de matrículas em cursos de nível superior – graduação no país, frente a um crescimento de 6,8% no ano de 2014. Em 2015, foram 8.033.574 matrículas realizadas, representando um aumento de 73,6% nos últimos 10 anos, frente ao número de 4.626.740 matrículas no ano de 2005 (BRASIL, 2015b). Com relação a escolha de curso, desde 2009 os cursos de Administração, Direito e Pedagogia se mantêm como os cursos com maior número de matriculados, sendo que em 2009 foram 710.778 matriculados em Administração e 651.730 em Direito, enquanto em 2015 esse número cresceu para 766.859 e 853.211, respectivamente (BRASIL, 2015a).

O crescimento do número de vagas no ensino superior brasileiro foi acompanhado pelo crescimento também no número de IES, que eram 918 na década de 1990, passando para

1.180 no ano 2000 e chegando a 2.364 em 2015 (BRASIL, 2015b). Dessas, 2.069, ou aproximadamente 88%, são da rede privada de ensino, o que demonstra o crescimento desse tipo de instituição e torna o Brasil um dos países com maior grau de privatização do ensino superior (PINTO, 2004).

Percebe-se que grande parte das novas vagas e matrículas efetuadas no país se deu nas IES privadas, que detém 75,7% do total de matrículas. Assim, no ano de 2015, aproximadamente 6,07 milhões dos matriculados em cursos de graduação estavam vinculados a esse tipo de instituição (BRASIL, 2015b). Portanto, o aumento no número de matrículas se deu de forma distinta entre rede pública e privada, sendo o número de matrículas nas duas modalidades de ensino muito similar até o início dos anos 1990, quando o número de matrículas em instituições privadas passou a crescer rapidamente.

Uma das políticas públicas diretamente relacionada ao aumento das vagas no ensino superior privado no país é o Programa Universidade para Todos – Prouni⁸. Segundo a apresentação obtida no Manual do Bolsista (BRASIL, 2015c):

O Programa Universidade para Todos - Prouni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa.

Para concorrer a uma bolsa do Programa, o estudante deve realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e obter a nota mínima estipulada pelo MEC. Deve também ter renda familiar *per capita* até um salário mínimo e meio para bolsas integrais e até três salários mínimos para bolsas parciais e satisfazer uma das condições abaixo:

- a) Ter cursado o ensino médio completo em escola pública ou em escola privada com bolsa integral da instituição;
- b) Ter cursado o ensino médio parcialmente em escola pública e parcialmente em escola privada com bolsa integral da instituição;
- c) Ser pessoa com deficiência;
- d) Ser professor da rede pública de ensino básico, em efetivo exercício, integrando o quadro permanente da instituição, e estar concorrendo a vaga em curso de licenciatura, normal superior ou pedagogia. Neste caso, a renda familiar por pessoa não é considerada.

⁸ Site institucional do Prouni: <http://prouniportal.mec.gov.br>. Acesso em 04 de setembro de 2017.

Além disso, são reservadas bolsas às pessoas com deficiência e aos autodeclarados pretos, pardos ou índios, de acordo com o percentual de cidadãos pretos, pardos e índios, por Unidade da Federação, segundo o último censo do IBGE. Em 2005, primeiro ano de vigência do programa, foram oferecidas 112,3 mil bolsas, em 2009 foram 247,6 mil, chegando a 328,9 mil em 2016⁹.

Entretanto, com relação a maiores informações sobre os resultados obtidos por meio do Prouni, bem como informações relativas ao perfil socioeconômico dos estudantes contemplados, número de bolsas por IES e curso, taxa de ocupação das bolsas, taxa de evasão, entre outros, poucos são os dados disponíveis no site institucional do programa. Assim, foram encontrados publicados apenas dados genéricos, como número de bolsas ofertadas a cada ano, por unidade federativa e por município, assim como número de bolsistas por sexo e cor.

Percebe-se que políticas públicas como o Prouni objetivam democratizar o perfil do aluno ingressante no ensino superior brasileiro, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista étnico. Assim, visam diminuir a distância entre aqueles que compõem a base da pirâmide social e os pertencentes às classes privilegiadas, no momento em que buscam compensar as diferenças educacionais existentes ao longo da formação educacional a que tem acesso esses diferentes grupos e que tendem a reduzir as chances de sucesso dos indivíduos pertencentes às classes baixas (PEREIRA e PASSOS, 2007).

Para tanto, se apresenta como uma política de fomento a mobilidade social, auxiliando aqueles que teriam dificuldades econômicas para acessar e concluir um curso superior sem algum tipo de auxílio, oferecendo uma oportunidade de ascensão social por meio da educação e qualificação. Credita-se a essas modificações exógenas no sistema educativo, como as resultantes de políticas públicas, a capacidade de contribuir para a alteração do quadro de distribuição desigual dos recursos educacionais, bem como aumentar as chances de mobilidade geracional dos indivíduos, no momento em que o acesso a maior qualificação poderia oportunizar uma melhor inserção no mercado de trabalho (VALLE SILVA, 2003).

Em contrapartida a essa concepção, será discutido na próxima seção o discurso da formação como motor para a ascensão social, bem como a responsabilização do indivíduo por sua capacitação e êxito educacional e profissional.

⁹ Site institucional do Prouni: <http://prouniportal.mec.gov.br/dados-e-estatisticas/9-quadros-informativos>. Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

3 FORMAÇÃO, INSERÇÃO PROFISSIONAL E CLASSE SOCIAL

Nessa seção, será apresentada a base teórica adotada nesse trabalho, a qual abrange três eixos temáticos: formação, inserção profissional e classe social. Esses temas se relacionam tanto entre si como com o objetivo do estudo, no momento em que a formação é vista como pré-requisito para uma inserção profissional qualificada.

Assim, a crença na formação como caminho para a empregabilidade e conquista de melhores postos de trabalho foi reforçada nas últimas duas décadas, frente ao contexto de ampliação das vagas no ensino superior, ao mesmo tempo em que as vagas qualificadas e estáveis no mercado de trabalho brasileiro se reduziram (POCHMANN, 2012). Esse fato justifica a importância de apresentar o que se entende por formação e inserção no mercado de trabalho, ambas etapas do início da vida ativa e entrada na fase adulta, e como a formação se relaciona aos discursos de empregabilidade e meritocracia.

O terceiro eixo teórico, referente ao construto de classe social, perpassa todo o trabalho. Sendo o Prouni uma política pública voltada para os indivíduos pertencentes a base da pirâmide social do país, a discussão acerca do peso da origem social e familiar dos bolsistas, bem como sua trajetória formativa e as experiências vividas antes, durante e após o ingresso na universidade são indispensáveis. São as experiências acessadas que proporcionaram ou não, a acumulação de capital social e cultural e formaram o sistema de disposições incorporado por cada indivíduo. O capital social e cultural mobilizado, a partir das condutas e modos de agir associados ao sistema disposicional incorporado por cada agente influenciam também o posterior ingresso no mercado de trabalho. Por esse motivo, a perspectiva de classe foi adotada para compreensão e análise dos dados construídos na pesquisa.

3.1 FORMAÇÃO: EMPREGABILIDADE E MERITOCRACIA

A formação, principalmente de nível superior, é percebida como um caminho de transformação social, em razão de sua tendência ao incentivo da capacidade crítica, impulsão do desenvolvimento econômico e contribuição para mobilidade social (RIBEIRO, 2011). Entretanto, o discurso sobre a necessidade de qualificação profissional para a obtenção de melhores postos de trabalho tem como origem a teoria do capital humano (CATTANI, 2011), muito presente no período após a Segunda Guerra e que nas últimas décadas tem ganhado força no cenário do trabalho mundial.

A teoria do capital humano é derivada da teoria neoclássica, a qual considera o trabalho como um fator de produção possível de ser otimizado, bem como um reflexo da crença liberal do indivíduo como um ser racional, livre e soberano (CATTANI, 2011). Foi através dos trabalhos do economista Theodore W. Schultz que essa teoria alcançou repercussão mundial, influenciando a área de educação, inclusive no Brasil (CATTANI, 2011). Em seu ensaio, Schultz (1973) defende que o maior investimento é o auto investimento em instrução, já que esse valorizaria as capacidades dos indivíduos. Assim, ele não considera as capacidades como atreladas ao berço e a origem social e familiar, mas sim como algo a ser adquirido ao longo da vida, por meio da instrução e qualificação. Por essa razão, o investimento em qualificação seria capaz de alterar a estrutura de salários e dos ganhos de produtividade relativos ao rendimento do trabalho, se assemelhando aos investimentos feitos em outros bens de produção.

Segundo Lemos, Dubeux e Pinto (2009, p. 371), a teoria do capital humano ofereceu uma explicação para o: “[...] desenvolvimento entre as nações capitalistas e rendimentos entre os indivíduos: os diferentes estoques de capital educacional justificariam essas diferenças, constituindo-se em receituário para a saída do subdesenvolvimento”, principalmente diante da implementação de políticas neoliberais e do projeto de reestruturação produtiva, a partir do final dos anos 1980. Tais políticas, ao longo dos anos 1990, geraram uma redução no número de empregos, principalmente no setor industrial, incentivando a retomada da teoria do capital humano como justificativa para as diferenças salariais e a responsabilização dos trabalhadores pela conquista e manutenção de seus postos de trabalho. Assim, coube ao trabalhador, e não mais ao empregador, o investimento em formação (CATTANI, 2011). Além disso, ela reforçou o papel da educação como diferenciador, ao elevar as exigências quanto às competências a serem incorporadas pelos trabalhadores e estender a demanda por qualificação para toda a vida, e não mais restrita ao momento de ingresso no mercado de trabalho (POCHMANN, 2013).

Assim, a retomada da teoria do capital humano no contexto atual se dá a partir da revalorização do papel econômico da educação, creditando o aumento de produtividade à melhor capacitação da mão de obra. No entanto, frente ao atual contexto de modificações no mundo do trabalho e por conta da crise do capitalismo avançado, a educação passou a assumir um novo papel, não mais voltada para a promoção do desenvolvimento econômico e social e sim de aumento das chances individuais de inserção e êxito no mercado de trabalho, visando o aumento da empregabilidade dos indivíduos (LEMOS, DUBEUX e PINTO, 2009).

A teoria do capital humano adota a perspectiva econômica de mercado de trabalho, considerando-o como um espaço abstrato, onde demandantes e ofertantes de emprego se encontram e negociam as trocas, as quais são ajustadas em função do valor dos salários (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2011). Assim, a teoria clássica do mercado de trabalho considera sua dinâmica como a de qualquer outro mercado, regulado pela lei da oferta e da demanda e no qual o detentor da força de trabalho vende-a da mesma maneira que qualquer outra mercadoria é ofertada (HORN, 2006), enquanto que na teoria neoclássica, aqueles que ofertam a melhor mão de obra, ou seja, mais qualificada, mais requisitada pelas empresas ou ainda, mais escassa, recebem a melhor remuneração. Tal teoria corrobora para o discurso da necessidade de qualificação, sendo essa vista como investimento em “capital humano”, o qual retornará sob a forma de acréscimos salariais e uma melhor posição no mercado de trabalho (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2011). Portanto, a oferta de trabalho está ligada a produtividade individual, como também ao investimento em si mesmo, alinhando-se aos discursos meritocráticos e da teoria do capital humano (SCHULTZ, 1973).

Além disso, a qualificação seria também indispensável para o desenvolvimento individual, pois ao aumentar seus níveis de educação, o indivíduo estaria investindo em si mesmo, tendo esse investimento um retorno em aumento salarial. A teoria neoclássica considera os trabalhadores como atores livres no mercado, podendo escolher dentre as várias opções ofertadas a partir de seus gostos, aptidões, habilidades e qualificações, e recebendo em troca uma remuneração de acordo com a produtividade e o retorno que oferecem aos empregadores. Ela desconsidera, portanto, as desigualdades existentes entre os diferentes grupos e indivíduos, bem como diferenças de classe, raça, gênero, origem social e familiar.

O discurso sustentado pela teoria do capital humano é uma das justificativas para a expansão do acesso ao ensino superior no Brasil, defendendo a qualificação como caminho para uma melhor inserção profissional, ascensão social e desenvolvimento econômico do país. No entanto, tal expansão tem contribuído para a crescente privatização e mercantilização da educação, orientando-a para fins racionais e práticos de atendimento ao mercado de trabalho e resultando no esvaziamento de suas funções sociais (GENTILI, 2011). Por conta disso, Catani e Hey (2007), Pinto (2004) e Sampaio (1991) questionam a qualidade dos cursos oferecidos pelas IES privadas, que aumentaram de forma expressiva suas vagas, em um curto espaço de tempo. Desse modo, embora o acesso dos jovens ao ensino superior tenha se ampliado consideravelmente nas últimas décadas, a qualidade do ensino passou a ser questionada, a partir de critérios como a baixa dedicação das instituições privadas à pesquisa, a titulação

acadêmica de seu corpo docente, a área de concentração de seus cursos e a carreira e regime de trabalho oferecido. Para Peugny (2014, p. 82), a diferença na qualidade dos cursos oferecidos está relacionada a diferenciação social por meio da desigualdade qualitativa, uma vez que as quantitativas foram reduzidas por meio da expansão no acesso a formação nas últimas décadas:

“As constatações são, portanto, bastante sombrias: várias décadas de esforços da nação em matéria de educação não permitiram aliviar significativamente o peso das desigualdades sociais no campo das carreiras escolares. Ao passo que antes os filhos oriundos dos meios ricos em capital econômico e cultural distinguiam-se pela duração mais longa de sua escolarização (desigualdades quantitativas), atualmente distinguem-se pela escolha de trajetórias de excelência das quais estão excluídos os filhos das classes populares (desigualdades qualitativas)”.

Processo similar ao que vem ocorrendo no âmbito da educação brasileira ocorreu na França algumas décadas antes, onde apesar de meio século de massificação escolar, a reprodução das desigualdades segue em nível elevado. Como consequência desse processo, percebeu-se a substituição da desigualdade quantitativa pela qualitativa, dando origem a novas discussões como o *déclassement*, situação em que os indivíduos acabam desempenhando atividades e funções que estão aquém de sua formação e títulos obtidos (PEUGNY, 2010). Mesmo o discurso da qualificação profissional como garantia de colocação no mercado de trabalho sendo ainda predominante no Brasil, trabalhos como o de Ramos (2006, *apud* LEMOS; DUBEUX; PINTO, 2009) apontam a existência de um número significativo de brasileiros que, mesmo mais escolarizados, não conseguem obter colocações no mercado de trabalho correspondentes à sua formação, o que poderia ser considerado como um processo de *déclassement* no contexto brasileiro (PEUGNY, 2010).

Assim, o fato de as últimas décadas terem sido caracterizadas pelo crescimento no número de matrículas no ensino superior suscita dúvidas quanto à manutenção da qualificação como elemento decisivo para a garantia de entrada no mercado de trabalho, como já o fora em outras décadas. Tal situação sugere a possibilidade de uma separação entre a estrutura educacional e a estrutura ocupacional, havendo uma população mais educada, principalmente entre os jovens, mas que tem enfrentado a falta de oportunidades de emprego qualificadas no mercado de trabalho (HASENBALG, 2003).

Frente a esse contexto, o discurso da empregabilidade ganha espaço, sobrepondo a concepção do emprego como um direito social. Por empregabilidade entende-se a capacidade individual de disputar as oportunidades limitadas de inserção e permanência no mercado de trabalho, cabendo ao trabalhador se ajustar as exigências do mercado e buscar atendê-las,

tornando-se atrativo aos empregadores (NÁDER e OLIVEIRA, 2007; GENTILI, 2011). A empregabilidade passa a ser defendida como uma nova alternativa, delegando aos indivíduos a responsabilidade pelo seu sucesso e por conseguirem oferecer as competências demandadas no mercado de trabalho, principalmente frente ao contexto em que o emprego flexível torna-se uma das principais possibilidades de inserção profissional. Assim, a responsabilidade pela geração de oportunidades de trabalho deixa de ser uma preocupação da sociedade e passa a ser do indivíduo, o qual tem pouca gerência sobre a oferta de postos de trabalho existente.

É dessa forma que a teoria do capital humano se apresenta revitalizada, ao passar da lógica fundada nas necessidades e demandas coletivas – economia nacional, competitividade das empresas, riqueza social, entre outras – à lógica econômica unicamente privada e orientada para as capacidades individuais que cada pessoa deve obter por meio da qualificação, visando atingir uma posição no mercado de trabalho (GENTILI, 2011). Desse modo, o discurso da empregabilidade acaba enfatizando as diferenças existentes entre os indivíduos, de forma a hierarquizá-los.

A discussão acerca da influência da formação na reprodução ou redução das desigualdades sociais se faz presente há décadas nos campos da sociologia e da educação. Na opinião de Valle Silva (2003) a aquisição de capital cultural e de credenciais por meio da educação formal é fortemente influenciada pela situação da família de origem dos indivíduos. Corrochano (2013), em seu artigo sobre as expectativas dos jovens de baixa renda quanto ao acesso ao ensino superior, relata que ainda são poucos os jovens da periferia que tem acesso à universidade, algumas vezes por não enxergarem no estudo continuado um caminho para o acesso à melhores empregos ou mesmo por não perceberem a formação universitária como possível. Mesmo aqueles que decidem ingressar na universidade, por meio de bolsas ou políticas públicas, não deixam de enfrentar dificuldades para arcar com outros custos atrelados ao ato de estudar, como o transporte, alimentação, materiais, etc. Outra dificuldade que se apresenta a alguns desses estudantes é a conquista de um trabalho na área de estudo, muitas vezes prejudicada pela qualidade duvidosa de alguns dos cursos oferecidos a um baixo custo.

Com isso, alguns jovens que vencem a primeira etapa de ingresso no ensino superior acabam não conseguindo se inserir em sua área de formação, possivelmente devido também à ausência de outros capitais (BOURDIEU, 2015), como o social e o cultural, que muitas vezes são exigidos em melhores posições de trabalho e não fazem parte da formação oferecida em algumas instituições de ensino superior.

Além disso, um dos paradoxos que se tem observado na área de estratificação educacional, que estuda a correlação entre a origem social familiar dos alunos e o desempenho desses durante o processo de escolarização, é o baixo impacto da expansão do sistema educacional na igualdade de chances educacionais relativas (VALLE SILVA, 2003). Ou seja, mesmo com um maior acesso dos jovens ao sistema formativo e ampliação do tempo de estudos, persistem as desigualdades sociais nas chances relativas de escolarização. Isso se deve ao fato de:

A desigualdade entre dois estratos sociais quaisquer nas chances de atingir um certo nível de educação persiste a menos que as chances de realização do grupo mais em vantagem tenham atingido o ponto de saturação. Antes que essa saturação tenha sido atingida, o grupo em vantagem estará mais bem equipado para tirar vantagem de qualquer nova e atrativa expansão educacional e as brechas ou persistirão ou se expandirão. Apenas quando o grupo em vantagem atingir a saturação relativamente a um dado nível de educação é que uma expansão adicional naquele nível contribuirá para a redução da desigualdade entre os estratos (VALLE SILVA, 2003, p.120).

Autores como Zago (2006) e Lemos, Dubeux e Pinto (2009) questionam a formação como o único requisito para a empregabilidade, apontando esse como apenas um entre outras exigências para a inserção profissional. A escolaridade já não se apresenta como elemento garantidor da entrada no mundo do trabalho, o que tende a ocorrer, principalmente por conta da crescente desvalorização dos diplomas em meio à massificação dos ensinos técnico e superior e à precarização generalizada dos postos de trabalho (POCHMANN, 2014). É dessa maneira que o diploma “confere aos privilegiados o privilégio supremo de não aparecer como privilegiados” (BOURDIEU e PASSERON, 2014, p.251), convencendo os não privilegiados de que seu insucesso escolar e social se deve a sua ausência de dons e méritos.

Isso significa que a expansão do acesso à educação, por si só, não é capaz de reduzir as desigualdades existentes no acesso à formação de qualidade e nas chances de sucesso escolar, no momento em que o sistema educacional segue reproduzindo a hierarquia social, ao manter as diferenças de capital social incorporado pelos jovens a partir de seu ambiente familiar. Ao seguir treinando os jovens de diferentes origens sociais para absorverem valores sociais distintos e ocuparem posições distintas no mercado de trabalho, compatíveis com sua posição de classe subordinada, o sistema formativo segue sendo reprodutor das desigualdades de classe (VALLE SILVA, 2003).

Tal postura crítica ao discurso da formação como suficiente para a inserção no mercado de trabalho adota a compreensão sociológica de mercado de trabalho, reconhecendo às disputas de poder que se dão nesse espaço, pelos diferentes grupos sociais. A aproximação

dos conceitos de campo, *habitus* e capital presentes na obra de Pierre Bourdieu do conceito de mercado de trabalho permite conceber esse como um campo de lutas, sendo um espaço socialmente construído no qual os agentes possuem acesso desigual aos capitais econômico, social e cultural. São esses capitais que farão com que eles estejam aptos ou não a assumir determinadas posições, sendo os agentes hierarquizados de acordo com suas posições e as práticas (mais ou menos pertinentes ao campo e ao posto desejado ou ocupado neste) que apresentam. Nessa visão, diferente da vertente econômica do mercado de trabalho, os agentes possuem certa liberdade de jogo, entretanto ela é restrita pela estrutura do campo, não sendo esse um universo sem limitações (BOURDIEU, 2001). Assim, os agentes irão, a partir de seus diferentes recursos mobilizados, se confrontar para realizar as trocas, buscando conservar ou transformar as relações de força vigentes.

A necessidade de manutenção das relações nesse campo, por parte daqueles que ocupam uma posição dominante, faz com que os agentes incorporem, a partir de sua posição, as regras do jogo que podem por em prática, definindo a partir dessas as suas estratégias (BOURDIEU, 2001). Esse sistema de disposições, ou práticas, incorporadas a partir das vivências e estruturas objetivas, irá compor o *habitus* desses agentes, os quais irão naturalizar a forma como são conduzidas as relações no campo.

Para Bourdieu (2001, p. 262):

O agente social, na medida em que é dotado de um *habitus*, é um individual coletivo ou um coletivo individuado por obra da incorporação das estruturas objetivas. O individual, o subjetivo é social, coletivo. O *habitus* é a subjetividade socializada, transcendental histórico cujos esquemas de percepção e de apreciação (os sistemas de preferência, os gostos) são o produto da história coletiva e individual. A razão é limitada, não só como crê Herbert Simon, porque o espírito humano é genericamente limitado (o que não é uma descoberta), mas porque é socialmente estruturado, determinado e, por isso, limitado.

A partir desta perspectiva, Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2011) afirmam que a compreensão do mercado de trabalho deve ir além da noção econômica de oferta e demanda, abarcando também o histórico relacionado à estruturação das relações no campo, bem como as diferentes posições ocupadas pelos agentes. Assim, eles definem mercado de trabalho como:

(...) o espaço de lutas entre diferentes agentes (indivíduos, organizações, órgãos de regulação, países etc.) que se constitui historicamente pela incorporação de “regras” sociais que orientam as estratégias que os mesmos utilizam no interior deste mesmo campo (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2001; p.1532).

A partir dessa perspectiva, o mercado de trabalho é visto como um campo de disputas, onde os atores possuem diferentes recursos a serem mobilizados bem como acesso desigual aos capitais social, econômico e cultural. Essa abordagem demanda a apresentação e compreensão do contexto histórico, econômico e social que está pretende analisar. Além disso, o conjunto de relações que se dão no mercado de trabalho não é considerado predominantemente mercantil, mas sim como composto por elementos simbólicos e, muitas vezes, não racionais.

Entende-se que os diferentes grupos em disputa nesse espaço não são integrados e homogêneos, o que por si só contradiz o discurso da meritocracia e da empregabilidade, no qual o indivíduo precisa buscar se qualificar e se diferenciar, tendo o dever de “criar” suas próprias oportunidades, tomando para si a responsabilidade do seu sucesso ou do seu fracasso na entrada e permanência no mercado de trabalho. A predominância de estudos que reproduzam o conceito de mercado de trabalho como um espaço de trocas racional, nos moldes da economia clássica, serve com base para ações e políticas que pregam a liberdade e auto regulação de um mercado concorrencial, mascarando as desigualdades existentes no acesso ao mercado de trabalho e incentivando a redução das proteções sociais.

Assumir o mercado de trabalho como um campo de disputas, que não permite total liberdade de escolha aos indivíduos, uma vez que esses são limitados pelas regras socialmente construídas, a estrutura social e as disposições incorporadas desse mundo social que trazem consigo, assim como reconhecendo que os indivíduos não possuem o mesmo conjunto de capitais a serem mobilizados nessas disputas, permite que o discurso da meritocracia e da empregabilidade sejam questionados. Assim, para se compreender o processo de ingresso e permanência no mercado de trabalho é necessário reconhecer as diferenças sociais, elementos, experiências e o volume de capitais incorporados que fazem com que os indivíduos construam suas trajetórias profissionais de formas diversas, bem como tenham acesso a diferentes oportunidades.

Bourdieu e Passeron, (2014) já pontuavam nos anos 1960 a constatação de que as classes sociais atuam como limitantes no processo de transição escolar, determinando o tipo de acesso ao ensino, no momento em que a relação dos indivíduos com a escola e com o capital cultural transmitido por ela está diretamente relacionada ao *habitus* de classe incorporado. Desse modo, as instituições de ensino atraem de forma diferente os alunos de diferentes classes sociais e asseguram oportunidades desiguais para a obtenção de êxito na formação educacional

Peugny (2014) analisa em seus estudos o contexto francês, onde apesar de meio século de massificação escolar, a reprodução das desigualdades perdura em um elevado nível, com filhos de operários, mesmo após a conclusão de seus estudos, ocupando cargos de operários e filhos de executivos ocupando cargos de executivos. Para Peugny (2014), aumentar as taxas de escolarização não é suficiente para melhorar a igualdade de oportunidades em uma sociedade. Isso porque, no momento em que são superadas as desigualdades quantitativas de acesso a um nível de formação ou a um diploma específico, essas são suplantadas por desigualdades qualitativas, onde o tipo de diploma, a instituição de formação ou a carreira escolhida passam a diferenciar os indivíduos e não mais o nível de ensino. Assim, o autor acredita que, para além das diferenças individuais, crianças oriundas de meios sociais com maior capital cultural e econômico estarão em vantagem desde o início do sistema formativo, vantagem essa que se tornará cada vez mais proeminente, até a chegada ao ensino superior (PEUGNY, 2014).

Portanto, assim como na sociedade francesa, se tem atribuído uma grande importância ao diploma obtido na formação de nível superior, ao passo que a competição escolar já se inicia, na maioria das vezes, desnivelada desde a infância, tamanho o peso da origem social nos percursos e resultados escolares. Souza (2014) apresenta análise similar, a partir do contexto brasileiro e, em especial, do *habitus* da nova classe trabalhadora, que vê na formação o caminho para ascensão social:

Aqui a ideia de má-fé institucional é central, na medida em que separa dois registros da instituição escolar: o manifesto e explícito, no qual a escola promete explicitamente a todos as mesmas chances de ter sucesso, e a latente, em que prevalece a reprodução cotidiana e prática das desigualdades escolares, baseada na hierarquia das classes sociais. Como percebeu Pierre Bourdieu, o sistema escolar privilegia as classes dominantes, sendo o sucesso ou fracasso escolar dependentes da relação e a adequação entre as disposições de classe e as disposições institucionais escolares, que supõem aprendizados anteriores proporcionados ou não pela família, situada na hierarquia de classes. (...) Portanto, a escola e a família contribuem para a *inflação das aspirações escolares*. Este mecanismo funciona a partir da pretensa neutralidade da instituição escolar que, ao postular a igualdade das possibilidades escolares, coloca o sucesso escolar como dependente exclusivamente do esforço pessoal. (...) A inflação das aspirações escolares não funciona sem a disseminação prática generalizada da importância do estudo formal para o sucesso na vida profissional (e pessoal) e no acesso ao ensino formal por uma maior parte da população como um todo (SOUZA, 2014, p.73).

A partir disso, se mostra relevante o estudo acerca do processo de formação e inserção profissional dos jovens no país, passando a vê-los não só em função de critérios meritocráticos, como sugere a teoria do capital humano, e sim a partir de outros elementos

“aristocráticos”, como berço, origem familiar, capitais econômicos, culturais e classe social, os quais diferenciam os indivíduos nas disputas travadas no mercado de trabalho (BOURDIEU, 2001; PEUGNY, 2014).

Se esses jovens, ao ingressarem no ensino superior em busca de mobilidade e ascensão social, não conseguem se inserir em postos de trabalho condizentes com sua nova escolaridade, então as políticas públicas voltadas para a inserção acabam por tornarem-se apenas estratégias de manutenção de emprego e sobrevivência no mercado de trabalho (LIMA, 2011). Assim, ao invés de ampliarem o acesso das camadas sociais antes excluídas, acabam estabelecendo mais um “degrau” a ser vencido na trajetória educacional e profissional, por conta do discurso sobre a importância da continuidade dos estudos.

Percebe-se uma banalização da formação universitária, o que acaba produzindo uma nova divisão dentro do campo acadêmico, colocando de um lado as instituições de excelência, que contemplam atividades de ensino e pesquisa de alto nível e acabam recebendo os egressos da elite dominante e de outro as instituições de ensino profissionalizante de terceiro grau, que acabam acolhendo os alunos com menor capital econômico, social e cultura e produzindo mão de obra padronizada e massificada (PAULA, 2009). Dessa forma, uma sociedade mais diplomada não implica, necessariamente, em uma sociedade mais incluída no mercado de trabalho.

3.2 INSERÇÃO PROFISSIONAL: INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO

Os estudos sobre o momento de saída do sistema de formação e entrada no mercado de trabalho surgem a partir dos anos 1960, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Sendo esse um fenômeno social, passível de múltiplas interpretações, os estudos relacionados a essa temática foram desenvolvidos a partir de diferentes abordagens, como também eram diferentes os contextos histórico, social e cultural nos quais se inseriam. Os trabalhos realizados em contextos como o francês, alemão, americano e inglês, originaram uma diversidade de discussões teóricas e análises empíricas acerca desse processo de transição, bem como deram origem a diferentes conceitos para denominar esse momento, sendo os mais utilizados: inserção profissional, entrada na vida ativa, transição profissional, transição da escola para o trabalho, entrada no trabalho ou entrada no emprego (ALVES, 2007).

Assim, a adoção de cada um desses termos remete a um momento e a um espaço histórico, social e geográfico distinto nas últimas décadas, o que faz com que o processo de

saída do sistema de formação e entrada no mercado de trabalho seja considerado como fluido, sem uma definição conceitual consolidada. Por isso, em contextos sociais como o alemão, onde a transição escola-trabalho não foi considerada originalmente como um problema social, os estudos tenderam a discutir essa transição como mais uma entre tantas outras que compõem o percurso biográfico da juventude. Já em contextos como francês, onde a dificuldade de transição para o mercado de trabalho foi considerada um problema social a partir dos anos 1960, essa passou a ser estudada como uma condição necessária para a inclusão social, na qual nem todos os jovens vinham obtendo sucesso (ALVES, 2007).

Os estudos sobre a inserção profissional voltam-se para um grupo específico: os jovens. Esse grupo vivencia o processo de transição da juventude para a fase adulta, que se caracteriza pela conclusão dos estudos, obtenção de um emprego, saída da casa dos pais, formação de uma nova família e a responsabilização pelo seu próprio sustento. Além disso, esse é, historicamente, um dos grupos com maior vulnerabilidade no mundo do trabalho, sendo o mais atingido quanto ao desemprego e em situações de crise econômica, recebendo baixos salários e trabalhando, muitas vezes, em regimes de trabalho precarizado e informal. No Brasil, por exemplo, a taxa de desemprego geral alcançou 11,8% em 2016, enquanto no grupo de jovens a taxa de desemprego chegou a 27,7% no mesmo período (IPEA, 2016).

Por jovens, refere-se aos indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, sendo a classificação etária utilizada por órgãos nacionais e internacionais como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No entanto, a demanda por formação continuada tem postergado o ingresso da juventude no mercado de trabalho, levando a se repensar a faixa etária caracterizada como juventude, ampliando-a até os 29 anos de idade (POCHMANN, 2013). Assim, ao mesmo tempo em que elevam seu nível de escolaridade, enfrentam a não garantia de emprego imediato, diante da atual situação de vulnerabilidade das relações de trabalho, o que faz com que os indivíduos permaneçam, na média, fora do mercado de trabalho por mais tempo do que nas gerações anteriores (GUIMARÃES, 2013).

Quanto aos estudos acerca da inserção profissional no contexto brasileiro, ainda não há uma abordagem consolidada para a compreensão desse momento na vida dos jovens no país. Isso se deve ao fato de poucos trabalhos discutirem o conceito de inserção profissional a partir da realidade brasileira.

Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012a), no levantamento realizado até o ano de 2010, encontraram estudos no país que faziam referência ao termo inserção profissional, contudo,

esses não desenvolviam ou mesmo discutiam teoricamente o conceito, limitando-se a análises empíricas. Em nova busca realizada por trabalhos publicados a partir de 2010, percebeu-se que a situação pouco mudou, já que a maioria dos estudos segue não desenvolvendo o conceito de inserção profissional, como também não discutindo a literatura nacional e internacional existente sobre o tema.

O contexto brasileiro demanda a construção de uma teoria a partir de seu campo empírico, reafirmando a preocupação de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2015) com a construção teórica articulada e a partir da realidade empírica. Assim, deve-se partir das peculiaridades sociais, econômicas, culturais e histórias brasileiras, bem como das trajetórias dos indivíduos que compõem essa população, e, a partir delas, construir teorias que possibilitem a análise do processo de inserção profissional no país. No contexto nacional, muitos brasileiros começam a trabalhar muito cedo e com pouca escolaridade. A maioria dos indivíduos começa sua vida laboral em ocupações inferiores ou iguais à seus pais e ingressam no mercado como trabalhadores agrícolas ou trabalhadores manuais urbanos, ocupações que estão na base da estrutura social. Assim, apenas um pequeno grupo de indivíduos, em geral pertencentes às classes dominantes, se beneficia de uma permanência prolongada no sistema formativo e ingresso tardio no mercado de trabalho (HASENBALG, 2003). No entanto, mesmo esses têm a tendência a conciliar a formação de nível superior com alguma prática profissional, como, por exemplo, por meio de estágios (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009).

Autores como Volkmer Martins (2016); Volkmer Martins e Rocha-de-Oliveira (2014; 2017), Rocha-de-Oliveira (2012), Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012a, 2012b) têm desenvolvido estudos sobre a inserção profissional no Brasil, partindo do referencial francês para a construção de uma teoria que contemple as particularidades presentes no contexto brasileiro. Ao mesmo tempo em que as teorias francesas são incapazes de explicar a realidade local, elas servem como ponto de partida para as discussões nacionais, devido às similaridades existentes entre o contexto francês, no momento de surgimento da temática como preocupação política, e o atual contexto social brasileiro.

Na França, à passagem do sistema de formação para o mercado de trabalho no período denominado como os Trinta Gloriosos, entre os anos 1940 e 1970, se efetuava para a maioria dos jovens de maneira quase instantânea e sem grandes dificuldades (DUBAR, 2001). A partir dos anos 1970, o termo inserção profissional passa a carregar também um debate social e político, dialogando com a noção de exclusão que está atrelada ao mercado de trabalho. Isso se deve pelo fato da inserção ou não no mercado de trabalho ser um diferenciador social,

segregando aqueles que não fazem parte desse e, por consequência, privando-os de sua condição de cidadão. A partir dos anos 1980, o termo ganha maior visibilidade e importância na sociedade francesa, ao designar o fenômeno social da crescente dificuldade no ingresso profissional e o aumento do desemprego na população jovem, mesmo apresentando índices de qualificação mais elevados do que historicamente existiam no país (ALVES, 2007).

Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012a, p. 64), levantaram trabalhos franceses que contribuem para a discussão teórica do conceito de inserção profissional, identificando duas principais correntes e seus autores: “[...] na corrente econômica se destacam principalmente Rose (1984, 1998), Vernières (1997) e Vincens (1986, 1997) e na corrente sociológica Dubar (2001, 2006) e Galland (1990, 2001a, 2001b)”.

A primeira definição de inserção profissional publicada por Vincens (1986 apud ALVES, 2007) descreve esse como período de procura por emprego ou início das atividades laborais por parte de um indivíduo, iniciando quando o jovem deixa de se ocupar apenas com estudos ou lazer e passa a destinar parte do tempo para uma atividade remunerada ou busca dessa. Vernières (1997 apud ALVES, 2007) partilha da mesma vertente que Vincens (1986 apud ALVES, 2007) e define por inserção profissional o processo pelo qual um ou mais indivíduos nunca antes pertencentes à população ativa passam a ocupar uma posição estável no mercado de trabalho. Esses trabalhos tratam a inserção profissional como um processo dinâmico e levam em conta a participação de diversos atores, como os trabalhadores, as organizações e o Estado, bem como as características e normas da sociedade em questão. Assim, ao terem um viés macroeconômico e longitudinal, permitem acompanhar as mudanças ocorridas no mercado de trabalho em um momento de crise de empregos e de transformações no mundo do trabalho, destacando dois elementos-chaves no processo: os sistemas de gestão do emprego por parte das empresas e a situação econômica do mercado de trabalho (ALVES, 2007).

Entretanto, embora tenha uma visão dinâmica da inserção profissional, considerando-a como um processo, a visão predominante nessa vertente é centrada na maximização da capacidade produtiva dos jovens em idade ativa, limitando o processo de saída do sistema de formação e entrada no emprego a mecanismos econômicos de regulação de um mercado em concorrência perfeita (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2012). Assim, eles partem do conceito de mercado de trabalho como um mercado econômico, sem disputas de poder ou interferência de outros elementos sociais nas relações e trocas que se dão nesse. Além disso, outras críticas a esses estudos se referem ao fato de se limitarem a apresentação de análises estatísticas dos

dados, deixando de lado questões relacionadas às condições de origem, classe, etnia, assim como a interferência de outros atores sociais, no processo de inserção, como tampouco levam em conta a avaliação dos próprios sujeitos quanto a seu processo de inserção, suas percepções, sentimentos e vivências (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2012a).

Enquanto a vertente econômica busca o levantamento numérico de dados referentes ao processo de inserção, oferecendo tanto um panorama do mercado de trabalho quanto das particularidades de algumas carreiras, a vertente sociológica surge a fim de complementar esse olhar, possibilitando a compreensão de aspectos sociais, culturais e simbólicos presentes no momento de socialização em uma determinada profissão (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2012a). A perspectiva francesa de inserção profissional a partir da vertente sociológica permite olhar o processo de inserção profissional para além da relação econômica de oferta e procura, e sim como um conjunto de relações diversas, que dependem da sociedade na qual se inscrevem e do momento em que ocorrem. Além disso, permite que se desvele a existência de elementos ligados aos aspectos sociais, culturais e simbólicos presentes na socialização em uma determinada profissão (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2012a).

As abordagens sociológicas referentes à inserção profissional se destacam a partir da década de 1990, trazendo novas interpretações para esse processo, baseadas em uma maior ênfase no sujeito, em sua história particular e suas experiências de vida. Sendo esse um indivíduo que está inserido em uma sociedade, ele atua tanto modificando-a como sendo modificado por ela. A partir dessa concepção, a vertente sociológica não pretende delimitar uma trajetória ideal única de inserção profissional para todo e qualquer jovem, já que o enfoque dos estudos é relacional, tratando das relações entre os diversos atores envolvidos no processo de inserção e fugindo de uma perspectiva determinista. Com isso, não há uma racionalidade única compartilhada por todos os atores quanto à inserção profissional, já que o sistema de emprego, assim como o sistema formativo, não é homogêneo, como também não são as relações com o trabalho e estratégias de inserção dos jovens entrantes no mercado de trabalho (DUBAR, 2001).

Para Dubar (2001), a inserção profissional se caracteriza como um produto histórico e socialmente construído, envolvendo tanto atores sociais quanto instituições, que definem lógicas e estratégias de ação e carregam experiências e heranças profissionais e formativas. O autor compreende que a inserção se configura como um problema social, construído historicamente a partir da ruptura entre o espaço de formação e o espaço de trabalho, ocorrido

na segunda metade do século XIX, e da separação, essa mais recente, entre a saída dos estudos e a entrada no mercado de trabalho, no momento em que um diploma não mais representa a chave de acesso a um posto de trabalho correspondente ao nível de formação.

Dizer que a inserção profissional é socialmente construída significa dizer que ela está historicamente inscrita em uma conjuntura econômica e política; que ela depende de uma arquitetura institucional, a qual traduz relações específicas ao espaço social entre educação, trabalho e remuneração; que ela depende das estratégias dos atores (inclusive os envolvidos no processo), estando essas ligadas as trajetórias biográficas e, principalmente, às desigualdades sociais e ao desempenho escolar dos alunos (DUBAR, 2001). Em síntese, falar de inserção profissional dos jovens é discutir um problema social recente, que abrange a integração social, cívica e simbólica, assim como é falar de inclusão, uma vez que o emprego é uma das formas de reconhecimento e inclusão social em uma sociedade pautada pela centralidade do trabalho (ALVES, 2007).

A escolha pela adoção da vertente sociológica francesa como ponto de partida também nessa dissertação se dá no momento em que processo similar ao vivido na França vem ocorrendo no Brasil, a partir dos anos 1990, frente ao aumento nos seus níveis de acesso e conclusão dos estudos de nível superior. Assim, a experiência francesa pode contribuir para a compreensão desse momento histórico, econômico e social do país, indicando alguns caminhos possíveis para sua análise.

Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012b, p.49), a partir dos autores franceses oriundos da abordagem sociológica, entendem a inserção profissional como:

(...) um processo individual, coletivo, histórico e socialmente inscrito. Individual porque diz respeito à experiência vivenciada por cada sujeito na esfera do trabalho, suas escolhas profissionais e expectativas de carreira. É um processo coletivo por ser vivenciado de maneira semelhante por uma mesma geração, ou no interior de grupos profissionais. É histórico, pois se desenvolve ao longo de um período da vida do sujeito, sob a influência de elementos que marcam determinado momento no tempo e no espaço, como políticas públicas, mercado de trabalho, organização do sistema de ensino e políticas de recursos humanos e os pontos de vista "empresariais" sobre as relações entre educação e trabalho. Está inscrito em um dado contexto socioeconômico e cultural, em que, além dos elementos institucionais, há influência das construções e das representações sociais que os indivíduos desenvolvem em relação a esta inserção profissional.

Nesta visão, a transição da escola/universidade ao trabalho/emprego não pode ser entendida apenas por meio de mecanismos econômicos de análise de mercado. É essencial considerar que esse processo decorre de interações diversas e complexas, vividas individualmente e influenciadas pelos grupos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos,

bem como pelos mecanismos institucionais que orientam o processo. Rocha-de-Oliveira (2012, p.124) apresenta como sugestão de análise para os estudos a cerca da inserção profissional no país a “articulação das características individuais, aspectos institucionais e o contexto social econômico e cultural que orientam o momento de ingresso do jovem no mercado de trabalho”. Assim, sugere que sejam levados em conta: o contexto sócio histórico (estrutura demográfica e ocupacional, conjuntura econômica, níveis de formação de mão de obra e desenvolvimento tecnológico e industrial); os aspectos individuais (origem familiar, representações do trabalho, experiências e expectativas profissionais e estratégias de inserção) e os aspectos institucionais (regulamentação estatal, políticas públicas, políticas de gestão de RH, organizações profissionais, agentes intermediários e instituições de ensino).

Entretanto, partindo do conceito de inserção profissional cunhado por Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012b), considera-se esse como um processo coletivo, não só pelo fato de ser vivenciado de uma mesma maneira por uma geração ou grupo profissional, mas também por ser vivenciado de maneira similar por indivíduos pertencentes a uma mesma classe social. Defende-se, portanto, a importância da aproximação a outros constructos como classe social, *habitus* e disposições, teorizados por Bourdieu (2015) e Lahire (2002; 2004). Essa aproximação visa ampliar a discussão de inserção, considerando que essa também influencia e é influenciada pela origem social e trajetória familiar do indivíduo, bem como o sistema de disposições que foram incorporadas ao longo de sua socialização, desde o âmbito familiar, passando pelo processo de escolarização e início da vida laboral. Os capitais mobilizados pelo indivíduo têm grande influência em suas escolhas, relações sociais, modos de ver a vida e concepções de mundo, podendo tanto restringir suas oportunidades de inserção quando ampliá-las. Além disso, defende-se a importância de analisar a inserção profissional por meio de lentes teóricas que permitam a compreensão e análise das disputas de poder que se dão nesse processo, sendo o mercado de trabalho um campo de disputas onde os indivíduos buscam mobilizar seus capitais adquiridos a fim de conquistar uma posição nesse, depois empregando esforços para manterem-se nesse espaço de luta.

Por essa razão, adota-se o aporte teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu na tentativa de aproximar as discussões acerca do processo de inserção profissional das discussões sobre classe social e poder. No entanto, tendo Bourdieu construído sua teoria a partir da análise da sociedade francesa, não se pode desprezar as diferenças sociais, culturais, econômicas e históricas existentes entre o Brasil e a França, o que motivou a contextualização de suas teorias para a realidade brasileira a partir das obras de Souza (2010; 2012), o qual

analisa a sociedade brasileira contemporânea, a partir de sua estrutura de classe e de suas particularidades culturais, sociais, econômicas e históricas.

Por essa razão, Volkmer, Silva e Rocha-de-Oliveira (2016) acreditam que a aproximação dos trabalhos de Pierre Bourdieu e Jessé Souza da discussão acerca da inserção profissional no contexto brasileiro oportuniza que especificidades do país possam ser trazidas a tona nos estudos. Além disso, reforçam a importância de se partir do campo empírico para a construção de uma teoria de inserção profissional que possibilite a análise do mercado de trabalho brasileiro, considerando dados como o tipo de instituição de formação (pública/privada) dos indivíduos, se conciliam estudo/trabalho, gênero, idade, raça/etnia, região de origem, hábitos de comportamento e de consumo, formas de lazer, diferentes capitais e comportamento religioso, sendo esses aspectos presentes e influentes no processo de inserção profissional.

A discussão de mobilidade social a partir da inserção profissional já é feita por alguns autores brasileiros, que tomam esse como um momento também de inserção social dos indivíduos. Para Valle Silva (2003) é na etapa de acesso ao mercado de trabalho que o jovem começa a se desligar da família de origem, adquirindo um status social próprio, no momento de transição para a vida adulta. Além disso, o autor defende que a situação do jovem no momento de ingresso no mercado de trabalho é um aspecto importante, pois tal posição inicial, ao estar diretamente ligada a dimensão educacional da fase anterior, tem um efeito significativo sobre a carreira posterior. Tal influência se dá, especialmente, pelo o fato de o trabalho ser conciliado ou não com o estudo e se o ingresso no mercado de trabalho se dá de forma precoce ou tardia (VALLE SILVA, 2003). Assim, a posição inicial ocupada pelo jovem no mercado de trabalho tem um efeito significativo na trajetória de vida subsequente, sendo esse momento relevante para a análise das chances de mobilidade social em uma sociedade. A entrada no mercado de trabalho deteria o potencial de construção de uma nova identidade social e não só de uma identidade profissional (DUBAR, 2001).

A passagem do sistema de formação para o mercado de trabalho é considerada por Hasenbalg (2003) como fundamental para o processo de autonomização dos indivíduos, por conta da transição entre a situação de dependência dos pais para a assunção do papel social de responsável por si mesmo. Contudo, tal processo não ocorre de modo homogêneo, tendo na realidade Brasil e de outros países latino americanos, características como o ingresso precoce no mercado de trabalho e a conciliação entre estudo e trabalho (COMIN e BARBOSA, 2011),

as quais exigem que se pense sobre a entrada no mundo do trabalho levando em conta elementos atrelados a origem social e familiar dos indivíduos.

O reconhecimento de diferentes grupos sociais, com acesso a diferentes quantidades de capital cultural, econômico e social (BOURDIEU, 2015), bem como diferentes trajetórias possíveis de inserção, auxilia no enfraquecimento do discurso meritocrático, do desempenho individual como um dos principais fatores de diferenciação dos indivíduos, responsabilizando-os pela melhoria e ampliação do acesso a oportunidades qualificadas de inserção profissional.

Reconhecendo, assim como Rocha-de-Oliveira (2012) que precisam ser levados em conta nos estudos acerca da inserção profissional o contexto socio-histórico, os aspectos individuais e os aspectos institucionais, reforça-se o olhar para os aspectos individuais, o qual essa dissertação se propôs a explorar. Buscou-se em Lahire (2014) a base teórica e metodológica para discutir os aspectos individuais a partir da experiência de socialização e das disposições incorporadas de cada agente, analisando a inserção profissional a partir do sistema de disposições incorporado ao longo da vida. Assim, ao mesmo tempo em que é tratada a incorporação do mundo social a nível individual, também se discute o aspecto coletivo, a partir das disposições compartilhadas por aqueles que detêm a mesma origem social e acessam contextos semelhantes. Portanto, defende-se que a compreensão e representação social que os indivíduos desenvolvem em relação a sua inserção profissional irá depender da sua trajetória, origem social e familiar, experiências e disposições incorporadas, indo além do sistema de formação, da qualificação obtida e dos êxitos educacionais alcançados.

3.3 CLASSE SOCIAL: O OLHAR SOCIOLÓGICO

O conceito de classe social, ao longo do tempo, segue sendo um importante construto para se compreender a organização social, a partir de suas diferentes concepções e abordagens epistemológicas. Em todas as sociedades, os indivíduos e grupos relacionaram-se por meio de uma hierarquia estruturada, que se constitui a partir da distribuição assimétrica de poder, recursos, privilégios e prestígio social. O que muda, de uma sociedade para outra, é a forma como esses recursos são alocados e os elementos socialmente legitimados que caracterizam a diferenciação social, o que torna algumas sociedades mais propensas a mobilidade social do que outras (RAIZER, 2011).

Para Pegny (2007), os trabalhos a cerca da estratificação e mobilidade social ocupam um lugar central na sociologia, ao estudarem as relações entre os diferentes grupos sociais e permitirem adentrar no cerne de sua organização social. Portanto, a compreensão de uma determinada sociedade passa pela compreensão da estratificação social e da possibilidade de mobilidade social, a partir dos diferentes estratos sociais existentes (PEUGNY, 2007). Mesmo que os critérios de diferenciação entre os estratos sociais que compõem determinada sociedade se modifiquem ao longo do tempo, para Peugny (2007) o princípio da estratificação se conserva, no momento em que os recursos e posições existentes são desigualmente distribuídos na sociedade. Por isso, a posição ocupada pelos indivíduos na hierarquia social não se dá por acaso e sim está atrelada a fatores como o nascimento, à infância e à socialização em diferentes contextos sociais. É a sociedade, vista não só como mecanismo estruturante, mas também estruturado, e suas “regras do jogo” que originam a reprodução das desigualdades (PEUGNY, 2014).

Com relação à origem do termo classe, Atkinson (2014), em seu livro intitulado “*Class*”, apresenta uma breve retomada histórica. Ele parte da origem do termo classe, o qual é derivado da palavra Latina *classis*, utilizada na Roma Antiga para a classificação da população com o objetivo de determinar seus direitos de voto. Ao longo das diferentes épocas e sociedades, o termo passou a carregar outros significados, como na Grécia, onde o conceito era discutido filosoficamente, por conta dos debates acerca da estrutura social, composta por categorias como os escravos e os cidadãos. Já nas sociedades feudais, o pertencimento a determinado grupo social se caracterizava pela transferência hereditária, sendo uma sociedade de forte imobilidade, onde o poder era centrado na figura do Rei e naqueles por ele nomeados. A partir de duas grandes transformações sociais ocorridas no Século XVII - a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, ambas relacionadas à ascensão da sociedade burguesa industrial - a classe social passou a ser determinada não mais pela hereditariedade ou posse de terras, como no Feudalismo, mas por fatores como, por exemplo, a posição ocupada no processo de produção (ATKINSON, 2014). Nesse contexto de grandes mudanças na estrutura social surge a Sociologia como campo de estudos, a partir dos trabalhos de seus três principais autores clássicos: Karl Marx, Max Weber e Durkheim (RAIZER, 2011), que se dedicaram a compreender a vida em sociedade e sua organização, abordando a temática da estratificação e classes sociais, a partir do surgimento do modo de vida e de produção capitalista.

É a partir da sociedade moderna industrial que a desigualdade deixa de ser de direito, como nas sociedades estamentais, ou de nascença, como nas sociedades de castas, e passa a

ser desigualdade de fato, não mais vista como uma determinação a partir do nascimento (PEUGNY, 2014). Portanto, é também a partir do século XIX e da consolidação do capitalismo que a mobilidade social passa a ser um campo de estudo, já que nas sociedades anteriores essa era praticamente inexistente.

Com as mudanças ocorridas a partir da transição para o sistema capitalista, diferentes abordagens para discussão acerca da estrutura social e sua composição de classe surgiram. Após a Segunda Guerra Mundial, a fraca atenção dada ao tema da reprodução social se explicava pela sua crescente invisibilidade, devido baixa adoção das teorias de classe social como constructo de análise (PEUGNY, 2014). Muitos sociólogos, frente ao contexto de prosperidade econômica e melhorias salariais e sociais que se mantiveram durante aproximadamente 30 anos na Europa¹⁰, proclamaram o fim das classes sociais, no momento em que a redução da imobilidade social parecia um sinal de que as fronteiras de classe finalmente haviam se tornado porosas, passando a se caracterizar por um contínuo de posições sociais.

Entretanto, o atual cenário é outro, no qual as fronteiras de classe seguem ainda presentes nas sociedades, mesmo que menos visíveis. Atualmente os indicadores econômicos e sociais demonstram um aumento na concentração de renda e riqueza, em especial nos países desenvolvidos, sinalizando o aumento da desigualdade. Até a década de 1980, o grupo social mais rico possuía renda sete vezes maior do que aqueles pertencentes a base da pirâmide social. Em 2015, a diferença de renda entre esses chegou a quase dez vezes, segundo relatório da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015). O Coeficiente de Gini, parâmetro de mensuração de desigualdade de renda calculado pelo Banco Mundial, tinha como valor médio entre os países desenvolvidos pertencentes a OCDE o valor de 0,29, na década de 80. Já em 2013, esse valor cresceu para 0,32. Assim, as frequentes crises do sistema capitalista nas últimas três décadas, em especial a crise de 2008¹¹, e a nova divisão internacional do trabalho, a partir de cadeias globais de valor e concentração das atividades industriais e de manufatura nos países asiáticos, tem esvaziado as possibilidades de

¹⁰ Esse período é denominado como os “Trinta Gloriosos”, referindo-se ao período de trinta anos, posterior a Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1945 e 1975, de prosperidade econômica e melhoria social na França (PEUGNY, 2014). Esse período coincide com a implementação das políticas de Estado de Bem-Estar Social, ou *Welfare State*, que provinham garantias de renda, de proteção e serviços públicos à população, bem como a difusão do consumo de massa (POCHMANN, 2014).

¹¹ A crise financeira de 2008 teve seu início nos Estados Unidos, a partir de uma crise imobiliária que resultou no despejo e não pagamento de hipotecas por parte de milhares de estadunidenses e que culminou com a quebra de diversos bancos de investimento de *Wall Street*. A quebra do banco de investimentos *Lehman Brothers*, em 15 de setembro de 2008, arrastou o resto do mundo para a crise gerada a partir do colapso financeiro dos EUA, transformando-a em uma crise mundial (HARVEY, 2010).

ascensão social e contribuído para o aumento da desigualdade social, o que demanda a retomada dos estudos sobre classe, estratificação e mobilidade social.

No cenário internacional, os estudos acerca dessa temática começaram a se multiplicar a partir dos anos 2000, nos trabalhos de autores como Atkinson (2015), Friedman (2014), Friedman, Laurison e Miles (2015), Friedman, O'Brien e Laurison (2016), Savage (2013), Peugny (2007, 2014), entre outros, que têm pesquisado sobre desigualdade, estrutura e origem de classe, meritocracia e mobilidade social. A abordagem desses estudos é principalmente quantitativa, a partir de bancos de dados nacionais, entretanto a análise não é restrita aos critérios econômicos de renda, propondo a retomada dos trabalhos de autores como John Goldthorpe, Erik Olin Wright e Pierre Bourdieu.

No cenário brasileiro, os estudos acerca do tema de estratificação e classe social também cresceram nas últimas duas décadas, entretanto, motivados por um diferente contexto socioeconômico. A discussão de classe foi retomada nos últimos anos a partir da grande veiculação midiática sobre ao surgimento de uma nova classe média no país, chamada de nova classe C¹². Esse grupo foi descrito como composto por indivíduos que ascenderam na estrutura social brasileira, a partir do aumento nos seus níveis de renda e no acesso ao crédito, durante o período de 2000 a 2015, passando a consumir mais, tanto em relação ao volume quanto ao valor dos itens escolhidos. Assim, esses indivíduos vivenciaram um acréscimo em seu poder de compra, oportunizando-os acesso a produtos e serviços que antes eram restritos às classes mais altas, como veículos automotores, casa própria, viagens aéreas, plano de saúde e ensino privado. Com relação a esse cenário brasileiro, serão apresentados três autores considerados relevantes para a discussão sobre estratificação e classe social feita nessa dissertação: são eles Neri (2011), Pochmann (2012; 2014) e Souza (2009; 2010).

Neri (2011) é um dos autores que adota o discurso otimista e economicista acerca do surgimento de uma nova classe média, denominando esse novo estrato social como “o lado brilhante da pirâmide”. Para Neri (2011), o pertencimento a uma ou outra classe social se dá a partir de critérios de renda, sendo essencialmente econômico, razão pela qual o autor parte de três perspectivas para qualificar essa nova classe média: seu potencial de consumo, sua geração de renda e sua expectativa de futuro. O potencial de consumo se refere ao acesso e ao número de bens duráveis que o indivíduo possui. Já a geração de renda se refere à capacidade

¹²Exemplo de reportagem veiculada sobre o tema, reproduzindo o discurso de medianização da sociedade: “Um mergulho na nova classe média”: <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT102795-16380,00.html>. Último acesso em 13/06/2017.

de manutenção do padrão de vida, mediante a geração e manutenção do nível de renda ao longo do tempo. A expectativa de futuro se relaciona diretamente ao desejo de ascensão social e expectativa quanto ao futuro, resgatando a teoria do capital humano ao associar a qualificação como único caminho para uma melhor colocação no mercado de trabalho, ascensão social e, por consequência, manutenção do padrão de renda e de consumo. Segundo tal viés econômico, pela primeira vez na história, a classe média passou a representar mais da metade da população brasileira (POCHMANN, 2012). No entanto, o olhar econômico voltado para o poder de compra, reproduz o discurso de inclusão social por meio do consumo, passando a reconhecer a existência de um expressivo grupo de brasileiros que antes se encontrava a margem da sociedade e que agora é identificado como um novo e potencial nicho consumidor, para o qual as grandes empresas voltam seus esforços de marketing e venda (POCHMANN, 2014).

A veiculação do surgimento de uma nova classe média fez com que muitos brasileiros passassem a se identificar com esse grupo social. A ascensão de um grupo na estrutura social do país significaria a diminuição das desigualdades e um aumento nas chances de mobilidade social, sinalizando o enfraquecimento das barreiras de classe. Além disso, a defesa da existência de uma ampla classe média é característica de um processo também presente na sociedade francesa, descrito por Peugny (2014) como medianização da sociedade, no qual os diferentes grupos sociais, tanto os que compõem o topo quanto a base da pirâmide social, tendem a se identificar como classe média, contribuindo para invisibilização das diferenças sociais e da desigualdade.

Pochmann (2012; 2014), em sua análise do contexto socioeconômico recente do país, questiona o olhar economista da discussão contemporânea de classe, ao creditar as mudanças na estrutura social a transformações na estrutura ocupacional do mercado de trabalho. Assim, reconhece o aumento no número de ocupados na base da pirâmide social, os quais passam a compor o contingente de trabalhadores formais do país, como origem do crescimento econômico e o aumento nos níveis de consumo, razão pela qual o autor nega o discurso de surgimento de uma nova classe média. Para ele, a escolha pela adoção do termo nova classe média se vincula a intenção de redução do investimento em políticas públicas, uma vez que, havendo na sociedade um grupo expressivo pertencente a classe média, o qual teria ascendido socialmente e melhorado sua condição de vida, passa a não ser mais necessária a intervenção do Estado, justificando cortes em investimentos públicos voltados para o bem-estar social.

Já Souza (2009; 2010; 2012), defende outra abordagem para análise da sociedade brasileira contemporânea, discutindo a naturalização da desigualdade no país e a reprodução de sua estrutura de classe. O sociólogo brasileiro tem pesquisado sobre a desigualdade brasileira, desde o início dos anos 2000, questionando o entendimento economicista predominante nos estudos, por meio da aproximação do aporte teórico de Pierre Bourdieu da realidade e contexto brasileiro. Pierre Bourdieu, a partir da articulação entre os conceitos de estrutura, *habitus* e práticas, apresenta um caminho para a superação da dicotomia entre estrutura e indivíduo, permitindo que as relações de poder sejam compreendidas a partir das práticas e ações dos indivíduos, frente à estrutura existente, sendo essa ao mesmo tempo em que estruturante, também estruturada pelos agentes sociais. Assim, Bourdieu defende a superação da dicotomia entre estruturalismo e pós-estruturalismo, reconhecendo a dialética entre as estruturas objetivas e estruturas incorporadas no sujeito, razão pela qual a ação prática não deve ser ignorada (SOUZA, 2012).

Souza (2012, p.57) assume que:

Classe deixa de ser percebida a partir de propriedades ou de coleções de propriedades para ser definida como fundamento de “práticas sociais” similares, que permitem estratégias comuns e consequências compartilhadas mesmo na ausência de acordos conscientes e refletidos. O pertencimento à classe explica porque os indivíduos não se movem de modo arbitrário no espaço social. (...) é a lógica específica de cada campo que define quais são as disposições operantes e importantes nesse mercado, permitindo determinar a hierarquia dos agentes nesse campo, com base no tipo específico de capital que ele pode mobilizar.

Essa visão de mundo prática compartilhada, originária dos trabalhos de Pierre Bourdieu, se revela nos comportamentos, disposições e atitudes cotidianas nos mais diversos contextos sociais pelos quais os indivíduos transitam. É, portanto, a forma de viver e compreender a vida, compartilhada por um grupo social, que configura sua situação e pertencimento de classe. Souza (2012) credita aos trabalhos de Bourdieu o desmascaramento da ideologia de igualdade de oportunidades, presente nas sociedades avançadas do capitalismo tardio, ao reconhecer a desigualdade no acesso aos diferentes capitais que podem ser mobilizados pelos indivíduos, estando seu acesso relacionado diretamente à origem social e familiar.

Os trabalhos de Bourdieu (2015) permitem pensar classe social como constructo que é confrontado por práticas sociais e culturais. Para o autor, assim como para Souza (2010), uma classe não é definida somente por sua posição nas relações de produção, mas por “[...] um conjunto de características auxiliares que, a título de exigências tácitas, podem funcionar

como princípios reais de seleção ou exclusão sem nunca serem formalmente enunciados”, como a idade, sexo, origem social ou étnica (BOURDIEU, 2015, p. 97). Seu esquema de análise empírica é sistêmico, partindo do princípio que a dinâmica social ocorre no interior de um campo, que é um segmento social, cujos agentes tem disposições específicas, as quais compõem seu *habitus*. O campo é delimitado pelos capitais que lhe dão sustentação e se apresenta como um espaço de luta, em que os agentes buscam manter ou alterar as relações de força e poder e a distribuição e acesso aos diferentes capitais. Essas lutas se pautam em estratégias não conscientes, fundidas ao *habitus* individual ou do grupo em conflito (THIRY-CHERQUES, 2006).

Assim, nos termos de Bourdieu (2015), a posição ocupada pelos sujeitos na sociedade – ou seu pertencimento de classe - está associada as suas disposições, as quais constituem um *habitus*, e será essa posição ocupada que determinará o acesso que os agentes possuem aos diferentes capitais, sejam eles culturais, econômicos, sociais, políticos, entre outros.

O capital cultural surge a partir dos estudos de Bourdieu (2012b) acerca das desigualdades escolares, existindo sob três formas: estado incorporado, objetivado e institucionalizado. O estado incorporado se apresenta sob a forma de disposições incorporadas, relativas ao gosto e domínio dos conhecimentos escolares e referências culturais, estando diretamente relacionado ao processo de socialização familiar, o qual é o responsável pela incorporação desse. O capital cultural incorporado terá grande influência no desempenho escolar, no momento em que sua incorporação auxilia diretamente o aprendizado dos conteúdos e a adaptação as normas e códigos escolares. O capital cultural objetivado se refere ao estado materializado desse capital, sob a forma de bens, como pinturas, esculturas, livros, discos, etc. Para além da necessidade de capital econômico, a fim de adquirir esses bens, é necessário também o bom gosto para a sua escolha e os códigos incorporados para compreendê-los e apreciá-los, mobilizado através do capital cultural incorporado. Por fim, o capital cultural institucionalizado é aquele reconhecido formalmente, por meio de diplomas e títulos. Assim, ele também assume a forma material, como o capital cultural objetivado (BOURDIEU, 2012b).

Com relação ao capital social, ele se refere ao:

(...) conjunto de recursos atuais ou aos recursos atuais ou potenciais que têm ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjuntos de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2012a, p.67).

Assim, são essas redes – compostas pela família, amigos, colegas de trabalho, da escola, do clube, etc - as quais permitem ao indivíduo se sentir pertencente a um grupo. Sendo o capital social composto pelas redes sociais possíveis de ser acionadas pelos indivíduos, ele varia em relação a quantidade de membros e a qualidade dos recursos que podem ser mobilizados a partir desses, bem como os capitais – sociais, culturais e econômicos – que cada um dos membros dessa rede detém (BOURDIEU, 2012a).

Além dos capitais, outro conceito apresentado nas obras de Bourdieu é o *habitus*, o qual se refere a uma inscrição corporal de disposições, de forma pré-reflexiva, as quais passam a condicionar a visão de mundo e estilo de vida, de forma quase natural. Esse conceito permite um novo olhar sobre classe social, conferindo sentido à noção de *habitus* de classe, o qual seria um esquema de conduta e comportamento que dá origem a práticas individuais e coletivas. O *habitus*, como conjunto de disposições incorporadas, ou “estruturas estruturantes”, orienta inconscientemente a prática, servindo como instrumento capaz de posicionar os indivíduos em uma classe, ou fração de classe, de maneira relacional, através da comparação dos diferentes *habitus* presentes em um campo (SÁ, 2015).

A classe é percebida então, não como o conjunto de propriedades materiais, mas como práticas sociais similares que são compartilhadas por um grupo (SOUZA, 2012, p. 57). Assim, a concepção de classe de Bourdieu:

(...) é intensamente agonística — e aqui ele se move para mais perto de Max Weber. Pois é a luta, e não a reprodução, que se situa no epicentro do seu pensamento e se revela o motor ubíquo tanto da ruptura quanto da continuidade social. A classe, enquanto modalidade de agrupamento social e fonte de consciência e conduta, emerge e se consolida pela competição sem fim, na qual os agentes se engajam através dos diversos domínios da vida, visando a aquisição, o controle e a disputa por diversas espécies de poder ou de “capital” (WACQUANT, 2013, p.89).

Para Bourdieu (2008) o *habitus* constitui uma classe objetiva, como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos impostos por essa. Assim, determinada classe social é composta por um conjunto de agentes em condições similares de existência, com condicionamentos compartilhados, originados de um sistema de disposições homogêneo.

Souza (2010) se inspira nos trabalhos feitos por Lahire (2004) e propõe a aproximação do aporte teórico e da compreensão de classe social de Pierre Bourdieu para a construção de uma teoria de classe a partir do campo empírico brasileiro e seu contexto sócio histórico. Enquanto Bourdieu (2015) considera classe como um grupo de indivíduos que compartilham

um mesmo *habitus*, tendo práticas e modos de agir coesos, Lahire (2002, 2004) parte dos trabalhos desenvolvidos por Bourdieu, sendo um defensor da sociologia disposicional, entretanto não considera o *habitus* como um conjunto de agentes em condições similares de existência e com condicionamentos e disposições homogêneas. Para Lahire (2002), é possível compreender a sociedade a partir do que essa incorpora nos indivíduos, ao longo de suas experiências e socializações nos mais diversos contextos:

A coerência dos hábitos ou esquemas de ação (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação...), que cada ator pode ter interiorizado, depende, portanto, da coerência dos princípios de socialização aos quais esteve sujeito. Uma vez que um ator foi colocado, simultaneamente ou sucessivamente, dentro de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos, as vezes até contraditórios, ou dentro de universos sociais relativamente coerentes mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então trata-se de um ator com o estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados, e com práticas consequentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir. Poder-se-ia resumir tudo isto dizendo que todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está sujeito a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios que incorpora (LAHIRE, 2002, p.31).

Com isso, ele propõe um estudo sociológico cada vez mais singular do social. Na singularidade, as disposições são combinadas e se manifestam de diferentes formas em diferentes contextos, não sendo possível sintetizar um indivíduo como alguém com comportamentos e hábitos homogêneos. Um ator plural é, assim, produto da experiência de socialização em contextos múltiplos e diversos, participando de universos sociais variados e ocupando posições diferentes nesses (LAHIRE, 2002). Com isso, mesmo em um *habitus* de classe compartilhado, os diferentes indivíduos terão diferentes conjuntos de disposições incorporados, a partir das trajetórias e dos contextos sociais vividos, os quais moldaram seu sistema disposicional. Ao contrário de Bourdieu, que volta seus trabalhos para a análise das diferenças de *habitus* entre os grupos sociais, Lahire se dedica a compreender o sistema disposicional de cada indivíduo, analisando suas contradições e mudanças:

Um dos grandes interesses da explicação disposicionalista é de permitir compreender porque os indivíduos podem perceber diferentemente as mesmas situações e reagir diferentemente face as mesmas solicitações ou injunções exteriores (LAHIRE, 2010, p. 25).

A partir da análise das disposições incorporadas pelos indivíduos participantes de seu estudo acerca estrutura social brasileira, Souza (2010) defende que uma classe social não pode ser definida apenas pelo nível de renda e padrão de consumo, e sim pelo estilo de vida e visão

de mundo prática, que é incorporada e condiciona os agentes de maneira pré-reflexiva. Por conta disso, Souza (2010) apresenta a atual estrutura de classe brasileira sendo composta por quatro estratos sociais: a ralé e a nova classe trabalhadora, e as classes média e alta. Por tanto, para Souza (2010) não há uma nova classe média no país e sim, há um novo grupo social – a nova classe trabalhadora –, que segue pertencendo a base da pirâmide social, mas que conseguiu ascender socialmente, diferenciando-se do outro grupo pertencente a classe baixa – denominada por Souza (2009) de ralé.

Por ralé, Souza (2010, p.25) se refere a:

(...) uma classe inteira de indivíduos não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o aspecto fundamental, das condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação. A família típica da “ralé” é monoparental, com mudança frequente do membro masculino, enfrenta problemas graves de alcoolismo, de abuso sexual sistemático e é caracterizada por uma cisão que corta essa classe ao meio entre pobres honestos e pobres delinquentes.

Já a nova classe trabalhadora se caracteriza por:

[...] sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato e, tão ou mais importante que tudo que foi dito, a uma extraordinária crença em si mesmo e no próprio trabalho (SOUZA, 2010, p.50).

Tanto a ralé quando a nova classe trabalhadora compõe a base da pirâmide social brasileira. No entanto, elas se diferenciam, principalmente por conta de um capital específico mobilizado pela nova classe trabalhadora e que a diferencia da ralé, bem como das classes médias e altas: o capital familiar. O capital familiar é um conjunto interligado de disposições para o comportamento, o qual é transmitido no contexto de socialização familiar por meio de exemplos e valores de trabalho duro e continuado, a despeito das condições sociais adversas às quais esses indivíduos precisam conviver (SOUZA, 2010). Assim,

A nova classe trabalhadora parece se definir como uma classe com relativamente pequena incorporação dos capitais pessoais mais importantes da sociedade moderna, capital econômico e capital cultural – o que explica seu não pertencimento a uma classe média verdadeira –, mas, em contrapartida, desenvolve disposições para o comportamento que permitem a articulação da tríade disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo (SOUZA, 2010, p. 367).

A nova classe trabalhadora está incluída no sistema econômico, produzindo e consumindo bens e serviços, que antes eram privilégio das classes média e alta. Ela tem como

disposições compartilhadas, que compõem seu *habitus* de classe, o pensamento prospectivo, a disciplina e o autocontrole, os quais permitem que esses agentes tenham sucesso escolar e consigam se inserir no mercado de trabalho (SOUZA, 2010).

As classes média e alta, consideradas pelo autor como componentes do estrato dominante, são definidas por seu acesso a outros dois capitais impessoais, que asseguram direitos e acesso privilegiado a todos os bens, sejam eles materiais ou não, ou outros recursos escassos em uma sociedade capitalista. Esses capitais são o capital econômico e o capital cultural. A apropriação do capital cultural por parte das classes médias, na forma de conhecimento técnico e escolar, é o que, historicamente, as torna uma das classes dominantes, assegurando seus empregos, legitimidade e posição social. A classe alta se caracteriza pela apropriação do capital econômico, que é passado de geração a geração por meio da herança de sangue (SOUZA, 2010).

Logo, a classe dominante não é aquela que agrupa o maior número de indivíduos, mas sim aquela detentora de privilégio social, que é o acesso indisputado e legitimado a tudo o que a maioria dos indivíduos desejam na vida em sociedade: reconhecimento social, respeito, prestígio, glória, educação de qualidade, bens materiais, qualidade de vida, etc. Com isso, não basta ter capital econômico, tão somente, para ser reconhecido entre os ricos, é preciso ter herança imaterial, a qual irá garantir o acesso a relações sociais privilegiadas, as quais permitem a reprodução do capital econômico (SOUZA, 2010).

No momento em que os estudos sobre o tema da mobilidade social são fundamentais para a compreensão da desigualdade e da sua reprodução, omitir os fatores não econômicos, como a mobilização do capital econômico, social, cultural e familiar, desses faz com que, segundo Souza (2010, p. 23), se invisibilize “as duas questões que permitem efetivamente ‘compreender’ o fenômeno da desigualdade social: a sua gênese e a sua reprodução no tempo”. Souza (2012), afirma que Bourdieu reconhece o condicionamento social e econômico ao quais os agentes são submetidos, e que irão formar suas preferências e modos de ação. É esse condicionamento, que se constitui tanto consciente quanto inconscientemente a partir dos contextos acessados, experiências vividas e condições de existência, que permite que o processo de aquisição dessas preferências seja invisibilizado, a ilusão das qualidades e características incorporadas como inatas. Desse modo, a construção social do privilégio como um privilégio de classe é negado, no momento em que essa transmissão se dá no meio familiar, de maneira insensível e invisível pelos mecanismos de socialização.

Por essa razão, se percebe como mérito individual a naturalidade dos “bons modos”, da “boa fala” e dos “bons comportamentos”, não considerando o processo de socialização familiar, que é particular de cada classe social (SOUZA, 2010). Nas sociedades anteriores a vigência do sistema capitalista, o privilégio era aberto e religiosamente motivado: alguns tinham “sangue azul” por decisão supostamente divina, o que os legitimava terem acesso a todos os bens e recursos escassos. Na sociedade moderna, no entanto, consideram-se superados todos os privilégios injustos, fazendo com que esses sejam mascarados na forma de mérito pessoal, justificando-se assim que alguns indivíduos sejam mais capazes e estejam em melhor condição social do que outros, a partir de seu merecimento e esforço individual (SOUZA, 2015).

São esses três autores, Jessé Souza, Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, que constituem a base teórica adotada nessa dissertação para a discussão de classe e origem social e sua influência no acesso, permanência e conclusão do ensino superior, bem como na inserção profissional dos jovens bolsistas pelo Prouni. Considera-se, portanto, classe social como construção social e simbólica e não como realidade ontológica estruturada, sobre a qual os agentes não têm possibilidade de ação. O pertencimento de classe se dá pela posição dos agentes como classificados tanto quanto classificadores, de acordo com a sua posição no campo social (BOURDIEU, 1989). Além disso, para se compreender a origem e o pertencimento de classe dos indivíduos, é necessário compreender seus modos de agir, pensar e ver o mundo, os quais estão relacionados as que foram disposições incorporadas ao longo de sua socialização, por influência das relações e dos contextos acessados.

A partir disso, argumenta-se que a inserção profissional, a partir das contribuições de Souza (2009; 2010), Bourdieu (2015) e Lahire (2002), pode ser analisada tomando por base a reprodução das desigualdades não somente ao término do sistema formativo, mas sim ao longo de toda a trajetória de vida, por meio do acesso aos diferentes capitais, contextos sociais e grupos dos quais esses indivíduos fizeram e fazem parte. Reconhece-se com isso o peso da estrutura desigual no acesso a recursos e oportunidades em um momento da vida, como a socialização familiar e escolar, a qual tende a reproduzir essas desvantagens nas etapas seguintes, até a vida adulta, potencializando a transmissão das desigualdades. É por essa razão que crianças oriundas de meios sociais com pouco acesso a capitais econômicos e culturais estão, desde o início de sua trajetória, em desvantagem frente a outras (PEUGNY, 2014). No entanto, ao mesmo tempo em que a situação desses indivíduos determina a distribuição dos recursos e oportunidades, também existem determinantes exógenos a esse sistema de

transmissão, que podem implicar em algum tipo de compensação dos níveis de desigualdade. A aquisição de capital cultural e de credenciais via educação formal é vista como um caminho o qual pode alterar esse quadro de distribuição dos capitais, alterando assim as oportunidades oferecidas nas etapas subsequentes do ciclo de vida dos indivíduos, principalmente se esse acesso se der a partir de políticas públicas, contribuindo para atenuar a determinação do acesso ao capital cultural a partir da situação da família de origem (VALLE SILVA, 2003).

Portanto, considerar a classe de origem do indivíduo ao analisar o processo de formação e inserção profissional, a partir de um olhar sociológico, que possibilita a análise das diferenças no acesso aos capitais dentre as diversas classes sociais e a capacidade de incorporação das disposições socialmente legitimadas pelas classes dominantes, pode contribuir para suplantar a glorificação do mérito e melhor compreender os diversos elementos que têm influência na entrada no mercado de trabalho. Aproximar a discussão de classe social dos estudos acerca da formação e inserção profissional permite ir além do discurso de valorização do diploma e da formação como pré-requisito para o acesso e permanência no mercado de trabalho, bem como a possibilidade de mobilidade e ascensão social. Por conta disso, se defende a necessidade de aproximação entre os estudos sobre classe social, formação e inserção profissional, no momento em que a origem de classe pode ampliar ou reduzir as oportunidades acessadas pelos indivíduos, tanto ao longo de sua trajetória escolar quanto no momento de transição do sistema de formação para o mercado de trabalho.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2015), teoria e método são duas instâncias inseparáveis. Assim, a teoria se projeta à condição de método e é ela quem norteia a prática da pesquisa e sua operacionalização. Compreende-se que a pesquisa exige reflexão e revisão teórica, mas que essa teoria deve ser apresentada ao fenômeno, numa atitude relacional, entre teoria e o fato social estudado, o qual é empírico e dá origem ao objeto construído no trabalho de pesquisa.

Tanto a revisão teórica, as aproximações e inserções no campo de estudo, quanto os procedimentos metodológicos se constroem e são construídos juntos, de forma relacional. A partir desse processo de idas e vindas, o pesquisador poderá superar a sociologia espontânea, da qual se referem Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2015), elaborando novas teorias e conceitos, que partem do que se apresenta no mundo e na realidade prática, auxiliando na sua compreensão, crítica e transformação. Os autores reforçam a importância da vigilância epistemológica, subordinando a utilização de técnicas metodológicas ao constante questionamento a respeito de suas condições e limitações de validade. Assim, seria possível fugir da replicação automática de procedimentos utilizados em outras pesquisas, no momento em que toda a operação, por mais rotineira que possa parecer, precisa ser pensada por si só, como um caso particular. Por essa razão, a construção de determinado procedimento metodológico deve ser determinada pelo objeto de estudo, sendo construído para e a partir desse.

Para tanto, a convicção metodológica de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2015) permite que o pesquisador crie a sua própria estratégia de pesquisa, inspirado muitas vezes por outros trabalhos e teorias, não se limitando a mera reprodução de métodos e procedimentos empregados em outros contextos e na análise e compreensão de outros objetos. O contexto local e as características particulares do objeto de estudo não podem sofrer com restrições procedimentais prévias, elegidas pelo pesquisador antes mesmo de conhecer a realidade social da qual está se aproximando e pretende compreender (SÁ, 2015).

Dito isso, nessa dissertação se buscou construir e trilhar um percurso metodológico a partir do objeto construído, suas particularidades e como esse foi se mostrando ao longo da experiência e trajetória de pesquisa. Essa postura epistemológica se aproxima do construtivismo, também compartilhada por Pierre Bourdieu, no momento em que essa se

constrói e é guiada pelo campo, numa atitude relacional. Além disso, para Lahire (2008, p.16):

(...) a qualidade principal do sociólogo não pode ser a de intérprete final, mas sim uma qualidade de artesão, preocupado com os detalhes e com o ciclo completo de sua produção, introduzindo sua ciência nos momentos menos brilhantes, mas mais determinantes da pesquisa: constituição da população a se entrevistada, construção da ficha de entrevista, qualidade da relação de entrevista, trabalho de transcrição da entrevista, notas etnográficas sobre o contexto... Em vez de refletir assim que acabar a pesquisa, o sociólogo deve fazê-lo a cada instante e, particularmente, naqueles momentos banais, aparentemente anódinos, em que tudo leva a crer que não há nada a se pensar.

“Prever” o que iria ocorrer ao longo da execução do trabalho de pesquisa se mostrou um grande desafio na etapa de construção e defesa do projeto dessa dissertação. Naquele momento, optou-se por não construir, a priori, um passo-a-passo ou mesmo uma estratégia de coleta e análise dos dados empíricos, apresentando apenas algumas pistas e ideias do que poderia ser realizado, baseadas nas primeiras impressões construídas acerca do campo e do objeto de estudo.

Ao longo dos meses seguintes a defesa da proposta de dissertação, se construiu uma solução própria para o que emergiu a partir da experiência de pesquisa vivenciada. Essa solução, que será apresentada a seguir, foi inspirada por trabalhos de autores como Bourdieu (2015), Lahire (2002; 2004), Souza (2009; 2010), Sá (2010; 2015) e Oliveira (2013). A leitura das pesquisas realizadas por esses autores gerou diversas dúvidas, incertezas e reflexões, tendo seus relatos e experiências de campo auxiliado na condução e criação do percurso metodológico dessa pesquisa.

Sendo o ponto de vista quem cria o objeto (BOURDIEU, CHAMBOREDON e PASSERON, 2015) essa pesquisa tem como objeto de estudo o processo de acesso, permanência e conclusão da formação de nível superior e inserção profissional dos jovens egressos do Prouni, frente ao contexto de expansão no acesso ao ensino superior no país. Tal objeto poderia ser abordado das mais diversas formas, assim como poderia ser analisado a partir de diferentes linhas teóricas e abordagens epistemológicas. Essa seção da dissertação se destina a contar como esse objeto foi abordado nesse estudo, a partir do arcabouço teórico apresentado na seção anterior (3).

Assim, pretendeu-se compreender como esses dois processos – o ingresso, permanência e conclusão do ensino superior e a inserção profissional – se dão, a partir da análise das trajetórias vividas, ao longo da socialização familiar e a partir da origem de classe

e das disposições incorporadas por esses jovens ao longo das experiências e contextos acessados. Essa análise se dá tanto a nível individual, a partir do relato de cada um dos participantes, como a nível coletivo, destacando as disposições e condutas que são comuns a essas trajetórias, por meio da análise tanto dos aspectos individuais, como a origem familiar e social, quanto institucionais, como o sistema de formação e as instituições de ensino, no processo de inserção profissional.

Buscou-se em Lahire (2004) o suporte metodológico que permitiu ir além do que usualmente é feito nos estudos acerca do processo de inserção profissional, mostrando como as diferentes experiências socializadoras se convertem, de alguma forma, em características disposicionais, ou seja, propensões, inclinações, hábitos, tendências. Em sua obra, Bernard Lahire dialoga com diversos autores de diferentes teorias da ação, abordando em especial o pensamento de Pierre Bourdieu e sua teoria da prática e do *habitus*. Assim, ele se propõe a dialogar com conceitos de Bourdieu, ao mesmo tempo que os critica, a fim de avançar teoricamente no campo da sociologia disposicionalista. A partir disso, a proposta de Lahire (2004) tem como objeto de análise o indivíduo, com base nas disposições construídas ao longo da sua trajetória, ao mesmo tempo em que considera o contexto no qual esse está inserido. Para Lahire (2002), o olhar em escala individual permite perceber diferenças disposicionais dentro de um mesmo *habitus* de classe, levando em conta as variações inter e intra individuais nas condutas expressas pelos indivíduos em diferentes contextos.

Por essa razão, não se pretende obter coerência no discurso dos entrevistados ou tentar reduzir seu conjunto de práticas e comportamentos a uma fórmula geradora, e sim reconstruir parcialmente, a partir de uma visão que é sempre limitada, o seu patrimônio de disposições. Sendo cada indivíduo por si só um processo, a ideia de um “eu” único e unificado não é possível, não passando de uma ilusão socialmente bem fundada (LAHIRE, 2004).

Para Lahire (2004, p.22):

Uma disposição só se revela por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes ou contraditórios, da atividade do indivíduo estudado, sejam eles produto da observação direta dos comportamentos, do recurso ao arquivo, ao questionário ou à entrevista sociológica. Ao considerar uma série de informações relativas à maneira como o ator se comporta, age e reage em diversas situações, o sociólogo tenta formular o princípio que dá origem a esses comportamentos.

Na sociologia disposicionalista se pretende entender a construção do indivíduo como uma junção de diferentes disposições que são formadas ao longo da vida, em diferentes

momentos dessa trajetória. Assim, leva-se em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado nos indivíduos, pois:

De alguma maneira, cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais. (...) Nessa versão “dobrada” da realidade que pretendo elaborar, o indivíduo não é redutível a seu protestantismo, ao seu pertencimento de classe, a seu nível cultural ou a seu sexo. É definido pelo conjunto de suas relações, compromissos, pertencimentos e propriedades, passados e presentes (LAHIRE, 2014, p. 10).

Portanto, ao invés de considerar cada momento da trajetória individual como um ato lógico em um percurso linear, previamente decidido, Lahire (2004) sugere que os indivíduos estão sujeitos a forças sociais não necessariamente coerentes, nos momentos em que são levados a optarem por seus estudos, trajetórias profissionais, escolha de um parceiro, entre outras importantes decisões:

Em várias análises sociológicas, há uma tendência para estudar as práticas separadamente, enquanto eu me esforço por pensá-las umas com as outras e umas por relação às outras: um mesmo indivíduo é mãe de família, empregada num banco, desportista amadora, “consumidora” de produtos culturais, etc. Se queremos compreender o que faz a singularidade de uma família, de um microgrupo, ou de um determinado indivíduo, somos obrigados a vê-los como o produto da combinação singular de uma multitude de propriedades sociais (LAHIRE, 2012, p.200).

Para a compreensão dos fenômenos identitários é necessário conhecer mais precisamente os processos de socialização aos quais os indivíduos foram submetidos e participaram, a fim de reconstruir as disposições que os constituíram e os levam a agir de determinado modo no presente.

Por essa razão, uma disposição “(...) é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente” (LAHIRE, 2004, p.27). Assim, Lahire (2004) reforça a importância de o pesquisador fugir da sociologia espontânea, não tomando como verdade absoluta o discurso proferido pelo entrevistado. É importante que o pesquisador consiga, a partir da sua análise e reflexão crítica, construir para além do que foi dito ao longo da entrevista, contribuindo para desvelar aquilo que foi naturalizado pelo indivíduo.

Por isso, falar sobre disposições exige a realização de um trabalho interpretativo, que dê conta de comportamentos, práticas, opiniões e que possibilite a descoberta de princípios que geraram a aparente diversidade das práticas na trajetória de cada indivíduo. Em seu

trabalho de experimentação do dispositivo metodológico, Lahire (2004) propõe a realização de longas e sucessivas entrevistas com cada participante da pesquisa, não motivado a realizar um retrato exaustivo de cada uma dessas pessoas e sim demonstrar parte do que o mundo social refletiu nelas. Para tanto, cada entrevista teve como foco um tema principal, tais como “família, escola, trabalho, sociabilidade, lazer-cultura e corpo (alimentação, saúde, estética, esporte)” (LAHIRE, 2004, p. 34). As entrevistas foram então analisadas em conjunto, *a posteriori*, dando origem a construção de um retrato parcial desse indivíduo.

A importância de um estudo com indivíduos singulares é permitir ver as diferenças que de longe, são invisíveis, diferentemente de um estudo dos coletivos que leva a tipificação de um grupo. A heterogeneidade, quando vista de perto, passa a ser perceptível, tornando evidente a diversidade onde se pressupunha unicidade. Assim, acredita-se que seja possível melhor compreender certos fenômenos macrosociológicos a partir da observação e compreensão do comportamento dos indivíduos (LAHIRE, 2004). Entretanto, em entrevista concedida em 2011 (ROSENFELD *et al*, 2015), Lahire afirma não se opor a macrosociologia, já que a escala individual do social, baseada na análise das disposições, apoia-se no conhecimento proveniente de trabalhos sobre as instituições escolares, religiosas, culturais, profissionais, políticas, entre outras, as quais formam o indivíduo em questão. Assim como para Bourdieu, é o entrelaçamento entre estrutura e agente, que permite uma melhor compreensão do mundo social (WACQUANT, 2013).

Souza (2009; 2010), em seus livros teórico-empíricos “A ralé brasileira” e “Os batalhadores brasileiros” parte do método sugerido por Lahire (2004), adaptando-o aos seus objetivos e perguntas de pesquisa. Essa adaptação se mostra necessária a Souza (2009), o qual defende que um determinado método deve ser “ajustado” ao objeto de pesquisa e nunca o contrário. Assim, a estratégia elaborada por Lahire (2004), ao realizar várias entrevistas com os mesmos atores, intercaladas por espaços de tempo, mostrou-se para Souza (2009) como um excelente recurso, tanto para a criação de um vínculo com o entrevistado, como para um aprofundamento no conteúdo das falas, após análise comparativa entre as respostas dadas. Ao invés de realizar uma infinidade de entrevistas com diferentes pessoas a fim de comprovar quantitativamente o fenômeno estudado, Souza (2009) e sua equipe optaram pela realização de sucessivas entrevistas em profundidade com os mesmos participantes. Esse método oportuniza ao entrevistador auscultar contradições, conflitos e verdades “além”, que muitas vezes são veladas em uma primeira conversa, onde ainda há pouca intimidade e a necessidade de autolegitimação do entrevistado. Souza (2009) também afirma que a informação concedida

pelo entrevistado tem de ser reconstruída, para que só assim se possa extrair algo para além da superfície, não tomando a primeira declaração do entrevistado sobre si mesmo como uma verdade final. Souza (2010) busca os princípios e disposições presentes em diversos contextos, que seriam frutos da origem, visão de mundo e hábitos herdados da família e dos contextos sociais dos quais o indivíduo fez parte. Assim, as experiências educacionais, profissionais, familiares, assim como outros possíveis contextos de socialização e de atuação que foram significativos na trajetória de vida do entrevistado tendem a ser incorporados na forma de disposições, que podem ser demandadas em outros contextos socializadores nos quais o indivíduo virá a se inserir.

Partindo do interesse por compreender o contexto de expansão no acesso ao ensino superior no país, percebeu-se que as políticas públicas implementadas na última década eram voltadas para um grupo específico de indivíduos: os jovens de baixa renda. Isso se deve ao fato de tais políticas terem como base critérios de seleção socioeconômicos, bem como meritocráticos, delimitando o público a ser beneficiado por tais iniciativas. Frente as políticas públicas de incentivo ao ingresso no ensino superior, uma delas chamou a atenção, pelo fato de proporcionar o acesso de indivíduos de baixa renda às instituições de ensino superior particulares do país. Assim, identificou-se no Prouni um campo empírico que poderia oportunizar uma melhor compreensão acerca do processo de inserção profissional dos jovens não privilegiados do país, os quais compõem um grupo, historicamente, com pouco ou nenhum acesso à formação continuada e ao âmbito universitário.

Tendo o Prouni critérios de elegibilidade baseados em renda familiar *per capita* e a exigência de comprovação da situação socioeconômica do candidato, esse recorte empírico se mostrou relevante para a aproximação ao grupo de jovens de baixa renda. No entanto, buscando por estudos acerca do Prouni já realizados, percebeu-se que a maioria deles se voltava para a análise da política pública em si, a fim de avaliar sua implementação e ganhos reais para o desenvolvimento do país, ou ainda criticar seu caráter de financiamento do setor privado de ensino, por meio de recurso público (FELICETTI, 2011; ALMEIDA, 2012; CATANI, HEY e GILIOLI, 2006; CARVALHO, 2006; SARAIVA e NUNES, 2011). Outros estudos focaram na experiência de acesso ao ensino superior, descrevendo a vivência dos bolsistas e o que encontram na universidade (DO AMARAL e DE OLIVEIRA, 2011; FELICETTI, 2012;) ou ainda discutiram as possibilidades de inserção no mercado de trabalho a partir da obtenção do diploma (PERDIGÃO, 2015).

O trabalho de Perdigão (2015), especificamente, foi importante para a delimitação do campo de estudo dessa dissertação, ao tratar do tema da inserção profissional, após o acesso a universidade por meio do Prouni, como oportunidade de mobilidade social para os bolsistas. No entanto, Perdigão (2015) voltou-se para os alunos matriculados em instituições de ensino rentabilizadoras, nos termos de Almeida (2012), as quais oferecem um diploma pouco valorizado pelo mercado de trabalho e estão mais preocupadas com seus resultados financeiros do que com a qualidade da formação que é oferecida aos alunos. Na maioria das vezes, essas instituições acabam contribuindo pouco para o aumento nas chances de empregabilidade, inserção profissional e mobilidade social de seus graduados, como foi percebido por Perdigão (2015) em seu estudo. Por conta disso, fez-se a escolha por analisar o processo de formação e posterior inserção profissional dos alunos bolsistas vinculados as melhores instituições de ensino superior privado da região Sul, historicamente acessadas pelos jovens oriundos das classes altas, a fim de não partir de uma formação que, como os estudos citados acima já demonstraram, tem pouco a contribuir para uma mudança na trajetória do aluno, limitando desde o momento de entrada no curso suas possibilidades de ascensão social. O critério utilizado para identificação das melhores instituições privadas foi a consulta ao Índice Geral de Cursos (IGC), no qual três instituições de ensino – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Feevale¹³, despontaram como as instituições com conceito máximo.

Como as informações referentes ao número de vagas ofertadas por IES, o número de vagas por curso, o número de bolsas Prouni ofertadas e ocupadas por curso e IES, o perfil socioeconômico dos alunos, taxas de evasão e conclusão do curso, entre outros, não foram encontrados em sites como do Ministério da Educação, IPEA, site institucional do Programa, ou ainda nos sites das IES, foram realizadas três entrevistas exploratórias, uma em cada instituição de ensino superior delimitada nessa pesquisa, com os responsáveis pela coordenação do Prouni. As entrevistas tiveram por objetivo uma primeira aproximação com o campo, a partir do olhar das instituições de ensino e dos responsáveis pela operacionalização do programa e acompanhamento dos alunos ao longo de sua formação. Essa se mostrou como uma etapa exploratória importante para entender mais sobre o Programa, suas regras, exigências institucionais e operacionalização nas instituições de ensino e delinear os próximos passos da pesquisa. Foram discutidos temas relativos ao ingresso, permanência e conclusão da

¹³ São essas as três universidades da Região Metropolitana de Porto Alegre com os maiores conceitos no IGC – Índice Geral de Cursos- referente ao ano de 2014. Fonte: <http://portal.inep.gov.br/educacao-superior/indicadores/indice-geral-de-cursos-igc>. Acesso em 10/04/2016.

formação de nível superior pelos alunos prounistas, bem como solicitados dados relativos aos cursos com oferta de vagas pelo Prouni, perfil dos alunos, apoio oferecido pela instituição de ensino, entre outras questões que podem ser conferidas no roteiro de entrevista disponível no Apêndice C. No entanto, os dados construídos nessas entrevistas com os coordenadores não foram incluídos na seção analítica, bem como tal aproximação não resultou em acesso aos alunos bolsistas, como era esperado, tornando necessário a busca por alternativas para encontrar possíveis interessados em participar do estudo.

A alternativa encontrada para levantar possíveis participantes do estudo foi por meio da rede de contatos da pesquisadora, tendo sido solicitado à amigos e conhecidos a indicação de jovens bolsistas que estivessem concluindo ou já tivessem concluído o ensino superior. Dessa solicitação, feita tanto de forma presencial quanto por meio de redes sociais, se originaram 27 indicações, as quais se transformaram em dez entrevistados interessados e dispostos a contribuir para o estudo. A escolha do uso da rede de indicações foi inspirada por Lahire (2004), que convidou para participar de seu estudo experimental de construção de retratos sociológicos indivíduos que não eram desconhecidos dos pesquisadores, no entanto, também não eram muito próximos. Essa definição é importante pois fez com que os entrevistados se sentissem à vontade para falar sobre si mesmos durante um longo período de tempo, sem se sentirem intimidados pela presença de uma pessoa que lhes é familiar e pertence a seu círculo social. Para Lahire (2004, p. 33): “O sociólogo que realiza longas entrevistas é um tipo particular de confidente, aquele que desaparece depois de a confiança ter sido feita”.

Era de extrema importância que os entrevistados se sentissem confortáveis e seguros ao relatarem suas histórias familiares, assim como informações íntimas a respeito de sua relação com os pais, lembranças da infância, traumas, experiências escolares e de trabalho. Além disso, era importante a disponibilidade e o interesse do indivíduo em realizar longas e sucessivas entrevistas em profundidade, motivo pelo qual, em um primeiro momento, optou-se por deixar aberta a participação de alunos de qualquer uma das três instituições, bem como de qualquer curso de graduação, desde que não sendo cursos tecnológicos ou de formação à distância. Essa escolha, a qual também foi feita por Perdigão (2015) se deve ao processo de reconhecimento e legitimação social pelo qual ainda passam tanto os cursos tecnológicos quanto os realizados a distância, como também as diferenças no perfil e nos objetivos dos alunos que procuram por essas formações.

Um estudo qualitativo não deve buscar sua validade na precisão dos instrumentos, na estatística e na confiabilidade dos métodos e sim nas evidências e no poder de argumentação apresentado pelo pesquisador, já que é esse quem deve convencer, ao longo do texto ou fala, da importância, validade e coerência de seus dados, suposições e argumentos (POLKINGHORNE, 2007). Na pesquisa qualitativa, a seleção dos participantes de uma pesquisa não pode seguir os mesmos procedimentos da amostragem utilizada nas pesquisas quantitativas, porque o objetivo nessas não é contar, ou quantificar as opiniões dos indivíduos, e sim explorar a variedade dos diferentes discursos, buscando a riqueza das informações a partir da natureza do tópico de pesquisa em questão e dos recursos disponíveis. Por essa razão O'Reilly e Parker (2012) argumentam que o foco deve estar na adequação dos sujeitos participantes e não no tamanho da amostra.

Sendo assim, o perfil inicialmente delimitado para participar da pesquisa foi de estudantes próximos do término da formação ou recém-formados – até dois anos antes ou após a formatura – em qualquer curso de graduação presencial ofertado pela PUCRS, UNISINOS ou Feevale, com idades até 29 anos e beneficiados com bolsa do Prouni. A delimitação do momento no curso se mostra relevante já que se pretende discutir a transição do sistema de formação para o mercado de trabalho, que se dá de maneira mais clara ao final da formação. Já com relação ao recorte etário, toma-se como base a classificação de juventude por parte do Estatuto da Juventude, instituído pela Lei 12.852/2013¹⁴, que considera como jovem no Brasil o indivíduo entre 15 e 29 anos de idade.

Todos os dez participantes que se mostraram interessados no estudo foram entrevistados duas vezes, entre os meses de agosto e outubro de 2016, tendo um intervalo mínimo de uma e máximo de três semanas entre cada entrevista. As entrevistas se deram presencialmente ou via Skype, ficando essa escolha a cargo da disponibilidade do participante, e tendo sido gravadas com consentimento dos participantes e posteriormente transcritas. Na primeira entrevista foram abordadas as temáticas relacionadas ao ensino superior e as experiências de trabalho, enquanto no segundo encontro foram discutidas questões relacionadas a origem familiar e trajetória escolar.

O número de entrevistas com cada participante foi inspirado nos trabalhos de Lahire (2004), Souza (2009; 2010) e Sá (2010; 2015), e foi definido a fim de dar conta dos eixos temáticos a serem abordados ao longo da interação, bem como viabilizar a pesquisa, não

¹⁴ Estatuto da Juventude:

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf?sequence=1>. Acesso em 04/05/2016.

exigindo dos participantes mais encontros do que o necessário. Sá (2010), em pesquisa realizada sobre o homem de negócios contemporâneo a partir da sociologia disposicional, afirma que duas entrevistas sucessivas com um mesmo participante da pesquisa já seriam suficientes, no momento em que o trabalho trata de um tema circunscrito. Essa situação se diferencia do trabalho de construção metodológica realizado por Lahire (2004), no qual o autor conduziu seis entrevistas em profundidade com cada participante, visando entender a influência dos mais variados contextos acessados pelos indivíduos e como seu sistema disposicional era acionado em cada um deles.

Quadro 1: Relação de todos os entrevistados

Entrevistado	Idade	Curso	Meio de entrevista	Data de graduação
Tiago	24	Direito	Presencial	2016/1
Juliana	27	Direito	Presencial	2016/1
Gustavo	25	Administração	Skype	2015/2
Fernanda	22	Administração	Skype	2016/1
Diego	26	Administração	Presencial	2016/1
Luís	25	Engenharia	Skype	2017/1
Vitor	28	Direito	Presencial	2012/1
Marcos	24	Economia	Presencial	2016/1
Rodrigo	28	Engenharia	Skype	2009/2
Fabiane	22	Direito	Skype	2016/2

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Ao longo da realização das entrevistas, percebeu-se que as diferenças nos perfis dos entrevistados, em especial nos cursos por esses realizados e no ano de formatura, o que poderia prejudicar a análise dos dados, dificultando o aprofundamento das discussões e o estabelecimento de relações entre os pesquisados e as disposições por esses incorporadas. Por conta disso, dentre os dez participantes, foram escolhidos cinco para compor essa pesquisa, e a partir dos quais se empreendeu a análise dos dados, os quais estão em negrito na tabela acima. Os cinco participantes que deram origem aos dados apresentados nessa pesquisa são graduados nos cursos de Administração e Direito, os quais são os cursos com o maior número de matriculados no país (BRASIL, 2015), pela PUCRS ou UNISINOS, não sendo nenhum

deles egresso da Feevale. Além disso, a escolha dos participantes também foi baseada no fato de terem sido esses os que se mostraram mais à vontade com a pesquisadora e ela com esses, e que por isso se mostraram mais abertos a compartilharem suas histórias, oferecendo em seus relatos uma maior riqueza de conteúdo e informações. Além disso, não seria possível fazer a análise a que se propôs esse trabalho com um número tão grande de participantes, motivo pelo qual foi necessário escolher quais comporiam a versão final dessa pesquisa.

Os entrevistados, ao aceitarem participar do estudo, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, que se encontra no Apêndice D desse trabalho. Por meio desse termo, firmou-se o compromisso de assegurar a confidencialidade das informações e a não identificação dos participantes. Assim, seus nomes foram alterados, bem como foram omitidas todas as informações que poderiam contribuir para que eles fossem identificados e que não acarretariam em prejuízo para as análises realizadas.

A escolha por entrevistas em profundidade se deu pela natureza do estudo e pelos objetivos que a nortearam. Assim, entendeu-se que a melhor maneira de conhecer a trajetória, a origem social e familiar, as experiências vividas e as formas de pensar e agir dos entrevistados, seria por meio do relato desses indivíduos. Uma entrevista pode apresentar diferentes características associadas à construção de seu roteiro, podendo ser aberto, semiaberto ou fechado. Optou-se pela estrutura de roteiro semiaberto, o qual se encontra no Apêndice B desse trabalho, como sugerido por Sá (2015), pois a partir de um roteiro base poder-se-ia preestabelecer questões que se mostram relevantes para a compreensão da origem social, familiar e trajetória desses jovens, em consonância com os objetivos da pesquisa. Entretanto, não se impediu a flexibilidade do entrevistado em levantar outros temas e tópicos não pensados *a priori*, que pudessem vir à tona ao longo das entrevistas.

Galasinski e Kozłowska (2010) chamam a atenção para o fato de os roteiros de entrevista serem instrumentos criados pelo pesquisador, razão pela qual nunca serão neutros e trarão consigo a postura ontológica daquele que o cria. Assim, esses instrumentos, quando muito estruturados e prescritivos, acabaram por impor uma realidade aos participantes, que precisam se adaptar ao instrumento, muitas vezes reformulando seus pensamentos, opiniões e sentimentos para responder ao que o esse pede. Sendo a realidade socialmente construída, um questionário não deve visar verificar a realidade, mas sim, a partir da interação pesquisador-pesquisado, ajudar na compreensão dessa realidade, que é construída no momento da interação. Assim, a própria entrevista é o contexto social e dialógico onde se dá a construção da narrativa do pesquisado, durante a relação entre pesquisador e pesquisado. Por isso,

Tanggaard (2009) afirma que uma entrevista sempre será polifônica, tanto pelas diferenças nos discursos entre pesquisador e pesquisado quanto por conta das variadas vozes, muitas vezes contraditórias, oriundas de todos os envolvidos, o que torna impossível encontrar na entrevista uma única, verdadeira e estável versão da história, pois essa se modifica e é construída no contexto da entrevista.

O roteiro semiaberto foi construído a partir de eixos temáticos, que também podem ser denominados como quadros contextuais, criados a partir das leituras de Lahire (2004), Souza (2009; 2010) e Sá (2010; 2015).

Por sugestão de Sá (2015, p.73):

Com as entrevistas ordenadas em eixos, foi possível trazer o entrevistado para as questões de pesquisa, ao invés de deixá-lo solto, a falar o que bem entendesse. O roteiro e seus eixos também foram de grande utilidade na posterior seleção dos trechos mais significativos e seu agrupamento em temas de análise.

Foram definidos amplos eixos temáticos como a família, a escola, o ensino superior e o trabalho, a fim de abarcar as grandes matrizes socializadoras, como se refere Lahire (2004), os quais foram utilizados como base para a construção do roteiro, disponível no Apêndice B desse trabalho. No entanto os temas não ficaram restritos a cada um desses contextos, uma vez que o entrevistado acaba aproximando e relacionando as diferentes matrizes socializadoras ao longo da sua fala. Assim, é comum que ao se referir à infância ele aborde tanto fatos relacionados à família quanto a escola e aos amigos da época, por exemplo. Os eixos temáticos também auxiliaram no momento posterior de organização dos dados, bem como nortearam a construção dos retratos sociológicos, sugerindo um padrão de estrutura textual.

Após terem sido realizadas, as entrevistas foram transcritas, lidas e organizadas de acordo com os eixos temáticos, e a partir da leitura e análise preliminar desses dados foram definidos os cinco participantes que iriam compor o campo empírico a ser analisado nesse trabalho. Depois dessa definição, foram construídos, primeiramente, os retratos sociológicos de cada um dos participantes, que se iniciam com a apresentação de uma breve síntese da trajetória do entrevistado, seguido pela reconstrução de cada um dos seguintes contextos acessados – a família, a infância, a escola, o ensino superior, o trabalho.

Sobre os retratos sociológicos, Lahire (2012, p.200) afirma:

O retrato, para mim, dá precisamente resposta a essa necessidade. Mas mesmo quando se trata de fazer o retrato sociológico de um indivíduo, este é tudo menos

“individualizado” no sentido de estar isolado de tudo o que é socialmente constituído. Todo o trabalho sociológico consiste em reconstituir todos os quadros (ou em todo o caso, os mais significativos, que o inquérito permite captar) nos quais o indivíduo em questão construiu o que ele é, aprendeu a agir e a reagir, a sentir e a apreciar, a pensar e a imaginar, etc. O papel do sociólogo neste caso consiste em reencontrar todos os fios que ligam ou ligaram o indivíduo singular aos quadros sociais.

Após a construção dos retratos sociológicos, os quais são uma forma de organização e apresentação dos dados, a análise se deu por meio de um processo de idas e vindas, de escrita e reescrita dos retratos, bem como de sucessivas leituras para a identificação das disposições. Além de identificar em cada um dos retratos as disposições individuais, identificou-se quais dessas eram compartilhadas entre os participantes. Assim, ao longo do processo de identificação e análise das disposições incorporadas, foi necessário definir termos para caracterizar cada um desses modos de conduta, os quais mudaram de nome diversas vezes, a cada leitura e avanço no processo de análise. Buscou-se inspiração novamente nos estudos de Lahire (2004), Souza (2009;2010) e Sá (2005) para definição do nome de cada uma das disposições incorporadas, tendo alguns se originado dos trabalhos desses autores, enquanto a maioria dos termos foi criada pela autora desse estudo.

Assim, após terem sido levantadas por meio dos dados oriundos das entrevistas, as disposições identificadas apresentadas brevemente na seção 5 foram analisadas, tanto à nível individual quanto compartilhado, a qual é apresentada na seção 6 desse trabalho. Buscou-se apresentar e descrever cada uma das 19 disposições identificadas, associando-as as trajetórias dos jovens participantes e os modos de agir originados dessas.

Por fim, essas disposições foram reanalisadas, a partir do referencial teórico construído para essa pesquisa, sendo discutidas a partir das teorias e estudos acerca das temáticas de formação, inserção profissional e classe social. Os achados acerca da relação entre as disposições incorporadas e sua influência nas e a partir das experiências acessadas e vividas ao longo do ingresso, permanência e conclusão do ensino superior, bem como sua influência no processo de inserção profissional, são apresentados na seção 7 desse trabalho.

5 OS JOVENS EGRESSOS DO PROUNI

A seguir será apresentada a síntese dos cinco retratos sociológicos construídos partir das entrevistas realizadas com Juliana, Tiago, Fernanda, Diego e Gustavo, entre os meses de agosto e outubro de 2016. Cada retrato será acompanhado pelo quadro síntese das disposições incorporadas identificadas, com uma breve análise acerca da relação entre elas e as condutas reveladas ao longo da interação com os participantes.

Por conta da extensão de cada retrato, optou-se pela apresentação de sua síntese no corpo da dissertação. No entanto, a versão na íntegra de cada um deles está disponível no Apêndice A, sendo sugerida sua leitura para melhor compreensão das seções 6 e 7, onde serão discutidas as análises acerca das disposições incorporadas e sua influência nos processos de ingresso, permanência e êxito no ensino superior e posterior inserção profissional.

Os retratos sociológicos, segundo Lahire (2004) são como estudos de caso, sendo construídos a partir da mesma série de questionamentos e de uma mesma estrutura. Nessa pesquisa, tal estrutura é composta por uma breve síntese da trajetória do entrevistado, seguida pela apresentação de seu relato a partir de cinco eixos-temáticos: a família, a infância, a escola, o ensino superior e o trabalho. Os retratos sociológicos se originaram do material construído na interação entre pesquisadora e participantes do estudo, por meio de duas entrevistas realizadas com cada um deles. Para maiores informações acerca do percurso metodológico, bem como sobre os eixos-temáticos, sugere-se a leitura da seção 4 desse trabalho, além da leitura do roteiro que norteou as entrevistas, disponível no Apêndice B. A construção do roteiro utilizado como base para as entrevistas nessa pesquisa foi inspirado nos trabalhos de Lahire (2004), Souza (2009, 2010) e Sá (2010, 2015).

Após a apresentação dos dados, no formato de retratos sociológicos, esses serão analisados nas seções 6 - onde serão discutidas as disposições incorporadas identificadas à nível individual e compartilhado – e 7 – onde serão analisados os processos de ingresso, permanência e conclusão do ensino superior e posterior inserção profissional, a partir da influência das disposições incorporadas.

5.1 JULIANA

Quando nos conhecemos, em agosto de 2016, Juliana estava com 27 anos e havia acabado de se graduar em Direito, cinco anos após seu ingresso no curso. Quem nos

apresentou foi um colega da Pós-Graduação, que residia na mesma residência estudantil que ela, a qual oferece moradia gratuita para estudantes de fora da Região Metropolitana de Porto Alegre, desde que atendam à critérios socioeconômicos pré-estabelecidos.

Depois do primeiro contato, por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas, combinamos de nos encontrar em um local sugerido por ela, um café na região do Centro da cidade, a mesma na qual ela reside e trabalha. As duas entrevistas se deram nesse mesmo local, com uma semana de intervalo entre elas, ambas no turno da manhã e antes do início da jornada de trabalho de Juliana.

Juliana não é tímida, mas também não é extrovertida e afeita a longas conversas, podendo ser descrita como uma pessoa reservada. Na época dos nossos encontros, ela estava se preparando para a segunda fase da prova da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, exame que a habilitaria a exercer a advocacia, e trabalhando no pequeno escritório onde havia realizado seu último estágio e fora contratada para atuar em regime de 30 horas semanais, como bacharel. A redução na carga horária havia sido solicitada por ela e acordada com sua chefe, pois nesse momento a prioridade de Juliana era sua aprovação na prova da Ordem.

Juliana é oriunda do interior do Estado, tendo nascido em uma cidade que fica a pouco mais de 100 quilômetros de Porto Alegre. No entanto, ela já mora há aproximadamente três anos na capital, na mesma residência estudantil. O desejo de sair do interior já existia há algum tempo, mas talvez faltassem motivos para justificar essa mudança. Foi a partir da seleção para a bolsa do Prouni que Juliana pode realizar esse desejo, tendo saído da cidade natal para residir em Porto Alegre assim que conseguiu um estágio que financiasse seus custos. No entanto, apesar do forte desejo de sair do interior, Juliana segue visitando os pais e irmãos com frequência, já que diz sentir falta da convivência com a família, além do fato de seus pais terem diversos problemas de saúde, o que acaba mantendo-a muito próxima da família. Além disso, o namorado de Juliana mora na sua cidade natal, bem como várias de suas amigas de infância. Assim, sua rede social parece estar estabelecida na cidade de origem, fazendo com que ela retorne sempre que possível, principalmente nesse momento de pós formatura, quando passou a ter mais tempo livre aos finais de semana. Essa é uma contradição aparente no relato de Juliana, no momento em que ao mesmo tempo em que gostaria de deixar a cidade do interior para trás, a obrigação familiar acaba chamando-a de volta, mantendo-a perto dos pais e familiares.

Para Juliana, não havia motivo para parar de estudar, por essa razão, tão logo concluiu o ensino médio, buscou alternativas para continuar se qualificando. Antes de ingressar na

universidade pelo Prouni, Juliana já havia ingressado em outros dois cursos de nível superior: Biologia e Letras. O primeiro em uma universidade privada, localizada em uma cidade vizinha a sua, e o segundo em uma universidade federal da região sul do estado, sendo esse um curso à distância.

Ao longo do primeiro ano no curso de Biologia, Juliana percebeu que iria demorar muito tempo para se formar, já que não poderia arcar com o alto custo da mensalidade. Assim, decidiu trocar para o curso de Letras, vinculado à uma universidade federal, e, portanto, gratuito. Mesmo assim, Juliana não estava satisfeita, pois sentia que todo o seu esforço para estudar acabaria não sendo recompensado no futuro, devido à natureza do curso e as restritas possibilidades profissionais que ele a oportunizaria. Algum tempo depois, ouviu falar sobre o Prouni, tanto por intermédio de conhecidos quanto pela mídia, e a partir da influência de uma prima que cursava Direito na PUCRS, decidiu se inscrever no Programa, escolhendo Direito como primeira opção e Administração como segundo. Sua escolha pelo curso de Direito se deu, em um primeiro momento, motivada pela possibilidade de realizar concursos públicos e assim conquistar estabilidade, um bom retorno financeiro e um estilo de vida confortável. Após seu ingresso no curso, no entanto, Juliana mudou de ideia, desistindo da carreira pública, em um primeiro momento, para buscar a prática do exercício da advocacia em escritórios privados.

Para o futuro, Juliana tem como objetivo a aprovação na prova da Ordem, o que a possibilitará advogar pelo escritório onde trabalha, e na sequência cursar uma especialização na área previdenciária. A escolha pela área da pós-graduação é utilitarista, assim como foi à escolha pelo curso de graduação. Sua área de maior interesse era o direito trabalhista, no entanto, ela pretende escolher a área previdenciária por ser a que oferece maiores oportunidades dentro do escritório onde atua. Além disso, ela planeja continuar nesse mesmo escritório por, pelo menos, mais três anos, a fim de ganhar experiência, aprendendo com quem tem mais tempo de profissão. Futuramente, Juliana pensa em talvez abrir o seu próprio escritório, mas apenas quando já tiver certa prática no exercício da advocacia.

Ela pensa também sobre a possibilidade de cursar um mestrado, mas apenas depois da especialização, que ela acredita ser mais valorizada pelo mercado de trabalho e, portanto, ofereceria melhores perspectivas profissionais. Juliana relata que o objetivo inicial de trilhar a carreira pública, quando ingressou no Direito, acabou ficando em segundo plano, devido a sua decepção com a rotina de trabalho experimentada nos estágios realizados em órgãos públicos.

Entretanto, não descartaria a possibilidade de voltar para a sua cidade natal, caso fosse aprovada em um concurso público de nível superior.

Patrimônio de disposições incorporadas

Disposições	Breve análise	Trechos
Instinto gregário	<p>Apesar de seus pais terem rompido com os familiares no início da vida adulta, eles acabaram retomando essa relação, principalmente com o lado materno familiar. Assim, Juliana tem uma relação familiar muito próxima, que acaba sendo reforçada por conta dos problemas de saúde dos pais.</p> <p>A convivência com a família ocupava grande parte do tempo livre dos seus pais e dela mesma, ao longo da infância e juventude. Após o ingresso no ensino superior, mesmo passando a morar em outra cidade, ela seguiu visitando os pais e parentes praticamente todos os finais de semana, ao invés de dedicar o pouco tempo livre disponível a outras atividades de lazer ou programas culturais, aos quais poderia ter acesso na capital. Assim, mesmo tendo realizado o desejo de viver em uma cidade maior, ela manteve muitas das atividades que compunham sua rotina no interior, em especial as vinculadas ao convívio familiar.</p> <p>O instinto gregário faz com que Juliana tenha a família como sua rede de apoio, mesmo que não detenham capital financeiro, no momento em que eles se mostram dispostos a auxiliarem-na com o que puderem.</p>	<p><i>(...) final de semana minha mãe tinha eu e minha irmã pequena, cada tio tinha mais ou menos um filho, então era muita gente, sempre casa muito cheia assim, de interior. Ai a vó fazia pão pra todo mundo, era festa. Tava acostumada a conviver bastante com meus primos. Ai final de semana sempre vinha às tias mais velhas, que sempre vinham visitar a gente, ai nas férias ia pra casa de uma tia, ia pra casa de outra, sempre fui acostumada a circular bastante na família.</i></p> <p><i>(...) minha mãe sempre disse: tu sabe que teu pai não tem condições de te pagar uma boa faculdade, mas ele sempre disse, se quiser, no que a gente puder te ajudar, a gente vai te ajudar. E se eu precisar de qualquer coisa hoje eu sei que eles vão me ajudar, de alguma forma eles vão dar um jeito de me ajudar, mesmo não podendo ajudar com tudo, sempre vão me apoiar.</i></p>
Trabalho duro	<p>Ela tem incorporada, por conta da socialização familiar, a disposição para o trabalho duro. Seus pais, ao longo de uma vida voltada para o trabalho, transferiram esse modo de agir para Juliana, ensinando-a que o seu valor social está atrelado ao desempenho de uma atividade produtiva. Assim, Juliana não parece se incomodar com as duplas ou triplas jornadas de trabalho e estudo e com a falta de tempo livre ou de lazer, no momento em que acredita ser o</p>	<p><i>Acho que é a perseverança, eles sempre passaram bastante trabalho, meu pai sempre doente... e na época assim, era difícil sabe, não tinha em casa, eles batalharam bastante sabe, foram insistentes (...) eles sempre trabalharam muito pra manter.</i></p> <p><i>Eu lembro que a gente ia, eu estudava à tarde né, de manhã eu lembro que eu era pequena e a gente sempre ajudou em casa, ah, tem que lavar a casa, limpar, ajudar a tirar o pó, ajudar a fazer alguma coisa, sempre teve a rotina de ajudar a minha</i></p>

	<p>trabalho duro o único caminho para a melhoria de vida.</p> <p>O sacrifício de si está associado à disposição para o trabalho duro, quando Juliana se refere ao que teve que abrir mão, a fim de se dedicar aos estudos. Além disso, ao morar no interior e estudar na capital, Juliana precisou levar, durante alguns anos, uma rotina de viagens diárias, o qual foi um período desgastante.</p>	<p><i>mãe, meu pai sempre trabalhou fora, meu irmão também. A minha irmã começou a trabalhar desde cedo, acho que ela tinha uns 13, 14 anos, ela já ajudava na loja da minha dinda. Eu que demorei um pouquinho mais...</i></p> <p><i>Eu sabia que eu tinha que estudar, não existe milagre. Na faculdade, no início da faculdade tu acha, ah, eu vou estudar um pouquinho aqui, só que chega um ponto, que eu falo pras gurias: gurias, não tem caminho fácil. Elas trancam a cadeira, eles trancam muito sabe? Só que não tem caminho fácil, se tu não sentar e dizer, olha eu preciso estudar, eu vou ler, eu preciso entender isso aí (...)</i></p>
Pensamento Prospectivo	<p>O pensamento prospectivo aparece na conduta de Juliana quando ela levanta diversas possibilidades, antes de fazer uma escolha, assim como projeta diferentes cenários, visando escolher aquele que trará o melhor retorno. Essa disposição leva Juliana a fazer planos para o futuro, o que também a motiva a abrir mão de prazeres no momento presente em prol da crença em um futuro melhor.</p> <p>Essa disposição é importante no momento em que Juliana precisa dar conta de uma rotina pesada, tendo pouco tempo livre, o que demanda planejamento e organização diária, a fim de dar conta de todas as tarefas.</p>	<p><i>Eu quero fazer uma pós agora. Já to olhando. Só que eu como tenho essa questão da OAB, eu quero esperar passar setembro, ver como vai ser, até pra ter uma expectativa de dinheiro mesmo né, porque se eu tiver que pagar uma pós particular, tem que estar trabalhando e, então, tenho setembro agora, dia 18 faço minha prova, e aí eu já vou saber como eu fui, se eu posso contar com esse aumento de salário, de bacharel pra advogada, pra poder me programar pro próximo semestre (...)</i></p> <p><i>A gente acaba pensando mais né, nesse planejamento? E tem que ter uma meta, tipo ah, daqui a cinco anos, daqui a tantos anos, a gente vai se preocupando mais com o planejamento.</i></p>
Disciplina	<p>A disciplina é necessária para que Juliana consiga por em prática todo o planejamento realizado, cumprindo com aquilo que foi definido. Essa disposição parece ter sido incorporada desde a infância pelos pais, que eram rígidos e controlavam o comportamento dos filhos.</p> <p>Além disso, a disciplina está relacionada aos hábitos de estudo e atividades realizadas na universidade, permitindo que ela consiga dar conta da jornada de trabalho e estudo, sem prejudicar seu desempenho acadêmico. A disposição para disciplina, a qual se relaciona à disposição para a perseverança, faz com que Juliana siga firme e focada em seus objetivos.</p>	<p><i>Sabia que, bah, to vindo lá do interior, passei duas horas e meia no ônibus, eu preciso prestar atenção na aula, eu preciso ir pra aula, por mais que eu esteja cansada, acabada, que eu tenha pego chuva, não posso perder a viagem né?</i></p> <p><i>E por eu ter uma família muito grande, bem conhecida lá na cidade, todo mundo que passava, se me visse, eu sabia que qualquer pessoa que me pegasse em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa que minha mãe não aprovaria, ela ficaria sabendo. E o diálogo sempre foi muito aberto assim, ela sempre dizia: tu sabe que se tu fizer qualquer coisa, for pra algum ligar, a gente vai descobrir né.</i></p>

<p>Senso prático</p>	<p>A disposição para o senso prático é uma disposição utilitarista e pragmática, demonstrada por meio de ações e tomadas de decisão nas quais Juliana é levada pela expectativa com relação ao retorno e prováveis ganhos. Assim, investir tempo e energia em algo que não trará um retorno benéfico não faz sentido para aqueles que possuem essa disposição incorporada. Ela se reflete nos comportamentos de Juliana quanto à escolha pelo curso, à escolha por estágios ou ofertas de emprego, bem como à decisão de ingresso no ensino superior.</p> <p>Juliana acredita que quando as oportunidades surgem, elas devem ser aproveitadas rapidamente, já que essas podem não voltar a aparecer.</p>	<p><i>Ai eu fiz um semestre na U., mas não tinha sabe, eu ia demorar 20 anos pra me formar. Além de ser caro ainda era contramão, teria que viajar igual e... muito caro. (...) E ai comecei, mas tava cansativo e ai eu digo, ah não, se é pra cansar, então vou cansar de verdade. Ai consegui a bolsa e acabei optando por Direito.</i></p> <p><i>Eu queria fazer uma pós em Direito do Trabalho, mas nas questões de crescimento profissional, pra ficar no escritório, previdenciário me abriria um leque de opções maior, porque poderia abrir a rede né, captar os clientes, porque vários do trabalhista são os mesmos do previdenciário, então eu teria uma opção de crescimento maior no escritório.</i></p> <p><i>Ele [namorado] quer que eu vá pra gente conversar, só que agora eu tenho OAB, tenho outras coisas, que eu não pretendo me preocupar e focar em outra coisa (...).</i></p>
<p>Perseverança</p>	<p>A disposição para a perseverança se reflete em uma conduta de autossuperação, por conta da qual Juliana busca atingir resultados melhores e ir além do que já conseguiu no passado. Essa disposição parece ter sido incorporada a partir da vivência e socialização familiar desde a infância, associada não só ao trabalho, mas também aos problemas de saúde vividos por seus pais.</p> <p>A disposição para a perseverança parece ter sido reforçada ao longo da trajetória escolar de Juliana, expressa na rivalidade gerada pelas competições esportivas das quais ela participava, influenciando seu comportamento competitivo.</p> <p>Essa disposição também se reflete na tendência de Juliana a se cobrar por resultados, a qual parece ter sido incorporada e reforçada a partir da influência da mãe, que era mais ambiciosa do que o pai e almejava um futuro diferente do seu para a filha. Além disso, após o ingresso na universidade, essa disposição parece ter sido reforçada por conta das exigências do Prouni e do próprio contexto de disputa existente entre os jovens estudantes.</p>	<p><i>Meu pai nunca teve maiores ambições assim. Minha mãe, ela queria assim, ah, se tu quer, tu tem que estudar... ela que falava mais, acho que por ficar em casa, tem aquela coisa de ah, eu não quero que tu passe pelo que eu passei, de ter esses tipos de privações. Ela que acabava tendo uma preocupação maior.</i></p> <p><i>No ensino médio, eu trabalhava em tempo parcial né, ai eu participava, eu gostava muito dessa função de educação física, de competir, e ai acabava que participava de tudo assim, embora meus pais não tivessem dinheiro e coisa, a gente sempre conseguiu participar bastante. Eu trabalhava parcial, ai já conseguia ganhar uma coisinha, e ai ia, era a coisa que eu mais gostava na época do ensino médio.</i></p> <p><i>Ai quando eu rodei na OAB, ai foi outro baque né, porque ai eu tava fazendo TCC, foi bem na época de apresentação do meu TCC, uma semana antes, bah, daí eu me acabei né. Porque eu não fiz cursinho, não fiz nada né, ai eu pensei, não, agora eu não vou passar nunca mais né. Acho que foi pior do que um término de namoro ou qualquer coisa assim (risos). Nunca sofri tanto.</i></p>
<p>Asceticismo</p>	<p>O asceticismo aparece no</p>	<p><i>Eu nunca fui muito de sair, muito de</i></p>

	<p>modo de vida de Juliana no momento em que ela pouco se permite descansar, praticar o ócio ou usufruir de momentos de lazer, sem fins utilitaristas. Essa disposição está relacionada à resistência aos impulsos e prazeres momentâneos, em prol de um retorno esperado futuro.</p>	<p><i>festa, então meus pais, e meus irmãos também, a gente saiu poucas vezes, a gente nunca incomodou muito por causa disso, então já era uma tranquilidade a mais pros meus pais assim... Embora eles cuidassem, perguntavam com quem a gente ia, mas nunca chegou a ser um problema assim, lá em casa.</i></p>
Humildade	<p>A valorização da família se reflete também no modo simples de viver de Juliana. Por conta da infância no interior, Juliana relata não se importar com a aparência ou o status. Assim, a disposição para distinção social, por meio dos bens materiais ou poder de compra, não parece incorporada nela.</p>	<p><i>Eu acho que, por crescer no interior, é essa coisa de brincar na rua. Geralmente no interior a gente ainda vê alguma coisa assim, do pessoal brincar na rua, de pegar a bicicleta e sair a andar pelo bairro, sumir. (...) Até porque lá, todas as crianças, todas as pessoas que a gente brincava, que eu tinha contato, não tinham essa preocupação, de moda, com roupa... era mais ou menos assim, escola pública, todo mundo na escola pública, porque não tinha outra opção, brincava na rua (...).</i></p> <p><i>Acho que é uma coisa que depende também da criação, sabe? Por isso que eu acho que quando eu vim pra universidade, eu acabei não sentindo o impacto (...). Por isso que acho que não senti tanto na faculdade, acho que eu nunca dei muita bola, essas coisas nunca foram importantes, não vai ser agora que eu vou me preocupar.</i></p>
Autonomia	<p>Juliana tem incorporada uma disposição para a autonomia, assim, apesar de afirmar contar com o apoio da família, ela demonstra uma conduta independente, indo atrás do que almeja por conta própria, sem esperar ou contar com o auxílio dos amigos e parentes. Por ter esse modo de agir, ela não acredita na motivação externa, sendo necessária a atitude individual para que os objetivos sejam atingidos.</p>	<p><i>E aí hoje no escritório que eu trabalho foi assim, eu consegui um anúncio na Internet, no site do Direito da universidade e mandei um currículo né, fiz um texto de apresentação bonitinho e marquei a entrevista e deu certo.</i></p> <p><i>(...) lembro que a minha dinda era professora e ela ia lá na minha casa, me dava aula particular, só que eu não queria nada com nada sabe, é por isso que eu digo, quando a pessoa não quer, não adianta. Não adianta o pai querer, a minha mãe pagar escola particular, escola não, professora particular, não tem, quando a pessoa não quer (...).</i></p>
Enfrentamento	<p>A disposição para o enfrentamento influencia o posicionamento de Juliana, que apresenta uma forma direta de falar e se relacionar. Sua conduta nos contextos de trabalho é direta, tendendo a deixar as coisas claras e abrir o jogo. Juliana, não apenas no discurso como também nas atitudes, parece ser direta e objetiva, abordando as pautas que deseja sem rodeios e se colocando, algumas</p>	<p><i>Eu falei na entrevista, eu falei toda a verdade, eu entrei pra faculdade tal, eu sou bolsista, eu morava no interior, eu vim pra cá porque eu queria estudar, queria terminar o curso, queria dar uma qualidade melhor pra minha graduação e preciso da experiência em escritório (...).</i></p> <p><i>Quando eu mudei pro escritório, fiz as entrevistas, a minha chefe: tu já trabalhou em escritório? E eu olha, já fui sincera né desde o começo assim, nos dois</i></p>

	vezes, de maneira incisiva.	<i>estágios, eu disse olha, nunca peticoneei, eu tive um contato, mas é diferente tu trabalhar num cartório e num órgão publico, mas num escritório não.</i>
Prudência	Juliana tinha o desejo de morar em Porto Alegre, mas apenas o fez, abrindo mão de seu antigo emprego, quando foi selecionada para um estágio na cidade. Além disso, as duas trocas de curso superior que fez se deram apenas quando teve certeza acerca do ingresso na outra formação. Esses comportamentos demonstram a disposição para prudência incorporada em Juliana, que procura não se arriscar ou se lançar de maneira pouco planejada.	<i>(...) eu queria ter a experiência de morar em porto alegre, uma cidade maior, e ai acabei fazendo a prova do tribunal, porque é por prova né, daí acabaram me chamando antes do que eu imaginava, eu esperava que fosse no final do ano e ai acabei mudando, e ai digo ah, agora vou ter que ir.</i>

5.2 TIAGO

Tiago tem 24 anos e se graduou em Direito na metade do ano de 2016, cinco anos após seu ingresso no curso. Ele nasceu e foi criado em uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre. No momento da realização das entrevistas, ele estava ocupando em um cargo de confiança em um Fórum da Região Metropolitana, mas seu foco estava voltando para a seleção do mestrado em Direito, para a qual iria se candidatar ao final do ano.

Conheci Tiago por meio da indicação de uma antiga colega do ensino fundamental, que intermediou nosso contato por meio do Facebook. Os primeiros contatos se deram pela rede social, e após alguns encontros desmarcados, conseguimos nos encontrar duas vezes no mês de setembro de 2016, na primeira vez ao final da tarde, em um café, e na segunda para um almoço, ambos próximos ao Fórum onde trabalha.

Tiago foi sempre muito receptivo, se mostrando interessado pelo meu tema de estudo e muito curioso quanto a minha trajetória, opiniões e experiências vividas, motivo pelo qual me senti, muitas vezes ao longo das nossas conversas, sendo também entrevistada por ele. Ele pareceu confortável ao falar de si mesmo, inclusive passando a impressão de gostar de falar sobre si mesmo e suas conquistas pessoais e profissionais. No entanto, quando abordávamos assuntos determinados assuntos, ele parecia menos confortável ao se expor, principalmente temas relacionados a conflitos ou momentos de insegurança e incerteza. Assim, ele parecia querer direcionar a fala para suas conquistas, exaltando-as e fazendo com que, em alguns

momentos, me sentisse entrevistando-o para uma vaga de emprego. As experiências relatadas por Tiago demonstram que, apesar de sua postura autoconfiante, beirando em algumas situações a arrogância, ele parece ser um rapaz inseguro, que se sente cobrado e pressionado, tendo medo de não corresponder às expectativas ou ainda, fracassar.

A família de Tiago parece ser um dos grandes incentivos para que ele busque se qualificar, a fim de ter uma vida melhor, tendo contribuído para a reprodução e incorporação da crença na formação como caminho para a ascensão social. Desde a infância seus pais já se preocupavam com sua inserção profissional, escolhendo para ele o caminho da formação técnica, como forma de garantir um primeiro emprego mais qualificado. Antes de seu ingresso no ensino superior, Tiago sempre estudou em escolas públicas e uma, em especial, marcou sua trajetória. Ele cursou o ensino médio em uma escola técnica reconhecida na Região Metropolitana pela qualidade da sua formação. Essa escolha se deu por pressão de seus pais, que desde cedo já haviam expressado o desejo de que Tiago estudasse lá. Ele, apesar do pouco interesse pela formação técnica, acabou seguindo a vontade dos pais. Tiago saiu empregado do curso, mas não estava satisfeito com a área de atuação, então assim que conseguiu a bolsa para estudar Direito pelo Prouni, trocou o emprego de carteira assinada por um estágio na nova área. Parece que a conquista da bolsa justificava, perante seus pais, o abandono da carreira técnica, em prol de uma formação de nível superior.

Quanto a seus relacionamentos pessoais, esse se resumem a família e amigos de infância, a maioria originária do grupo de jovens da Igreja Católica do qual fez parte por mais de 10 anos. Tiago não demonstra interesse em investir seu tempo em relacionamentos amorosos nesse momento, já que um namoro iria exigir grande parte do seu tempo e ele prefere se dedicar integralmente à carreira.

A escolha de Tiago pelo Direito se deu de maneira racional e utilitária. Ele relata que, ao entrar no sistema do Prouni, procurou por cursos com uma maior oferta de bolsas e que não eram da área de ciências exatas, decidindo, a partir desses dois critérios, pelo curso de Direito. Seu desejo inicial era cursar Comunicação Social, mas por receio quanto a posterior inserção no mercado de trabalho decidiu se tornar advogado, considerando essa uma profissão com melhores oportunidades de carreira e crescimento. Ao longo do curso Tiago se decepcionou com alguns comportamentos e atitudes de seus colegas de profissão, motivo pelo qual decidiu trilhar a carreira acadêmica a partir da conclusão da graduação, almejando o ingresso no curso de mestrado *stricto sensu*.

Tiago valoriza e reconhece alguns distintivos sociais, que busca incorporar, como forma de distinção social. Isso é representado em seu interesse por viagens, intercâmbios, fluência em idiomas estrangeiros, incorporação e citação de teorias e teóricos acadêmicos e apresentações de trabalhos de pesquisa em congressos. Ele busca estar inserido nesses espaços socialmente reconhecidos, que podem servir como meio de diferenciação.

Para o futuro, Tiago almeja ingressar e concluir o mestrado, advogando de maneira autônoma concomitantemente ao curso. Após a conclusão do mestrado, pretende ingressar como docente em alguma instituição privada de ensino superior e, quem sabe, abrir seu próprio escritório de advocacia. Ele vislumbra, frente ao contexto de expansão do acesso à qualificação no país e aumento no número de instituições de ensino, boas oportunidades para a docência, apostando nesse como caminho para o futuro.

Patrimônio de disposições incorporadas

Disposições	Breve análise	Trechos
Instinto gregário	<p>A valorização da família se reflete nas condutas e relações com os pais e a irmã. Essa disposição se mostra no tempo livre, que é dedicado quase integralmente à convivência familiar. Além disso, está relacionada ao apoio, suporte e incentivo que recebe da família para o estudo e busca por melhores condições de vida. Percebe-se no relato de Tiago que há um projeto familiar compartilhado de melhoria de vida. Assim, o objetivo não é o sucesso e o crescimento individual, mas da família como um todo, no momento em que uns são responsáveis por auxiliar os outros.</p> <p>Mesmo passando a frequentar outros contextos diferentes do seu de origem, Tiago mostra na sua conduta a manutenção e valorização das relações que estabeleceu na infância e juventude. Assim, mesmo tendo construído novas relações na universidade, seus amigos mais próximos seguem sendo os colegas da escola e do bairro de origem, onde ele deseja permanecer residindo.</p> <p>Tiago demonstra ter muitas relações de amizade, sendo essa também uma importante fonte de auxílio e parte da sua rede de suporte. A disposição para o instinto gregário se reflete, assim,</p>	<p><i>(...) a gente tá sempre reunido (...) meio-dia na minha casa, domingo meio-dia na casa da minha vó o churrasco e domingo de noite o café na casa da minha tia. Todo mundo bem unido assim e tal, sempre junto. (...) todo mundo mora perto, dá cerca de 5 minutos de uma casa pra outra.</i></p> <p><i>E eles [os pais] sempre me deram esses conceitos de família, que é muito importante. E tu acreditar no poder da família, de construir uma família (...).</i></p> <p><i>Meus amigos da infância são meus amigos até hoje, os amigos do bairro. No ensino médio eu tenho alguns amigos que eu falo até hoje. Da faculdade fiz bastante amigos também.</i></p>

	em uma maior sociabilidade, que parece ter sido reforçada por conta da participação durante vários anos em um grupo de jovens da Igreja.	
Trabalho duro	A disposição para o trabalho duro está incorporada em Tiago, fazendo com que ele dedique seus finais de semana e seu tempo livre para o estudo e tenha conseguido concluir o curso de nível superior no tempo mínimo. Essa disposição o leva a se dedicar às atividades que se propõem a fazer, considerando necessário certo sacrifício pessoal para que seja possível atingir os objetivos almejados.	<i>Então esses últimos semestres, digamos agora no nono semestre, eu tava fazendo nove cadeiras, TCC 2, tava trabalhando seis horas, tava fazendo inglês, tava fazendo iniciação científica, tava coordenando um grupo de estudo, tava dando monitoria, é, tava fazendo tudo isso. Não sei como... Na verdade eu abdiquei dos meus sábados e dos meus domingos, pra fazer relatório. Mas foi muito bom. To sentindo falta disso, to me sentindo meio vagabundo agora.</i>
Pensamento Prospectivo	O pensamento prospectivo está associado ao modo de agir premeditado e planejado de Tiago em vários momentos, principalmente com relação ao estudo e ao trabalho. Assim, essa disposição o leva a se planejar antecipadamente, visando atingir objetivos futuros. O pensamento prospectivo também se reflete na crença em dias melhores, justificando todo o esforço despendido no presente. Por essa razão, Tiago incentiva seus pais a voltarem a estudar e seguirem se qualificando.	<i>Eu obriguei né, eu obriguei eles a estudarem. Porque a perspectiva não é boa né, porque tu vai estudar, mas tu não tem emprego certo, né, então... Meus pais têm ciência disso, ela tem ciência disso, por isso que a gente traçou planos né, eu disse, não adianta tu ir pra faculdade e não conseguir se colocar num trabalho, por isso que eu falei pra ela, faz um curso técnico. Eu tenho noção da realidade.</i> <i>Ai eu falei, não, agora eu tenho que determinar o que eu quero no Direito, se eu quero concurso, se eu quero advogar, se eu quero carreira acadêmica. Daí eu decidi que eu queria carreira acadêmica, então eu comecei a fazer grupo de estudo, participei de dois grupos de estudo, entrei pra iniciação científica, foi muito legal.</i>
Disciplina	A disciplina é incorporada desde a infância, por meio do controle exercido pelos pais de Tiago. Essa disposição é reforçada ao longo da trajetória escolar, devido ao fato de Tiago ter estudado em uma escola reconhecida por conta da qualidade de ensino e da exigência para com os alunos. Para dar conta das provas e atividades escolares, Tiago teve que por em prática a disciplina, o que contribuiu para a sua permanência no ensino superior. Assim, ele conseguiu acumular diversas atividades, tendo que organizar seu tempo a fim de atender todas as demandas.	<i>Eu tinha dificuldades pra estudar quando eu tava no técnico, eu tinha dificuldades de concentração. Comecei a estudar quando eu fui pra universidade. Não, eu estudei bastante no ensino médio, estudei muito na verdade, virei noite várias vezes estudando, fazendo relatório de cadeira prática. Depois fui pra universidade, fiquei com bastante vontade de estudar e daí estudei bastante também. Eu fiz os primeiros quatro semestres, me dediquei muito, muito, muito, minha media era 9,6, a media geral, até o quarto semestre. Eu estudava demais assim. Bah, ganhei uma bolsa, vou me dedicar muito.</i> <i>Minha mãe tem pavor de bagunça. O meu quarto é uma coisa que eu não arrumo, minha cama assim, não acho necessário, e minha mãe tem pavor, ela entra no meu quarto e mete o pavor. Meu pai também é muito organizado, bah. A casa não pode ter uma sujeira assim. Já eu</i>

		<p><i>não me importo muito com essas coisas. Isso é um ponto de briga, muita briga.</i></p> <p><i>Meu pai sempre falou assim: eu só quero ver o resultado final, aí de tu aparecer reprovado. Então eu sempre tive muito medo.</i></p>
Senso prático	<p>O senso prático se relaciona a postura utilitarista e racional de Tiago quanto a tomada de decisão, motivada principalmente pelas possibilidades de retorno esperado. Assim, Tiago evita investir seu tempo e seus esforços no que não trará um retorno compatível com o investimento demandado. Além disso, o senso prático faz com que ele busque por vantagens nas ações que executa e escolhas que toma, abrindo mão dessas se não oferecerem boas perspectivas, como é o caso de relações amorosas.</p>	<p><i>Eu tô solteiro. Não queria estar namorando. Tô bem feliz. Eu acho que namorar exige uma certa dedicação, um certo tempo, o qual eu não vou ter eu acho. Principalmente se eu entrar no mestrado.</i></p> <p><i>A escolha pela instituição de ensino foi pelas notas de corte também. No sistema do Prouni aparece a faculdade, com o curso e a nota, então Direito na PUC era tanto, na Unisinos era tanto, na Ulbra era tanto, aí foi consequência. Foi em nenhum momento planejado. Acho que o Prouni me possibilitou isso, de eu cair assim. Acho que muita gente não sabe o que fazer, acho que a maioria não sabe o que fazer. Então eu fui direcionado pelo sistema do Prouni.</i></p>
Perseverança	<p>Tiago tem incorporada a disposição para a perseverança, buscando atingir resultados cada vez melhores nas atividades que desempenha. Essa disposição parece ter origem, principalmente, nas cobranças efetuadas por seu pai, para que ele não falhasse. Essa disposição gera certa pressão em Tiago, que tem medo de não corresponder às expectativas depositadas nele.</p>	<p><i>Meu pai sempre foi muito rígido. Por isso que tipo ah, tu vai fazer agora a UFRGS, tu vai ter que passar. Tu vai fazer tal coisa, tu vai ter que passar, tu vai fazer a prova x, tu vai ir bem. Ele nunca aceitou eu meio que fracassar. Sempre cobrou muito, bastante.</i></p> <p><i>Não vou dizer que alguém do Prouni que não tenha dinheiro não consiga, talvez consiga, mas com muito mais sacrifício. Isso é meritocracia né? Mas não digo que é impossível, bem pelo contrario. É possível, só que é muito mais difícil. Então vai depender da tua força de vontade de abdicar...</i></p>

<p>Hedonismo</p>	<p>Ao mesmo tempo em que Tiago tem incorporada a disposição para o trabalho duro, ele também apresenta a disposição para o hedonismo, que acaba sendo contrária ao modo de agir acético associado a centralidade do trabalho. Assim, há uma contradição entre seu discurso de que trabalhar é uma perda de tempo e sua prática de preencher todo o tempo com trabalho. A disposição hedonista parece ter sido incorporada desde a infância, quando seus pais dedicavam tempo familiar para aproveitar as férias, ir à praia e ter momentos de lazer.</p>	<p><i>Eu acho trabalho uma perda de tempo, acho trabalhar uma perda de tempo. Pode ser uma ideia meio fora da casa assim, mas eu acho que eu podia estar estudando, produzindo dentro da faculdade, produzindo conhecimento, eu podia tá lendo um livro, eu podia tá numa praia, aproveitando mais a vida. (...) E eu trabalho porque eu tenho que ter experiência e porque eu tenho que me sustentar, porque eu preciso do dinheiro, senão eu não trabalharia.</i></p> <p><i>Férias a gente ia sempre pra praia, pros parente lá e tal. E nos íamos todo o verão. Eu gostava, gostava bastante.</i></p>
<p>Distinção social</p>	<p>Tiago tem incorporada a disposição para a distinção social, que se reflete em seu comportamento ambicioso. No seu discurso é aparente o quanto ele deseja conquistar o rótulo socialmente definido como bem-sucedido, tendo uma profissão reconhecida e recebendo um alto salário. Sua disposição para a distinção social também está associada a seu medo de falhar, levando-o a se cobrar muito por resultados e bom desempenho.</p> <p>A ambição de Tiago faz com que ele se considere diferente dos outros, levando-o a buscar se destacar. Para isso, valoriza o status atrelado a sua profissão, e tem a ambição refletida também na conquista e valorização de bens materiais.</p>	<p><i>(...) meio máquina assim, ou tu faz Engenharia, ou tu vai ser pobre. E como na época eu não queria ser pobre, eu prestei vestibular na UFRGS pra Engenharia.</i></p> <p><i>Ela [irmã] quer fazer Direito e eu já proibi ela, ela vai fazer Medicina. Ela: ah, eu quero fazer Direito ou quero fazer Letras. Daí eu falei: tá, então paga a tua faculdade. Medicina eu ia pagar pra ti. Eu boto uma pressão nela.</i></p> <p><i>Meu pai tem uma casa muito bonita que foi o sonho deles. Ele ficou nove anos construindo aquela casa. Tem um carro bonito, que ele conseguiu. Construiu uma família perfeita, posso considerar perfeita, que eles que lutaram... Acho que é isso, família e os bens que guardam a família.</i></p>
<p>Apropriação social</p>	<p>Tiago demonstra ter uma facilidade para circular nos diferentes meios sociais, se adaptando as diferenças que se apresentam nos contextos onde circula. Isso faz com que ele consiga manter um bom relacionamento com seus amigos de infância e do bairro, ao mesmo tempo em que consegue estabelecer relações com seus professores, supervisores de estágio e colegas de diferentes origens sociais. Essa disposição parece ter sido reforçada ao longo da formação técnica e de nível médio de Tiago, ao ter</p>	<p><i>Foi uma ideia muito louca, porque eu tava ainda anestesiado com a Medicina, acho a Medicina fascinante, então eu pensei, vou ter que juntar Direito com a Medicina, aí comecei a procurar professores da Medicina que poderiam fazer algo nesse sentido. Aí comecei a mandar email pros professores, teve um que super adorou a ideia, a gente se encontrou, definiu nosso projeto de estudo e começamos.</i></p> <p><i>Ah, eu fiz mais uma coisa também, que foi participar do programa amigo universitário. A gente recebe as pessoas</i></p>

	<p>frequentado uma escola que recebe alunos de diversas classes e tem um ambiente que fomenta a ambição e as conquistas pessoais.</p>	<p><i>que vem de outros países. Cada semestre tu participa e tu adota uma pessoa que vem de outro país (...). Inclusive teve uma espanhola que ficou lá em casa duas semanas. E da outra vez eu ajudei um americano. E foi muito legal. A universidade recebe muita gente, do mundo inteiro, todo o semestre. Eu morava lá dentro.</i></p>
Autonomia	<p>Ao mesmo tempo em que Tiago se mostra inseguro, ele também tem incorporada a disposição para a autonomia, expressa em seu discurso autoconfiante e sua postura corajosa e proativa.</p> <p>A postura autoconfiante de Tiago parece uma tentativa de contrabalancear sua insegurança, em busca de reconhecimento. Assim, ele apresenta uma conduta contraditória no momento em que sua disposição para a abdicação faz com que ele desista de algo quando não tem certeza que vai dar certo e sua disposição para a autonomia faz com que ele se lance sem pensar duas vezes nas oportunidades que surgem no seu caminho, sustentando o discurso de que tudo é fácil para ele e basta querer.</p> <p>Essa disposição pode ser percebida nas situações em que ele procura professores e empregadores para oferecer sua força de trabalho. Assim, ele demonstra ter um padrão de comportamento associado a iniciativa de participar de todas as atividades que lhe são oferecidas, em um ímpeto de aproveitar todas as oportunidades.</p>	<p><i>Foi uma ideia muito louca, também fui eu que cheguei pro meu professor e falei: professor, o senhor não quer um estagiário? E ele ah, realmente, to precisando. Eu fui na cara dura, como a vida inteira, de mandar email perguntando, tipo, ah, não precisa de alguém?</i></p> <p><i>Mas eu lembro da minha infância que eu participava de tudo o que eu podia na escola, como voluntário na escola, guardiões, grupo de teatro, dança, eu participava de tudo. Jogava futebol todo o dia, estudava de manhã e jogava futebol de tarde com meus amigos, todo dia. Eu tinha muita convivência com meus primos também, tudo o que eles faziam eu tava junto.</i></p>
Abdicação	<p>Tiago demonstra ter uma disposição incorporada para a abdicação, a qual se manifesta a partir de sua insegurança. Essa disposição pode ser percebida nas situações em que ele desiste de determinada atividade por medo de não ser bem-sucedido. Essa insegurança se manifestou, por exemplo, durante o intercâmbio e o vestibular para a UFRGS. Tiago parece ter uma tendência a desistir daquilo em que ele acha que poderá falhar, evitando o fracasso antes que ele possa se concretizar.</p>	<p><i>(...) e eu desisti na metade do vestibular assim, no segundo dia eu já vi que eu não ia passar e eu nem fui, acabei desistindo.</i></p> <p><i>Dá chegando lá eu fiquei sozinho, eu fui sempre de estar no meio da galera e eu não gostei de ficar sozinho e a universidade não foi receptiva, e eu fui sem lugar pra ficar, aí fiquei num hostel e não gostei do hostel, fui pra outro e não gostei também, acabei não fazendo amizade, tava me sentindo mal e aí foi, ah, quer saber? Vou voltar.</i></p>

<p style="text-align: center;">Temeridade</p>	<p>A disposição para temeridade se expressa na conduta de Tiago nos momentos em que ele não pensa duas vezes antes de se lançar em alguma atividade, ou ainda, de desistir de algo que está fazendo. Assim, apesar de suas disposições para o senso prático e pensamento prospectivo, em algumas situações ele parece se deixar conduzir mais pela emoção do que pela razão, se lançando ao desconhecido sem ponderar o risco de insucesso.</p>	<p><i>Eu tava trabalhando na área elétrica, tava trabalhando na área de vendas de uma empresa de motores. Tava ganhando bem, e eu no primeiro semestre consegui um estagio no Direito, numa procuradoria do município. E na época eu acho que eu tava ganhando uns 1600, pra seis anos atrás é muito dinheiro e eu fui pro estágio pra ganhar 500 reais.</i></p> <p><i>Surgiu a oportunidade e eu acho que se tu quer ser um bom profissional de Direito tu tem que te jogar de vez, não adianta tu ficar na outra área. Por mais que fosse uma questão de sobrevivência, naquele momento os meus pais estavam me ajudando então eu podia abdicar do meu emprego de mil e lá vai caceada, pra um de 500 reais, entendeu? Então eu fui né, sem olhar pra trás. Inclusive eu quase perdi o técnico, porque eu tava em estágio ainda, estágio obrigatório. E daí eu fiz um acordo lá de horas e tal e ai consegui, consegui acabar, senão... mas, eu tava assim, se eu não acabasse também, exploda-se o mundo. Não queria mais.</i></p>
---	---	---

5.3 FERNANDA

Fernanda tem 22 anos e concluiu o curso de Administração em agosto de 2016, no qual ingressou quatro anos antes. Nos conhecemos por intermédio de uma colega da UFRGS, cujo namorado era vizinho de Fernanda e a indicou para participar da pesquisa. Logo em nosso primeiro contato, Fernanda questionou se poderíamos conversar por Skype, pois ela estava desempregada, morando com os pais em uma cidade da Região Metropolitana e o deslocamento até Porto Alegre seria difícil para ela.

Precisei ser insistente até conseguir realizar a primeira entrevista com Fernanda, a qual ocorreu sete semanas após nosso primeiro contato. Durante esse período, ela esteve ocupada fazendo alguns “bicos”, principalmente relacionados às eleições de outubro de 2016, em outros momentos esquecia que havíamos agendado a entrevista e constantemente solicitava que nossa conversa fosse remarcada. Ao final, conseguimos conversar em dois momentos diferentes, com duas semanas de intervalo entre cada encontro, sempre ao final da tarde e via Skype.

Fernanda se mostrou muito comunicativa, aberta e simpática, tanto que ambas as conversas duraram em torno de duas horas. Ela parecia muito à vontade ao contar sobre sua

vida e trajetória e suas falas eram acompanhadas de emoção e sentimento, principalmente quando o tema era seus pais. Como Fernanda estava desempregada no período em que nos conhecemos, era ela quem se ocupava dos cuidados da casa, desempenhando atividades domésticas como limpeza e preparo das refeições para a família. Essa situação gerava nela uma grande frustração, pois não esperava, ao concluir um curso de nível superior, estar desempregada e dependendo financeiramente dos pais. Muitas vezes Fernanda se questionava acerca do que havia feito errado, ou porque se encontrava nessa situação, já que havia estudado e se dedicado tanto ao longo dos últimos quatro anos.

Quando nos conhecemos, Fernanda estava desconfortável com a situação em que nem trabalhava nem estudava. Ela destacou que essa era a primeira vez, desde seus cinco anos de idade, que havia parado de estudar. Para ela, o estudo sempre foi um prazer e uma realização, como também foi o princípio gerador de muitas cobranças pessoais, estresse e ansiedade. Ela demonstra se cobrar muito por resultados, incorporando uma cobrança para que seja bem-sucedida que parece ter origem, principalmente, em sua mãe.

Fernanda é a filha caçula da família, composta pelos pais e o irmão, seis anos mais velho do que ela. Ela mora desde o nascimento na mesma casa, em uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre. Sua família é grande, tendo 12 tios e tias, e tem origem no interior de outro estado da região sul. Seu pai foi o primeiro a migrar para a Região Metropolitana de Porto Alegre quando tinha em torno de 20 anos de idade, em busca de melhores oportunidades de vida. Depois de conseguir se estabelecer e arranjar trabalho voltou para a cidade natal para se casar com a namorada, mãe de Fernanda. O casal foi seguido, posteriormente, por seus irmãos e pais, que também se estabeleceram na mesma cidade.

No momento em que conheci Fernanda, seus pais estavam em vias de se aposentar e se preparavam para retornar para seu estado e cidade de origem, onde haviam construído uma casa. Na época, Fernanda havia decidido acompanhar os pais na mudança, já que não estava empregada e esperava encontrar melhores oportunidades de trabalho no interior. Ela acreditava que, no interior, seu diploma finalmente traria o retorno que ela esperava, diferenciando-a no mercado de trabalho. Essa expectativa levava Fernanda a fazer o movimento inverso ao do pai, saindo da capital em busca de melhores oportunidades no interior.

Fernanda reforça o quanto gosta de ler, estudar e se manter bem informada, o que segundo ela, faz com que seja vista por algumas pessoas de seu convívio como esnobe. Para ela, ser identificada como arrogante nessas situações havia deixado de ser uma crítica e passado a se tornar quase um elogio, já que era sinal de que ela era diferente daqueles que compartilham

com ela a mesma origem social. Além disso, ela reforçou algumas vezes, ao longo de nossas conversas, o quanto evitava, mesmo tendo nascido na periferia, reproduzir alguns comportamentos que considera característicos desse espaço social, seja por meio de seus gostos, formas de se vestir, falar ou se portar. Fernanda procura enfraquecer algumas disposições compartilhadas entre as pessoas consideradas de classe baixa, tentando fugir de um estigma de classe.

Antes do ingresso na universidade, ela havia estudado em três diferentes escolas, uma ao longo de todo o ensino fundamental e outras duas no ensino médio. Quando estava na oitava série, exigiu da mãe que a inscrevesse para uma vaga na melhor escola pública da cidade, localizada a quase uma hora de distância da sua casa. No entanto, devido à necessidade de começar a trabalhar, ainda no ensino médio, ela se viu obrigada a mudar para uma escola próxima a sua casa, onde passou a estudar no turno da noite. Essa foi uma escolha imposta a Fernanda, que até hoje a provoca arrependimento, por conta da perda na qualidade do ensino a que teve acesso.

A escolha pelo ingresso na universidade é visto por Fernanda como natural, já que afirma nunca ter considerado parar de estudar após a conclusão do ensino médio. Quando ao curso, em um primeiro momento Fernanda desejava cursar Comunicação Social, mas devido à percepção de ser esse um curso com pouca oferta de emprego, decidiu pela Administração, acreditando que esse curso ofereceria melhores oportunidades e um amplo leque de opções para a sua inserção profissional.

Fernanda também dedica parte de seu tempo ao namorado, que havia conhecido há alguns meses por meio de um aplicativo de relacionamento. Ele trabalhava como vendedor de peças de automóveis, ocupação que aprendeu na prática com o avô e da qual gostava muito. Assim como seu irmão, Fernanda descreveu o namorado como preguiçoso para os estudos, tendo terminado o ensino médio sem perspectivas de ingresso em um curso superior. Apesar de se apresentar como uma contradição, no momento em que Fernanda valoriza tanto o estudo e tem planos de seguir se qualificando, a falta de perspectiva de seu namorado não parecia incomodá-la durante nossas conversas.

Para o futuro, Fernanda pretende ingressar em um curso de pós-graduação, pois reconhece a importância de continuar se qualificando, assim como afirma sentir falta do ambiente acadêmico e de estudar. Além disso, espera encontrar no interior ofertas de emprego, onde poderia se inserir profissionalmente, agora como bacharel em Administração.

Patrimônio de disposições incorporadas

Disposições	Breve análise	Trechos
Instinto gregário	<p>A disposição para o instinto gregário se manifesta na proximidade que Fernanda tem com a família. Na infância, sua interação social se restringiu a família e aos amigos da escola do bairro, até o ensino médio, quando passou a estudar em uma escola no centro da cidade. Além disso, o instinto gregário de Fernanda se apresenta em sua escolha por mudar junto com os pais para o interior, mantendo-se próxima a eles. Tanto ela quanto o irmão seguem morando com os pais, mesmo sendo ambos adultos.</p> <p>O instinto gregário leva a família de Fernanda a ter um projeto compartilhado de ascensão social, principalmente por conta do apoio que ela recebe dos pais, como também das expectativas que esses depositam nela.</p>	<p><i>Eu sou de uma família relativamente simples, humilde e em toda a minha família, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe eu fui a primeira a me formar no ensino superior, então eu sempre trouxe comigo os meus pais, que sempre me motivaram muito pra isso. Era o sonho deles pra mim e também criou esse sonho em mim, então eu sempre trouxe isso comigo, desde criança. Então era um sonho muito grande deles, também acredito que até pelo estudo limitado que eles tiveram, sonharam com uma coisa bem melhor para mim. Então essa coisa motivacional sempre foi muito forte, eles sempre trabalharam, isso tanto comigo quanto com meu irmão.</i></p> <p><i>Eu sempre fui de frequentar muito a casa dos parentes, junto com os meus pais né. Todo mundo mora aqui perto né, hoje de manhã, por exemplo, minha avó veio tomar chimarrão. Ontem toda a família se reuniu para almoçar no meu avô. Então foi sempre muito esse negócio da família. Então ah, passa uma tarde ali na tia tomando um chimarrão, comendo pipoca, brincando com os primos e tudo mais. Então no final de semana eu tinha muito essa questão de frequentar casa dos meus parentes.</i></p>
Trabalho duro	<p>Fernanda tem incorporada, por influência de seus pais, a disposição para o trabalho duro. Devido ao fato de ter assistido aos pais colocarem o trabalho como prioridade ao longo da vida, ela incorporou a ética do trabalho duro, creditando o sucesso ao esforço individual. O trabalho duro também se relaciona a disposição ascética de Fernanda, no momento em que todo o tempo livre da família era destinado ao trabalho, mesmo nos períodos de férias.</p> <p>Por conta dessa disposição, para ela aparenta ser difícil aceitar a condição de desemprego após a conclusão do curso, sentindo-se perdida sem desempenhar uma atividade produtiva.</p>	<p><i>Então a capacidade deles de educarem a gente da forma como educaram é uma coisa que eu admiro muito neles. A minha mãe é uma pessoa muito paciente, persistente. E os dois são muito trabalhador, muito, muito mesmo. Sempre transmitiram muito isso para mim e pro meu irmão, o quanto o trabalho é importante na vida da gente.</i></p> <p><i>(...) na minha casa férias sempre foi sinônimo de reforma. Então não era uma coisa assim, é superdivertido, mas eu lembro que sempre que eu tirava férias e meu pai também tirava... era o meu pai sair de férias todo mundo já sabia que ia ter reforma na casa. Então sempre foi assim eu sair de férias tinha que ajudar meus pais na reforma. E até hoje é assim. A minha família nunca foi muito de viajar sabe. (...) Era sair de férias para trabalhar.</i></p>

<p>Pensamento prospectivo</p>	<p>O pensamento prospectivo está associado à conduta de planejamento e projeção de cenários, fazendo com que Fernanda se organize previamente antes de tomar alguma decisão ou fazer uma escolha. Essa disposição se apresenta nos momentos em que traça objetivos de longo prazo, organizando sua rotina a fim de atingi-los. Além disso, a disposição para o pensamento prospectivo leva Fernanda a abrir mão de prazeres no momento presente, visando ganhos futuros.</p>	<p><i>Sendo sincera, eu sempre tive certos objetivos meio traçados assim, desde a época do ensino fundamental, eu já tinha em mente né, é fundamental, o médio e o ensino superior, então desde sempre eu trazia comigo essa ideia de fazer a faculdade.</i></p> <p><i>Então eu fui pesquisar sobre o Prouni, como era o processo, o que eu deveria fazer e tudo mais, foi aonde eu optei por já testar mais ou menos os meus conhecimentos pro Enem. Então eu fiz o Enem já no segundo ano do médio, só pra me testar realmente, pra ver se eu conseguiria, pra concorrer a uma bolsa.</i></p>
<p>Disciplina</p>	<p>Fernanda parece ter incorporado de seus pais a disposição para a disciplina, estando essa relacionada também ao pensamento prospectivo e a perseverança. A disciplina auxiliou Fernanda a obter bons resultados na escola, já que a auxilia na manutenção do foco e na organização.</p>	<p><i>Quem nunca falou um palavrão na vida que atire a primeira pedra. Eu, quando ando numa fase meio de estresse, eu falo mesmo. Eu falo palavrão e daí eu me sinto uma criança quando eles me cobram coisas do tipo: fulaninha não fala isso.</i></p> <p><i>São pessoas autocríticas e críticas também, mas fazem críticas construtivas. Então é isso, sempre me ajudou a crescer bastante. Às vezes a gente fica chateado, por escutar a crítica do pai. Às vezes tu tira um 10 e escuta: ah não fez mais que a sua obrigação. A gente fica meio assim, mas na realidade, eles nos educaram assim para gente sempre dar o melhor, dar o máximo</i></p>
<p>Senso prático</p>	<p>A opção de Fernanda pelo curso de Administração está relacionada à mobilização da disposição para o senso prático. Assim, ela é levada a tomar decisões e fazer escolhas de forma utilitarista, como quando escolheu o curso de nível superior a partir da percepção de qual oferecia melhores oportunidades e poderia trazer maior retorno no longo prazo. O senso prático fez com que Fernanda desistisse de outros cursos, como Comunicação Social, mesmo que despertasse mais seu interesse, por conta do receio em não conseguir se inserir no mercado após a formação.</p>	<p><i>Eu sempre quis uma área mais, que me desse mais opções de escolha, como a Administração, que tá presente em todo e qualquer lugar, até na nossa vida pessoal mesmo, então optei por fazer esse curso porque ele me oferecia mil possibilidades. Eu posso trabalhar em RH, financeiro, logística, e isso me chamou bastante a atenção, dessas mil possibilidades assim e foi principalmente por isso que eu resolvi seguir por esse lado.</i></p> <p><i>Porque para te falar bem a verdade, eu não tô mudando porque a cidade lá é mais bonita, ou é porque é mais legal, nada disso. Eu vou me mudar na verdade único e exclusivamente por uma questão de trabalho, de oportunidade de trabalho. Da mesma forma que meu pai saiu de lá para tentar a vida aqui, eu vou sair daqui para tentar a vida lá. É exatamente isso, única e exclusivamente por uma questão financeira e profissional. Não é por prazer assim, por gosto.</i></p>

<p>Perseverança</p>	<p>Fernanda busca ser melhor e ir além em tudo o que faz. Esse comportamento é resultado de sua disposição para a perseverança, que a leva a insistir e se dedicar nas atividades que realiza. Assim, a perseverança parece se combinar, em algumas situações e contextos, as disposições para o trabalho duro e disciplina.</p> <p>A perseverança também leva Fernanda a se cobrar, dificilmente se sentindo satisfeita com seus resultados. Essa exigência parece gerar insegurança e ansiedade, e, ao que tudo indica, está associada a cobrança e pouco reconhecimento recebido por parte de seus pais.</p>	<p><i>O fato de eles sempre me motivarem muito, muito mesmo, a sempre... nunca parar de estudar. Por que é, o meu irmão, a gente é bem diferente, bem diferente mesmo. Meu irmão nunca foi muito de estudar, aos trancos e barrancos ele concluiu o ensino médio. Já eu não, eu sempre compartilhei com os meus pais o sonho da faculdade (...).</i></p> <p><i>Eu sempre tive gosto por estudar e foi criando uma coisa dentro de mim. Que eu tinha sempre que ser melhor do que eu fui anteriormente. Então se uma matéria eu tirei 9, tá na hora de eu me puxar, estudar mais e tirar um 10. Então eu acho que essa auto cobrança, de certa forma, até me fez um pouco mal. Mas eu não me arrependo não.</i></p>
<p>Ascetismo</p>	<p>O ascetismo está relacionado ao pouco tempo que os pais de Fernanda dedicaram e ainda dedicam ao lazer. Isso fez com que Fernanda também não tivesse o hábito de dedicar parte do seu tempo para relaxar.</p> <p>No entanto, ela parece ter enfraquecido essa disposição após o ingresso na universidade e o início do namoro, quando passou a se permitir viajar, passear e aproveitar a vida, inclusive devido ao fato de passar a ganhar seu próprio dinheiro.</p>	<p><i>Quando eu era pequena, o meu irmão matava aula para ir no fliperama. Então quando meu pai descobria que ele tava matando aula, o chinelo pegava. Então eu via essa situação, eu via o quanto os meus pais ficaram de certa forma bravos e magoados também, por que eles queriam muito que meu irmão estudasse e se dedicasse. Então eu cresci vendo aquilo ali e eu criei na minha cabeça que eu tinha que estudar, que eu só tinha que tirar 10.</i></p> <p><i>Mas hoje em dia né, agora que eu namoro, eu viajo bem mais. Diria que de 2013 para cá eu passei a viajar muito mais.</i></p>
<p>Distinção social</p>	<p>A disposição para a distinção social em Fernanda se relaciona a sua vigilância para não reproduzir comportamentos que ela considera característicos das classes baixas. Assim, ela busca deixar clara sua não identificação com algumas atitudes, manifestando essa disposição por meio da ambição e do desejo de se diferenciar socialmente.</p> <p>Além disso, Fernanda parece ter medo de ser rejeitada ou sofrer algum prejuízo por conta de sua origem social ou familiar, nos diferentes contextos que passou a ter acesso.</p>	<p><i>Porque eu moro em vila, mas eu não preciso demonstrar isso na forma como eu me visto né... Apesar de eu ser da vila, eu queria fazer vestibular, eu queria Enem, queria fazer faculdade. E para elas, por eu ter esses pensamentos, significava eu querer ser mais do que elas.</i></p> <p><i>É que colégio de vila, sem querer desvalorizar, mas as pessoas mesmo elas não valorizam e elas não querem aprender.</i></p> <p><i>Na realidade eu entrei na universidade com bastante medo, confesso. Porque eu sabia que qualquer universidade seria bem diferente das escolas que eu frequentei, porque eu sempre frequentei o ensino público. (...) então quando eu entrei, eu entrei com bastante medo do que eu ia enfrentar, porque eu sabia que lá o pessoal, frequentaram o Colégio Anchieta, o Marista, o Farroupilha, enfim... [escolas particulares de Porto Alegre].</i></p>

Enfrentamento	<p>Por conta da disposição para o enfrentamento, Fernanda assume uma postura de confronto em determinadas situações, não se omitindo nas discussões e defendendo seu ponto de vista e suas crenças. Ela demonstra não se eximir de assumir uma posição, mesmo que isso possa, algumas vezes, acabar prejudicando-a.</p>	<p><i>Eu se eu tiver que me incomodar, olha, eu me incomodo e muito. Mas eu vou até o fim. Eu não tenho medo de briga não. Se eu tiver que discutir e debater, vamos lá. Eu não omito a minha opinião, para deixar quieto para os outros. Se o outro tá falando a opinião dele eu tenho direito de falar a minha opinião. E eu vou até o fim, se ele quer debater a gente vai debater e isso eu puxei do meu pai com certeza.</i></p> <p><i>Eu sempre fui muito de tomar as dores dos outros, do meu grupinho ali, ninguém tava entendendo, mas eu era a única que levantava a mão e pedia: explica de novo porque o pessoal não tá entendendo. Era sempre eu que meio que tomava as dores pelo pessoal.</i></p>
---------------	---	--

5.4 DIEGO

Diego se graduou em Administração em julho de 2016, aos 26 anos. No momento em que nos conhecemos ele já atuava há sete anos como funcionário público em um órgão do Governo do Estado. Apesar de estudar na Região Metropolitana, ele reside com a família em Porto Alegre, o que demandava um deslocamento de cerca de 100 quilômetros diariamente. Diego foi o único dos entrevistados contemplado com uma bolsa parcial do Prouni, no valor de 50% da mensalidade, já que sua renda como funcionário público, somada a renda dos demais membros de sua família, ultrapassava o critério de elegibilidade para a bolsa integral.

Conheci Diego por intermédio de sua prima, também aluna da UFRGS, a qual estabeleceu nosso primeiro contato. Nossas duas entrevistas aconteceram em outubro de 2016, ambas no local de trabalho de Diego e tiveram uma semana de intervalo cada. Apesar de se dizer muito tímido, Diego me surpreendeu ao longo de nossos encontros, que passaram de duas horas de duração cada. Em um primeiro momento ele pareceu um pouco nervoso com o fato de estar sendo entrevistado, mas logo pareceu se sentir mais a vontade ao conversar sobre sua trajetória. Diego acabou se mostrando muito comunicativo e atencioso, ao mesmo tempo em que também procurou manter certa postura profissional ao longo dos encontros, por meio de uma maneira mais formal de se expressar.

Diego demonstra ser pouco ambicioso, valorizando mais a estabilidade e a segurança, mesmo que isso tenha como consequência uma menor remuneração ou signifique

mais tempo entre uma promoção e outra. Ele parece ter encontrado seu lugar no setor público, onde planeja permanecer o resto de sua trajetória profissional.

Diego ingressou no curso de Administração por meio do Prouni quando tinha 22 anos de idade. Ele relata ter optado, após a conclusão do ensino médio, por buscar um posto de trabalho estável e só depois tentar ingressar na universidade. Seu primeiro emprego foi como terceirizado em uma secretária pública, tendo sido posteriormente aprovado em concurso público para atuar nesse mesmo órgão. Foi a partir da experiência prática que Diego decidiu cursar Administração, percebendo o curso como generalista e por isso, oferecendo muitas possibilidades de carreira, principalmente com relação ao acesso a concursos públicos de nível superior. Assim, sua escolha se deu a partir das oportunidades do mercado, não visando à profissionalização em uma área específica e sim a manutenção do seu atual emprego e crescimento na carreira.

Ao longo do curso, Diego acabou restringindo seu envolvimento no ambiente universitário a presença nas aulas, no momento em que trabalhava e residia em outra cidade. Ele relata ter sentido falta de compartilhar com os colegas momentos de descontração, como idas ao bar após as aulas, ou participar de confraternizações, o que também acabou influenciando nas poucas relações de amizade que conseguiu estabelecer ao longo do curso.

Após a formatura, Diego continuou desempenhando o mesmo trabalho, na mesma função e no mesmo local que já atuava anteriormente ao ingresso no ensino superior. Entretanto, um dos seus planos futuros é a aprovação em um concurso público de nível superior, valorizando assim seu esforço, ao longo dos últimos seis anos, para obtenção do diploma de bacharel em Administração. Além disso, pretende com o diploma aumentar sua remuneração, o que o ajudará a realizar o desejo de sair da casa dos pais, adquirindo sua casa própria, um carro e outros bens materiais. Apesar do desejo expresso com relação à aquisição de bens, Diego não se mostra ambicioso em seu discurso, mobilizando suas disposições para uma postura de simplicidade e humildade, as quais são características que admira em seus pais.

Por fim, mesmo desejando sair da casa dos pais, onde também mora sua irmã mais velha, ele pretende continuar residindo no mesmo bairro onde nasceu e cresceu, a fim de manter sua rede de contatos, através da proximidade física de seus parentes e amigos de infância. Diego parece satisfeito com o estilo de vida que aprendeu com seus pais, desejando mantê-lo também ao longo de sua vida adulta.

Patrimônio de disposições incorporadas

Disposições	Breve análise	Trechos
Instinto gregário	<p>Diego tem uma relação muito próxima com a família. Assim como viu sua mãe recusando promoções no trabalho para não se afastar da família, ele também não se imagina mudando de cidade ou mesmo de bairro no futuro. Por ter incorporada a disposição para o instinto gregário, Diego pretende morar no mesmo bairro que seus pais e seus amigos de infância, no momento em que conseguir realizar o desejo de comprar o seu apartamento e sair da casa dos pais.</p>	<p><i>Então, assim, a questão também ali do transporte, do cansaço, mas ao mesmo tempo isso motiva, tu tá vendo lá que tem pessoas se doando por ti, acho que a estrutura familiar é extremamente importante, se tu não tiver a tua base firme.</i></p> <p><i>Nunca nos faltou, sempre alguma coisa que a gente precisa, a gente tem certeza que a gente pode recorrer a eles. Se tiver ao alcance deles, com certeza eles vão fazer.</i></p> <p><i>Me criei ali, gosto, conheço, a minha ideia é ficar por ali. Se eu puder comprar no mesmo local ou nas proximidades ali é a minha ideia, eu não vou chegar aos 30 e poucos anos ainda morando com os pais. Mas eu tenho essa ideia de comprar ali, todas as minhas amizades são de lá, colégio, amigos de infância que até hoje a gente se dá, então eu tenho uma turma muito boa ali.</i></p>
Trabalho duro	<p>Diego tem sua conduta influenciada pela disposição para o trabalho duro, incorporada a partir do exemplo dos pais. Na história de Diego, se destaca o exemplo de sua mãe, a qual é responsável por prover os recursos financeiros da família e priorizou o trabalho ao longo de sua vida. Apesar da falta que Diego relata ter sentido de sua mãe ao longo da infância, ele a admira pelo esforço e dedicação, tendo-a como um exemplo. A trajetória da mãe fez com que Diego não veja problema em conciliar o estudo com o trabalho ou abrir mão de seus finais de semana e tempo livre em prol do trabalho, como ela também fez.</p> <p>A disposição para o trabalho duro faz com que Diego adote uma postura de sacrifício de si mesmo, valorizando as dificuldades enfrentadas na vida e vendo-as como necessárias para o crescimento e a ascensão social. Essa disposição está associada à disciplina, já que a crença em dias melhores faz com que seja mais fácil abrir mão dos prazeres momentâneos, em prol da crença no retorno futuro.</p>	<p><i>Desde muito jovem, sempre muito dedicado, sempre buscar aprender, buscar evoluir. Eu digo assim que é de Deus, é dos meus pais. Minha mãe trabalhou desde os 16, 17 anos no comércio, trabalha até hoje, hoje já está aposentada, então desde muito jovem eu sempre me identificava. Era de segunda a sábado, eu sempre tive o exemplo em casa, então, assim, questão de medo de trabalho a gente não tem.</i></p> <p><i>Só que assim, hoje eu vejo assim o sacrifício, a gente abre mão de algumas coisas pra colher lá na frente. Sem dívidas, tudo o que eu fiz, eu acredito que vale a pena. Certamente ali na frente vai ter um retorno.</i></p> <p><i>Valia a pena cada viagem que eu fazia aqui pegando chuva, pegando frio, chegando tarde em casa e no outro dia estando aqui. É a vida do brasileiro, corrida, se não tiver esforço, não adianta. Lá na frente tu não vai colher.</i></p>

<p>Pensamento prospectivo</p>	<p>A disposição para o pensamento prospectivo leva Diego a planejar sua carreira, levantando as possibilidades e organizando seus próximos passos e escolhas antecipadamente. O pensamento prospectivo também leva Diego a agir antecipadamente, como quando realizou o Enem antes do término do ensino médio, a fim de testar seus conhecimentos e se preparar para o exame.</p> <p>Diego percebe que alguns de seus parentes não pensam da mesma maneira que ele, não planejando o futuro ou mesmo abrindo mão dos ganhos presentes em prol de dias melhores, postura a qual ele critica.</p>	<p><i>Só que assim, hoje eu vejo assim o sacrifício, a gente abre mão de algumas coisas pra colher lá na frente. Sem dúvidas, tudo o que eu fiz, eu acredito que vale a pena. Certamente ali na frente vai ter um retorno.</i></p> <p><i>Tem que pensar, tudo é planejamento, tudo é Administração que ensina isso, tem que planejar bem, com calma, não sou muito afoito, bem pé no chão mesmo. Tudo ao seu tempo.</i></p> <p><i>Então é como eu disse da outra vez, eu vejo que não é o momento nem de juntar o dinheiro, mas de focar no estudo. Tu dá um passo atrás hoje, pra dar dois na frente. Então eu abro mão do dinheiro aqui pra ganhar lá na frente. Pelo que eu vejo, eles querem ganhar o dinheiro agora.</i></p>
<p>Disciplina</p>	<p>A disposição para a disciplina foi incorporada por Diego desde a infância, por conta do controle exercido, principalmente por seu pai. Assim, Diego se habituou a seguir regras, tendo um comportamento disciplinado e controlado.</p>	<p><i>Desde jovem, questão de organização do estudo, sempre consegui me reorganizar. Tem que ser, não adianta, né? Embora a gente tenha trabalho aqui, tem que estar focado e saber o que quer. Então, eu cheguei lá.</i></p> <p><i>Então, de noite, o pessoal ia lá em casa, eu ia na casa dos meus amigos, de noite tinha que ficar em casa. Eu comecei a ficar mais na rua de noite quando tinha 13, 14 anos, começava mais a descer, interagir. Mas assim, sexta, sábado e domingo, né? Que eram os dias que não tinha aula no dia seguinte.</i></p>
<p>Senso prático</p>	<p>Diego mobilizou sua disposição para o senso prático no momento de escolha da instituição de ensino e do curso de nível superior para o qual iria se inscrever, buscando aqueles que trariam maior retorno e ofereciam maiores chances de ingresso. Assim, percebe-se uma mobilização da disposição para o senso prático no momento em que Diego toma decisões e faz suas escolhas.</p>	<p><i>(...) muito assim, a minha ideia, eu queria, como eu gosto da área esportiva, seria a ideia do Jornalismo. Na UFRGS, Jornalismo, Engenharia Civil, que eram duas opções que a gente tinha... só que tu vai totalmente fora da Administração. Ai o que eu fiz aqui... quando eu comecei a trabalhar aqui na secretaria, foi dos meus 18 para os 19 anos, (...) comecei a me habituar, comecei a gostar da questão de lidar com papel, organização, sempre tive, no colégio sempre fui organizado. Então foi, de fato, realmente, pela experiência que eu tive aqui.</i></p> <p><i>Então o que buscamos lá, no site, (...) então eu botei as opções, como tinha de 50% lá, por questão de renome da instituição, tinha faculdades de menor nome, expressão, só que pô... quem faz a faculdade é o aluno, mas a gente sabe que se tu for concorrer a uma vaga lá no futuro, se tu tiver um diploma UFRGS, se tu tiver um diploma PUC, Unisinos... pode pesar!</i></p>

<p>Perseverança</p>	<p>Diego tem incorporado a disposição para a perseverança, por influência principalmente da família. Essa disposição faz com que ele busque fazer o seu melhor, despertando o desejo de crescimento constante e motivando-o a seguir se qualificando e almejando atingir objetivos cada vez maiores. Essa mesma disposição faz com que ele se cobre por resultados, servindo como um motor que o impulsiona adiante.</p>	<p><i>E essa coisa a gente já tinha em casa, não para, não para, não para... estudo nunca é demais. Então, vem de família. Eles não tiveram lá atrás, mas nos deram as condições de estudar. Hoje a gente está estudando e espera que a tendência agora é só melhorar, acho que aquele momento de dificuldade já ficou lá atrás.</i></p> <p><i>Eu nunca deixei de fazer um trabalho do colégio ou prova, nem mesmo se eu tivesse passado. Sempre procurei fazer, ficar com boas notas. Não sei de quem eu puxei, acredito que pode ter sido do meu pai, ou não, sempre tive aquele espírito de competitividade, queria ser o primeiro.</i></p> <p><i>Aqui na frente é a Caixa, eu ainda digo pro pessoal, vocês ainda vão me ver aqui entrando de terno e gravata na porta da frente. Tem que almejar, né?</i></p>
<p>Hedonismo</p>	<p>Diego parece ter incorporado a disposição para o hedonismo, principalmente por conta de seu pai, o qual valoriza o tempo livre, gosta de ir à praia e se permite desfrutar de momentos de lazer. O exemplo de trabalho duro da mãe também fez com que Diego repensasse a disposição ascética e a vida para o trabalho, passando a valorizar outras atividades, ao querer para si uma vida diferente da que teve sua mãe.</p>	<p><i>É... Às vezes a gente ia pra praia. Tinha muita visita com a família, mas a minha mãe não gosta de praia, a minha mãe é muito caseira. Ela gosta de ficar em casa, se ela tiver 30 dias, ela fica 30 dias em casa. Meu pai já gosta mais de sair, de viajar, conhecer, caminhar. Minha mãe fica louca, minha mãe trabalha em pé, tá geralmente cansada, tem varizes, sofre, né? Muitos anos trabalhando em pé. Então meu pai chega na praia e “vamos caminhar!” e ela vai pra acompanhar, porque ela é muito companheira.</i></p> <p><i>A gente também não pode ficar só na questão estudo-trabalho, a gente também tem que toda uma vida por trás, a questão de hobby, de lazer. Então eu nunca abri mão disso também, então é questão de regrar, mas saber que... eu não sou muito de sair à noite, por exemplo, então, assim, essa questão do trabalho de faculdade, eu sentava e fazia...</i></p>
<p>Humildade</p>	<p>Diego tem a disposição para a humildade incorporada, o que faz com que ele valorize sua origem, seus amigos de infância e suas raízes. Ele fala com orgulho da história da família e sua origem simples, valorizando a trajetória de seus avós e de seus pais, se sentindo parte desse projeto coletivo. Além disso, mesmo formado, ele não se considera melhor do que ninguém, comportamento que relata ter aprendido com o pai, influenciado pela disposição para humildade.</p>	<p><i>Os meus amigos de infância, que eu tenho até hoje. Tudo morava junto lá, alguns vão se mudando, mas a gente procura não perder o contato, tem muito o futebol que a gente joga, então reúne uma baita de uma galera. Então sempre mantenho, o futebol, é uma vez por semana, querendo ou não tu tá ali vendo o pessoal, então tu mantém o vínculo. Dos amigos que eu tenho, basicamente todos é de criança, de colégio, dos que moram ali. Por isso que eu não me vejo trocar de zona radicalmente. Assim, começar do zero... claro, a gente faz amizade nova, mas não é</i></p>

		<p>a mesma coisa. A amizade que tu trás ao longo da vida tem o seu valor.</p> <p><i>Questão, assim, de valores, de simplicidade. Embora hoje a gente tenha um pouco mais de condições do que antes, nem por isso... a gente tem que ser mais ou menos que ninguém. O pai diz que nós somos formados, mas o meu diploma não faz a minha orelhinha maior do que a de ninguém.</i></p>
Conciliação	<p>Diego parece ter incorporado de seus pais a disposição para conciliação, o que faz com que ele evite conflitos e busque manter relações de amizade e afeto com aqueles que o rodeiam. Apesar de se considerar tímido, Diego afirma buscar manter relações cordiais e respeitadas com todos os que o rodeiam, preservando e cuidando das relações estabelecidas.</p>	<p><i>Eu não tenho atrito com ninguém. Tu me vê aqui no dia-a-dia, é bom dia, boa tarde, boa noite pra todo mundo. Trato todo mundo igual, seja concursado, terceirizado, estagiário... tu me vê aqui, eu não fico na volta de diretor nem nada, questão de política. Eu converso bem aberto, bem franco, dou liberdade pro pessoal.</i></p> <p><i>E isso, assim, questão de relacionamento, nunca tive problemas ao longo da minha vida, com pessoas de um modo geral, muito lá de casa, assim.</i></p>
Retidão	<p>A disposição para a retidão leva Diego a ser um indivíduo correto, que se comporta de maneira honesta e preza pela retidão de caráter. Essa mesma disposição faz com que ele seja visto como um jovem “certinho”, evitando ter condutas que possam prejudicar sua imagem.</p>	<p><i>O meu pai também é um pai muito pelo correto e pelo certo, não interessa se é filho ou se não é, se fez errado se tu tá errado. Se ele tiver que ficar contra, ele fica contra. Ele sempre foi, com nós, sempre mais firme. Firme não no sentido de ser bravo, mas firme no sentido de nos conduzir no caminho certo.</i></p> <p><i>Quem nem uma mensagem que meu pai me deixou na formatura, que pra eu nunca dar rasteira em ninguém. Porque seu eu não der rasteira em ninguém, os frutos que eu vou colher lá na frente serão muito mais saudáveis. Então tudo o que eu conquistei foi na base do meu esforço e do incentivo da minha família, então eu tenho valores que eu trago de casa e dos próprios mestres que eu tive ao longo da escola, faculdade (...).</i></p>
Prudência	<p>Diego parece ter incorporado de seu pai a disposição para a prudência. É essa disposição que faz com que ele busque a estabilidade da carreira pública e se sinta bem nesse ambiente de trabalho. Além disso, ela o influencia a ter comportamentos seguros e planejados, não se lançando ao desconhecido ou se expondo a riscos.</p>	<p><i>Não sei se é defeito ou qualidade, eu sou extremamente calmo, dificilmente eu vou fazer uma loucura, abrir mão daqui e arriscar lá. Eu sou bem pé no chão. Então a minha ideia é o quê, a partir do momento que me formei, seguir nessa área de Administração, sair daqui e ir pra uma outra vaga com concurso.</i></p> <p><i>Porque eu sempre fui uma pessoa bem centrada, então primeiro estudar, conseguir um bom emprego, me estabilizar, pra depois construir a minha família.</i></p>

5.5 GUSTAVO

Gustavo tem 25 anos e se graduou em Administração no final de 2015, exatos quatro anos após seu ingresso no curso. Apesar de não se considerar um bom aluno ao longo da infância e juventude, o desejo de ingressar na universidade parece ter despertado durante o ensino médio, levando-o a realizar uma prova para concluir esse nível de formação um ano antes do previsto. Foi assim que Gustavo ingressou na faculdade logo após concluir o Ensino Médio, mesmo não tendo condições de arcar com os custos envolvidos. Por dois anos ele esteve vinculado ao curso de Administração em uma universidade da Região Metropolitana, onde cursava uma ou duas disciplinas por semestre, já que dependia de uma bolsa da instituição. Em 2011 Gustavo conseguiu ingressar em outra universidade de renome, agora com bolsa integral do Prouni, o que também o motivou a mudar de cidade, passando a residir em Porto Alegre.

Conheci Gustavo por intermédio de uma colega da UFRGS, que havia trabalhado com ele em um grupo de pesquisa na IES onde foi bolsista. Começamos a conversar através do Facebook e fizemos nossa primeira entrevista em uma quinta-feira pela manhã, via Skype. Quando nos conhecemos, em setembro de 2016, ele já estava formado há mais de seis meses e havia ingressado há pouco mais de um mês em um programa *trainee* de uma empresa multinacional. Esse programa consistia em um treinamento prático e focado, com duração de três meses, realizado na região Nordeste do país, e após sua conclusão os *trainees* iriam assumir postos de gestão em lojas da empresa.

Em nossa primeira conversa, Gustavo elogiou muito a empresa onde estava trabalhando, se dizendo realizado com o trabalho, com o posto que iria assumir após a conclusão do treinamento e com as futuras oportunidades que a empresa lhe ofereceria. Aproximadamente 20 dias após nossa primeira conversa, marcamos uma nova entrevista por Skype, quando Gustavo me surpreendeu ao contar que havia pedido demissão, estava morando na região Sudeste, graças à generosidade de um amigo que o havia recebido, e estava em busca de um novo emprego. Nesse momento comecei a perceber o quão complexa é a história de Gustavo, a partir de todas as contradições que ele apresentou em seu discurso e seu posicionamento ao longo de nossas conversas.

Gustavo é um jovem extremamente carismático, divertido e desenvolto, com grande habilidade de comunicação. Essas características fizeram com que ele se destacasse na universidade, tendo participado de diversas iniciativas institucionais e de promoção do curso

de Administração, seja por meio de sua imagem, veiculada em campanhas de comunicação, ou mesmo através de seus depoimentos em palestras dentro e fora da universidade.

Ele nasceu e foi criado em uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, onde morou até se mudar para Porto Alegre, quando obteve a bolsa do Prouni. Seus pais já haviam se separado antes mesmo de seu nascimento, no entanto, seguiram dividindo o mesmo domicílio por mais de dez anos. Quando Gustavo tinha 11 anos de idade sua mãe decidiu se afastar fisicamente do marido, deixando-o na casa da família e mudando com os três filhos para uma residência alugada. Sendo Gustavo o filho caçula, sua irmã, 15 anos mais velha, acabou compartilhando com a mãe a tarefa de criá-lo, permitindo que ela pudesse trabalhar fora, a fim de sustentar a família. Hoje a irmã de Gustavo é casada, tem uma filha e segue morando na casa da mãe. Já seu irmão, 10 anos mais velho do que ele, é descrito por Gustavo como o problema da família, o que o faz receber grande parte da atenção da mãe. Assim, o fato de sua mãe já ter demonstrado certa preferência pelo irmão em algumas situações de conflito faz com que Gustavo se sinta rejeitado e desvalorizado, prejudicando sua relação com a família.

Nota-se que a relação de Gustavo com sua mãe é complicada, principalmente pela dificuldade que ele parece ter em aceitar o jeito pouco carinhoso e ríspido dela. Percebe-se que a origem familiar é um ponto chave na trajetória de Gustavo, sendo sua família a causa de várias de suas decepções e mágoas. Gustavo tem um forte sentimento de rejeição, levando-o a buscar se superar em tudo o que faz, a fim de provar para o seu valor para a família e receber algum tipo de reconhecimento. Ao contrário de outros entrevistados, os quais buscam no suporte e apoio familiar a motivação para ir além do que seria esperado, Gustavo teve como motivação seu complicado relacionamento familiar, que fez com que ele buscasse, desde a infância, a sua independência. Assim, durante pequeno, Gustavo lembra passar o máximo de tempo possível na rua, na companhia de seus amigos. Dessa maneira, evitava conviver ao máximo com a família, já que os momentos passados em casa eram preenchidos, comumente, por brigas e discussões.

A necessidade de manter-se distante da família se traduz no discurso de exaltação da liberdade proferido por Gustavo, procurando não se prender a nada nem a ninguém. É por essa razão que ele, logo após a formatura, se mudou para a região Nordeste, em busca de oportunidades de emprego. Por conta de sua pré-disposição para a mudança, ele critica seus amigos de infância que nunca saíram da cidade e que tem suas vidas centradas na família, nos relacionamentos amorosos e nos bens materiais, como carros. Para Gustavo, tanto

relacionamentos amorosos quanto bens acabariam o prendendo a um local específico, fazendo com que ele desistisse de correr atrás dos seus sonhos, razão pela qual ele afirma nunca ter namorado. No entanto, em outros momentos, ele também relata a impossibilidade de ter uma namorada sem antes ter um emprego e renda, apontado esses como motivos para que ele não invista seu tempo em relacionamentos amorosos.

Ao mesmo tempo em que Gustavo defende sua liberdade de ir e vir, afirmando não querer se fixar em nenhum lugar, uma de suas justificativas para a saída do *trainee* foi não desejar mais morar de aluguel, já que considera esse um desperdício de dinheiro. Assim, ele relata estar trabalhando para juntar dinheiro e poder comprar um apartamento. No entanto, a intenção de comprar um imóvel é uma contradição aparente em seu discurso, já que fixar-se em um local acabaria limitando sua inclinação para a impermanência.

Gustavo optou pelo curso de Administração quando ingressou na universidade, mas seu desejo era estudar Psicologia. Ele se diz um apaixonado por essa área, o que fez com que se aproximasse da Psicologia ao longo do curso de Administração. O interesse de Gustavo pela Psicologia e suas constantes leituras sobre o tema parecem ter contribuído para sua capacidade auto reflexiva. Muitas vezes, ao longo das entrevistas, ele analisava sua própria trajetória, buscando explicações para as decisões e caminhos tomados ao longo da vida, como quando explicou sua necessidade de mudança e seu espírito aventureiro como uma possível influência de seu pai, que era caminhoneiro e passou grande parte da infância de Gustavo longe da família.

Não obstante sua paixão pela Psicologia, Gustavo não se inscreveu para esse curso quando aplicou pelo Prouni, pois sabia que precisava trabalhar para poder se sustentar durante o curso. Deste modo, viu na Administração a oportunidade de concorrer a vagas de estágio desde o primeiro semestre, aliando sua necessidade financeira com o ganho de experiência profissional na área. Gustavo, que começou a trabalhar quando tinha 11 anos, vislumbrou no curso superior a oportunidade de concorrer a vagas de trabalho melhores do que as que tinha acesso, ampliando sua rede de contatos e seus conhecimentos adquiridos.

Gustavo parece ter incorporado alguns discursos que utiliza para justificar muitas de suas ações. Ao longo de nossas conversas, foi possível perceber que ele desistiu do *trainee* devido à exigência da empresa para que ele se fixasse em Porto Alegre, o que o manteria fisicamente próximo da família. No entanto, ele não apresentou esse como motivo de sua desistência da vaga, afirmando que não gostaria de voltar a morar no Sul por conta do clima, o que motivou-o a mudar para outra região do país.

Gustavo expôs fatos delicados sobre sua história e origem familiar, no entanto, parecia fazer isso com certa naturalidade, como se essa fala já houvesse sido contada outras tantas vezes. No entanto, apesar do discurso que soa, por vezes, um tanto quanto ensaiado, em alguns momentos Gustavo parece “baixar a guarda”, revelando mais sobre si mesmo, o que parecia gerar certo desconforto, principalmente quando solicitado acerca de maiores informações sobre alguns episódios familiares. Sentia como se os questionamentos pudessem contrapor e comprometer seu relato organizado, o que fazia com que ele, algumas vezes, optasse por encerrar sua fala de maneira abrupta, com a frase: “*e era isso*”. Nesses momentos, ele parecia passar a mensagem de que era necessário encerrar o tópico e mudar o rumo da conversa.

Com relação ao futuro e suas expectativas Gustavo afirmou que seu desejo era conseguir um emprego em uma grande empresa, permanecer nessa durante aproximadamente cinco anos, a fim de obter experiência, “criar um nome” e crescer na carreira. Depois disso, em torno dos 30 anos de idade, ele almejava ingressar em um curso de mestrado e conciliar a carreira executiva com a docência.

Gustavo se mostra um jovem obstinado e confiante, ao mesmo tempo em que apresenta falas e comportamentos contraditórios. Apesar de sua origem social e familiar, ele é defensor do discurso meritocrático, favorável a redução do Estado e a liberdade de mercado. Seu lema de vida, expresso em diversos momentos ao longo das entrevistas é: “*vai lá e faz*”. Para ele, cada um é responsável por correr atrás dos seus sonhos, ter disposição e “cara de pau” suficiente para conquistar seus objetivos, como ele mesmo faz. Assim, ele acredita que o sucesso é fruto do esforço individual, apesar de todas as dificuldades que precisou vencer para seu ingresso, permanência e conclusão do curso superior.

Patrimônio de disposições incorporadas

Disposições	Breve análise	Trechos
Instinto gregário	Gustavo, apesar de sua relação pouco afetiva com os pais, tem incorporada a disposição para o instinto gregário, no momento em que vive um dilema ao se afastar da família e dos amigos de infância. Mesmo optando por se manter fisicamente distante, morando em outra cidade ou até mesmo em outro estado, Gustavo permanece ligado a seus familiares, sentindo falta de sua presença e companhia quando distantes.	<p><i>E agora que eu voltei de lá pela empresa, eu fiquei um mês em casa e foi um mês terrível, foi muito chato, muito ruim. Então eu prefiro tá longe. E a mãe nunca disse ‘eu te amo’, sabe? Isso ela nunca falou. Quando eu fui morar sozinho em Porto Alegre, um dia eu liguei pra ela e ela falou ‘eu te amo’. Então acho que tem que tá longe pra sentir, pra dar valor sabe.</i></p> <p><i>Também tem jogo de interesse sabe? Rola um jogo de interesse... Tipo ah, agora que tu é formado, tu vai ganhar bem, aí tu</i></p>

	<p>No entanto, quando estão fisicamente próximos, a relação parece prejudicada pela convivência diária, justificando a decisão de Gustavo por construir sua vida adulta longe da cidade onde nasceu.</p> <p>Foi a dificuldade de relacionamento existente entre Gustavo e sua família que acabou o estimulando a buscar sua independência, bem como a ser diferente dos pais, favorecendo a incorporação de novas disposições e o enfraquecimento de algumas incorporadas ainda na infância. Assim, a relação familiar conflituosa acabou contribuindo para reforçar em Gustavo suas disposições para perseverança, distinção e apropriação social, fazendo com que ele almeje ir além e ter uma vida diferente da que seus pais tiveram.</p>	<p><i>pode me dar isso, pode me dar aquilo... Quando a pessoa fala isso eu já, dá vontade de vomitar sabe, ah, vai me dar tal coisa, vai comprar um carro pra mim. Eu não tenho um carro sabe, e eu vou comprar um carro pra ti? Por quê? Mas eu não discuto né, eu fico quieto e me afasto né.</i></p> <p><i>Eu tava sempre na rua, na casa dos amigos, não gostava muito de ficar em casa, com a mãe, com a família, eu preferia tá na rua com os amigos. Sempre meio bicho solto assim, nunca em casa assim.</i></p>
Trabalho duro	<p>Gustavo tem uma disposição muito forte para o trabalho duro, que vem desde a sua infância, quando acompanhava a mãe em sua jornada de trabalho, passando a trabalhar no mesmo local que ela quando tinha 11 anos de idade. Mesmo jovem, o trabalho já faz parte de mais da metade da vida de Gustavo, sendo percebido por ele como algo natural e indispensável. Gustavo tem a mãe como exemplo de trabalho duro, a qual segue até hoje trabalhando, mesmo aposentada e tendo mais de 60 anos de idade.</p> <p>É por conta dessa disposição que Gustavo não vê nenhum problema em acumular três diferentes trabalhos, passar mais de 12 horas trabalhando ou mesmo virar a noite trabalhando sem descanso. Essa disposição o ajudou a dar conta das atividades da faculdade, conciliando-as com suas atividades de trabalho e organização da vida pessoal.</p>	<p><i>Mas geralmente era assim, de manhã fazendo estágio ou trabalhando fora e de tarde e de noite ficava na universidade. E quando eu podia também intercalava cadeiras, fazia cadeira de manhã, de tarde, de noite.</i></p> <p><i>A defesa do TCC foi terrível, porque na época que eu comecei a montar o TCC eu trabalhava como estagiário no Banco, trabalhava como pesquisador científico na bolsa e também trabalhava no estádio nos finais de semana e quarta-feira. Então eram três empregos pra poder bancar aluguel em Porto Alegre, pra poder viver lá. Então eu cansei de virar noite fazendo TCC, final de semana, “n” coisas.</i></p>
Pensamento prospectivo	<p>Gustavo demonstra ter a disposição para o pensamento prospectivo incorporada no momento em que optou por se vincular a estágios, apesar de oferecerem uma bolsa menor do que poderia receber em uma vaga efetiva. Sua escolha pelos estágios</p>	<p><i>Eu tinha noção disso quando eu tava na faculdade e eu não queria um emprego efetivo, porque num emprego efetivo tu ia trabalhar o dia inteiro, ia pra aula de noite e deu, morreu. Eu queria tá no ambiente da faculdade, por isso que eu fazia estágio, fazia isso, fazia aquilo, várias coisas ao mesmo tempo, porque eu conseguia</i></p>

	<p>se dá a partir da oportunidade que oferecem de vivenciar um número maior de experiências ao longo da faculdade, ao terem um tempo de contrato definido, além da carga horária reduzida. Por conta disso, Gustavo pode adquirir certo capital social, criar sua rede de contatos e passar mais tempo dentro da universidade.</p> <p>Por conta do pensamento prospectivo, Gustavo tem a tendência a fazer planos, definir e atingir seus objetivos. Percebe-se em sua conduta uma relação entre essa e outras disposições, como para a distinção social, disciplina e perseverança.</p>	<p><i>conhecer muito mais gente, conseguia aprender muito mais, do que “tando” numa empresa sabe. Podia, como alguns colegas meus, estar bem empregado, estar ganhando bem, mas eu não via vantagem nisso. Acho que quando tu tá na faculdade o ambiente é pra estudar, não é pra tu te matar numa empresa e “tando” em várias, eu conseguia aprender coisas em várias, isso pra mim valeu muito.</i></p> <p><i>Eu me vejo liderando uma equipe, gosto da área de vendas, gosto porque é uma área que te dá uma ascensão muito rápida e se tu tem carisma e lábia, tu consegue vender (...) mas eu quero algo além de coordenação de loja, eu não quero ficar preso numa loja. Gerente, subgerente, níveis hierárquicos mais acima, que vão pra São Paulo, eu gostaria disso. Me vejo liderando equipes e estando em mais de um lugar ao mesmo tempo, (...) E eu me vejo também um pouco mais futuramente, dando aula. O sonho é dar aula, gosto da universidade, gosto de passar aquilo que eu conheço, então tudo tende a seguir esse caminho, mas antes eu quero criar nome, nome numa empresa e de preferência multinacional.</i></p>
Disciplina	<p>A disposição para disciplina aparece em algumas condutas de Gustavo, principalmente após o ingresso no ensino superior.</p> <p>A incorporação dessa disposição vem desde sua infância, por influência da mãe. O fato de ela ter obrigações com o sustento da família, trabalhar duro e ter incorporado um comportamento religioso, levam a crer que desde pequeno Gustavo foi educado para a disciplina.</p> <p>Apesar disso, mesmo tendo ela cobrado para que ele continuasse frequentando a escola e fosse aprovado, ao longo do ensino fundamental e médio a dedicação à escola parecia não fazer sentido para Gustavo. Essa percepção mudou após seu ingresso na universidade, quando ele parece ter reforçado sua disposição para a disciplina, a partir das exigências do Prouni com relação à aprovação e boas notas. Gustavo parece ter se tornado mais responsável e disciplinado, a fim de manter a bolsa e as oportunidades que essa estava lhe proporcionando.</p>	<p><i>Depois teve uma prima que entrou na faculdade e se formou advogada, e ela tem uma postura assim de advogada desde que ela nasceu eu acho, então ela sempre foi muito regrada, muito certinha e eu me inspirei um pouco nela também e ela sempre me incentivou muito, ela queria ver minhas notas, até hoje ela vem atrás de mim, quer saber como que eu tô, o que eu tô fazendo, pra onde que eu vou...</i></p> <p><i>Nunca estudava, nunca, nunca, nunca. Se pudesse, eu colava, sempre. Já na faculdade mudou, na faculdade eu sempre estudava antes e eu detestava colar e eu detestava que me pedissem cola. Mas na escola eu sempre fui, é como se fosse outro Gustavo, lá eu nunca estudava, fazia prova de qualquer jeito, passava com a media e tava feliz, ponto. Já na faculdade não, até na escola, a media que eu mais tive foi seis, e depois no outro colégio pra passar era cinco, então passei a estudar menos ainda. E ai fui pra faculdade onde a media era sete, ali pesou, ali eu senti que tinha que estudar e ali comecei a estudar mesmo.</i></p> <p><i>Porque passei a ter compromissos né, principalmente morando sozinho né, porque eu pagava aluguel, eu tinha que ter</i></p>

		<p><i>dinheiro pra comer e tudo tava ligado a bolsa do Prouni. Porque se eu perdesse ela, eu ia parar de morar em Porto Alegre, eu ia parar de conhecer pessoas novas lá, e ai ia perder toda uma atividade que eu tava gostando né, eu ia perder meu estágio, ia perder meu emprego, então tudo girava em torno da faculdade, tinha que tá bem nela.</i></p>
Senso Prático	<p>O senso prático aparece na conduta de Gustavo no momento da escolha pelo curso de Administração, que se deu de forma utilitarista. Apesar do interesse pelo curso de Psicologia, seu senso prático fez com que ele abrisse mão desse, optando pelo curso que poderia lhe oferecer uma inserção mais rápida no mercado de trabalho.</p> <p>Além disso, por dispor de pouco tempo, Gustavo tem a tendência a agir de maneira prática e utilitarista, buscando maximizar o retorno que sua dedicação e empenho podem gerar. Essa conduta prática não se aplica apenas a vida profissional, como também a vida pessoal de Gustavo, fazendo com que ele opte por se manter solteiro, por exemplo, para não atrapalhar sua vida profissional, voltando seus esforços para aquilo que pode ajudá-lo a garantir um futuro melhor.</p>	<p><i>Eu gostei de fazer o curso porque te dá muita, é muito amplo assim, tem matéria de muitos outros cursos, no de Administração. Psicologia já é muito mais focado. Provavelmente eu vá fazer, mas mais futuramente né. Mas pra dar dinheiro, pra conseguir trabalho, pro mercado de trabalho, Administração foi o ponto chave (...).</i></p> <p><i>Não tenho e nem pretendo ter. Sem emprego, como que eu vou ter namorada, não dá, não dá. Na época de faculdade já eu me políciei, durante quatro anos, eu não vou namorar.</i></p> <p><i>Eu fiquei uns dois meses procurando emprego e aí eu me atinei, cara, não adianta arrumar um emprego agora, eu não tô formado, eu não vou arrumar um emprego bom, eu não tenho inglês fluente, um monte de coisa, então eu vou conseguir uma vaguinha mixuruca pra ganhar um salário mínimo e pra me ferrar o dia inteiro. Não. Fico no ambiente de faculdade, participo de mais coisas aqui, preencho mais o meu currículo e quando eu sair daqui, daí sim.</i></p>
Perseverança	<p>A disposição para a perseverança se reflete na crença de Gustavo na meritocracia, levando-o a acreditar que o sucesso ou o fracasso dependem apenas dele mesmo. Assim, ele defende que quando se trabalha em prol de algo, desejando atingir determinado objetivo e trabalhando duro para isso, se terá sucesso.</p> <p>Em razão de Gustavo ter conseguido atingir até então seus objetivos faz com que ele se veja como o exemplo vivo de que o trabalho duro e a dedicação são suficientes para a ascensão social.</p> <p>A disposição para a perseverança parece fazer com que Gustavo busque se superar a cada dia, acreditando ter as credenciais necessárias para atingir aquilo a que se propõe. Além de competir</p>	<p><i>Esse foi o pior momento e também um pouco no início, que eu fiz a cadeira de matemática, que era uma cadeira terrível, eu achava terrível. Fiz quatro vezes ela, uma matéria besta, que chegou até a me levar pro hospital, de tão nervoso e ansioso que eu ficava.</i></p> <p><i>E agora estando nessa empresa, só depende de mim pra crescer muito rápido, depende de mim pegar conhecimento e demonstrar trabalho. Na loja que eu fiquei, fiquei eu e mais um colega, esse colega não fazia nada, ele não queria levantar lata, ele não queria limpar o chão, ele não queria fazer nada. E eu, antes do chefe, do coordenador da loja lá mandar, eu ia lá e fazia. Ele percebeu isso. Tanto que ele falou: Gustavo, se tu continuar assim, tu vai crescer muito rápido.</i></p> <p><i>Alguns da minha turma eram da escola,</i></p>

	<p>consigo mesmo, essa disposição também parece despertar nele certa conduta de comparação, buscando, além de se superar, também não ficar para trás daqueles com quem convive.</p>	<p><i>mas eu sempre fui o mais novo, os meus amigos assim de rua, que são 10, por exemplo, todos eles têm um ano a mais que eu, ou dois anos a mais, eu sempre fui o menor. Mas é engraçado que hoje em dia eu sou o único que tá formado e eles nenhum tá. Não que eu tenha passado por eles, mas eu tinha um pouco disso tipo, putz, eu preciso estudar, porque eles tão na minha frente né. Então, acho que por isso, aquela gana de ter uma faculdade logo né, e eu entrei continuei e terminei.</i></p>
Asceticismo	<p>O asceticismo de Gustavo está relacionado à necessidade de trabalhar desde muito jovem, o que somado a falta de tempo livre, fez com que ele priorizasse o trabalho e as obrigações a serem cumpridas, abrindo mão do tempo destinado ao lazer e ao descanso. A própria bolsa do Prouni fez com que Gustavo não se deslumbrasse com a vida universitária vivida por alguns de seus colegas, permeada por festas, churrascos, viagens e momentos de lazer.</p>	<p><i>É que pra mim o Prouni sempre foi muito assim, eu preciso me formar, ponto. E como aconteceu lá de eu rodar numa cadeira e quase rodar em outra e rodando em duas tu perde a bolsa, aí eu me caguei, falei não, é estudar, ponto. É estudar, tu tá aqui pra estudar, tu não tá aqui pra beber, pra fazer festa, pra namorar, tá aqui pra estudar. Então até a faculdade eu sempre fui muito na minha. (...) Então eu acho que meio que me acostumei a ser assim, ser mais na minha, prefiro ficar o final de semana em casa, lendo um livro, do que tá indo pra balada, saindo com namorada.</i></p>
Humildade	<p>Gustavo tem a disposição incorporada para a humildade, que parece refletir no orgulho que ele sente de sua origem familiar e social. Ele reforça sua história, as dificuldades pelas quais passou e como conseguiu, por meio do seu esforço, superá-las.</p> <p>Ele acredita que seu comportamento humilde acaba despertando a simpatia de seus professores, supervisores e colegas de trabalho, contribuindo para o estabelecimento dessa nova rede de relações, a partir do ingresso no ensino superior. Além disso, a sua postura humilde dá abertura para que as pessoas se ofereçam para ajudá-lo, facilitando sua aquisição de capital cultural e social.</p>	<p><i>(...) então acabei conhecendo muitos professores da Psicologia, da Filosofia, e isso ajudou muito, porque eles acabam te ajudando muito, em muitas coisas. No meu TCC vários deles me ajudaram a montar, vários deles me corrigiram. Em relação ao Português, eu aprendi muito com eles, professores que tem sete, oito diplomas e vinham corrigir o meu TCC, ou até mesmo coisas de Facebook mesmo, que tu posta e eles vinham dizer: cara, Gustavo, tá errado aquilo ali, corrige. E eu corrigia.</i></p> <p><i>Eu acho que é um pouco a cara de pau, de botar a cara a tapa, ir lá e fazer. De não ter vergonha, tipo ah, tem que limpar chão, eu vou lá e limpo chão, tem que carregar lata eu vou lá e carrego e acho que isso é um pouco o que falta, coisa que tu não aprende na faculdade né. Na faculdade tu acha, tu é estagiário tu vai de terno e gravata pra aula, eu fico assim, poxa, por quê? Às vezes eu ia de chinelo de dedo e o pessoal na universidade dava risada. Eu dizia, cara eu tô cagando e andando, dane-se. Eu ia de calça de pijama e eu tô lá pra estudar, não tô lá pra mostrar um perfil de pessoa que eu não sou.</i></p>

<p>Distinção social</p>	<p>Ao mesmo tempo em que Gustavo tem incorporada a disposição para a humildade, ele também demonstra em suas falas e atitudes a disposição para a distinção social, sendo essa uma das contradições presentes em suas disposições intraindividuais.</p> <p>Sua disposição para distinção social se mostra no desejo de ingresso em uma multinacional, podendo usufruir de todos os benefícios, assim como do status atrelado a esse tipo de empresa. O fato de ser <i>trainee</i> também contribui para a distinção social de Gustavo, já que esse título carrega um reconhecimento social diferente do cargo de estagiário ou mesmo ou analista em uma empresa.</p> <p>Além disso, apesar da disposição para o instinto gregário e da valorização de seus amigos de infância, Gustavo também busca se diferenciar deles, por conta de sua qualificação e experiências profissionais.</p> <p>Quando criança, ele conta ter começado a trabalhar para ganhar seu próprio dinheiro e poder comprar os mesmos itens que seus amigos mais velhos possuíam. Após seu ingresso no ensino superior, ele parece ter buscado se diferenciar de seus amigos de infância, valorizando aspectos diferentes dos apreciados por esses.</p> <p>A disposição para a distinção social parece estar associada, no perfil de Gustavo, a sua necessidade por reconhecimento. Essa necessidade, não suprida ao longo de sua infância e juventude por seus pais, parece seguir incorporada em Gustavo, relacionando-se a sua disposição para a perseverança e levando-o a tentar ser o melhor no que faz.</p>	<p><i>A gente ficou um mês lá no Nordeste e recebeu gente do mundo inteiro, gente que veio do México dos Estados Unidos, gente que veio e falou em Espanhol com a gente, falou Inglês, (...) mas foi muito legal, muito divertido. O sentido pra mim é conhecer bastante gente e numa multinacional tem isso, conhecer gente de vários lugares do mundo e isso é bom. (...) Esse trainee é carteira assinada desde o início, plano de saúde mais top que tem, plano odontológico. Por ser uma multinacional, a estrutura deles é gigante, eles não têm medo de te dar um plano de saúde bom. E assim, qualquer gasto que a gente tem eles cobrem, é uma multinacional sabe, não é uma empresa familiar, é uma multinacional.</i></p> <p><i>Os meus amigos sempre brincam, cara, eu não te entendo, tu tem 25 anos e não tem um carro. Porque ou tu tem um carro ou tu é ninguém. Então todos os meus amigos têm carro, nenhum deles tem faculdade, mas todos eles têm carro. Nenhum deles conhece o Brasil inteiro e eu conheço o Brasil inteiro. Então tem coisas que eles não entendem, eu digo cara, eu não quero um carro, eu quero tá feliz e eu tô. Vocês tão felizes com o carro, ok, tenham um carro, mas eu não quero. A hora que eu tiver como ter, eu vou ter, mas agora eu não tenho, não quero e ponto.</i></p> <p><i>Eu me dou muito agora com os que fizeram faculdade né, porque daí tu acaba tendo assunto né e aqueles que mais, se relaxaram, como o meu irmão que bebe muito, então não tenho muito contato. Mas aqueles que quiseram ser alguém na vida, eles acabam tendo mais contato comigo, até por saber da minha história, saber que eu fui Prouni, etc e tal.</i></p>
<p>Apropriação social</p>	<p>A disposição para a apropriação social permite que Gustavo consiga se adaptar mais facilmente aos diferentes ambientes que passou a frequentar após o ingresso na universidade. Assim, ele parece não ter problemas em circular entre os mais diversos grupos sociais, tendo conquistado amigos oriundos de diferentes classes. Diferente dos demais entrevistados, Gustavo não restringiu seu grupo de amigos na</p>	<p><i>É óbvio, o cara que paga [a faculdade] e mora em Porto Alegre, mora num bairro nobre, o assunto dele é totalmente diferente do cara que não paga, que veio do interior e que não tem dinheiro. É totalmente diferente. E eu, pra mim, com a turma lá eu acabava metido em tudo e cansei de, esses mais ricos lá fazerem festa, irem em lugares mais ricos e às vezes eu queria ir, e eu ia né, pra poder me enturmar, não tinha um real no bolso mas ia né, dava um jeito. Mas não me arrependo, foi legal, sou amigo</i></p>

	<p>faculdade apenas a outros alunos bolsistas, aparentando ter facilidade em estabelecer relações sociais. Essa mesma disposição contribuiu para que ele conseguisse estabelecer relações pessoais e de afeto com seus professores e supervisores de estágio, o que contribuiu para a sua aquisição de capital social e cultural.</p> <p>É possível perceber no discurso de Gustavo que o trabalho voluntário realizado ao longo da formação universitária servia também como uma forma de superar sua origem social. Esse parece ter sido um trabalho que contribuiu para que Gustavo se convencesse de que já não fazia mais parte do mesmo mundo que aqueles jovens carentes. Ao mesmo tempo, Gustavo parece viver um dilema por conta de sua ascensão social, oscilando entre o orgulho de sua origem social e do caminho trilhado a partir dela, e a necessidade de distinção social daqueles que fazem parte desse grupo, se percebendo como diferente desses.</p>	<p><i>deles até hoje, só assim, eles têm um jeito mais elevado do que os outros né e eu acabo ficando no meio ali, interagindo com os dois lados. (...) Mas agora, por exemplo, o emprego que eu tô hoje quem me indicou foi um desses que tá do lado dos ricos né, que ele não quis essa vaga, indicaram pra ele e ele disse: ah Gustavo, tem essa vaga aqui, tu que? Ai fui lá, fiz entrevista e consegui.</i></p> <p><i>Na universidade teve o professor aquele, ele foi um paizão pra mim, me ajudou muito, cada emprego que eu passei teve uma pessoa que assumiu esse papel. É engraçado isso (...) cada lugar que eu passei teve alguém que acabou ocupando esse papel sabe, aquilo que eu não tinha em casa, que era atenção, carinho, ouvir assim, ter alguém pra te ouvir, então acabei tendo fora né.</i></p>
Autonomia	<p>A disposição para autonomia contribuiu para que Gustavo buscasse sua independência, tanto financeira quanto afetiva. Assim, ele não se sente confortável quando se vê em posição de dependência de outros, ou quando o atingimento de algo que deseja não depende apenas de seu próprio esforço.</p>	<p><i>Sou muito novo pra ficar esperando pelos outros, tem que ser por mim, por minha conta, minha conta em risco.</i></p> <p><i>Ir atrás, botar a cara a tapa, não ter vergonha.</i></p> <p><i>Como eu tentava participar de mais coisas além da Administração, então se tinha uma aula da Psicologia que era aberta eu ia lá, se tinha uma aula na Filosofia que era aberta eu ia lá também, então acabei conhecendo muitos professores da Psicologia, da Filosofia, e isso ajudou muito, porque eles acabam te ajudando muito, em muitas coisas.</i></p>
Retidão	<p>A disposição para a retidão está relacionada a conduta íntegra e virtuosa, dentro do que é social e legalmente esperado. Gustavo, mesmo tendo passado grande parte de sua infância na rua, na presença de amigos e sem a supervisão direta dos pais, se orgulha de ter sido uma criança e um jovem correto, ressaltando não ter se envolvido com drogas, por exemplo. O fato da mãe de Gustavo frequentar a Igreja e ter sido descrita como alguém que estava sempre “pegando em seu pé”, permite supor que a disposição para</p>	<p><i>É que a minha turma assim, que eu cresci, era a única turma do bairro, têm várias turmas do bairro onde eu cresci, a minha foi a única que nunca bebeu, nunca usou droga, nunca fumou. A gente sempre foi mais quietinho, vivia na rua fazendo bagunça, jogando pedra em telhado, essas coisas assim, mas nunca fazendo besteira, usando droga e essas coisas. Então acho que por isso que eu gostava muito de tá com eles, porque a gente se entendia, era muito igual, todo mundo parecido e isso.</i></p> <p><i>E eu já não bebo, porque eu cresci vendo os dois [os irmãos] bebendo e não</i></p>

	a retidão tenha sido incorporada, em especial, por influência dela.	<i>gostando nem um pouco, então criei um pânico de bebida. A mãe também não gosta disso, ela tem pânico, tem pavor, ela detesta cerveja, essas coisas e eu também.</i>
Flexibilidade moral	Mesmo tendo a disposição incorporada para a retidão, Gustavo parece ter incorporada também a disposição para a flexibilidade moral, a qual é está associada à sua disposição para a apropriação social. A fim de conseguir circular nos mais diferentes meios sociais e conseguir se inserir e se sentir parte, tanto entre seus amigos de infância quanto entre seus colegas da universidade oriundos das classes altas, a disposição para a flexibilidade moral contribui para que as opiniões, valores e condutas possam ser ajustadas, de acordo com o meio onde se está inserido.	<i>(...) tu vai trabalhar lá, porque vou te indicar aqui, e aí foi. Foi e em uma semana daí surgiu essa oportunidade [do trainee], que um colega, lá da universidade, que não é Prouni, que recebeu, mas como ele tinha começado a trabalhar numa outra empresa ele disse: cara, indiquei tu. E aí ok. Aí fui lá, fiz entrevista e foi tudo bem rápido assim. A gente fez entrevista num dia, no outro já pediram documentos e foi, tô contratado já. Eram oito vagas e tinham nove pessoas na entrevista, então a chance de não conseguir eram poucas né. E isso foi muito estranho porque nossa... geralmente um processo de trainee tem milhares de pessoas, mas parece que o processo seletivo antes disso foi bem grande, teve bastante gente, mas eu não passei por isso. Me ligaram direto e disseram: oh, vai na entrevista tal dia. Talvez porque viram o perfil e acharam que era o perfil certo, então vai...</i>
Temeridade	Gustavo tem incorporada a disposição para a temeridade, a qual faz com que ele tenha comportamentos ousados e consiga fazer mudanças audaciosas e corajosas em sua vida, se lançando frente ao desconhecido. Assim, ele não parece temer a possibilidade de largar tudo e recomeçar a vida em outro local, como inclusive já fez duas vezes. Essa disposição, associada a disposição para perseverança e ao momento de vida de Gustavo, ainda jovem e com poucos compromissos a cumprir, leva Gustavo a correr maiores riscos do que seus amigos e colegas.	<i>Quando eu me formei, que eu tava sem trabalho, até no final do curso a gente montou uma empresa, deu certo, tá até hoje em Porto Alegre, mas eu queria muito entrar numa empresa multinacional, então eu fui morar no Nordeste, morei cinco meses lá, tentei empregos lá e não consegui (...). Fui na coragem. É que aqui tava muito difícil. Eu tava há um tempo já atrás de coisa e não conseguia nada, aí disse: bom, vou pra outro lugar, não tenho mais universidade, não tenho nada que me prende, então eu vou. Tem que ser corajoso né, tá na idade pra isso, enquanto não começar o mestrado ainda tem tempo pra tá fazendo esses rolos. Hoje dois amigos meus vieram perguntar, cara, onde tu tá, eu nunca sei onde tu tá, porque tu não para quieto, uma hora tá aqui outra hora tá lá. E eu disse: cara, eu não sou como vocês, faz parte de mim não estar num lugar fixo, sei lá.</i>

6 AS DISPOSIÇÕES INCORPORADAS

Tendo esse trabalho como base teórica os estudos de Pierre Bourdieu, Bernard Lahire e Jessé Souza, o objetivo interpretativo após a realização das entrevistas, conforme sugerido por Lahire (2004), foi avaliar a natureza e o grau de coerência e heterogeneidade do patrimônio de disposições de cada entrevistado. Segundo Lahire (2004), o olhar individual permite perceber as diferenças disposicionais existentes dentro de um mesmo *habitus* de classe, ao levar em conta as variações inter e intra individuais dos comportamentos. Assim, teve-se o esforço de atentar para as contradições existentes nas disposições, experiências e práticas apresentadas pelos participantes ao longo de suas falas, bem como a maneira com que as mudanças presentes ao longo da trajetória de vida contribuíram para a reorganização do patrimônio de disposições individuais de cada um dos jovens. Sendo uma disposição fruto da repetição sistemática, cotidiana e de longa duração, que pode ser reforçada, inibida ou mesmo transformada ao longo do tempo e das experiências vividas, ela nunca é perceptível diretamente, se apresentando como uma realidade que deve ser reconstruída, a partir do trabalho interpretativo do pesquisador (LAHIRE, 2004).

Por conta disso, na seção 6.1, intitulada Disposições Interindividuais, são apresentadas as disposições compartilhadas entre os entrevistados, que exprimem semelhanças entre suas diferentes trajetórias, compondo um mesmo *habitus* de classe (BOURDIEU, 2008). A partir da análise das disposições compartilhadas e da aproximação com os trabalhos de Souza (2009; 2010), foi possível caracterizar os jovens participantes do estudo como pertencentes à nova classe trabalhadora. No entanto, mesmo tendo eles algumas disposições incorporadas compartilhadas, essas se manifestam de diferentes formas e em diferentes contextos, dando origem a diferentes condutas, quando analisadas a nível individual. Assim, na seção 6.2, intitulada Disposições Intraindividuais, são descritas as disposições individuais identificadas na seção 5, ao longo da apresentação dos retratos sociológicos, que se relacionam a trajetória e socialização individual de cada um dos entrevistados, a partir da concepção de Lahire (2004) de que um indivíduo singular não pode ser redutível a uma fórmula geradora, apresentando diferenças e contradições em seus traços disposicionais.

Percebe-se que mesmo compartilhando uma mesma origem de classe, cada um dos cinco jovens apresenta condutas e modos de ação próprios, que nem por isso deixam de demonstrar a incorporação da estrutura social presente nos agentes, que se dá ao mesmo tempo de forma individual e compartilhada.

6.1 DISPOSIÇÕES INTERINDIVIDUAIS

A partir dos relatos de cada um dos jovens, é possível perceber alguns modos de ação que se aproximam e se assemelham entre eles, bem como alguns perfis que compartilham entre si um maior número de disposições do que outros. Essas disposições compartilhadas foram incorporadas, em especial, ao longo da infância, a partir da socialização familiar, tendo sido transmitidas pelos pais como uma herança invisível (SOUZA, 2010). São as experiências de infância e as relações familiares vividas que aproximam as histórias desses cinco jovens, a partir dos modos de agir incorporados por suas famílias e que passaram a compor o sistema disposicional dos participantes do estudo.

Dito isso, serão apresentadas as disposições compartilhadas entre os jovens egressos pelo Prouni, a partir dos estímulos recebidos ao longo da infância e juventude, principalmente no ambiente familiar. O fato de serem compartilhadas não significa que tenham sido interpretadas a partir das mesmas condutas, contextos de ação ou ainda, sejam combinadas entre si da mesma forma ao longo da trajetória de cada jovem. Assim, elas influenciem e dão origem a diferentes modos de agir, a partir do conjunto disposicional e das experiências vividas de cada indivíduo.

Disposição para instinto gregário

Essa disposição parece estar incorporada desde o início da infância, por meio do exemplo de seus pais, ao dedicarem o pouco tempo livre de que dispõem à convivência familiar. Os jovens reconhecem o esforço que seus pais fizeram para que hoje eles possam continuar estudando, estabelecendo uma relação de reciprocidade, a qual acaba gerando um senso de responsabilidade para que conquistem resultados ainda melhores do que seus pais conseguiram obter. Nota-se que essa mesma expectativa tem origem nos pais, os quais acreditam que se os filhos, além de trabalharem duro, também se dedicarem aos estudos, estarão aptos a ir além do que geração anterior conseguiu ir.

Desde cedo esses jovens passam a ter na família seu principal meio de socialização, ao acompanharem a rotina dos pais - voltada ao trabalho durante os dias úteis e dedicada a convivência familiar aos finais de semana. Assim, aprendem desde cedo a buscar por apoio, incentivo e motivação nos momentos mais difíceis de sua trajetória na sua rede familiar,

através do exemplo de seus pais, vendo como algo natural o ato de compartilhar as dificuldades que se apresentam na vida e pedir ajuda para aqueles que estão mais próximos e tem laços de parentesco entre si.

É comum, na trajetória desses cinco jovens, relatos de auxílio mútuo familiar, seja por meio de conselhos, companhia, empréstimos financeiros, auxílio nos cuidados da casa e atividades domésticas. Ao existir essa reciprocidade entre pais e filhos, que leva os pais a auxiliarem seus filhos e os filhos a almejem retribuir esse apoio no futuro aos pais, percebe-se a existência de um projeto familiar, que visa o crescimento coletivo dos membros da família. Há assim, uma combinação familiar de forças, para que todo o núcleo familiar alcance o objetivo almejado, fato também identificado por Souza em seu trabalho sobre os batalhadores brasileiros (2010, p.144):

Tendo pouco ou nenhum capital cultural legítimo e capital econômico, essa classe só pode contar com o *aprendizado prático* transmitido no seio da família, e com as *relações familiares duradouras como “arma”*, estratégia para sobreviver enquanto classe. Para essa classe, o grupo familiar é o principal *grupo de sobrevivência*, ou seja, o grupo social responsável pela sobrevivência física, neste caso, econômica, e a sobrevivência social, ou seja, a garantia de um reconhecimento mútuo dos membros que ultrapasse a própria existência física de cada um, que permita a continuidade do indivíduo através da memória do grupo.

O **instinto gregário**, especificamente, se apresenta no comportamento de união e fortalecimento dos laços que ligam esses jovens a seus familiares, mesmo após a saída da casa dos pais e até mesmo a mudança de cidade. A criação e escolha do termo **instinto gregário** pretende representar a tendência dos indivíduos de estabelecerem e manterem vínculos de união e proximidade, sendo para isso necessário que percam suas características individuais momentaneamente, em prol dos objetivos e características do grupo. Essa disposição está expressa na conduta dos jovens que, assim como os pais, abrem mão de seus objetivos e pretensões individuais, em prol da construção do projeto coletivo de ascensão familiar, mantendo-se próximos e vinculados a família de origem mesmo após o ingresso na vida adulta.

Essa valorização das relações familiares e da conservação da unidade familiar é descrita por Souza (2010) como capital familiar, o qual tem grande importância na ascensão e mobilidade social dessa classe, no momento em que o capital familiar representa a transmissão de exemplos e valores de trabalho duro e continuado, mesmo frente a situações adversas. Sendo mínimo o capital econômico mobilizado e baixo o volume de capital cultural transmitido na socialização familiar, quando comparado com as classes média e alta, o que

contribuiu para a ascensão social das famílias da classe trabalhadora é sua estrutura familiar e suporte mútuo, com pais e filhos desempenhando seus papéis e contribuindo para o projeto coletivo da família. Percebe-se na estrutura familiar dos entrevistados, com exceção de Gustavo, a valorização e esforço para a manutenção da unidade familiar, onde os pais, mesmo após diversos anos de casamento, seguem unidos e compartilhando a responsabilidade pela conservação do núcleo familiar.

A **disposição para o instinto gregário** é baseada em uma dependência mútua entre os membros da família, levando esses a realizarem sacrifícios de suas vontades individuais, em prol do projeto coletivo familiar (SOUZA, 2010). Assim, esses jovens, ao acessarem a universidade e, com isso, adentrarem novos contextos de socialização - o que os permite adquirir mais capital cultural e social do que seus pais e parentes tiveram oportunidade - parecem se sentir responsáveis por retribuir os sacrifícios feitos pelas gerações que os precederam, para que pudessem chegar tão longe. Por essa razão, buscam ajudar os familiares, incentivando-os a também se qualificar e ampliar a quantidade de capital cultural que possuem, como no caso de Tiago, que passou a atuar como conselheiro profissional de seus pais após o ingresso no ensino superior, planejando também o percurso formativo da irmã mais nova.

Para Lahire (2008) uma configuração familiar relativamente estável é uma das condições necessárias para a produção de uma relação de êxito na socialização escolar, que se dá através da presença constante, do apoio familiar, moral e afetivo, oferecido de maneira contínua. Assim, a partir de sua pesquisa sobre o sucesso escolar de crianças oriundas de meios populares, é possível atribuir uma maior influência do capital familiar a outros domínios periféricos que tem origem na socialização familiar, como o senso de disciplina, de organização, o estabelecimento de rotinas e a segurança e estabilidade familiar, do que o próprio domínio escolar e cultural dos pais. Desse modo, a conduta do pai de Tiago, por exemplo, ao exigir dele dedicação e disciplina com estudos, e de sua mãe, ao prezar pela organização da casa e da rotina da família, podem ter exercido uma influência maior no seu sucesso escolar do que o nível de escolaridade e de capital cultural incorporado por esses, ao transmitirem disposições necessárias para que ele pudesse, por meio do estudo, obter certa quantidade de capital cultural e social fora do ambiente familiar de origem.

Outra conduta acionada pela **disposição para o instinto gregário** é a manutenção das relações de amizade originadas na infância, mesmo após o estabelecimento de novas relações nos ambientes da universidade e de trabalho. Percebe-se nas falas desses jovens a importância

dada para os amigos do bairro de origem, mesmo que hoje eles pouco tenham em comum, com relação ao modo de ver o mundo, ambições, estilo de vida e expectativas. O **instinto gregário** os leva a manter os laços estabelecidos na infância, como forma de valorizar sua origem social e as dificuldades superadas ao longo da trajetória.

Disposição para o trabalho duro

Os pais dedicaram, ao longo de toda a vida, seu tempo e energia para o trabalho, acreditando ser esse o único caminho para a ascensão social e melhoria de vida. Essa mesma crença é passada para os filhos que, desde a infância, assistem a longa jornada de trabalho dos pais, naturalizando a centralidade do trabalho a partir do exemplo.

Essa é uma das principais disposições incorporadas pelos jovens egressos, auxiliando-os a conciliar estudo com o trabalho e dar conta de múltiplas jornadas diárias. Eles aprendem desde cedo que trabalhar duro é a única opção para a melhoria de vida, a partir do exemplo dos pais que conseguiram, apesar do pouco estudo, melhorar sua condição de vida por meio do trabalho. É inculcada nesses jovens a crença compartilhada de que esforço, dedicação e trabalho duro, são necessários e suficientes para se vencer na vida e que quando combinados com qualificação, aumentam ainda mais as chances de ascensão social.

Ademais, os cinco jovens foram habituados ao trabalho desde a infância, dividindo com os pais e irmãos a responsabilidade pelo trabalho doméstico, e por vezes acompanhando os pais em suas jornadas de trabalho, como no caso de Gustavo, que passou a frequentar o ambiente de trabalho de sua mãe desde muito jovem, não tendo ela com quem deixá-lo. Assim, eles vivenciaram, desde cedo, o aprendizado prático do trabalho doméstico, concebendo a vida como, essencialmente, vida produtiva, já que todo o tempo, mesmo o que deveria ser dedicado ao lazer, é destinado ao trabalho. Fernanda, por exemplo, relata ter aprendido com os pais, desde cedo, que mesmo as férias deveriam ser destinadas para o trabalho, sendo esse tempo dedicado a execução de melhorias e reparos na casa. Essa conduta se relaciona a ética do trabalho, presente na análise de Souza (2014) sobre os batalhadores, onde o capital familiar, que é o capital que caracteriza a classe trabalhadora e a diferencia da ralé, se concretiza por meio da transmissão da ética do trabalho. Essa transmissão se dá na classe trabalhadora de maneira diferente da classe média, onde a ética do trabalho é aprendida por meio da ética do estudo, sendo seu prolongamento natural. Por outro lado, os batalhadores

não têm, em sua maioria, o privilégio de um período da vida dedicado apenas aos estudos, sendo a necessidade do trabalho transmitida e imposta desde cedo, exigindo que os estudos se adequem a essa.

A **disposição para o trabalho duro** se apresenta como de suma importância para a possível ascensão social desses jovens. A ausência de capital econômico e a desvantagem frente à incorporação do capital cultural e social pelas classes mais altas, que o mobilizam desde a infância, faz com que os jovens oriundos das classes mais baixas precisem buscar alternativas para compensar suas carências acumuladas ao longo da socialização.

No entanto, não se intenciona defender a reprodução da ética do trabalho, ou seja, a manutenção de uma socialização familiar e escolar voltada para a formação de mão de obra, como única alternativa para que os jovens das classes baixas consigam ascender socialmente. Ao invés disso, se pretende tornar visíveis as alternativas as quais esses agentes têm acesso, adotando-as, conscientemente ou não, a fim de seguirem na disputa por uma posição no campo de lutas que é o mercado de trabalho. É a **disposição para o trabalho duro** que acaba por diferenciar a nova classe trabalhadora da ralé, a qual, por não a ter incorporada, tem dificuldade em conquistar e manter vínculos de trabalho estáveis e não precarizados (SOUZA, 2009).

A família batalhadora, a família da nova classe trabalhadora, é responsável por reproduzir membros dotados de capacidade para enfrentar a instabilidade do mercado e se manter nele. Ela é a responsável por reproduzir a classe para o trabalho. (...) A família batalhadora tem duas principais estratégias de reprodução da classe: o aprendizado prático do trabalho e o circuito de reciprocidade. Isso significa que a família batalhadora não prepara seus membros para exercerem apenas uma determinada função no mercado, mas transforma seus corpos em corpos inclinados ao trabalho duro. (...) Ao reproduzir uma disposição para o “trabalho duro”, a família batalhadora reproduz o contingente humano preparado para – e em concórdia com – as novas necessidades do capitalismo contemporâneo. O aprendizado prático do trabalho, transmitido pela família, reproduz o sistema capitalista como um todo ao reproduzir a classe que é o suporte da sua exploração: os batalhadores, a nova classe trabalhadora (SOUZA, 2014, p.146).

Assim, a ética do trabalho acaba por transformar esses jovens em trabalhadores que estudam, devido à presença constante do trabalho em suas vidas desde a infância e adolescência. A importância do trabalho na vida desses jovens é construída por meio do exemplo e orgulho pelo esforço empreendido pelos pais ao longo de toda a vida (COMIN; BARBOSA, 2011). A **disposição para o trabalho duro** se associa a **disposição acética**, presente em alguns dos casos estudados, no momento em que a vida pessoal é tomada pela

vida produtiva, não deixando tempo a ser desfrutado de forma hedonista. Além disso, o receio do retorno à instabilidade material, vivida pelos pais e avós, associada à **disposição para o trabalho duro**, faz com que a **disposição acética** seja acionada em determinados contextos (SOUZA, 2010).

Disposição para o pensamento prospectivo

Desde pequenos, esses cinco jovens presenciaram seus pais almejando e planejando a conquista de melhores condições de vida e aumento do bem-estar. Por conta disso, eles também adquiriram o hábito de planejar o futuro e estabelecer objetivos tanto para si mesmos quanto para o grupo familiar. Em alguns dos casos, os pais sonharam com o acesso dos filhos à universidade, tendo transmitido a esses o desejo de crescimento e ascensão por meio do estudo e trabalho.

A realização de planos futuros e o estabelecimento de objetivos de longo prazo exige que os indivíduos tenham incorporada a **disposição para o pensamento prospectivo**. Souza (2010) apresenta e analisa essa disposição em seus estudos, afirmando que essa requer certa estabilidade e organização. O **pensamento prospectivo** permite que os indivíduos possam dedicar uma fração de seu tempo presente para pensar acerca das condições necessárias para se viver o futuro. A ralé (SOUZA, 2009), submetida à luta diária pela sobrevivência, não consegue incorporar essa disposição, mantendo-a presa ao presente e impossibilitando o planejamento e o sacrifício de curto prazo em prol da possibilidade de ascensão social futura:

A capacidade de planejar a vida e de pensar o futuro como mais importante que o presente é privilégio das classes em que o agulhão da necessidade de sobrevivência não as vincula à prisão do presente sempre atualizado como necessidade premente. A ralé é refém do presente eterno, do incerto pão de cada dia, e dos problemas que não podem ser adiados. As classes privilegiadas pelo acesso à capital econômico e cultural em proporções significativas "dominam o tempo", porque estão além do agulhão e da prisão da necessidade cotidiana. (...) (SOUZA, 2010, p.51).

Já os jovens batalhadores, tendo a **disposição para o pensamento prospectivo** incorporada, conseguem melhor gerir um dos seus recursos mais escassos: o tempo. Assim, não dispendo de tempo livre, que é privilégio das classes dominantes (SOUZA, 2010), os jovens participantes do estudo precisam planejar seus os próximos passos, a fim de evitar possíveis erros e o desperdício dos escassos recursos que tem disponíveis. Dessa forma é preciso que estejam atentos e prontos para as oportunidades quando essas surgirem, não

podendo perdê-las uma vez que não sabem se e quando surgirão novamente. Além disso, eles precisam garantir seu sustento e sua independência o quanto antes, a fim de não sobrecarregarem seus pais, que já arcam com os gastos da família. Permanecer em casa e sem trabalho significa se tornar um fardo para a família, além de não corresponder às expectativas familiares.

Se não tivessem incorporada a **disposição para o pensamento prospectivo**, dificilmente os entrevistados dariam conta da pesada rotina que levam, composta por jornadas triplas, entre trabalho e estudo, o que é, segundo Corrochano (2013) uma característica dos jovens de classe baixa no país. A necessidade de conciliar estudo e trabalho não é, portanto, uma escolha para esses jovens, no momento em que não detém o privilégio reservado as classes dominantes de se dedicar integralmente ao estudo, ou ainda de escolher as experiências profissionais que desejam ter ao longo da formação, pois irão contribuir para seu desenvolvimento e trajetória profissional. A exigência de manter um vínculo de trabalho ao longo da trajetória formativa, por conta da necessidade financeira, acaba prejudicando a apropriação de capital escolar e cultural dos jovens oriundos das classes baixas. Isso se deve ao fato de, ao iniciar suas atividades profissionais antes de completarem a formação, acabarem tendo, muitas vezes, acesso a postos de trabalho menos qualificados e mais pragmáticos, que pouco contribuem para a qualificação profissional (SOUZA, 2010).

Sendo o tempo um recurso escasso, é necessário estabelecer e manter uma rotina organizada e planejada, a fim de dar conta de todas as obrigações exigidas. Desse modo, a **disposição para o pensamento prospectivo** leva ao planejamento e o autocontrole, bem como a conduta de sacrifício de si próprio, no momento em que exige a projeção de cenários e a identificação de possibilidades, além da necessidade de abrir mão de alguns ganhos e confortos no presente, por conta da crença em um futuro melhor. É por conta dessa disposição que os jovens aceitam abrir mão dos prazeres momentâneos e atividades de lazer, evitando o descontrole financeiro e apostando que esse será um período de privações temporário, que será compensado no futuro:

O sentimento de culpa pelas implicações negativas no futuro do comportamento presente, assim como o sentimento de mérito com relação às implicações positivas, é a verdadeira base do pensamento prospectivo. É desse sentimento de responsabilidade pelo futuro que são privados os indivíduos da ralé, condenados a se identificarem com a perspectiva de repetição imediata do “hedonismo delinquente”. Quando esses indivíduos praticam somente uma “projeção intermitente e extraordinária do futuro” (SOUZA, 2010, p.323).

Percebe-se que esses jovens mantem seu foco no futuro próximo, tendo o hábito de pensar acerca de seus planos e projetos em um horizonte de 5 anos. É por terem incorporado o **pensamento prospectivo** que optam por sair da casa da família, tendo que conciliar mais de uma atividade remunerada para se sustentar ao longo do curso superior, ou mesmo abrir mão de seus finais de semana, utilizando todo o tempo que não é destinado ao trabalho para o estudo.

A **disposição para o pensamento prospectivo** oferece uma possibilidade de futuro a ser idealizada, sonhada e planejada, sendo essa disposição indispensável para que eles possam vislumbrar diferentes caminhos e oportunidades, escolhendo a partir disso onde irão focar seus esforços. Ademais, a partir da trajetória e experiência de vida dos pais, esses jovens aprenderam que, assim como a conquista de uma melhor condição de vida depende do seu esforço e dedicação, a chance de perda do que já foi conquistado por seus pais está a espreita. Assim, eles temem viver na mesma situação de vulnerabilidade que seus pais viveram e conseguiram superar, característica descrita por Souza (2010) como presente na nova classe trabalhadora, bem como temem serem vítimas do rebaixamento social (PEUGNY, 2014) expressos pelo rebaixamento entre gerações (quando os filhos se encontram em uma situação menos favorável do que os pais), rebaixamento de diploma (quando o emprego ocupado não está a altura da qualificação obtida) ou rebaixamento durante o ciclo de vida.

É o **pensamento prospectivo** que faz com que esses jovens busquem se qualificar e se ajustar a pesada jornada de estudo e trabalho durante quatro anos ou mais, abrindo mão do lazer e dos prazeres momentâneos, por conta da crença nos resultados futuros. Mesmo discordando da abordagem economicista apresentada por Neri (2011), o qual defende a expectativa de futuro como uma das perspectivas da nova classe média, percebe-se que há uma expectativa relacionada ao desejo de ascensão social, que é perseguida por meio da **disposição para o pensamento prospectivo**.

Disposição para disciplina

O trabalho duro e o pouco tempo livre exigem que esses jovens consigam dar conta da grande carga de estudo e de trabalho, mantendo-se focados na conclusão das tarefas e em atingir seus objetivos, para que não venham a desistir do seu projeto de vida ao longo do caminho. A **disposição para a disciplina** parece ser essencial para que os alunos bolsistas do Prouni consigam se manter na universidade e concluir o curso, já que o programa tem como base critérios de desempenho. Para que consigam atingir os resultados acadêmicos esperados,

como a obtenção de uma nota mínima e aprovação nas disciplinas matriculadas, eles precisam ter disciplina para adquirir o hábito do estudo, mantendo-se focados nas atividades do curso durante boa parte do seu tempo livre. Sua atenção precisa estar voltada para a faculdade, exigindo que eles abram mão de outras atividades de lazer, em prol dos estudos e do objetivo final que é a obtenção do diploma. Além disso, essa disposição aparece também no contexto de trabalho, onde eles buscam dar o seu melhor de si, nas atividades que desempenham, mesmo quando não há perspectivas de efetivação, como nos estágios em cargos públicos. Essa disposição é incorporada desde a infância, quando veem seus pais dedicando a maior parte de suas vidas para o trabalho, se ausentando do ambiente doméstico e sacrificando seus momentos de lazer em prol de um objetivo futuro.

A **disposição para a disciplina** é incorporada por esses jovens na socialização familiar, sendo reforçada ao longo da trajetória escolar e contribuindo para seu acesso, permanência e conclusão da formação escolar e ensino superior. Na trajetória dos entrevistados ela aparece na infância por meio das cobranças e exigências dos pais para que os jovens mantenham a casa organizada, se envolvam nas tarefas domésticas ou, mesmo mantenham seu quarto limpo e organizado. Alguns deles, como Fernanda e Tiago – os quais ainda residem com os pais – destacaram a exigência organizativa, em especial de suas mães, descrevendo suas cobranças para que o ambiente doméstico se mantenha em ordem. Esse mesmo comportamento disciplinado com relação à organização doméstica e familiar é relatado por Lahire (2008) em seu estudo acerca das famílias de crianças francesas oriundas das classes populares e seu sucesso escolar. Os pais, ao oferecerem a seus filhos um ambiente estruturado e organizado, acabam influenciando mais em seu sucesso escolar, por meio da transmissão da disposição para a disciplina, do que transmitindo conhecimentos acadêmicos ou profissionais. Com relação às atividades escolares, os pais:

Como não conseguem ajudar os filhos do ponto de vista escolar, tentam inculcar-lhes a capacidade de submeter-se à autoridade escolar, comportando-se corretamente, aceitando fazer o que lhes é pedido, ou seja, serem relativamente dóceis, escutando, prestando atenção, estudando e não brincando... (...) Em casa podem exercer um controle exterior direto da escolaridade dos filhos: sancionar as notas baixas e os maus comportamentos escolares, assegurar-se de que as tarefas tenham sido feitas... Indiretamente, também, podem controlar o tempo consagrado aos deveres escolares, proibindo ou limitando as saídas noturnas, restringindo o tempo que passam diante da televisão... (LAHIRE, 2008, p.25).

A disciplina exerce um importante papel na relação professor e aluno, por exemplo, dando origem a condutas de respeito e valorização da figura do professor e favorecendo a

aprendizagem, por conta do reconhecimento e confiança dedicados a esse. Sendo o sistema formativo regido por regras, disciplina e ordem, a escola supõe que os alunos respeitarão e seguirão as normas pré-estabelecidas, razão pela qual a **disposição incorporada para a disciplina** se mostra tão importante para o sucesso escolar e a formação de um comportamento autônomo nos indivíduos, ao conseguirem realizar por conta própria o que lhes foi demandado (LAHIRE, 2008). Para Souza (2010), tanto a escola quanto o mercado de trabalho irão pressupor a incorporação das disposições para a concentração e disciplina como algo natural, presente na socialização de todas as classes sociais e para todos os indivíduos da mesma forma, negando as diferenças existentes na socialização familiar e nas experiências acessadas. Aqueles oriundos das classes baixas que conseguem, de alguma forma, superar as limitações impostas e incorporar certa quantia dessas disposições tendem a apresentar melhores resultados na escola, se destacando.

A **disposição para a disciplina** é uma demanda do mercado de trabalho, no momento em que o controle exercido sobre os trabalhadores passou a ser cada vez mais sutil e internalizado. A supervisão deixou de ser externa, se transformando em autocontrole exercido pelo próprio trabalhador, do qual é exigido maior autonomia, disciplina e responsabilidade (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009). Em especial, se tratando da classe trabalhadora, a **disposição para a disciplina** é importante para a produção de um comportamento dócil, produzindo uma mão de obra passiva, pouco questionadora e desarticulada em prol da mudança social. No entanto, quando se refere a posições de maior responsabilidade dentro das organizações, vinculadas a trabalhos criativos e pouco operacionais, a **disposição para a disciplina** pode representar uma “limitação” de classe, dificultando a obtenção de postos de trabalho mais altos na hierarquia. No caso dos jovens participantes desse estudo, ao atingirem a formação de nível superior, é esperado deles certa pró atividade e criatividade, para que possam assumir cargos de nível superior, situação em que a **disposição para disciplina** fortemente incorporada pode ser, de alguma maneira, prejudicial para a ascensão profissional.

Disposição para o senso prático

Sendo o tempo e o dinheiro dois recursos escassos para esses jovens e suas famílias, eles são ensinados a escolher onde investi-los desde cedo, optando pelas alternativas que oferecem maiores chances de sucesso e retorno. É por essa razão que, mesmo tendo interesse por cursos voltados para as áreas das ciências humanas, comunicação ou saúde, os jovens

entrevistados optaram por se graduar em Administração e Direito, sendo esses cursos vistos como seguros e estáveis, oferecendo maiores chances de sucesso e oportunidades de trabalho.

O **senso prático** reflete também na conduta de sacrifício pessoal, a qual é uma característica, segundo Souza (2010), da nova classe trabalhadora, levando a renúncia do prazer pessoal e da própria vaidade. Não tendo o prazer um fim prático e utilitário, ele acaba sendo deixado de lado, no momento em que não oferece um retorno objetivo e concreto. Souza (2010, p.137) identifica esse comportamento em seus entrevistados, quando:

No caso dos batalhadores não encontramos uma autonomia da esfera erótica, a vida conjugal é totalmente interdependente da vida produtiva. O mundo do trabalho é, nessa classe, totalizador em relação à vida íntima. Não encontramos nela “o tempo livre” para o prazer que é constituinte da condição de classe das classes médias e altas. A instabilidade material unida a uma *moralidade positiva do trabalho duro* faz com que essa classe tenha todo o seu tempo consumido pela atividade produtiva, que perpassa assim as relações afetivas.

Além disso, a **disposição para o senso prático** se apresenta no caso de alguns dos entrevistados por meio da falta de interesse em estabelecer relações amorosas, característica percebida no relato dos três entrevistados do sexo masculino. Ao afirmarem não ter tempo para se envolver em relações afetivas, focando seus esforços na carreira e crescimento profissional, eles estão agindo sob a influência da **disposição incorporada para o senso prático**, já que não percebem vantagens no investimento em relações amorosas nessa fase da vida, quando ainda estão em busca de seu espaço no mercado de trabalho.

No caso das mulheres participantes, percebe-se a existência de questões ligadas à identidade de gênero que as levam a manter relações amorosas estáveis. Essa escolha, tanto de Juliana quanto de Fernanda, demonstra que há um ganho maior, seja de reconhecimento, status ou legitimidade, para as mulheres comprometidas, em comparação àquelas que estão solteiras. Carvalhal (2002), em seu estudo sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, relata que as mulheres tendem a se casar mais cedo do que os homens, já que a partir dos 30 anos as chances de viverem sozinhas passa a aumentar, enquanto os homens estabelecem suas uniões conjugais mais tarde. Além disso, é possível que as mulheres sejam alvo de uma maior pressão familiar pelo estabelecimento de relações estáveis, uma vez que a manutenção do núcleo familiar e o instinto gregário são importantes e valorizados por esse grupo.

Disposição para a autossuperação

Esses jovens acreditam, por conta da experiência de seus pais, na possibilidade de ascensão social e conquista de uma vida melhor por meio do estudo e do trabalho. No entanto, o contexto vivido por esses é diferente daquele quando seus pais ingressaram na vida adulta, sendo hoje caracterizado pela redução no número de empregos qualificados e na oferta de vínculos de trabalho estáveis, aumento do desemprego juvenil e crises recorrentes do sistema capitalista (PEUGNY, 2014; POCHMANN, 2012). Apesar das mudanças no contexto econômico e social nas últimas três décadas, a superação das dificuldades socialmente impostas é vista pelos cinco jovens como uma barreira que depende apenas de seu esforço e dedicação para ser vencida, discurso associado à reprodução da meritocracia e invisibilização das desigualdades sociais. Essa é uma disposição identificada por Souza (2010) em seu livro sobre a nova classe trabalhadora, onde:

Disposições para autossuperação seriam as inclinações e propensões – que podem ser observadas empiricamente por meio de trechos da história de vida de um batalhador que apontam para pensamentos, sentimentos e ações – que visam à superação de uma condição de vida anterior ou atual e, conseqüentemente, a projeção do batalhador para uma outra situação de vida vista, por ele, como melhor, tanto para ele próprio quanto para seus familiares (SOUZA, 2010, p.96).

A busca por autossuperação se reflete na crença de uma vida melhor, a qual, por conta do discurso da meritocracia, serve como estímulo para que os indivíduos produzam mais e melhor. Deles, é exigido que saiam de sua “zona de conforto” e se tornem cada vez mais competitivos (BARBOSA, 2014). Além disso, a **disposição para a autossuperação** leva a reprodução do discurso da empregabilidade, no momento em que essa é entendida como a capacidade da mão de obra em manter-se no mercado de trabalho, ou ainda, recolocar-se quando em situação de desemprego (BARBOSA, 2014). Assim, a responsabilidade por se readaptar às exigências do mercado e se manter em constante desenvolvimento é delegada ao trabalhador, que precisa buscar meios de se manter atraente para o mercado de trabalho (LEITE, 1997). Reproduzindo o discurso da empregabilidade, mesmo que de forma inconsciente, os jovens egressos participantes desse estudo apresentam uma conduta perseverante e de confiança em si mesmos, buscado se tornarem atraentes para o mercado. Assim, a busca por resultados cada vez melhores, por conta da **disposição para a autossuperação**, faz com que eles reproduzam o discurso da perseverança e da responsabilização e esforço individual.

A **disposição para a autossuperação** é transmitida a partir da convivência com os pais, ao cobrarem boas notas durante a formação escolar e depositarem nos filhos a esperança de um projeto familiar coletivo de ascensão social. Essa responsabilidade acaba gerando cobranças, tanto externas quanto internas, que são reproduzidas por esses jovens mesmo após a saída da casa dos pais. Por essa razão, passam a competir consigo mesmo, buscando se superar a cada ação, o que também faz com que se sintam pressionados, ao carregarem essa responsabilidade.

A autocobrança presente no relato desses jovens parece ser o motor que os leva adiante e os motiva a fazer planos e abrir mão dos prazeres e tempo livre no presente, em prol da crença em um futuro melhor. O medo de voltar à situação de vulnerabilidade em que seus avós e seus pais viveram faz com que eles se cobrem pela obtenção de resultados cada vez melhores. Esse comportamento competitivo aparece nos estudos de Lahire (2008) sobre o desempenho escolar de crianças oriundas dos meios populares. O autor destaca que aqueles que traziam internalizada a **disposição para a autossuperação** passavam a não depender da cobrança dos pais ou professores para se dedicarem as tarefas escolares, o que resultava em melhor desempenho escolar, quando comparados aqueles com comportamento pouco autônomo.

Assim como a **disposição para a disciplina**, essa também é uma disposição valorizada no mercado de trabalho, ao despertar o desejo de superação e a competitividade nos indivíduos, atendendo a constante pressão por aumento dos lucros e melhoria dos resultados nas organizações inseridas no sistema capitalista (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

6.2 DISPOSIÇÕES INTRAINDIVIDUAIS

Além das disposições compartilhadas acima apresentadas, cada participante do estudo possui tantos outros modos de conduta, adquiridos ao longo de experiências vividas nos mais variados contextos, os quais compõem seu sistema disposicional. Se, para Bourdieu (2008), as disposições compartilhadas compõem um *habitus* de classe homogêneo, para Lahire (2004), mesmo em um *habitus* compartilhado existem contradições, fazendo com que esse não possa ser visto como base única geradora de condutas padronizadas. Assim, Lahire (2002, 2004) defende que os indivíduos apresentam variações disposicionais, tanto

intraindividuais como interindividuais, não sendo socializados a partir de um princípio único gerador de todas as práticas, e sim por meio da pluralidade de mundos sociais dos quais fazem parte. Assim,

Se o estudo dos coletivos obriga frequentemente à tipificação do grupo (de sua cultura, de suas propriedades), a descida progressiva para indivíduos singulares leva a ver as diferenças invisíveis de longe, a perceber a heterogeneidade que uma outra visão contribuiria para tornar homogênea (LAHIRE, 2004, p. 322).

Por essa razão serão apresentadas as disposições individuais, fruto das diferentes trajetórias percorridas por cada um dos entrevistados e que tornam cada indivíduo uma mistura sutil de disposições variadas, que podem, muitas vezes, ser contraditórias (LAHIRE, 2004).

Disposição para asceticismo

As tendências ascéticas estão relacionadas ao cálculo racional dos recursos, voltando os esforços para o que poderá gerar maior retorno. Assim, a disposição ascética ajuda os indivíduos na gestão dos recursos escassos, contribuindo para a manutenção de sua posição social e evitando o rebaixamento social (LAHIRE, 2008). Os recursos escassos não são necessariamente econômicos, sendo o tempo, por exemplo, um recurso escasso para os jovens entrevistados e suas famílias.

Souza (2012, p.233), em seu livro sobre os batalhadores, aponta a **disposição ascética** como uma característica dessa classe social:

Mas, para além da característica básica de uma ética do trabalho duro, a conduta ascética implica ainda, além da disciplina incorporada, um estilo de vida que conta com a racionalização de conteúdos cognitivos sobre os mundos natural e humano em suas regularidades e contradições, sobretudo com base na noção de temporalidade preventiva e na própria experiência coletiva do trabalho e de conteúdos de valor fornecidos quer pela religiosidade, quer pelos preceitos morais do senso comum.

Lahire (2008) também descreve essa disposição em seu estudo a partir do contexto francês, associando-a ao sucesso escolar nos meios populares. Ele a relaciona a precisão e regularidade com relação à rotina e a organização familiar, por meio do qual as crianças são ensinadas a priorizar as obrigações e responsabilidades, em detrimento do tempo para brincadeira e diversão. Assim, a **disposição ascética** está associada as disposições para a **disciplina e trabalho duro**, favorecendo a mobilização dessas.

Com relação aos participantes desse estudo, a **disposição ascética** pode ser percebida no discurso de Juliana, Fernanda e Gustavo, principalmente por se permitirem poucos momentos de ócio ou lazer, tendendo a resistir aos impulsos momentâneos em prol dos objetivos futuros.

Disposição para hedonismo

Se caracteriza pela valorização do prazer, do descanso e da diversão, fazendo com que aqueles que a tem incorporada se permitam usufruir do prazer momentâneo, de maneira não utilitária e racional. Essa disposição se mostra mais comum em indivíduos das classes baixas, como a ralé, e das classes altas, mas nem por isso deixa de ser presente em indivíduos de outras classes. Nas classes baixas, o descontrole com relação ao comportamento hedonista pode fazer com que os indivíduos vivam apenas para o presente, valendo-se, em alguns casos, de drogas, sexo e a busca pelos prazeres imediatos, o que acaba reduzindo suas chances de mobilidade social, como retratado por Souza (2009) no livro sobre a ralé. Já as classes privilegiadas, tendo também incorporada a **disposição para o autocontrole**, se permitem usufruir de momentos hedonistas, sem que, para isso, tenham de comprometer sua conduta prospectiva e planejamento futuro, no momento em que possuem uma vida ordenada, a partir de vínculos estáveis, o que propicia certa regularidade. Tal comportamento caracteriza o hedonismo como um privilégio de classe, ao ser possível usufruí-lo, sem que para isso seja necessário comprometer outras esferas da vida (SOUZA, 2009).

Tiago e Diego parecem ter recebido de sua família maior incentivo para desfrutarem da vida, tendo incorporado a **disposição para o hedonismo** a partir de seus pais, que mesmo dedicando grande parte de suas vidas para o trabalho, se permitiam usufruir de períodos de férias, viagens à praia e momentos de descanso aos finais de semana. Os dois entrevistados relatam darem importância para a reserva de um tempo para si mesmos, dedicando parte de sua rotina para a prática de esportes e de atividades físicas, por exemplo.

Disposição para conciliação

Está relacionada à tendência de evitar o conflito, levando o indivíduo a ceder ou mudar sua posição, a fim de resolver algum impasse ou divergência que se apresente. Diego parece manifestar essa disposição incorporada nos momentos em que busca manter relações

amigáveis e cordiais com seus colegas de trabalho, amigos e familiares, evitando se posicionar de maneira muito incisiva. Essa postura faz com que Diego demonstre não ser afeito a “comprar brigas”, buscando apaziguar as discussões. A **disposição para a conciliação** pode estar relacionada a **disposição para flexibilidade moral**, contribuindo para a adaptação aos diferentes meios e códigos de conduta.

Disposição para enfrentamento

Se associa a uma posição firme, a qual leva os indivíduos a se posicionarem frente a um questionamento ou conflito, não desistindo facilmente em uma discussão ou disputa. As duas entrevistadas do sexo feminino parecem ter incorporada a **disposição para o enfrentamento**, que no caso de Juliana está relacionada a sua forma direta e objetiva de se colocar, sem rodeios. Sua conduta, a partir do contexto profissional, leva-a a deixar as coisas claras, não postergando a resolução dos problemas que se apresentam. Fernanda, por sua vez, parece se posicionar especialmente em situações de conflito ou quando discorda de algo. Um exemplo disso é papel que assumiu na universidade como representante informal de turma, ao assumir o posto de porta-voz de seus colegas frente a conflitos com professores, demonstrando sua tendência a assumir uma postura de confronto, expondo seu ponto de vista e suas crenças sempre que solicitada.

Disposição para prudência

Relacionada a condutas cuidadosas, onde os indivíduos evitam correr riscos desnecessários, optando pela segurança e estabilidade. Juliana e Diego demonstraram ter essa disposição incorporada, tendo cada um deles diferentes condutas a partir da influência dessa. Juliana desejava morar em Porto Alegre, mas apenas o fez, abrindo mão de seu antigo emprego, quando foi aprovada em um estágio na cidade. Além disso, as duas desistências de curso superior se deram apenas quando ela já havia sido aprovada em outro curso, não tendo desistido antes de ter certeza quanto ao ingresso em outra formação. Esses comportamentos demonstram a **disposição para prudência** incorporada em Juliana, que procura não se arriscar ou se lançar de maneira pouco planejada. Enquanto isso, Diego parece ter incorporado de seu pai a **disposição para a prudência**. É essa disposição que faz com que ele busque a estabilidade da carreira pública e se sinta bem nesse ambiente de trabalho. Além disso, ela o

influencia a ter comportamentos seguros e planejados, não se lançando ao desconhecido ou se expondo a riscos.

Disposição para temeridade

A **disposição para a temeridade** está relacionada à falta de prudência, resultando em condutas ousadas. Os indivíduos que têm incorporada essa disposição apresentam maior tendência a correr riscos, tendo comportamentos audaciosos. Tanto Tiago quanto Gustavo parecem ter incorporada essa disposição, cada um deles a sua maneira. A **disposição para temeridade** se expressa na conduta de Tiago nos momentos em que ele não pensa duas vezes antes de se lançar em alguma atividade, ou ainda, de abdicar de algo que está fazendo. Assim, apesar de suas **disposições para o senso prático e pensamento prospectivo**, em algumas situações ele parece se deixar conduzir mais pela emoção do que pela razão, se lançando ao desconhecido sem ponderar o risco de insucesso. Tiago apresenta uma tendência a renúncia, desistindo de algumas atividades por medo de falhar ou ser rejeitado. Essa disposição parece estar combinada com a **disposição para a autossuperação**, fazendo com que Tiago passe a se cobrar pelos melhores resultados, exigindo cada vez mais de si mesmo. Por conta disso, ele demonstra temer o erro, levando-o a desista de algo que almeja, em determinadas situações, por medo dos resultados serem aquém do que ele espera de si mesmo.

Por sua vez, Gustavo apresenta comportamentos ousados e consegue fazer mudanças audaciosas em sua vida, se lançando frente ao desconhecido. Assim, ele não parece temer a possibilidade de largar tudo e recomeçar a vida em outro local, como inclusive já fez duas vezes. Essa disposição, associada à **disposição para perseverança** e ao seu momento de vida, em que se vê como um jovem cheio de possibilidades a serem desbravadas e sem muito a perder, leva Gustavo a correr maiores riscos do que os outros entrevistados.

Disposição para autonomia

A **disposição para autonomia**, presente no trabalho de Lahire (2008) sobre as classes populares, se caracteriza pela existência de um impulso, como um motor interno, que leva os indivíduos a ir atrás do que almejam, não esperando por outros ou pelo momento ideal para começarem a agir. Dentre os estudos de caso apresentados nessa pesquisa, Juliana, Tiago

e Gustavo demonstram ter essa disposição mais fortemente incorporada, levando-os a ter iniciativa e perseguir as oportunidades, antes mesmo de elas se apresentarem.

No caso de Tiago e Gustavo, eles têm o hábito de estabelecer contato com professores e supervisores de estágio, mesmo não os conhecendo, a fim de se oferecerem como estagiários ou bolsistas de iniciação científica, antes mesmo de esses terem ofertado alguma vaga. Entre os jovens entrevistados, Gustavo tem inclusive como lema de vida a frase: “vai lá e faz”. Assim, ele afirma ser um criador de oportunidades, se descrevendo como “cara de pau”, indo atrás do que acredita, sem medo de ser rejeitado ou de receber um não como resposta. Juliana demonstra ter uma conduta independente, apesar do capital familiar incorporado, indo atrás do que almeja por conta própria, sem esperar ou contar com o auxílio dos amigos e parentes. Por essa razão, ela defende a atitude individual como essencial para se atingir os objetivos traçados, não reconhecendo a motivação externa como suficiente para a mobilização dos indivíduos.

Disposição para flexibilidade moral

Está associada a um comportamento adaptativo, no qual o indivíduo busca se adaptar aos diferentes contextos, situações e opiniões, moldando-se a fim de receber reconhecimento e legitimidade, mesmo daqueles de quem discorda ou é diferente. Por tanto, com a intenção de circular nos mais diferentes meios sociais e se inserir nesses, a **disposição para a flexibilidade moral** contribui para que as opiniões e as condutas possam ser ajustadas, de acordo com o meio onde se está inserido. Isso faz com que a circulação entre diferentes classes sociais se torne mais fluida, minimizando as diferenças existentes entre os *habitus* de classe. Isso se deve ao fato de essa disposição estar associada a uma maior facilidade para perceber as diferenças de conduta, posicionamento e visões de mundo, conseguindo por conta disso se apropriar desses comportamentos, passando a reproduzi-los a fim de se inserir em grupos sociais aos quais não pertence. Gustavo é um exemplo, ao conseguir estabelecer e manter relações de amizade e afeto tanto com seus amigos de infância quanto com seus colegas da universidade oriundos de um meio social diferente do dele. Além disso, ele foi o único dos entrevistados que estabeleceu vínculos de amizade tanto com os alunos bolsistas quanto não bolsistas, muitos deles oriundos das classes altas. Assim, ele aparenta ter uma grande facilidade para relacionar-se, estabelecendo vínculos de maneira natural e rápida, fazendo com que ele não tenha problemas para circular entre os mais diversos grupos sociais.

Disposição para retidão

Está associada à conduta íntegra, levando o indivíduo a ser a favor do dever, das regras e da lei, prezando pela retidão de caráter. Diego parece ter incorporado essa disposição a partir do seu pai, que foi policial militar e tem um discurso de exaltação da honestidade e da conduta ética. Essa disposição faz com que Diego seja visto como um jovem “certinho”, evitando condutas que possam desmoralizá-lo.

Gustavo é outro entrevistado que parece ter incorporada a **disposição para retidão**. Ele se descreve como uma criança e um adolescente com bom comportamento, apesar de ter passado boa parte de sua infância na rua, na companhia de seus amigos, ao invés de em casa sob a supervisão dos pais. Assim, ele relata nunca ter se envolvido em problemas por conta da convivência com os amigos do bairro, como situações de violência ou uso de drogas, por exemplo. O fato da mãe de Gustavo frequentar a Igreja e ser descrita por ele como alguém que sempre “pegava no seu pé”, cobrando-o para que contribuísse com a organização da casa e exigindo bom comportamento e postura cristã, permite supor que a disposição para a retidão tenha sido incorporada por influência dela. No entanto, mesmo tendo incorporada a **disposição para retidão**, Gustavo parece ter incorporada também a **disposição para flexibilidade moral**, associada à sua **disposição para apropriação social**.

Disposição para distinção social

Se refere à necessidade de se diferenciar socialmente daqueles pertencentes a diferentes classes sociais. Essa disposição pode resultar em uma conduta de valorização de sua origem, frente às demais classes, como também na tentativa de se diferenciar de sua classe de origem, como forma de expressar a ascensão social. No caso de Gustavo, ao almejar construir sua carreira e “fazer seu nome” em uma multinacional, ele demonstra certo desejo de diferenciação social, bem como nas comparações feitas quanto ao seu comportamento e modo de vida e o de seus amigos de infância. Ao mesmo tempo em que Gustavo adota uma conduta humilde, por exemplo, em suas palestras em escolas públicas, ele também demonstra, por meio de sua postura, querer se diferenciar daqueles que compartilham da mesma origem social, como uma forma de demonstrar sua ascensão.

Enquanto isso, para Tiago essa disposição se reflete em uma tendência ambiciosa, demonstrada através de seu desejo por status e reconhecimento social. Essa conduta, somada à **disposição para autossuperação**, leva-o a buscar ser sempre melhor, superando tanto a si mesmo quanto àqueles com quem convive. Fernanda, por sua vez, parece mobilizar essa disposição para uma conduta de vigilância quanto a seu comportamento, buscando não reproduzir o modo de ser e de se portar que considerada característico das classes baixas. Assim, ela busca se diferenciar, adotando comportamentos que considera adequados e de bom gosto, com relação à maneira de falar, de se vestir e de se portar, o que faz com que ela seja considerada com alguns de seus familiares como arrogante. Tal relação com o gosto é desvelada por Bourdieu (2015) na obra *A Distinção*, onde mostra que o gosto serve como instrumento de classificação social, diferenciando o admirável do vulgar, associando o primeiro as classes dominantes e o segundo as classes populares.

Disposição para apropriação social

A facilidade em circular por diferentes meios sociais, interagindo com indivíduos de diferentes origens e conseguindo se adaptar aos mais diferentes contextos, está associada à **disposição para apropriação social**. Assim, essa disposição parece contribuir para uma maior flexibilidade comportamental, tornando os indivíduos mais facilmente adaptáveis as diferentes realidades e modos de vida. Tiago, ao conseguir manter o bom relacionamento e a proximidade com seus amigos de infância, ao mesmo tempo em que consegue estabelecer relações com seus professores, supervisores de estágio e colegas de diferentes origens sociais, demonstra ter incorporada essa disposição. A facilidade para **apropriação social** parece ter sido reforçada no ambiente escolar, a partir da formação em uma escola técnica frequentada por jovens de diversas origens sociais e que parece fomentar a atitude competitiva e valorizar a ambição em seus alunos.

6.3 SÍNTESE ANALÍTICA

A partir dos relatos de cada um dos jovens, é possível perceber modos de ação que se aproximam e se assemelham entre eles, bem como alguns perfis que compartilham entre si um maior número de disposições do que outros. Muitas dessas disposições compartilhadas

foram incorporadas a partir da socialização familiar, tendo sido transmitidas pelos seus pais como uma herança invisível (SOUZA, 2014). Por conta disso, as experiências de infância e a relações vividas com os pais e familiares aproximam as histórias desses cinco jovens, estabelecendo entre eles pontos de contato.

Se no momento da socialização familiar são incorporadas as disposições compartilhadas, é na sua segunda socialização – relativa a ingresso no ambiente escolar – que suas trajetórias começam a apresentar maiores disparidades. Nessa fase, as diferenças quanto à estrutura e qualidade da formação recebida, bem como os incentivos e estímulos oferecidos pelos professores e as trocas realizadas entre os colegas, passam a influenciar as relações que os jovens estabelecem com a instituição escolar e com o ato de estudar.

Os cinco entrevistados estudaram, ao menos durante o ensino fundamental, em escolas próximas de casa, muitas vezes à poucas quadras de distância, fazendo com que seu contexto de socialização ao longo da infância se mantivesse restrito a uma pequena região da cidade. Assim, mesmo nos finais de semana e períodos de férias eles seguiam, na maior parte do tempo, restritos a esse mesmo espaço de convivência. É apenas após o ingresso no ensino médio que alguns deles começaram a frequentar outros espaços da cidade, se afastando do bairro de origem, enquanto outros irão viver essa primeira ruptura contextual somente após o ingresso na universidade.

As diferenças presentes nos contextos de socialização e experiências vividas pelos cinco jovens participantes do estudo, ao mesmo tempo em que se reduzem após o ingresso na universidade, uma vez que todos ingressaram em grandes e reconhecidas universidades, também se acentuam por conta de mudanças ocorridas a partir do ingresso. Uma delas é o afastamento do ambiente familiar, tendo alguns deles saído da casa dos pais e se mudado para próximo da universidade. Tal mudança os oportunizou viverem outras experiências, bem como construir uma nova rotina e estilo de vida, o que favorece a alteração do seu sistema de disposições. No caso dos jovens que permaneceram próximos à família, a convivência diária faz com que as disposições incorporadas a partir da origem familiar sigam sendo reforçadas, tornando mais difícil a incorporação de novos hábitos.

Todas as disposições identificadas nesse estudo estão listadas no quadro resumo abaixo, estando identificadas por um asterisco as disposições que foram concebidas pela autora nessa pesquisa. Dentre as demais disposições compartilhadas apresentadas nesse trabalho, três delas estão presentes no trabalho de Souza (2010) nesses mesmos termos: **pensamento prospectivo, disciplina, e (ética do) trabalho duro**. Quanto as disposições

individuais, o **asceticismo e o hedonismo** também aparecem em suas obras (SOUZA, 2009, 2010). Na obra de Lahire (2008) acerca do sucesso escolar nos meios populares, algumas dessas disposições são descritas, mesmo que, em alguns casos, sejam identificadas a partir de outros termos. Lahire (2008) destaca a importância de um *ethos familiar* coerente e regular, bem como das condutas apreendidas a partir da socialização familiar relacionadas à **disciplina, autonomia, busca pela autossuperação e asceticismo**, os quais são comportamentos que se ajustam à lógica escolar da regularidade, ordem e clareza, contribuindo para que essas crianças tenham um bom desempenho escolar.

Ao aproximar o conjunto de disposições identificado por Souza (2009, 2010) em seus estudos acerca da estrutura social brasileira das disposições identificadas nesse estudo, percebe-se que os jovens que conseguem acessar, permanecer e concluir o curso superior, por meio do Prouni, são provenientes da nova classe trabalhadora. São esses jovens, os quais representam, em sua maioria, a primeira geração de suas famílias a se graduar no ensino superior, que representam a esperança de ascensão social e melhoria de vida do seu núcleo familiar. Eles são o resultado do investimento de seus pais e do projeto coletivo compartilhado em suas famílias, visando à melhoria das condições de vida e o maior acesso aos capitais que lhes são negados, como o econômico, cultural e social.

Sendo assim, são os jovens oriundos dessa classe social que, frente ao contexto de expansão do acesso ao ensino superior, têm conseguido avançar nos níveis de qualificação e formação, passando a compor a próxima geração de mão de obra no país. Para Souza (2010), a família batalhadora não prepara seus membros para exercerem apenas uma determinada função no mercado de trabalho, e sim os transforma em corpos prontos e destinados ao trabalho duro. Com isso, a família batalhadora produz contingente humano preparado para as necessidades do capitalismo contemporâneo, contribuindo para a reprodução desse sistema no momento em que é responsável pela reprodução da classe social que possibilita a sua sustentação.

A relação entre o sistema de disposições incorporado por esses jovens e seu processo de ingresso, permanência e conclusão do ensino superior, bem como o processo de inserção profissional após a graduação, serão analisados na próxima seção desse trabalho.

Quadro síntese das disposições¹⁵

		Entrevistados				
		Juliana	Tiago	Fernanda	Diego	Gustavo
Disposições compartilhadas	Instinto gregário*	X	X	X	X	X
	Trabalho duro	X	X	X	X	X
	Pensamento Prospectivo	X	X	X	X	X
	Disciplina	X	X	X	X	X
	Senso prático	X	X	X	X	X
	Autossuperação	X	X	X	X	X
Disposições intraindividuais	Asceticismo	X		X		X
	Hedonismo		X		X	
	Conciliação*				X	
	Enfrentamento*	X		X		
	Prudência*	X			X	
	Temeridade*		X			X
	Autonomia	X	X			X
	Flexibilidade moral*					X
	Retidão*				X	X
	Distinção social*		X	X		X
	Apropriação social*		X			X

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁵As disposições identificadas com um asterisco foram cunhadas pela autora desse trabalho. As demais se originam dos trabalhos de Souza (2009; 2010) e Lahire (2008).

7 FORMAÇÃO E INSERÇÃO PROFISSIONAL: UMA ANÁLISE DISPOSICIONALISTA

Após a discussão acerca das disposições individuais e compartilhadas entre os jovens egressos do ensino superior pelo Prouni, essa seção se destina a analisar como essas disposições influenciam o acesso, a permanência e a conclusão do ensino superior, assim como o processo de inserção profissional, após a saída do sistema formativo.

No momento em que os traços disposicionais incorporados se refletem em propensões, inclinações, hábitos e tendências (LAHIRE, 2004), pretendeu-se compreender a relação entre as disposições e as trajetórias percorridas por esses jovens, frente as oportunidades a que tiveram ou não acesso. Destaca-se que, apesar de algumas das disposições serem compartilhadas pelos cinco jovens, conforme já apresentado na seção 6.1, cada participante possui seu conjunto de disposições, que é mobilizado de diferentes formas, não havendo aqui a intenção de estabelecer comparativos entre suas trajetórias ou pontuar julgamentos quanto a essas. No entanto, ao longo desse estudo, cada sistema disposicional é analisado tanto de maneira individual quanto coletiva, partindo-se dos pressupostos da sociologia disposicionalista, onde a conduta individual é tão social quanto a conduta compartilhada entre um grupo social, sendo o singular um retrato do coletivo (LAHIRE, 2002).

Ainda, adotou-se o termo inserção profissional, mesmo que os jovens participantes desse estudo já tivessem experiências de trabalho anteriores ao ingresso na universidade. Isso se deve a abordagem teórica adotada nessa pesquisa, a qual considera que a inserção profissional se dá a partir da saída do sistema formativo. Além disso, após a obtenção do diploma, os participantes tinham a expectativa de se colocarem no mercado de trabalho em posições mais qualificadas e de maior status social, que fossem condizentes com a sua formação. É importante salientar que o processo de inserção profissional vivido pelos entrevistados ainda está em curso, uma vez que eles foram entrevistados após menos de um ano de conclusão do curso e alguns deles eram recém graduados. Assim, no momento da realização das entrevistas o processo de inserção profissional estava, na verdade, ainda em curso, não permitindo que sejam apresentadas conclusões acerca da inserção profissional dos participantes desse estudo, mas sim que sejam apresentadas as percepções e análises feitas a partir dos dados obtidos no momento de transição do sistema de formação para o mercado de trabalho.

Por fim, a análise será apresentada a partir de quatro blocos temáticos, que vão desde a relação entre as disposições incorporadas e a origem social (1), a qual se constitui como a primeira socialização (BOURDIEU, 2014; LAHIRE, 2002; DUBAR, 2001), passando pela segunda socialização, que se dá na trajetória escolar (2), seguida pela análise do processo de ingresso, permanência e conclusão do ensino superior (3) e a transição para o mercado de trabalho (4). Tais blocos de discussão foram construídos com base nos dados originados na interação entre a pesquisadora e participantes do estudo. Portanto, essas não são categorias construídas a priori, e sim temas que se mostraram relevantes e pertinentes aos olhos da pesquisadora no decorrer do estudo.

7.1 A PRIMEIRA SOCIALIZAÇÃO: ORIGEM SOCIAL E CAPITAL FAMILIAR

“(...) minha mãe sempre disse: tu sabe que teu pai não tem condições de te pagar uma boa faculdade, mas ele sempre disse, se quiser, no que a gente puder te ajudar, a gente vai te ajudar. E se eu precisar de qualquer coisa hoje eu sei que eles vão me ajudar, de alguma forma eles vão dar um jeito de me ajudar, mesmo não podendo ajudar com tudo, sempre vão me apoiar”.

Apesar de diferenças nas trajetórias familiares, os cinco jovens apresentam semelhanças em sua origem social e familiar, relacionadas as histórias de superação e ascensão social relatadas por seus pais, que por meio do trabalho duro, o que é uma característica da nova classe trabalhadora (SOUZA, 2010), puderam usufruir de um modo de vida menos vulnerável do que seus antepassados. Por essa razão, desejam que seus filhos deem sequência a esse processo de ascensão social, também por meio do trabalho duro, da disciplina e da perseverança.

Percebe-se que não foi apenas a **disposição para o trabalho duro** que a socialização familiar incorporou nesses jovens, como também a **disposição para a autossuperação**, que reflete em um comportamento persistente e na crença da qualificação e do estudo como caminho para a melhoria de vida. Esses jovens tiveram seus pais como fonte de motivação e incentivo para perseguirem o objetivo de ingresso na universidade, indo além do que os demais integrantes da família puderam ir em termos de qualificação. Destaca-se que entre os cinco participantes, todos foram os primeiros de suas famílias a ingressarem e concluírem o ensino superior, fato que é motivo de orgulho e representa uma vitória no projeto coletivo de suas famílias. Essas disposições incorporadas desde a infância, no seio familiar, estão associadas ao posterior êxito no ingresso no ensino superior, bem como na sua permanência e

conclusão, e seguem influenciando o comportamento dos jovens no momento de ingresso e na permanência no mercado de trabalho.

Percebe-se que o ingresso no ensino superior não era, portanto, um desejo somente dos jovens, e sim parte de um projeto familiar de ascensão social, do qual eles passaram a carregar grande parte da responsabilidade. Para Lahire (2008, p.29): “Os pais sacrificam a vida pelos filhos para que cheguem aonde gostariam de ter chegado ou para que saiam da condição sociofamiliar em que vivem”. Esse projeto compartilhado de crescimento familiar é possível através da mobilização daquele que é o capital específico da nova classe trabalhadora: o capital familiar (SOUZA, 2010). Esse é a base que permite que esses jovens acumulem jornadas duplas ou triplas de trabalho e estudo, vencendo a falta de tempo e o cansaço. Além disso, o capital familiar auxilia na permanência dos jovens na universidade, no momento em que a família contribui para assegurar que os jovens tenham acesso a transporte, moradia e alimentação, oferecendo também apoio psicológico e motivacional nos momentos de dificuldade.

O suporte familiar, expresso pelo capital familiar, é o que diferencia a nova classe trabalhadora das outras classes que compõem a estrutura social brasileira, como a ralé e as classes mais altas (SOUZA, 2010). A ralé, ao ter como característica a instabilidade do núcleo familiar, que é muitas vezes monoparental, não dispõem desse capital, ao não. Já as classes mais altas não precisam depender do capital familiar, ao disporem de outros capitais, como o econômico, social e cultural. A mobilização do capital familiar se apresenta de forma mais ou menos organizada, diferindo entre as trajetórias dos cinco jovens. Nas famílias de Tiago e Diego há um grande investimento dos pais no projeto coletivo de melhoria de vida, incentivando e provendo, dentro de suas possibilidades, os filhos para que consigam concluir o ensino superior. Por outro lado, na história de Gustavo é a ausência desse projeto compartilhado que acaba por motivá-lo a buscar sua independência e ascensão social por conta própria, o que não o impede de tentar envolver e incentivar os irmãos a seguirem o seu exemplo.

Assim, o capital familiar pode agir como estímulo, fazendo com que o jovem se dedique a formação e a carreira dando o máximo de si, seja porque espera atender as expectativas dos pais, seja porque almeja sair da casa desses, o que possibilitaria enfraquecer o modo de vida incorporado a partir do seu grupo familiar. Essa é uma das diferenças existentes entre Tiago e Gustavo, no momento em que a família de ambos levou-os a buscarem formas para ascender socialmente, sendo que a família do primeiro fez isso

diretamente e a do segundo o fez indiretamente, a partir de experiências negativas compartilhadas por meio da convivência familiar. No entanto, o capital familiar também pode atuar como uma “âncora”, mantendo os jovens ligados ao seu contexto de socialização familiar e não permitindo que eles tenham a oportunidade de vivenciar diferentes experiências, e assim enfraquecer algumas condutas relacionadas a sua origem social. É o que parece acontecer na trajetória de Fernanda, quando a permanência na casa dos pais parece limitar suas oportunidades de trabalho, ao mantê-la fisicamente distante de Porto Alegre e ligada as rotinas e hábitos herdados de seus pais.

Percebe-se que a família se apresenta como uma das principais fontes de incentivo para que os jovens sigam se qualificando e investindo em sua capacitação, a fim de obterem melhores postos de trabalho. O fato de suas famílias acreditarem na possibilidade de um futuro melhor, que depende do esforço e dedicação individual, leva esses jovens a também reproduzirem essa crença. Esse é um discurso que se aproxima à teoria do capital humano (SCHUTZ, 1973), e que, ao mesmo tempo em que serve de força motriz para que os jovens se dediquem aos estudos, também os responsabiliza pelo seu sucesso e seu fracasso, reforçando a ação individual e minimizando a presença de outros fatores que influenciam no processo de sucesso escolar e inserção profissional.

Apesar dos esforços desses jovens para se qualificarem, reproduzindo a crença incorporada de que o esforço, dedicação, disciplina e trabalho duro são suficientes para que os objetivos sejam conquistados, Peugny (2014) afirma que tal discurso não se realiza, a partir de sua análise acerca da sociedade francesa. O autor defende que o discurso meritocrático acaba por encobrir as reais oportunidades acessadas pelos filhos da classe trabalhadora, as quais, apesar da ampliação no acesso à formação e qualificação no contexto francês, seguem sendo diferentes das obtidas pelos jovens oriundos das classes mais altas. O mesmo processo parece estar em curso no Brasil, frente a ampliação do acesso ao ensino superior, sendo possível que o cenário de desemprego juvenil e dificuldade no acesso ao mercado de trabalho existente na França venha a se configurar como um cenário futuro também no Brasil.

Quando esses jovens passam a acessar novos contextos, após o ingresso na universidade, eles esperam que seus familiares também possam viver essa experiência, razão pela qual os incentivam a se qualificarem. Esse é o caso de Tiago, que faz planos quanto aos cursos que seus pais deverão realizar, a fim de conquistarem melhores postos de trabalho, ou mesmo ao escolher em qual curso a irmã mais nova deverá ingressar. Assim, passam a ser fonte de inspiração para os demais familiares e amigos de infância, sendo apontados como

exemplo de sucesso e conquistando legitimidade perante seu meio de origem. No entanto, em alguns dos casos a família não consegue também se capacitar, o que faz com que esses jovens vivam um conflito entre seu sistema disposicional de origem e o novo, incorporado a partir das novas vivências, os quais podem entrar em conflito em alguns contextos.

Nos cinco estudos de caso, as jovens do sexo feminino parecem ter maior dificuldade em influenciar seus familiares a modificarem seu sistema disposicional, além de se manterem mais próximas do meio de origem do que os jovens do sexo masculino. Por conta disso, a família parece manter uma maior influência sobre as disposições que essas mobilizam, mantendo-as ligadas à sua origem social, ao invés de elas passarem a influenciar os pais quanto a incorporação de novas disposições, o que favoreceria seu processo de ascensão social. Isso leva a crer que o capital familiar possa ter um peso diferente para os indivíduos, havendo influência de gênero no momento em que as expectativas e papéis socialmente atribuídos serão diferentes para homens e mulheres.

Com relação à região de origem da família, aqueles que cresceram no interior parecem ter maior facilidade para alterar seu sistema disposicional, e com isso, maiores chances de acumularem capital social e cultural após o ingresso na universidade. Assim, àqueles que mudam de cidade, passando a residir afastados do núcleo familiar, como no caso de Juliana e Gustavo, é dada a oportunidade de “recomeçar”, estabelecendo uma nova rede de contatos, novos hábitos e rotinas, a partir dos novos contextos acessados. Se eles tivessem ingressado no ensino superior em uma IES em sua cidade natal, é provável que fatores ligados a origem familiar, como o sobrenome e a história da família seguissem caracterizando esses jovens perante a comunidade, tanto dentro da sala de aula como no momento da inserção profissional. Já ao estudar em uma nova cidade, onde eles não têm uma rede formada, é como se estivessem começando sua vida de forma independente do passado familiar, o que os dá liberdade para se reinventarem de uma maneira que não poderiam fazer no interior.

Com relação aos participantes que moram na Região Metropolitana de Porto Alegre, eles precisam conviver com o estigma de residirem nas cidades satélites da capital, fato que pode vir a prejudicá-los em seleções de emprego e estágio. Assim, ao mesmo tempo em que os jovens que residem com a família durante o curso superior têm a vantagem de disporem do auxílio e apoio de sua estrutura familiar, eles também permanecem mais ligados às dinâmicas familiares e modos de conduta associados a sua origem social, como no caso de Tiago, Fernanda e Diego, o que pode dificultar sua adaptação aos novos contextos acessados a partir do ingresso na universidade.

7.2 A SEGUNDA SOCIALIZAÇÃO: A TRAJETÓRIA ESCOLAR

“Próxima a minha casa, a escola que tinha ensino médio era muito ruim e a minha melhor amiga estudava numa escola no centro. Só que todo mundo que morava aqui na vila saía da escola que era do município e ia para essa que era ruim para caramba, e a minha mãe queria que eu fosse pra essa e eu disse não, eu não vou, eu não vou para a aula, eu não faço prova, se vocês me colocarem lá eu me rodo”.

A escola, como segundo espaço de socialização dos indivíduos (DUBAR, 2001), apresenta possibilidades e oferece oportunidades diferentes daquelas acessadas pelos jovens no seio familiar. Assim, o ingresso nesse novo espaço pode oportunizar aos indivíduos a incorporação de novas disposições, não transmitidas no ambiente familiar.

Em sua pesquisa sobre o sucesso escolar em meios populares, Lahire (2008) destaca que as crianças com o melhor desempenho escolar tinham incorporada a busca pelo sucesso escolar de maneira autônoma, não precisando de cobranças externas, tanto dos familiares quanto dos professores, para atingirem os bons resultados esperados. Assim, eles próprios se obrigavam a estudar, cobrando-se por bons resultados, em uma clara influência das disposições incorporadas para a **autonomia e autossuperação**. Para Lahire (2008), o aluno que vive em um ambiente doméstico material e temporalmente ordenado acaba adquirindo, sem perceber, métodos de organização, que são incorporados por meio de estruturas cognitivas ordenadas. Essas estruturas conversam com as formas de ordenação do mundo, o que acaba contribuindo para um bom desempenho escolar e adaptação desse jovem as regras estabelecidas no ambiente escolar. Além disso, Peugny (2014) defende a importância da escolarização básica de qualidade, a qual contribui, desde a infância, para mitigar as disparidades existentes nas socializações das diferentes classes sociais, ao invés de buscar compensá-las apenas após o acesso ao ensino superior.

Na trajetória de Gustavo, foi após o ingresso na escola que ele passou a desejar o ingresso na universidade, espaço que contribuiu para reforçar a **disposição para o pensamento prospectivo e a disciplina**, as quais não haviam sido incentivadas por seus pais. Assim, foi ao longo da socialização escolar que ele se percebeu como capaz de cursar uma faculdade, descrevendo a escola como o local onde passou a “ser gente” e reconhecer seu valor. Foi na relação com seus professores e nos diferentes pontos de vista e informações acessados no ambiente escolar que ele percebeu existirem caminhos diferentes daqueles trilhados por seus pais.

Juliana, assim como Gustavo, não via sentido na escola e não se sentia atraída pelos estudos. No entanto, foi no ambiente escolar que passou a praticar esportes e se inseriu no contexto dos campeonatos escolares, os quais fizeram com que ela passasse a gostar do ambiente escolar e concluisse a formação básica. Foi por meio da experiência escolar que Juliana reforçou as **disposições para a perseverança e disciplina**, as quais a ajudaram a ingressar e permanecer na universidade. Para Fernanda e Diego, a escola reforçou várias das disposições que já haviam sido incorporadas na relação familiar, como **a disciplina e a perseverança**. No caso de Fernanda, suas trocas de escola tiveram grande influência em seu sistema disposicional, assim como suas disposições incorporadas a levaram a solicitar aos pais que a trocasse de escola, em um movimento relacional. Ela estudou durante o ensino fundamental em uma escola próxima a sua casa, por escolha dos pais, mas decidiu mudar de escola no momento de ingresso no ensino médio, matriculando-se em uma instituição que ficava a quase uma hora de distância de sua casa e era conhecida por ser a melhor escola pública da cidade. Tal mudança contribuiu para reforçar a **disposição para distinção social**, levando-a a incorporar modos de conduta diferentes dos expressos por seus familiares e amigos do bairro, o que contribuiu para que ela se distanciasse desses e se percebesse como diferente dos demais quando inserida em seu contexto de origem.

Diego também estudou em uma escola pública reconhecida pela qualidade de ensino oferecida, o que contribuiu para que ele reforçasse as **disposições para disciplina e autossuperação**, adquiridas em seu meio familiar. Já para Tiago, a escola técnica onde estudou fez com que ele reforçasse a **disposição para a perseverança**, acionando sua conduta e comportamento ambicioso, ao mesmo tempo em que também intensificou sua autocobrança e sua competitividade, acionando o medo do fracasso e o desejo de **distinção social**.

Assim, foi na escola que os entrevistados tiveram contato com outros importantes atores em sua trajetória de formação, tomando alguns de seus professores como exemplo. Juliana e Diego destacam seus professores de Educação Física, que os incentivaram a se autossuperarem, em consonância com essa disposição. Já Gustavo recebeu dos professores o incentivo que faltava para ingressar na universidade, enquanto Fernanda passou a frequentar um centro de tradições gaúchas, espaço onde aprendeu a ser mais desenvolta e comunicativa, por influência de um de seus professores.

A valorização dos professores se dá ainda no ambiente doméstico, pela influência dos pais ao inculcarem nos filhos a **disposição para a disciplina**, que se reflete no respeito à

autoridade do professor. Os pais das classes populares sentem que têm pouco a contribuir com relação aos conteúdos e processo de aprendizagem escolar dos filhos, devido a sua baixa escolaridade. Desta forma, acabam por ensinar aos filhos a importância de se submeterem a autoridade escolar, exigindo que se comportem corretamente no ambiente escolar e demonstrem respeito pelos professores. Segundo Lahire (2008) essa disposição contribui para o bom comportamento, conformidade as regras, moral do esforço e da perseverança, contribuindo assim para uma boa escolaridade. Assim, a ordem moral e material existente no domicílio e na rotina da família, por meio da regularidade das atividades, horários, regras estritas e recorrentes, produzem estruturas cognitivas ordenadas, tornando os jovens capazes de gerir e organizar suas ações e atividades em outros contextos, como o escolar e o laboral.

7.3 INGRESSO, PERMANÊNCIA E ÊXITO NO ENSINO SUPERIOR

“Nas primeiras aulas eu tive muita dificuldade, eu tinha que estudar muitas horas por dia e as minhas expectativas, no caso, só pioraram né, quando eu participei assim de todas as primeiras aulas e daí eu fiquei meio desesperada. Porque eu não tinha conhecimento de nada daquilo, era um mundo totalmente novo pra mim”.

Quando questionados acerca da decisão de se inscrever no vestibular e perseguir uma vaga no ensino superior, os cinco entrevistados tiveram dificuldade em precisar quando e por que tomaram essa decisão, assumindo esse como um próximo passo natural em suas trajetórias. No entanto, na geração de seus pais esse não era um passo inerente, tendo alguns conseguido concluído apenas o ensino fundamental. Essa mudança, entre uma geração e outra, com relação à percepção da universidade como um objetivo possível de ser alcançado demonstra a mudança no perfil e no sistema de ingresso no ensino superior ocorrido no país nas últimas décadas. Se no passado a universidade era um espaço elitista, restrito às classes mais altas, nota-se uma mudança de percepção quanto a quem se destina essa formação, frente ao processo de ampliação no número de vagas e instituições de ensino superior e a implementação de políticas públicas que visam promover o acesso.

Alguns dos entrevistados foram incentivados pelos pais, desde a infância, a continuar estudando mesmo após o término do ensino médio, comportamento que pode ser associado às **disposições para autossuperação e pensamento prospectivo**. Esse é o caso de Tiago, Fernanda e Diego, que parecem ter incorporado o desejo de ingressar na universidade por meio de seus pais. A incorporação da importância e valorização do estudo por influência

familiar é característica da nova classe trabalhadora (SOUZA, 2010), no momento em que os pais vislumbram para os filhos a chance de melhoria de vida por meio do trabalho duro, como eles próprios fizeram. Portanto, os pais desses jovens têm incorporada a crença de que, no momento em que seus filhos, além do trabalho duro, também se dedicarem aos estudos, eles estarão prontos a ir mais longe do que as gerações anteriores da família puderam chegar. Dentre os entrevistados, a família de Gustavo se mostrou a exceção, no momento em que ele foi encorajado a continuar estudando não por seus pais e sim por seus professores, em sua segunda socialização (DUBAR, 2005).

Apesar de todos os entrevistados terem a disposição para o **pensamento prospectivo** incorporada, a escolha pelo curso e pela instituição de ensino parece ter sido influenciada, em um primeiro momento, pela **disposição para o senso prático**. Os jovens basearam sua escolha de curso e IES a partir das chances de ingresso, tomando por base o número de vagas e as notas de corte. Em um segundo momento, parecem ter levado em conta as perspectivas de carreira associadas à profissão escolhida, então mobilizando a **disposição para o pensamento prospectivo**. Tiago, por exemplo, escolheu o curso de Direito por ser o que oferecia o maior número de vagas. Assim, o primeiro foco foi o ingresso na universidade, mesmo que para isso fosse necessário se inscrever em um curso que não era do interesse dos entrevistados.

Além de avaliarem as chances de ingresso por meio do número de vagas ofertadas, os cinco jovens reforçaram outro critério decisivo no momento da inscrição, que foi a abrangência do curso e das possibilidades de atuação durante e após sua conclusão. Assim, a possibilidade de trabalhar ao longo da formação era muito importante, levando-os a optar por áreas com uma ampla oferta de estágios, e que pareciam oferecer uma ampla gama de oportunidades após a conclusão do curso. Os entrevistados optaram pelas áreas da Administração e do Direito, que são aquelas com o maior número de matrículas no ensino superior no país (BRASIL, 2015), assim como com a maior oferta de vagas pelo Prouni (PORTAL EBC, 2014). Essa escolha demonstra a crença nas carreiras tradicionais como aquelas que ofereceriam as melhores oportunidades, o que aliado às disposições incorporadas para o **senso prático, pensamento prospectivo e prudência**, os suggestionaram a abrir mão de profissões que despertavam seu interesse, como Educação Física, Jornalismo e Psicologia, por conta do receio de encontrar pouca oferta de trabalho. Uma vez que a formação de nível superior exigiria dedicação, disciplina e renúncia de momentos de lazer e descanso, se mostrava importante ter certeza quanto às perspectivas de retorno do investimento a ser feito

na continuidade da formação. Assim, a escolha do curso foi, portanto, utilitarista, respaldada pela crença no diploma como garantidor da inserção no mercado de trabalho (ZAGO, 2006; LEMOS, NEVES e FARIAS RODRIGUES, 2013) e como suficiente para a distinção social e profissional.

Com relação à inscrição no Prouni, os cinco jovens descreveram terem tido dificuldade em reunir toda a documentação exigida a fim de comprovarem sua elegibilidade. Essa se apresenta, portanto, como uma primeira etapa eliminatória no acesso ao espaço universitário, antes mesmo do efetivo ingresso, já que entrega da documentação exigida demanda que tanto o estudante quanto a família tenham condutas associadas às **disposições para disciplina e pensamento prospectivo**. Além disso, a **disposição para a apropriação social** também se mostra importante nessa etapa, uma vez que o Prouni foi concebido por indivíduos oriundos das classes média e alta, tendo sido pensando a partir das disposições, vivências e modos de compreensão de mundo incorporado por esses. Assim, aqueles que construíram essa política pública são oriundos de um grupo social diferente dos que se beneficiarão dela, sendo necessária certa apropriação social, para compreender o que é exigido e conseguir atender à solicitação.

Para além das disposições, também é necessário que os candidatos tenham tempo para providenciar certidões recentes, que constam na lista de documentos, assim como para organizar o material a ser entregue à IES. Sendo o tempo um recurso escasso para a nova classe trabalhadora (SOUZA, 2010), o processo seletivo do Prouni parece servir como um grande filtro, eliminando aqueles que não têm algumas dessas disposições incorporadas.

Após serem aprovados e comemorarem o ingresso na universidade, os cinco entrevistados começaram a temer o que encontrariam quando ingressassem nesse espaço ainda desconhecido. Fernanda, por exemplo, relata nunca ter visitado uma IES antes de sua aprovação pelo Prouni. O medo sentido no ingresso ao ensino superior aparece nas falas relacionado à trajetória escolar deficiente e à sensação de terem aprendido menos do que seus colegas oriundos das classes mais altas, egressos de colégios particulares. Essa sensação está relacionada a distribuição desigual dos bens culturais, que é característica de uma sociedade de classes. No entanto, tal desigualdade é invisibilizada pelo sistema escolar, ao separar a reprodução cultural da reprodução social por meio de tratamento igual oferecido àqueles que possuem trajetórias desiguais (PASSOS e GOMES, 2012).

Para vencer as primeiras dificuldades que se apresentam, quando adentram a universidade e passam a conviver com professores e colegas oriundos das classes altas, a

incorporação e mobilização da **disposição para apropriação social** parece auxiliar os jovens bolsistas a se adaptarem a esse espaço nada familiar. Fernanda relata que durante os dois primeiros semestres, muitas vezes, permanecia na sala de aula apenas olhando para o professor, sem conseguir assimilar o que ele explicava. Já Gustavo afirma ter se matriculado quatro vezes em uma mesma disciplina da área da matemática, por conta da dificuldade em ser aprovado, além de ter identificado lacunas em suas habilidades de escrita e conhecimentos de língua portuguesa, que o prejudicavam na elaboração de trabalhos e provas. Tiago, oriundo de uma escola pública técnica reconhecida pelo nível de exigência e qualidade do ensino oferecido, não sentiu dificuldades ao ingressar no curso de Direito, tendo percebido inclusive que detinha vantagens de aprendizado sobre seus colegas, como conhecimento prévio sobre elaboração de projetos de pesquisa científica.

A dificuldade vivida durante os primeiros semestres do curso se explica, em parte, por conta do baixo capital cultural acumulado por esses jovens. O capital cultural, para Bourdieu (2012b), dá-se por meio das disposições incorporadas pelos indivíduos, constituindo seus gostos, o seu domínio da língua e suas aptidões escolares. Esse capital, por meio das referências culturais, dos conhecimentos socialmente valorizados adquiridos e do domínio da língua culta, ensinados pelos pais ainda na infância, irão facilitar o ingresso e os aprendizados assimilados no ambiente escolar, como também na universidade. Ao ingressar na escola, os indivíduos deparam-se com um código que rege o universo escolar, cujo entendimento depende da mobilização de certas disposições que os permitem decifrá-los. No entanto, aqueles que pertencem às classes dominantes têm maiores chances de incorporarem tais disposições ao longo da socialização familiar, o que os deixa em vantagem quando comparados aos alunos das classes baixas, que são penalizados em seu desempenho escolar por não as possuírem (BOURDIEU, 2014). Para muitos desses jovens será oportunizado o acesso à tais códigos no momento em que ingressarem no ambiente escolar, estando sua incorporação atrelada à qualidade da instituição acessada e do ensino oferecido.

Apesar do pouco capital cultural mobilizado pelos jovens participantes desse estudo no momento de ingresso na universidade, ao longo do tempo eles conseguiram se adaptar ao ambiente universitário e sua dinâmica, em parte graças às **disposições incorporadas para a disciplina, autossuperação, trabalho duro e apropriação social**, que contribuíram para que pudessem adquirir capital cultural dentro do novo contexto acessado. Assim, mesmo tendo dificuldades de aprendizagem e não dominando alguns conteúdos referentes ao ensino fundamental e médio, a escolha desses cinco jovens bolsistas foi de dedicar todo o seu tempo

livre para os estudos, abrindo mão dos finais de semana, a fim de superar as deficiências de aprendizagem que carregavam desde o ensino básico. A escolha por sacrificar o momento presente em prol de um melhor futuro é fruto da **disposição para o pensamento prospectivo**, levando-os a acreditar que existem chances reais de atingirem seus objetivos, dependendo principalmente do quanto se dedicam para isso.

Além de temer as dificuldades que surgiriam ao longo das disciplinas e conteúdos, alguns dos entrevistados relatam ter temido a possibilidade de sofrer algum tipo de preconceito, devido ao fato de serem bolsistas de baixa renda inseridos em um ambiente elitista como ainda são as universidades brasileiras. Fernanda foi quem mais reforçou na sua fala a ansiedade e apreensão sentidas ao longo do primeiro ano de faculdade, o que pode ser um reflexo de sua **disposição para a distinção social**, levando-a a buscar se diferenciar do estereótipo de conduta associado às classes baixas. Já Juliana afirma não ter se sentido inferior por conta de não ter o mesmo nível de renda ou acesso aos mesmos bens materiais que seus colegas.

É interessante destacar os conflitos de classe vividos ao longo da formação universitária, que aparecem velados no discurso dos cinco entrevistados. Enquanto alguns demonstraram estar mais atentos às diferenças sociais existentes, outros pareceram não perceber a violência simbólica naturalizada na convivência entre as diferentes classes sociais (BOURDIEU, 2004). Os cinco jovens relataram ter ocorrido desde o início do curso determinado processo em suas turmas: a separação entre alunos bolsistas e não bolsistas. Apesar de descreverem esse como um processo não intencional, quase como uma mera coincidência, esse não é um processo natural no momento em que foram as diferenças na socialização e, portanto, nas disposições incorporadas e nos capitais adquiridos que acabaram por distanciar os alunos bolsistas dos não bolsistas.

Desse modo, mesmo estando em um novo ambiente, o qual poderia oferecer a oportunidade de ampliação da rede de relações e incorporação de capital social, quase todos os entrevistados acabaram se relacionando com estudantes que compartilhavam a mesma origem social do que eles. Essa situação se repetiu mesmo após a conclusão do curso, uma vez que quase todos relataram ter mantido sua principal rede de relacionamento ligada à família e aos amigos de infância, o que pode demonstrar fraca incorporação de capital social. A família tem um importante papel na aquisição do capital social, o qual poderá ser ampliado após o ingresso na escola, assim como no ensino superior (BOURDIEU, 2012a). No entanto, a dificuldade em ampliar a rede social, a partir do ingresso no ambiente universitário, parece

estar relacionado a baixa incorporação da **disposição para a apropriação social e flexibilidade moral**, o que dificulta a interação com aqueles que detém hábitos e condutas diferentes dos quais o indivíduo está habituado.

O caso de Gustavo é uma exceção, sendo o único entrevistado que afirmou ter estabelecido relações tanto com colegas bolsistas quanto não bolsistas, reforçando a possível relação entre a facilidade de incorporação de capital social com sua **disposição para a apropriação social**. Ele parece ter superado as diferenças de classe - como as diferenças de origem familiar, emprego dos pais, bairro onde moram, locais que frequentam, atividades que realizam em seu tempo livre, entre outros - esforçando-se para acompanhar os amigos em festas, mesmo quando não tinha recursos financeiros para isso. Essa incorporação de capital social acabou gerando a Gustavo uma indicação para o programa *trainee* no qual ingressou após a conclusão da faculdade, por meio de um de seus colegas não bolsista.

Outra fonte importante de capital social para esses jovens foi sua relação com os professores ao longo do curso. Alguns relatam terem aprendido mais a partir das relações pessoais estabelecidas com seus professores do que por meio das aulas formais, onde haviam de compartilhar a atenção com diversos outros colegas. Gustavo é um dos entrevistados que mais se valeu de sua condição de bolsista para estabelecer vínculos de proximidade com seus professores, que sabiam que ele residia sozinho na cidade, longe da família e com poucos recursos, e por essa razão o convidavam para atividades de lazer aos finais de semana, por exemplo. A relação de Gustavo com seus professores parece ter sido essencial para a aquisição de capital cultural, apreendendo ao longo dos momentos de interação a forma de falar, vocabulário e postura desses, bem como aprendendo sobre seus gostos, atividades de lazer e hobbies. Lahire (2008), em seu livro sobre o sucesso escolar nos meios populares, destaca o importante papel dos professores, seja por meio de auxílio material ou encorajamento, na trajetória de sucesso escolar de seus entrevistados de meios populares.

Fernanda e Diego pareceram ser os que menos conseguiram construir essa nova rede de apoio por meio do relacionamento com professores e supervisores de estágio. Diego não parece ter tido maiores prejuízos por conta disso, devido ao fato de já estar empregado antes mesmo do ingresso no curso. Já Fernanda, ao término do curso, foi a única entrevistada que estava desempregada, o que pode ser um reflexo da ausência de uma rede social que pudesse auxiliá-la na busca por vagas de emprego, inclusive por meio de indicações. A construção de uma rede de apoio para além do círculo social de origem desses jovens, interpretada aqui como incorporação de capital social (BOURDIEU, 2012b) é de extrema importância para que

os jovens bolsistas tenham acesso a oportunidades diferentes das que seus pais, tios, primos e vizinhos tiveram e para as quais poderiam indicá-los.

Com relação aos demais entrevistados, percebe-se que aqueles que optaram por priorizar o estudo, vendo o trabalho como necessário para obtenção de renda ao longo dos primeiros anos de curso, conseguiram construir uma rede de relacionamentos mais ampla durante seu vínculo à universidade, tendo mais tempo para se aproximarem de seus professores e colegas. Diego, que trabalhava como concursado em um cargo público durante oito horas diárias e estudava em uma cidade diferente da sua residência, afirma ter construído poucas amizades na universidade, que não se mantiveram após a conclusão do curso. É compreensível tal situação, uma vez que Diego chegava na universidade próximo ao horário de início da aula e retornava para casa assim que essa terminava, tendo poucos momentos livres para interação com os colegas.

Ao longo do curso, todos os cinco jovens desempenharam atividades de trabalho concomitantes ao curso superior, iniciativa que se deu tanto por necessidade financeira quanto por acreditarem que somente a universidade não lhes ofereceria a experiência prática que seria exigida pelo mercado de trabalho após a conclusão do curso. No entanto, devido aos bolsistas do Prouni pertencerem, em sua maioria, a faixa etária entre 18 e 24 anos no momento de ingresso na universidade (BRASIL, 2015), faz com que eles ainda não sejam, na maioria dos casos, os principais responsáveis pelo sustento familiar. Dentre os cinco participantes desse estudo, apenas Juliana e Gustavo já haviam saído da casa dos pais, sendo responsáveis pelo seu sustento. Além disso, nenhum dos cinco entrevistados estava casado ou tinha filhos, o que restringia seus gastos a necessidades individuais.

A situação e o momento de vida dos cinco jovens participantes dessa pesquisa, bolsistas em IES reconhecidas e bem-conceituadas, é diferente da encontrada por Comin e Barbosa (2011) em seu estudo acerca dos trabalhadores estudantes, vinculados à cursos noturnos em IES privadas. Eles são descritos como alunos de idade mais avançada, que já ocupam uma posição no mercado de trabalho e com isso obtêm a renda necessária para voltar a estudar, arcando com os custos de um curso superior. Também se diferencia da situação encontrada por Perdigão (2015), ao analisar as chances de mobilidade social dos bolsistas do Prouni matriculados em IES rentabilizadoras, que oferecerem cursos com baixas mensalidades e voltados ao público que trabalha e almeja por cursos que exijam o mínimo de tempo possível de estudo e frequência em caráter presencial. Por conta disso, esses cursos acabam restringindo a oferta de atividades extracurriculares, as quais poderiam contribuir para

a aquisição de capital social e cultural dos alunos. Os bolsistas apresentados no estudo de Perdigão (2015) eram mais velhos, casados e com filhos e já tinham uma trajetória no mercado de trabalho, o que dificultava sua reinserção após a conclusão do curso superior e reduzia o acesso a oportunidades de aprendizagem extraclasse ao longo da formação, como cursos, palestras e eventos.

No caso dos jovens bolsistas do Prouni desse estudo, sua pouca idade e o ingresso em uma IES bem-conceituada fez com que passassem a ter acesso a vagas de estágio mais qualificadas do que os trabalhos que exerciam antes, como no caso de Gustavo, que deixou de trabalhar em uma padaria do seu bairro para atuar como estagiário em um banco público. A atividade profissional, por meio dos estágios, também contribuiu para a aquisição de capital social pelos entrevistados a partir das relações estabelecidas com seus colegas de trabalho e supervisores (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009). Assim, eles puderam buscar pelo apoio e orientação que seus pais e familiares não podiam lhes oferecer, com relação a decisões de carreira, análises acerca do mercado de trabalho e dúvidas ao longo da formação universitária, uma vez que esses não fazem parte desse contexto, com seus chefes e supervisores de trabalho. Para Juliana, Gustavo e Tiago, os supervisores de estágio e empregadores se tornaram seus conselheiros de carreira e trajetória profissional, inclusive figurando em algumas situações também como conselheiros pessoais.

Sobre a conciliação entre trabalho e estudo, os entrevistados relataram diferentes estratégias para dividirem seu tempo e atenção entre as duas atividades. Enquanto Diego, por conta de sua **disposição para a prudência**, acabou priorizando sua atividade profissional, inclusive ingressando na universidade apenas após atingir a estabilidade financeira, outros como Juliana, Gustavo e Tiago priorizaram a formação universitária, optando por focar na inserção profissional apenas mais próximo ao final do curso. Juliana priorizou se inscrever em estágios com baixa carga horária, em torno de quatro horas diárias, a fim de ter tempo para se dedicar aos estudos. Ela relata que todo o esforço dispendido para frequentar a universidade fazia com que não conseguisse usar o tempo em sala para outras atividades que não fossem prestar atenção na aula e se dedicar a assimilar ao máximo os conteúdos. É também por essa razão que os momentos de socialização com os colegas, como *happy hours* e confraternizações não eram sua prioridade, refletindo também seu **senso prático e disposição ascética**. Por outro lado, Gustavo e Tiago decidiram permanecer o máximo de tempo possível dentro do ambiente universitário, aplicando-se para bolsas de iniciação científica e trabalhos vinculados a instituição de ensino.

Para todos os entrevistados, a dedicação ao curso era de extrema importância, uma vez que o Prouni exige de seus inscritos o bom rendimento acadêmico. Assim, todos temiam perder suas bolsas de estudo devido à reprovação em alguma disciplina ou o não atendimento a nota mínima exigida, o que significaria abrir mão do sonho de obtenção do diploma de nível superior e a frustração do projeto coletivo de ascensão social da família. Por conta do risco eminente de serem desligados da universidade, tanto Tiago quanto Gustavo têm o discurso de aproveitar ao máximo as oportunidades, participando de todas as atividades possíveis e fazendo valer todo o esforço despedindo para cursarem o ensino superior. Gustavo inclusive se esforçou para participar de eventos sociais da turma da faculdade, fora do horário de aula, tanto com seus colegas bolsistas quanto não bolsistas, mesmo tendo em alguns períodos do curso uma jornada dupla de trabalho. Para ele, era importante estabelecer vínculos de amizade e relacionamento com seus colegas, professores e supervisores de estágio, o que demonstra sua **disposição para a apropriação social**

Essa vivência dentro da universidade, para além das horas exigidas no currículo obrigatório, caracteriza a permanência efetiva, descrita como: “(...) o envolvimento com pesquisas, a apropriação de equipamentos materiais, a realização de cursos extracurriculares, além de informações sobre programas de cunho formativo existentes no âmbito da universidade” (ALMEIDA, 2007, p.36). Assim, o acesso a permanência efetiva não está atrelado ao ingresso na formação de nível superior, havendo aqueles que ingressam no curso sem ter acesso a todas as oportunidades que são usualmente apresentadas pelo ambiente universitário. Por essa razão, a desigualdade no acesso à permanência efetiva é um dos fatores de diferenciação entre as diversas trajetórias percorridas após o ingresso no ensino superior. Percebe-se também uma diferença entre o quanto os entrevistados conseguiram se dedicar as atividades universitárias, que estava relacionada à proximidade que mantinham de seus núcleos familiares. No caso de Gustavo, a saída da casa da mãe e o afastamento da família permitiu-o voltar sua atenção e esforços para as atividades acadêmicas e profissionais, não mais se envolvendo nos conflitos, dilemas e problemas familiares. O mesmo ocorreu com Juliana, ao sair do interior e passar a residir em Porto Alegre, o que a permitiu dedicar seu tempo para si mesma e sua formação.

Por outro lado, Tiago e Diego, os quais seguiram morando com a famílias durante o curso, creditam a essas o apoio e motivação que foram necessários para que pudessem concluir seus estudos, apontando a família como responsáveis por tarefas ligadas à alimentação, transporte, organização do lar, entre outros. Delegar algumas dessas

responsabilidades a família fazia com que eles tivessem mais tempo para se dedicar aos estudos e atividades profissionais. Fernanda parece ser a única entrevistada que, ao mesmo tempo em que permaneceu residindo com a família durante o curso, ao invés de se beneficiar dessa situação acabou sendo prejudicada, no momento em que passou a conciliar seus estudos e trabalho também com as atividades domésticas da família. Assim, a proximidade da família tanto pode contribuir para o sucesso formativo dos bolsistas por meio do capital familiar (SOUZA, 2010), se os familiares dividirem com os jovens as responsabilidades de suas atribuladas jornadas de estudo e trabalho, como também podem acabar gerando ainda mais demandas para esses, comprometendo seu escasso tempo com a resolução de problemas domésticos ou familiares.

Próximo ao final do curso, os jovens bolsistas parecem ter enfrentado uma maior dificuldade ao transitar entre os diferentes meios sociais que passaram a fazer parte após o acesso ao ensino superior. Alguns deles, como Gustavo e Tiago, ao terem incorporada a **disposição para a apropriação social**, demonstraram conciliar mais facilmente as diferenças existentes entre suas relações familiares, profissionais e universitárias. Por outro lado, alguns deles parecem passar a se sentir deslocados em seu meio familiar, como no caso de Fernanda, que foi rotulada por seus parentes como metida e arrogante por conta das mudanças em sua postura e conduta, podendo ser esse um reflexo da **disposição para distinção social**. Assim, mesmo tendo incorporado o **instinto gregário**, a necessidade de mudar alguns comportamentos e disposições a fim de se adaptarem ao espaço universitário e ao ambiente de trabalho fez com que eles passassem a não se sentir mais pertencentes ao mesmo grupo social que seus pais e familiares, aumentando as tensões sociais intra e interindividuais (LAHIRE, 2006). Tais tensões se relacionam ao que Lahire (2004) descreve como situação de trânsfuga de classe, quando um indivíduo nascido em determinado meio social passa a viver em outro meio, principalmente por conta da mobilidade social ascendente via qualificação.

Gustavo é o participante do estudo que mais se aproxima da situação de trânsfuga de classe, ao mudar drasticamente seu meio de convívio social, conseguindo se adaptar ao ambiente universitário e construindo uma nova rede social a partir desse. Esse processo parece estar relacionado às **disposições incorporadas para a distinção social, apropriação social e flexibilidade moral**, que o oportunizam circular mais facilmente entre os diferentes grupos sociais, conseguindo se adaptar e estabelecer vínculos tanto com indivíduos que compartilham de sua origem social quanto aqueles que não.

7.4 DEPOIS DO ACESSO: A INSERÇÃO PROFISSIONAL

“Mas, era o que eu mais tinha medo assim, era do depois”.

Próximo ao momento de conclusão do curso, os jovens voltam a temer o futuro, da mesma forma que temeram quando entraram na universidade. Eles ingressaram em um curso de nível superior motivados pela perspectiva de conquistar um melhor posto de trabalho, por conta do aumento de qualificação, e por esse motivo se sentem pressionados a obter um emprego estável e qualificado com o término do curso. Eles esperam que a promessa de aumento na remuneração e nas chances de obtenção de um posto qualificado de trabalho, como defendida pela teoria do capital humano (CATTANI, 2011), se realize depois de todo o investimento feito para a conquista de um diploma de nível superior. No caso dos jovens participantes desse estudo, essa expectativa é compartilhada com seus pais e familiares, ao investirem e acreditarem no projeto familiar de ascensão social por meio da qualificação dos filhos. Essa expectativa aparece na fala de alguns dos entrevistados, ao relatar a associação feita por seus pais entre a obtenção do diploma de nível superior e o acréscimo financeiro quase automático, ao imaginarem que esses passariam a receber uma remuneração elevada após a saída da universidade.

Peugny (2014) descreve a situação do contexto francês de desigualdade de oportunidades entre as gerações, uma vez que as gerações passadas tinham acesso a mais vagas de emprego do que os jovens têm atualmente, sendo exigido desses uma maior qualificação e oferecidos menores salários. Com isso, a situação enfrentada pelas atuais gerações pode ser sinal do fim do progresso geracional, tornando a mobilidade social mais difícil para as gerações seguintes. Essa parece também ser a situação do atual contexto brasileiro, onde os egressos do sistema de formação, depois da década de 2010, vem encontrando maiores dificuldades para se inserir no mercado de trabalho. Para Peugny (2014, p. 66): “Em uma sociedade que faz do diploma o passaporte de acesso aos melhores empregos e às categorias sociais superiores, a competição pelos títulos escolares é uma questão crucial”.

Aqui é importante ressaltar as mudanças ocorridas no cenário econômico do país, as quais são muito diferentes do momento em que eles ingressaram na universidade, entre os anos de 2010 e 2012. O ano de 2012 foi marcado por uma onda de otimismo, onde foram ofertadas 284.622 mil bolsas pelo Prouni (BRASIL, 2015), e as perspectivas econômicas eram de crescimento. A partir do ano de 2015, ocorreram grandes mudanças no contexto

político e socioeconômico do país, onde a taxa de desemprego no primeiro trimestre de 2017, segundo o IBGE¹⁶, atingiu 13,7%, a maior desde o ano de 2012.

No entanto, o ingresso no mercado de trabalho é um processo regido não apenas por meio de mecanismos econômicos de mercado, uma vez que esse é um campo de disputas e não um espaço de trocas meramente econômico (ROCHA-DE-OLIVEIRA e PICCININI, 2001). Assim, é essencial considerar que esse processo decorre de interações diversas e complexas, vividas a nível individual e influenciadas pelos grupos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos, bem como pelos mecanismos institucionais que orientam o processo. Por essa razão, a inserção profissional não está no controle dos indivíduos, o que faz com que esses também não tenham completa responsabilidade pelos seus resultados. Assim, os indivíduos detêm certa autonomia de decisão e de ação, no entanto, tem sua ação restrita pela estrutura social na qual estão inseridos (BOURDIEU, 1989), especialmente por conta de sua posição social e pertencimento de classe.

Juliana destaca que sentiu muito medo do término da graduação, por ter consciência de que ela, diferente de seus colegas oriundos de classes mais altas, não tinha o pai ou mesmo outros membros da família graduados em Direito que poderiam auxiliá-la no processo de inserção profissional. Assim, ela afirma reconhecer o peso da responsabilidade quanto à obtenção de um emprego que carregava, não podendo contar com sua rede social de origem para auxiliá-la agora que buscava por vagas de nível superior e dentro de sua área de formação. Para Souza (2014), o esquecimento do processo de socialização familiar, que é diferente a partir de cada classe, permite reforçar a ideia de mérito individual, já que todas as condições sociais, emocionais, morais e econômicas que permitem criar um indivíduo produtivo e competitivo no mercado são invisibilizadas, permitindo que se responsabilize os indivíduos das classes baixas pelo seu fracasso.

Os jovens bolsistas parecem creditar mais a si mesmos a responsabilidade pela situação em que se encontram no mercado de trabalho, reproduzindo o discurso de que a construção de suas carreiras e de seu futuro depende apenas deles próprios e do seu esforço. Percebe-se que a **disposição para o trabalho duro e para a autossuperação** acaba alimentando a crença na meritocracia, levando-os a acreditar que se não atingiram os objetivos que haviam proposto para si mesmos, isso se deve ao fato de não terem se dedicado

¹⁶ Segundo reportagem do Jornal Valor, publicada no dia 28 de abril de 2017, disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4951844/brasil-tem-o-recorde-de-142-milhoes-de-desempregados-aponta-ibge>. Último acesso em 20 de julho de 2017.

e trabalhado duro o suficiente ao longo do curso, mesmo que o momento de otimismo quando ingressaram no curso, em meados de 2012, seja muito diferente do atual cenário econômico, social e político do país. Para Peugny (2014), a glorificação do mérito é consequência da invisibilidade das diferenças sociais, posto que ao negar os antagonismos sociais, se torna natural responsabilizar cada indivíduo por suas escolhas, sucessos e fracassos. No entanto, seguir responsabilizando os indivíduos, desconsiderando o contexto social e econômico, em um mercado de trabalho que se mostra cada vez mais precarizado, é para Peugny (2014) uma incoerência.

Mesmo que quatro dos cinco entrevistados tenham saído empregados do ensino superior, todos relataram a decepção sofrida com o término do curso, por terem imaginado que esse momento seria diferente do que o que estavam enfrentando. Assim como seus pais, os cinco jovens imaginaram que sairiam da universidade bem empregados, em uma posição estável e bem remunerada, conquistando assim sua independência financeira e com isso sendo possível iniciar a vida adulta, como ocorria nas gerações passadas (PEUGNY, 2014). No entanto, apenas dois deles – Juliana e Gustavo – não estão residindo com os pais, embora essa mudança tenha sido motivada pela necessidade de residirem mais próximo à universidade, ainda durante o curso, não sendo resultado da conquista de independência financeira após a formatura. Percebe-se que mesmo após a conclusão do ensino superior esses jovens ainda não recebem uma remuneração que os permita ingressar na vida adulta, podendo assumir a responsabilidade pelo seu sustento. Esse é um fato relatado, especialmente, pelos participantes do sexo masculino, que afirmam não se envolverem em relações amorosas estáveis devido a impossibilidade de formarem sua própria família, sendo necessário crescer na carreira e conquistar um melhor nível salarial antes de começar a planejar sua vida adulta.

Ainda ao longo do curso alguns entrevistados perceberam que o diploma, por si só, não seria uma garantia para sua colocação no mercado de trabalho, o que contribuiu para que se sentissem ainda mais ansiosos e inquietos com o futuro e buscassem alternativas para realizar a transição entre o sistema de formação e o mercado de trabalho. Juliana optou, ao final do curso, pelo ingresso em pequenos escritórios de advocacia, vendo nesses a oportunidade de se sobressair, enfrentando menor concorrência de outros colegas de trabalho e conseguindo apresentar resultados de seu trabalho mais facilmente. Para ela, apesar dos grandes escritórios de massa terem um nome reconhecido no mercado, o qual poderia valorizar seu diploma, a competitividade existente nesses, exigência por longas jornadas de

trabalho, oferta de baixos salários e pouca abertura para erros não compensariam construir sua carreira profissional nesse tipo de organização.

A situação de Tiago merece destaque, no momento em que, ao término do curso, ele conseguiu um contrato de trabalho no fórum de uma cidade da Região Metropolitana, recebendo para essa função o mesmo valor que já recebera cinco anos antes, quando atuava como técnico em eletrotécnica. Ao informar sua remuneração durante a entrevista, ele parece não ter percebido esse fato, o qual sinaliza a baixa valorização de alguns jovens graduados no país e a existência do *déclassement* (PEUGNY, 2014), ou rebaixamento de diploma, também no contexto brasileiro. Tal situação também se apresenta na trajetória de Diego, que mesmo após a conquista do diploma de nível superior segue atuando como funcionário público de nível técnico. Por conta disso, seu objetivo é a aprovação em um concurso público de nível superior, o que representaria a valorização do esforço despendido por ele nos últimos seis anos de estudo.

O caso de Fernanda, especificamente, merece atenção, por ela não ter conseguido realizar a transição entre a universidade e o mercado de trabalho ao final do curso, tornando-se desempregada com o término do curso. Tal situação gerou o sentimento de decepção, levando-a a se questionar onde havia falhado, o que demonstra a incorporação da crença no mérito individual. Para Fernanda, o fato de não ter conseguido um emprego parece ter sido assimilado como uma falha sua, invisibilizando alguns prejuízos acumulados ao longo de sua socialização familiar e trajetória escolar.

Mesmo a família pouco contribuindo nesse momento de transição entre a universidade e o mercado de trabalho, há uma grande expectativa por parte dos pais para que os jovens passem a fazer parte de um novo grupo social, por meio do desempenho de uma atividade profissional. Para Bourdieu (2012), a obtenção do diploma de ensino superior representa a conquista do capital cultural de forma institucionalizada, sendo esse um meio de reconhecimento social. No entanto, ao mesmo tempo em que o diploma pode servir como meio de distinção social, ele por si só não garante a conquista de um posto no mercado de trabalho, no momento em que essa disputa exige dos agentes a mobilização de seus capitais e de suas disposições (WACQUANT, 2013). Gustavo, por exemplo, obteve o mesmo diploma que Fernanda, sendo ambos graduados em Administração pela mesma instituição de ensino superior. No entanto, eles diferem em seus conjuntos disposicionais e na maneira com que suas disposições são mobilizadas, como também diferem quanto aos capitais incorporados ao longo da socialização familiar e da formação acadêmica. Enquanto Gustavo parece ter

incorporado certa quantia de capital social durante sua permanência na universidade – associado às **disposições para a apropriação social, flexibilidade moral e autonomia** – Fernanda não aparenta ter estabelecido tantas relações com indivíduos de diferentes origens e meios sociais durante seu percurso universitário, o que parece ter refletido em pouco acréscimo de capital social.

Gustavo é o jovem bolsista que parece ter modificado mais seu sistema disposicional ao longo da trajetória formativa e foi único que relatou ter vislumbrado nas grandes empresas a chance de se destacar e ascender socialmente. Além de suas experiências na universidade como bolsista de pesquisa, ele realizou estágios em empresas privadas e públicas, abriu uma microempresa com um colega de curso, da qual se desligou antes do término da graduação quando decidiu buscar uma vaga de trabalho em grandes empresas. Para ele, as multinacionais proporcionam melhores oportunidades do que as pequenas e médias empresas, ao oferecerem um plano de carreira organizado, com perspectivas claras de crescimento e um maior número de posições a serem conquistadas ao longo da trajetória profissional. No entanto, outros entrevistados afirmaram ter percebido ser mais difícil se destacar e ser reconhecido nas grandes empresas, no momento em que se é apenas mais um dentre tantos funcionários. Assim, acabaram optando por trabalhar em empresas menores, onde o resultado do seu trabalho se destacaria mais facilmente, além de enfrentar uma menor concorrência com os colegas de trabalho.

A decepção sentida pelos cinco jovens entrevistados no momento de conclusão do curso se relaciona também a escolha que fizeram por ingressar em cursos tradicionais, acreditando que ofereceriam uma melhor inserção no mercado de trabalho após a formação. Mais próximo ao final do curso eles perceberem que a escolha pelos cursos de Direito e Administração, mesmo oferecendo um amplo leque de possibilidades de trabalho, também fez com que eles passassem a compor a grande massa de profissionais dessas áreas, que exigem um maior esforço para se diferenciar no mercado de trabalho, frente ao número de graduados. Tal situação motivou Fernanda a optar pela mudança para o interior, buscando fugir da concorrência existente nos grandes centros, onde há um grande número de graduados em Administração, enquanto Juliana optou por voltar-se aos pequenos escritórios de advocacia, menos conhecidos, vendo nesses a oportunidade de receber maior atenção de seus chefes e obter maior visibilidade e reconhecimento profissional. Apesar do crescimento mais lento nas pequenas empresas, essas se apresentam como um tipo de organização atrativo para os jovens batalhadores, uma vez que podem construir sua carreira de maneira mais estável e construir

relações duradouras com seus chefes. A estabilidade também foi a escolha de Diego, que pretende seguir na carreira pública, aplicando-se para outros concursos no futuro. Tiago, ainda durante o curso, percebeu que “o ensino superior se transformou no novo ensino médio”, fato que o fez optar pela carreira acadêmica, por meio do ingresso em um curso de mestrado *stricto sensu*. Assim, ele espera conquistar uma posição de professor universitário em sua área de formação, título que ainda carrega certo reconhecimento social e status, o que se relaciona a sua disposição para a **distinção social**.

A constatação da necessidade de seguir se qualificando, no momento em que o diploma de ensino superior não se apresenta mais como diferencial, faz com que todos tenham planos de ingresso em um curso de pós-graduação, colocando nessa próxima etapa de formação a expectativa de conseguirem um diferencial no mercado de trabalho. Esse escalonamento, como é chamado por Peugny (2014), é o processo de complexificação da estrutura de formação, com a criação de novos níveis de ensino, como estratégia de diferenciação. Quando a desigualdade quantitativa no acesso a formação começa a se reduzir, por conta de políticas públicas e incentivos para a permanência no sistema formativo, a desigualdade qualitativa surge como forma de manter a diferenciação entre os grupos sociais, reservando os melhores postos de trabalho para aqueles oriundos das classes dominantes (PEUGNY, 2014). A crença na meritocracia e a não concretização das promessas relacionadas à teoria do capital humano, em que o acréscimo na qualificação se traduziria em aumento na produtividade e no retorno financeiro (CATTANI, 2011), fez com que os cinco jovens, ao invés de questionarem tal discurso, acabem por reforçá-lo ainda mais, por meio da formação continuada. Assim, eles acreditam que, em algum momento, o esforço que fizeram será recompensado, nem que para isso precisem seguir se qualificando ainda mais.

Todos os cinco entrevistados acabaram conquistando estágios e postos de trabalhos que valorizaram as disposições por eles incorporadas, como o **trabalho duro, disciplina e autossuperação**, mais do que outros pré-requisitos muitas vezes exigidos em concorridas seleções para programas trainee ou estágio em grandes empresas, como experiência internacional e conhecimento de idiomas, por exemplo. Juliana relata que sua atual chefe acabou selecionando-a por ter tido três anos de experiência com carteira assinada, o que seria um sinal de sua responsabilidade e seriedade, em detrimento de outros candidatos que tinham ótimos currículos, mas não demonstraram tanto comprometimento ao trabalho quanto ela. Gustavo também afirma ter interesse em trabalhar para empresas que valorizam os

funcionários que trabalham duro, são responsáveis, dedicados e ambiciosos, oferecendo condições para que esses possam perseguir seus objetivos de carreira.

Mesmo dispondo do capital familiar a ausência de capital cultural, social e principalmente econômico faz com que os jovens bolsistas do Prouni não tenham acesso as mesmas oportunidades que os pertencentes às classes dominantes, desigualdade essa que é invisibilizada pelo discurso meritocrático (SOUZA, 2010; PEUGNY, 2014). Assim, é importante destacar a diferença de classe existente, entre a nova classe trabalhadora e as classes média e alta. Souza (2010) afirma que, além da ausência de capital cultural, o qual caracteriza a classe média, e do capital econômico, apropriado pelas classes altas, a nova classe trabalhadora também não dispõem do recurso tempo, pertencente a esses dois grupos sociais. É por essa razão que, enquanto um jovem oriundo das classes dominantes detém o privilégio de poder errar algumas vezes, assim como tentar diferentes cursos e mudar o rumo de sua carreira se assim o desejar, os jovens da nova classe trabalhadora precisam garantir sua inserção e manutenção dessa posição no mercado de trabalho o quanto antes, não dispondo de tempo livre, principalmente a ser desperdiçado. Além disso, diferente dos jovens das classes média e alta, a pressão sobre os jovens da nova classe trabalhadora é muito maior, pois é esperando deles que honrem a oportunidade que receberam de ter acesso a uma universidade, já que esse não era percebido como um passo natural em suas trajetórias e sim como um privilégio que conseguiram conquistar.

A partir dos dados empíricos, percebe-se que os jovens da classe trabalhadora no país não vivem um processo de inserção como o abordado nos estudos franceses, passando a trabalhar apenas após a conquista do diploma e tendo o estágio, ao término do curso, como momento de aprendizado e primeira experiência no mundo do trabalho. No Brasil, muitas vezes o trabalho desempenhado ao longo da formação configura uma necessidade de independência financeira, sobrevivência ou custeio dos estudos (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009). Assim, o mercado de trabalho brasileiro exige que os jovens graduando iniciem suas atividades laborais durante o curso, seja por conta da experiência exigida nos processos seletivos, seja devido a necessidade de se obter uma fonte de renda a fim de continuar os estudos. No entanto, os motivos que levam os jovens universitários a buscar experiências profissionais ainda durante o curso se diferenciam, a partir de sua origem social e familiar, o que justifica a importância de discutir a inserção profissional no Brasil a partir do olhar de classe. Os estudantes oriundos das classes altas têm mais facilidade para desempenhar atividades não remuneradas, dentro ou fora do espaço universitário, uma vez que dependem

financeiramente de seus pais, enquanto aqueles que precisam contribuir para o orçamento familiar ou obter uma fonte de renda para seu sustento, em geral oriundos das classes mais baixas, acabam optando por postos de trabalho estáveis e menos qualificados, onde consigam se manter ao longo da formação. Uma vez próximo ao término do curso, eles passam a buscar postos de trabalho mais qualificados e relações de trabalho menos precarizadas, almejando ocupar posições de nível superior após a conclusão dos estudos.

Percebe-se que o processo de inserção profissional envolve outros aspectos para além da formação, sendo um processo individual, coletivo, histórico e socialmente inscrito (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2012b). A partir da aproximação teórica-empírica realizada nessa pesquisa, percebe-se que ele é individual, no momento em que cada indivíduo trilha a sua trajetória e incorpora, ao longo dessa, as disposições que influenciam sua conduta, modo de ser e de agir. As características individuais apresentadas nesse trabalho, a partir dos retratos sociológicos construídos para cada um dos cinco participantes e a identificação de suas disposições individuais, demonstram que mesmo fazendo parte de uma mesma classe social, eles possuem diferentes trajetórias e origens familiares, assim como diferentes modos de conduta. Para além do nível individual, a inserção profissional também é um projeto coletivo, havendo, para Rocha-de-Oliveira (2012b) características compartilhadas entre uma mesma geração ou grupo profissional de indivíduos. Defende-se que, para além das diferenças intergeracionais, existem ainda desigualdades intrageracionais, relacionadas a origem de classe, no momento em que a juventude estudante, segundo Peugny (2014) é apenas uma pequena fração dos indivíduos pertencentes ao grupo “juventudes”, que são múltiplas. Percebe-se que os jovens oriundos de um mesmo grupo social, apesar de suas particularidades, também compartilham modos de agir que se originam de sua socialização. Essa característica é demonstrada nas disposições compartilhadas entre os cinco jovens participantes, as quais são disposições incorporadas a partir de sua mesma origem social e que irão, de forma individual, se manifestar de diferentes maneiras, ao longo das experiências acessadas.

7.5 SÍNTESE ANALÍTICA

Percebe-se, a partir da análise sobre o processo de ingresso, permanência, conclusão do ensino superior e inserção profissional, que as disposições incorporadas pelos agentes influenciam seus modos de agir, ver e pensar. Algumas dessas disposições são compartilhadas

pelo grupo, as quais são fruto da socialização familiar e refletem uma mesma origem de classe compartilhada. Outras são individuais, associadas às experiências vividas ao longo da trajetória de cada um deles e compondo, junto com as disposições compartilhadas, um sistema de disposições que é particular a cada agente. Se justifica a análise à nível individual defendida por Lahire (2002; 2004) em sua sociologia disposicionalista e contextual no momento em que tal olhar se volta para a corporificação da estrutura social nos agentes, refletindo as características da estrutura a partir da conduta e suas possibilidades e limitações frente a essa.

Assim, são as disposições compartilhadas e individuais, em suas diferentes combinações de acordo com características e particularidades da trajetória de cada um dos entrevistados, que influenciam e refletem nos distintos caminhos que começaram a ser traçados por eles, a partir do ingresso no ensino superior. Para alguns, o incentivo para a valorização do estudo veio da família, enquanto outros encontraram na socialização escolar motivos para se dedicarem aos estudos. Algumas das famílias cobravam dos jovens bom desempenho escolar, enquanto outros não recebiam da família tal incentivo, tendo o exemplo dos pais como referência para o **trabalho duro** e **autossuperação**. O mesmo se dá no momento de ingresso na universidade, quando alguns dos entrevistados foram influenciados desde cedo por seus pais para que continuassem estudando e outros receberam esse incentivo por meio de familiares ou ainda professores, que os incitaram a buscar alternativas para o acesso à universidade.

A partir do momento de inscrição no Prouni, percebe-se que as disposições incorporadas identificadas nessa pesquisa influenciaram o acesso e a permanência no ensino superior, para além da política pública. O Prouni se mostra como importante meio de acesso àqueles que não teriam condições de arcar com os custos de uma universidade particular. No entanto, a política pública não garante a permanência e a conclusão do curso, estando esses atrelados à situação de vida e familiar desse indivíduo, bem como às suas disposições incorporadas e capitais mobilizados. Além disso, a instituição acessada fará diferença na trajetória desses alunos, da mesma forma que os alunos de diferentes origens sociais e familiares se aplicarão para diferentes tipos de IES. Aqueles ingressantes em IES tradicionais, historicamente frequentadas por alunos de classes altas, terão acesso à experiências diferentes daqueles ingressantes em IES rentabilizadoras, que surgiram nas últimas décadas por conta do incentivo do governo para a ampliação no número de vagas no setor privado de ensino. Há uma maior probabilidade de que os alunos bolsistas de universidades melhor estruturadas e

reconhecidas pela qualidade do seu ensino tenham acesso à permanência efetiva no espaço universitário, como descrito por Almeida (2012), usufruindo de outras oportunidades para além da carga horária obrigatória em sala de aula. No entanto, para que os indivíduos possam usufruir das demais oportunidades oferecidas pelo ambiente universitário, algumas características como o fato de serem jovens, não terem constituído família ou terem tido filhos e terem o apoio de sua família de origem, contribuem para a permanência efetiva.

Percebe-se que o capital familiar pode ser tanto um facilitador no processo de formação quanto um entrave, quando essa acaba prendendo os indivíduos à sua origem social e dificultando sua mobilidade, por meio do reforço de algumas disposições incorporadas. Para alguns dos entrevistados a família oferece um grande auxílio na organização da rotina semanal, contribuindo para melhorar a dura jornada de trabalho e estudo dos bolsistas. Nessa situação, permanecer próximo a família acaba contribuindo para o aumento das chances de sucesso na formação. Em outros casos, a família acaba consumindo o tempo dos bolsistas ao envolvê-los em problemas familiares, exigindo sua atenção ou ainda os afastando das novas relações firmadas e reforçando algumas disposições que não contribuem para seu sucesso formativo e inserção profissional. Nesse caso, aqueles que conseguem sair da casa da família e se afastar temporariamente, a fim de voltar sua atenção para os estudos, acabam se beneficiando.

Com o final do curso, diferentes caminhos começam a ser trilhados para a inserção profissional. Alguns dos jovens optam pela inserção em pequenas empresas, onde poderão aprender mais no início de carreira e estabelecerão laços mais próximos com os donos do negócio, como no caso de Juliana, escolha que se aproxima de suas **disposições para a autonomia e prudência**, enquanto outros almejam as possibilidades de crescimento rápido e planos de carreira oferecidos pelas grandes empresas, como Gustavo, de acordo com suas disposições para **distinção social e temeridade**. Outros veem na estabilidade oferecida na carreira pública uma opção alinhada a seu modo de vida e disposições incorporadas, como no caso de Diego e suas **disposições para a retidão e a prudência**. Alguns, decepcionados com as oportunidades oferecidas no mercado de trabalho, decidem seguir se capacitando, a fim de conquistar melhores postos de trabalho no futuro, como fez Tiago, a partir de sua **disposições para distinção social**. Por fim, outros acabam não conseguindo se inserir no mercado de trabalho em um primeiro momento, como no caso de Fernanda.

Mesmo tendo estudado nas mesmas instituições de ensino, compartilhando a mesma origem social, sendo beneficiários da mesma política pública, fazendo parte da mesma

geração, os cinco jovens participantes desse estudo apresentam diferenças em suas trajetórias e experiências acessadas ao longo de sua formação, bem como diferenças no seu processo de inserção profissional, que podem ser explicadas, em parte, por conta de seus diferentes modos de agir e de ver o mundo, a partir dos seus sistemas disposicionais incorporados.

Assim, apesar do discurso que promove o prolongamento da formação como meio para uma melhor inserção no mercado de trabalho, é necessário que se discuta a influência de os outros elementos, que influenciam alguns a terem inserções profissionais mais qualificantes do que outros, mesmo possuindo acesso ao mesmo nível de formação. Isso porque, para além do nível de ensino a que se tem acesso, a qualidade desse, a IES frequentada, o capital social e cultural incorporado ao longo dessa formação, as experiências vividas, e principalmente, a origem social e familiar e as disposições incorporadas a partir dessas, exercem grande influência nas chances de aceder a uma inserção qualificante, com chances reais de ascensão social. Uma vez que, para Valle Silva (2003) é na etapa de acesso ao mercado de trabalho que o jovem começa a se desligar da família de origem, adquirindo um status social próprio ao entrar na vida adulta, a posição inicial ocupada pelo jovem no mercado de trabalho após a conclusão da formação teria um efeito significativo na trajetória de vida subsequente, sendo esse momento relevante para a análise das chances de mobilidade social em uma sociedade. Assim, a entrada no mercado de trabalho deteria o potencial de construção de uma nova identidade social e não só de uma identidade profissional (DUBAR, 2001), o que justifica a importância de se analisar como se dá o processo de inserção profissional no país nas diferentes classes que compõem a estrutura social brasileira.

8 REFLEXÕES E CONCLUSÕES

Nessa dissertação buscou-se compreender **como a origem social influencia a formação e inserção profissional de jovens egressos do Prouni**. Para que esse objetivo fosse alcançado, construiu-se um arcabouço teórico que corroborasse com a proposta de pesquisa e permitisse novas reflexões teórico-metodológicas acerca da temática de formação e inserção profissional, a partir da aproximação com estudos sociológicos sobre estratificação e classe social, bem como na relação destes conceitos com a expansão do ensino superior no Brasil, em especial via políticas públicas como é o caso do Programa Universidade para Todos – Prouni.

A aproximação do campo empírico se deu, em um primeiro momento, por meio de entrevistas com os coordenadores do Prouni nas três instituições de ensino superior melhor avaliadas no estado do Rio Grande do Sul pelo IGC. Após essa primeira etapa exploratória, que contribuiu para uma melhor compreensão do Programa e seu funcionamento, foram realizadas duas entrevistas com 10 alunos bolsistas pelo Prouni, dentre os quais foram escolhidos 5 para compor esse trabalho. Os dados gerados nas entrevistas foram organizados e apresentados na forma de retratos sociológicos, inspirados pelos trabalhos de Lahire (2004), assim como foram identificadas as disposições incorporadas por cada um dos participantes.

As disposições se revelam a partir da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes, perceptíveis nos indivíduos, a partir das maneiras com que esses se comportam, agem e reagem aos diversos contextos e situações, em uma tentativa de formulação do princípio gerador dessas condutas pelo pesquisador (LAHIRE, 2004). Foi por meio das disposições identificadas e do referencial teórico adotado nessa pesquisa que se deram as análises sobre o processo de ingresso, permanência, conclusão do ensino superior e processo de inserção profissional, visando identificar a influência das disposições incorporadas a partir da origem social.

Para que o objetivo geral desse estudo fosse atendido, buscou-se responder os objetivos específicos abaixo, que deram origem as seguintes reflexões:

1. Construir retratos sociológicos (Lahire, 2004) de jovens egressos do Prouni;

A construção dos retratos sociológicos, inspirados no trabalho de Lahire (2004), contribuiu para a percepção dos modos de conduta dos entrevistados, sendo um exercício de

reconstrução, a partir do olhar da pesquisadora e do material oriundo das duas entrevistas realizadas com cada participante, da história familiar de cada um dos cinco jovens. Os retratos oferecem uma melhor compreensão da origem social dos entrevistados, a partir da influência das experiências vividas por seus pais, avós e demais familiares na construção da sua identidade, assim como as experiências vividas ao longo da infância e adolescência, o acesso à formação escola, os diferentes contextos acessados, e a influência desses na incorporação do sistema disposicional pertinente a cada um.

A experiência dos retratos sociológicos como forma de organização e análise dos dados, a fim de compreender como a origem social influencia a inserção profissional dos jovens egressos do Prouni, permitiu identificar contribuições desse método para os estudos acerca da formação e inserção profissional. O uso de retratos sociológicos oferece um caminho possível para se superar o olhar reducionista e homogeneizador acerca das escolhas feitas pelos indivíduos e sua responsabilidade e gerencia sobre elas, ao levar em conta a história familiar e as diferentes vivências que permanecem, de alguma maneira, corporificadas nos indivíduos, sendo esse um método que dá visibilidade para suas contradições, dúvidas e sensações. Além disso, a construção dos retratos demanda a investigação da herança cultural transferida pela família para os indivíduos, assim como sua influência na trajetória e nas escolhas desses.

2. Identificar as principais disposições individuais e compartilhadas incorporadas por esses jovens;

A partir das disposições compartilhadas percebeu-se que os cinco jovens participantes do estudo compartilham uma mesma origem de classe, pertencendo a classe intitulada por Souza (2010) como nova classe trabalhadora. No entanto, a partir das leituras de Lahire (2002; 2004; 2006), discorda-se da existência de um *habitus* de classe homogêneo, que é compartilhado por todos os indivíduos pertencentes a um grupo social e que se manifesta da mesma forma em diferentes contextos. Desta forma, a análise das disposições individuais é de extrema importância, ao demonstrar as diferenças nos modos de conduta de jovens que compartilham a mesma origem social e trajetórias familiares muito similares. Assim, apesar de tantas semelhanças entre eles, percebe-se diferenças em seus conjuntos disposicionais, que influenciaram as experiências vividas ao longo do curso superior, as oportunidades acessadas para incorporação de capital social e cultural e a maneira como essas foram aproveitadas,

assim como o processo de inserção profissional. A partir do sistema disposicional incorporado, torna-se visível a motivação por trás das decisões e escolhas feitas pelos indivíduos, o que auxilia no combate ao discurso meritocrático da responsabilização individual por sua situação de vida, invisibilizando o peso e influência da estrutura social na vida desses.

As dezessete disposições incorporadas identificadas ao longo da análise dos dados foram:

- Compartilhadas: Disposição para instinto gregário; trabalho duro; pensamento prospectivo; disciplina; senso prático; autossuperação.
- Individuais: Disposição para asceticismo; hedonismo; distinção social; apropriação social; autonomia; conciliação; enfrentamento; retidão; flexibilidade moral; prudência; temeridade.

A combinação dessas diferentes disposições forma o sistema disposicional de cada um dos cinco participantes desse estudo, em uma demonstração do social internalizado nos indivíduos. Assim, ao mesmo tempo em que compartilham alguns modos de agir similares, os agentes conservam sua individualidade, por meio das diferenças em seu conjunto de disposições e formas de mobilização dessas nos diferentes contextos.

Percebe-se no instrumento analítico de identificação das disposições um promissor caminho para aprofundar os estudos acerca da inserção profissional e compreender as particularidades dos diferentes grupos de jovens que acessam o ensino superior, levando em conta a trajetória dos indivíduos e suas experiências vividas, as quais serão diferentes de acordo com sua origem de classe, assim como de acordo com outros elementos transversais como raça e gênero, os quais não foram o foco desse estudo.

3. Analisar como as disposições incorporadas influenciam o acesso, permanência e conclusão do ensino superior;

Quanto as disposições identificadas nesse trabalho, percebeu-se que algumas delas podem contribuir para o ingresso, permanência e conclusão do ensino superior e inserção profissional, enquanto outras podem dificultar esses processos, ou ainda, uma mesma disposição pode influenciar positivamente a trajetória do estudante em determinado momento,

enquanto em outro pode levar a redução das suas chances de ingresso no mercado de trabalho em uma posição qualificada, assim como em suas possibilidades de ascensão social.

A **disposição para instinto gregário**, por exemplo, que é oriunda da socialização familiar, possibilita a incorporação do capital familiar (SOUZA, 2004), contribuindo para o acesso e permanência dos jovens no ensino superior. No entanto, após a conclusão do ensino superior, essa mesma disposição pode acabar assumindo o papel de “âncora de classe”, mantendo os jovens presos a sua origem social quando seu sistema disposicional já não é mais o mesmo de sua família, por conta da incorporação de novos hábitos e modos de conduta ao longo do processo formativo. Sendo a inserção profissional o momento onde o jovem começa a se desligar da família de origem, adquirindo um status social próprio (VALLE SILVA, 2003), a manutenção de um forte vínculo com a família de origem pode acabar dificultando o processo de ingresso na vida adulta e construção de sua própria estrutura familiar.

O mesmo ocorre com a **disposição para disciplina**, que tem um papel de extrema importância para a permanência e sucesso no sistema escolar, assim como na permanência e conclusão do ensino superior, uma vez que facilita a adaptação ao sistema autoritário e regrado que vigora na maioria das instituições de ensino. É por meio da disciplina que os jovens bolsistas conseguem apreender as regras implícitas no ambiente universitário, se adaptando a elas e conseguindo reorganizar a sua rotina e o seu tempo a fim de se dedicar as atividades demandadas no curso. No entanto, no momento de ingresso no mercado de trabalho, a **disposição para disciplina** pode acabar sendo prejudicial para os jovens em algumas carreiras, no momento em que grande parte das vagas mais qualificadas e de nível superior, como é o caso dos cargos de gestão, demandam trabalhadores criativos e autônomos, que não se mantêm presos a modos prescritivos de trabalho e sim conseguem encontrar novas soluções de maneira autônoma.

Nesse caso, a **disposição para autonomia** também se mostra necessária para a permanência e o sucesso formativo, não sendo essa, segundo Lahire (2008) uma característica comum nos meios populares. Essa disposição influencia os indivíduos a não dependerem de instruções ou supervisão externa, sendo capazes de se autogerirem e organizarem suas tarefas e trabalho. Essa disposição é importante para a permanência e conclusão do ensino superior, ao influenciar os indivíduos a irem atrás dos conteúdos que os interessam, não esperando passivamente pela instituição, professores ou colegas. Além disso, essa disposição contribui para que os jovens busquem oportunidades de maneira antecipada, se lançando em busca de experiências de trabalho que consideram importantes para sua formação e posterior inserção.

A **disposição para trabalho duro** auxilia os bolsistas do Prouni a aguentar as duras jornadas de estudo e trabalho, assim como a abrir mão do tempo livre e de descanso, enquanto o **senso prático** auxilia na gestão da rotina e na tomada de decisão, influenciando-os a investir o tempo e esforço no que parece trazer melhor retorno no longo prazo. O **pensamento prospectivo** também está relacionado ao investimento no presente, visando colher os frutos no futuro, o que faz com que esses jovens decidam abrir mão de prazeres momentâneos em prol da perspectiva de um futuro melhor.

Por fim, a **autossuperação** influencia positivamente na conclusão do curso, levando os jovens a não desistirem dos planos traçados, apesar das dificuldades e impedimentos que surgem ao longo da trajetória. Ela, junto à **disposição para disciplina**, mantém o foco dos jovens nos ganhos futuros a serem conquistados, contribuindo para a sua permanência.

4. Analisar como as disposições incorporadas influenciam o processo de inserção profissional após a conclusão do curso.

As disposições individuais acabam influenciando as escolhas de carreira feitas por cada um dos participantes, levando alguns a se dedicarem à trajetória acadêmica, enquanto outros optaram pela carreira em pequenas empresas, organizações públicas ou ainda grandes empresas multinacionais.

A **disposição para distinção social** parece influenciar na escolha por profissões com maior reconhecimento social e status, como a carreira acadêmica e o ingresso em multinacionais, as quais exigem também certa **disposição ascética**, ao demandarem longas jornadas de trabalho e dedicação para a atividade profissional. Enquanto isso, a **disposição para autonomia e prudência** parecem influenciar os indivíduos a apostar em pequenas empresas e escritórios, onde apesar da visibilidade ser menor e o crescimento, em geral, mais lento, encontram menor concorrência e um ambiente menos hostil e competitivo.

A **disposição hedonista** parece influenciar os participantes para a carreira pública, ao valorizarem o usufruto de momentos de lazer e tempo livre, indo de encontro a centralidade do trabalho. Além disso, a **disposição para prudência** também parece ter influencia na escolha por essas trajetórias profissionais, ao estar associada a condutas mais estáveis e seguras.

Por fim, a **disposição para apropriação social** se mostrou como uma das disposições chave para o aumento das chances de ascensão social por meio da qualificação. Essa disposição se relaciona a inclinação dos agentes à incorporação de hábitos e comportamentos diferentes daqueles aprendidos ao longo da socialização familiar, ampliando as chances de trânsito entre classes.

Assim, defende-se que a inserção profissional é influenciada pela origem social no momento em que essa irá influenciar as disposições que serão ou não incorporadas pelos indivíduos ao longo da vida. Contudo, a influência do pertencimento de classe vai para além da influência exercida pelo status ocupacional e escolaridade dos pais na posição a ser ocupada no mercado de trabalho, como argumentado por Peugny (2014), tendo as experiências e contextos acessados ou não pelos indivíduos uma maior influência.

Para além dos objetivos específicos acima apresentados, **destaca-se como contribuição para a compreensão do campo empírico** o fato de que mesmo o Prouni tendo como critério de elegibilidade a exigência de um mesmo nível de renda, para além do olhar econômico de classe, um grupo social específico parece ser seu público-alvo: a nova classe trabalhadora. No entanto, dentro dessa classe coexistem diferentes estratos sociais, estando alguns mais próximos da classe média, enquanto outros estão mais próximos da ralé (SOUZA, 2009). A existência desses diferentes estratos, dentro de uma mesma classe, se apresenta por meio das diferenças nas disposições incorporadas pelos jovens egressos, influenciando sua permanência no curso e inserção profissional de distintas formas. Assim, aqueles que conseguem acessar instituições de ensino superior tradicionalmente reservadas a elite do país, parecem ter disposições incorporadas diferentes daqueles que não conseguem acessar esse tipo de IES, ou não conseguem permanecer e concluir a formação.

A partir desse argumento, discorda-se da associação feita por Perdigão (2015) de que os indivíduos que acessam, por meio do Prouni, ao ensino superior seriam pertencentes a ralé (SOUZA, 2009). Ao invés disso, entende-se que esses são parte da nova classe trabalhadora, no entanto, fazem parte de um estrato que não tem mobilizadas certas disposições que são importantes para o acesso, permanência e conclusão do ensino superior e a vivência de um processo de inserção profissional qualificado, oferecendo reais possibilidades de ascensão e mobilidade social. Portanto, não é só o diploma que faz a diferença nas oportunidades acessadas pelos indivíduos, e sim qual diploma é esse, em que instituição ele é obtido, e mais do que isso, qual a origem social desses indivíduos, quais os capitais que esses têm

mobilizados, quais suas disposições incorporadas e se essas estão de acordo com as disposições legitimadas e valorizadas pelas classes dominantes.

Desse modo, entende-se que a educação possui um forte papel na mobilidade social dos jovens, ao oferecer acesso à capitais que possam não ter sido transmitidos ao longo da primeira socialização familiar, por conta da origem social. No entanto, a educação por si só não garante a ascensão social, sendo essa dependente das experiências acessadas pelos jovens, seu conjunto de disposições incorporadas e a instituição de ensino acessada, fatores que irão influenciar no conjunto de capitais possíveis de serem incorporados após o acesso ao ensino superior e, portanto, também nas oportunidades disponíveis no mercado de trabalho, a partir do contexto sócio histórico e econômico em que os estudantes estão inseridos.

Quanto ao acesso às diferentes experiências, oportunidades e contextos, estas estão associadas à quantidade de capital incorporado pelos indivíduos, os quais definem a posição social, de maneira relacional e comparativa aos outros agentes sociais. É por conta disso que se defende a importância de políticas públicas que permitam uma ampliação das oportunidades a que os indivíduos, por conta própria, não teriam acesso, uma vez que a aquisição de capital cultural e de credenciais por meio da educação formal é fortemente influenciada pela situação da família de origem dos indivíduos (VALLE SILVA, 2003). Sendo o ensino superior brasileiro, historicamente, um espaço destinado às classes dominantes, as políticas públicas que promovem a expansão e diversificação do acesso ao ensino superior, como é o caso do Prouni, se mostram de grande valia ao romper com as barreiras de acesso existentes, atreladas ao capital cultural, social e econômico mobilizado pelos jovens.

No entanto, apenas as políticas de acesso não são suficientes para garantir a permanência e êxito na conclusão da formação, sendo destacada a importância das disposições incorporadas, que conforme apresentado nessa dissertação, podem contribuir para o sucesso universitário. Os participantes desse estudo, ao terem acessado universidades conceituadas conseguiram, ao menos nesse nível de ensino, além de superar as desigualdades quantitativas, que é o objetivo das políticas públicas de acesso à formação, também reduzir as desigualdades qualitativas (PEUGNY, 2014).

Além disso, a implementação de políticas públicas voltadas para a compensação das desigualdades no acesso à formação apenas no nível superior pode, em muitos casos, não ser suficiente. Para Peugny (2014), é nos primeiros anos de escolarização que é possível aliviar o peso da origem social, motivo pelo qual nos países onde essa responsabilidade é delegada ao

Estado, e não ao mercado ou a família, a reprodução das desigualdades se torna mais fraca. Por isso, as políticas públicas são importantes para garantir o acesso à universidade, no entanto, precisam ser implementadas desde o início da vida escolar, visando reduzir as desigualdades educacionais.

Como contribuição teórica para os estudos acerca da formação e inserção profissional, destaca-se a aproximação desses aos estudos sobre estratificação e classe social, sendo esse um caminho para a construção, a partir do campo empírico brasileiro, de uma teoria de inserção profissional que reflita os aspectos culturais, sociais e históricos do país.

Ao mesmo tempo em que os jovens participantes desse estudo apresentam diferenças disposicionais interindividuais, assim como diferenças intra individuais, eles compartilham entre si algumas disposições incorporadas, característica de uma origem de classe comum. No entanto, isso não significa que essas disposições irão gerar condutas similares, no momento em que cada um articulará, a partir dos seus contextos acessados e experiências vividas, o seu sistema disposicional de diferentes formas, gerando assim diferentes condutas. Com isso, defende-se aqui que a existência de um conjunto de disposições que são compartilhadas e que indicam uma mesma origem social, mas que não limita os comportamentos individuais. Além disso, cada jovem também apresenta disposições não compartilhadas, destacando a importância da análise individual do sistema de disposições, exigindo uma postura vigilante do pesquisador para não cair na homogeneização dos indivíduos e, partir dessa, na construção de perfis e tipos que são, na verdade, irreais, conforme defendido por Lahire (2004).

A partir de Bourdieu (1989) e Lahire (2004), argumenta-se em prol do reconhecimento de um conjunto de disposições que é compartilhado entre um grupo de indivíduos, o que pode caracterizar uma mesma origem social, mas não se restringindo a esse, havendo outros traços que compõem o sistema de disposições dos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social, e que portanto não darão origem, exclusivamente, a um mesmo tipo de conduta e modos de ação, já que cada indivíduo irá mobilizar de diferentes formas seu conjunto disposicional, em diferentes situações e experiências. Essas disposições incorporadas, ao longo da trajetória de vida do indivíduo, irão facilitar ou dificultar a incorporação dos diferentes capitais, definidos por Bourdieu (2008), ao longo das diferentes socializações vividas, como a familiar, a escolar, a profissional, bem como nos diferentes contextos acessados.

Assim, a obtenção de um diploma não é garantia de inserção profissional, mas o acesso ao ambiente universitário, historicamente destinado às classes dominantes, oferece a

oportunidade de obtenção de capital social e cultural pelas classes baixas, o que aumenta suas chances de mobilidade social. No entanto, não são todos os indivíduos oriundos da nova classe trabalhadora que conseguem acessar e permanecer no espaço universitário, mesmo por meio de políticas públicas como o Prouni, no momento em que o sucesso no curso é influenciado por algumas disposições incorporadas. Portanto, não é apenas o acesso à educação, o qual reduz a desigualdade quantitativa, que faz a diferença, mas sim a superação da desigualdade qualitativa, a qual depende da qualidade da educação acessada. Com isso, ao acessar uma IES que oferece uma formação de baixa qualidade, os indivíduos não terão acesso a mesma quantia de capital cultural e social que os indivíduos vinculados a IES reconhecidas, fazendo com que o diploma pouco contribuía para uma inserção profissional qualificada.

Como contribuição metodológica, conforme já citado ao longo da apresentação das considerações finais acerca dos objetivos específicos, sugere-se a inspiração metodológica dos trabalhos de Lahire (2004), acerca dos retratos sociológicos e análise do sistema disposicional à nível individual, para o avanço dos estudos organizacionais, em especial no campo de estudos acerca da formação e inserção profissional.

Como limitações desse estudo, ressalta-se a restrição de tempo para a conclusão da pesquisa, a qual tornou possível a realização de apenas duas entrevistas com cada participante. Supõem-se que um número maior de entrevistas sucessivas com cada participante permitiria a identificação de outras disposições para além das apresentadas nesse trabalho. Além disso, outra limitação foi o fato de todos os entrevistados serem brancos, o que acabou restringindo a análise ao não ser possível apontar as diferenças existentes nas trajetórias dos alunos bolsistas pertencentes a outros grupos étnicos. Outro fator limitante foi o recorte pelos alunos egressos do Prouni, não tendo sido analisada a trajetória dos que acabaram desistindo do curso. A restrição geográfica e territorial também foi uma limitação desse estudo, no momento em que todos os participantes são do estado do Rio Grande do Sul e moradores da região próxima a capital do estado. Por fim, sendo o objetivo dessa pesquisa a análise do ingresso no ensino superior e inserção profissional a partir de um olhar de classe, não foi dada ênfase para as questões de gênero presentes nos dados, sendo essa outra limitação.

Por fim, como sugestão para estudos futuros destaca-se a oportunidade de:

- Investigar as disposições incorporadas dos estudantes bolsistas que não conseguiriam concluir os estudos de nível superior, visando entender as causas para seu insucesso no sistema formativo;

- Investigar o processo formativo e inserção profissional dos jovens oriundos de outros grupos sociais, como aqueles provenientes da ralé (SOUZA, 2009), da classe média e das classes altas, discutindo as diferenças no sistema disposicional e no acesso aos capitais mobilizados a partir da origem de classe;
- Investigar a influência de outros fatores transversais, como raça e gênero dos jovens da nova classe trabalhadora, na composição de seus sistemas disposicionais e sua influência no processo de inserção profissional.

Espera-se com esse trabalho contribuir para o avanço do campo teórico acerca da formação e inserção profissional dos jovens, em especial a partir do contexto brasileiro, tanto do ponto de vista empírico quanto teórico e metodológico. Além disso, pretende-se contribuir para o reconhecimento da influência da origem social sobre as oportunidades acessadas ao longo do processo formativo, assim como na inserção profissional. A partir da visibilização da influência do pertencimento de classe, tenciona-se contribuir para a negação do discurso meritocrático, a partir do qual o indivíduo é responsabilizado por seus sucessos e fracassos, como se não estivesse inserido em determinado contexto histórico, social e econômico. Também pretende-se chamar a atenção para as diferenças existentes no ensino superior, as quais influenciam a transição para o mercado de trabalho ao diferenciar os indivíduos a partir da IES acessada e do diploma obtido, demonstrando que o diploma, por si só, não é garantidor de uma inserção qualificada e condizente com a formação de nível superior, sendo necessário levar em conta outros fatores, como o contexto sócio histórico, os aspectos individuais e os aspectos institucionais, nos estudos acerca da formação e inserção profissional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Ampliação do acesso ao ensino superior privado lucrativo brasileiro: um estudo sociológico com bolsistas Prouni na cidade de São Paulo. 294 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALVES, Natália. Inserção Profissional dos Jovens: do problema social ao objecto sociológico. 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-02.htm>. Acesso em: 04 de setembro de 2017.
- ARRETCHE, Marta. **Trajetórias da desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015.
- ATKISON, Will. **Class**. Polity, 2015.
- BRASIL. A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014 (Balanço Social SESU 2003-2014). Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Superior. Brasília, 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&category_slug=dezembro-2014-pdf&Itemid=30192. Acesso em 14 de agosto de 2017.
- BRASIL. Notas Estatísticas do Censo da Educação Superior, 2015b. Disponível em: https://abmes.org.br/arquivos/documentos/Notas_Estatisticas_Censo_Superior_2015.pdf. Acesso em 14 de agosto de 2017.
- BRASIL. Manual do bolsista Prouni, 2015c. Disponível em: http://prouniportal.mec.gov.br/images/pdf/manual_bolsista_prouni.pdf. Acesso em 08 de fevereiro de 2016.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 59-73, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Princípios de uma antropologia econômica. In. BOURDIEU, Pierre. As estruturas sociais da economia. Lisboa: Instituto Piaget, p. 237-270, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, p.77-168, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 11ª edição - Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.) **Escritos de Educação**. 13ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.) **Escritos de Educação**. 13ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. 2ª edição - Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7ª edição - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 8ª edição - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. A inserção da mulher no mercado de trabalho e a questão de gênero. **Revista Pegada**, n.1, v.3, 2002.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. O Prouni no Governo Lula e o jogo político em torno do acesso ao ensino superior. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 979-1000, out. 2006

CATTANI, Antônio David. Capital Humano, Teoria do. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula. A educação superior no Brasil e as tendências das políticas de ampliação do acesso. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 2, nº 3, p. 414-429, Set./Dez. 2007.

CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? **Revista Educar**, Curitiba, n. 28, p. 125-140, Dez. 2006.

COMIN, Álvaro; BARBOSA, Rogério Jerônimo. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. **Revista Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n.91, p.75-95, Nov, 2011.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 23-44, Mar. 2013.

DO AMARAL, Daniela Patti; DE OLIVEIRA, Fátima Bayma. O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 19, n. 73, p. 861-890, Out. 2011.

DUBAR, Claude. *La construction sociale de l'insertion professionnelle*. **Éducation et Sociétés**. n. 7, 2001, p. 23-36.

DUBAR, Claude. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A educação no governo de Fernando Henrique Cardoso. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 231-254, Out. 1999.

FARIA, Eni. Acesso, permanência, inserção e conclusão do curso superior: construção dos percursos formativos dos universitários bolsistas do Prouni. **Anais do VI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – p.24-35, 2012.**

FELICETTI, Vera Lucia. Comprometimento do Estudante: um elo entre aprendizagem e inclusão social na qualidade da educação superior. 298 f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FELICETTI, Vera Lucia. Graduados Prouni: um estudo comparativo entre licenciados e não licenciados. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 53, p. 280-301, set/dez. 2012.

FRIEDMAN, Sam. The Price of the Ticket: Rethinking the Experience of Social Mobility. **Sociology**, vol 48, Issue 2, pp. 352 – 368, 2014.

FRIEDMAN Sam; LAURISON Daniel., MILES Andrew. Breaking the ‘class’ ceiling? Upward mobility into British elite occupations. **Sociological Review** 63(2): 259–290. 2015.

FRIEDMAN, Sam; O'BRIEN, Dave. and LAURISON, Daniel. 'Like skydiving without a parachute': How class origin shapes occupational trajectories in British acting. **Sociology**, p. 1-19, Fev.2016.

GALASINSKI, Dariusz; KOZLOWSKA, Olga. Questionnaires and Lived Experience: Strategies of Coping With the Quantitative Frame. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 4, p. 271-284, April 2010.

GENTILI, Pablo. Educar para o Desemprego: a desintegração da promessa integradora. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 76-92.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trajetórias Juvenis: um novo nicho em meio à expansão das oportunidades de trabalho? In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane B. **Trabalho e Formação Profissional: juventudes em transição**. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, 2013, p. 57-72.

HASENBALG, Carlos. Introdução. In: HASENBALG, Carlos; VALLE SILVA, Nelson do (orgs.). **Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 9-35, 2003.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HORN, Carlos Henrique. Mercado de trabalho. In: CATTANI, Antônio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

IPEA, Carta de Conjuntura. 4º Trimestre, nº 33, 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29091. Acesso em 28/04/2017.

JACOBSSON, Katarina; ÅKERSTRÖM, Malin. Interviewees with an agenda: learning from a ‘failed’ interview. **Qualitative Research**, v. 13, n. 6, p. 707-734, 2012.

LAHIRE, Bernard. **O Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo, SP: Editora Ática, 2008.

LAHIRE, Bernard. In: TAKEUTI, Norma Missae. Por ocasião da comemoração dos 30 anos do PPGCS/UFRN. **Cronos**, Natal-RN, v. 10, n. 2, p. 165-177, jul./dez. 2009.

LAHIRE, Bernard. Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. In: JUNQUEIRA, Lília (org). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 17-36, 2010.

LAHIRE, Bernard. In: ARMÂNDIO, Sofia. Entrevista com Bernard Lahire: Do homem plural ao mundo social. **Análise Social**, 202, XLVII (1.o). Lisboa, Portugal, 2012.

LEMOS, Ana Heloisa da Costa; DUBEUX, Veranise Jacobowski Correia; PINTO, Mario Couto Soares. Educação, empregabilidade e mobilidade social: convergências e divergências. **Cadernos EBAPE**. BR, v. 7, n. 2, artigo 8, Rio de Janeiro, p. 368-384, Jun. 2009.

LEMOS, Ana Heloisa da Costa; NEVES, Diana Rebello; FARIAS RODRIGUES, Patricia dos Reis. Inserção de alunos bolsistas no mercado de trabalho: qual o valor do diploma brasileiro? **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v.7, n.4, p.24-41, 2013.

LIMA, Kátia Regina de Souza. O Banco Mundial e a educação superior brasileira na primeira década do novo século. **Revista Katál**, v. 14, n. 1, p. 86-94, jan./jun, 2011.

MARIANI, Daniel; LUPION, Bruno; ALMEIDA, Rodolfo. Dez índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/especial/2016/09/02/10-%C3%ADndices-econômicos-e-sociais-nos-13-anos-de-governo-PT-no-Brasil>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

NÁDER, Fernanda Milne-Jones; OLIVEIRA, Lúcia Barbosa. Empregabilidade: uma análise histórica e crítica. In: **Anais do XXXI EnANPAD**. Rio de Janeiro: ENANPAD, 2007, p. 1-15.

NERI, Marcelo. **A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide**. São Paulo: Saraiva, 2011.

OECD. Relatório **In Together: Why Less Inequality Benefits All**. OECD Publishing 2015. Disponível em: <http://www.oecd.org/social/in-it-together-why-less-inequality-benefits-all-9789264235120-en.htm>. Acesso em 04 de setembro de 2017.

OLIVEIRA, Sheila Borges de. O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum. 327 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2013.

OLIVEIRA, Priscilla; HESSEL, Rosana. Aumento do poder de compra muda perfil de consumo do brasileiro, 2012. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2012/12/18/internas_economia,339774/aumento-do-poder-de-compra-muda-perfil-de-consumo-do-brasileiro.shtml. Acesso em: 11 de agosto de 2017.

O'REILLY, Michelle; PARKER, Nicola. 'Unsatisfactory Saturation': a critical exploration of the notion of saturated sample sizes in qualitative research. **Qualitative Research**, v. 13, n. 2, p 190–197, 2012.

PAULA, Maria de Fátima de. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. **Revista Avaliação**, Campinas, vol.14, n.1, pp. 71-84, 2009.

PERDIGÃO, Denis Alves. O canto da sereia? A educação superior como uma (im)possibilidade de mudança na trajetória profissional da ralé brasileira. 247 f. Tese (Doutorado em Administração) Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015.

PEREIRA, Samara Silva; PASSOS, Guiomar de Oliveira. Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes das classes populares. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, Ano 12, n.16, p.19-32, jan./jul. 2007.

PEUGNY, Camille. *La mobilité sociale descendante: l'épreuve du déclassement*. **Humanities and Social Sciences**. ENSAE ParisTech, 2007.

PEUGNY Camille. *La montée du déclassement. Problèmes politiques et sociaux*, Paris, La documentation française, n°976, 2010.

PEUGNY, Camille. **O destino vem do berço? Desigualdades e reprodução social**. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O acesso à educação superior no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 88, p. 727-756, Especial - Out. 2004.

POCHMANN, Márcio. **Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

POCHMANN, Márcio. **Juventudes na Transição para a Sociedade Pós-Industrial**. In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane B. **Trabalho e Formação Profissional: juventudes em transição**. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, p. 37-55, 2013.

POCHMANN, Márcio. **O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social**. São Paulo: Boitempo, 2014.

POLKINGHORNE, Donald. Validity issues in narrative research. **Qualitative Inquiry**, v.13, n.4, p.471-486, 2007.

PORTAL EBC. Administração é o curso que mais oferece bolsas do Prouni, 2014. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2014/01/administracao-e-o-curso-que-oferece-mais-bolsas-do-prouni>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

RAIZER, Leandro. O Processo de Estratificação Social nas Sociedades Modernas: as visões de Durkheim, Weber e Marx. In: PICCININI, Valmíria Carolina; LEMOS DE ALMEIDA, Marilis; ROCHA DE OLIVEIRA, Sidinei (Orgs.). **Sociologia e Administração: Relações sociais nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 49-61.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil. DADOS, **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n.1, p. 41-87, 2011.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. **Estágios para Universitários: representações e implicações na inserção profissional dos jovens brasileiros e franceses**. 2009. 397 f. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. Inserção profissional: perspectivas teóricas e agenda de pesquisa. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 6, n. 1, p. 124-135, 2012.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; PICCININI, Valmíria. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. **Revista de Administração de Empresas – RAP**: Rio de Janeiro vol. 45, n.5, Set./Out. 2011, p. 1517-538.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; PICCININI, Valmíria Carolina. Contribuições das abordagens francesas para o estudo da inserção profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Jan./Jun., vol. 13, n. 1, p. 63-73, 2012a.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; PICCININI, Valmíria Carolina. Uma Análise sobre a Inserção Profissional de Estudantes de Administração no Brasil. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 2. SÃO PAULO, SP: mar/abr, p. 44-75, 2012b.

ROSENFELD, Cinara Lerrer *et al.* Entrevista: Bernard Lahire. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 17, n. 38, p. 280-302, abr. 2015

SÁ, Marcio Gomes de. **O homem de negócios contemporâneo**. Recife, PE: Editora Universitária, 2010.

SÁ, Marcio Gomes de. Os filhos das feiras e o campo de negócios agreste. 269 páginas. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade do Minho, Portugal. 2015.

SAMPAIO, Helena. Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990. Documento de trabalho, n. 8, 1991. Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf>. Acesso em: 4 de setembro de 2017.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; NUNES, Adriana de Souza. A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, 45(4):941-64, Jul./ago. 2011.

SAVAGE, Mike *et al.* A new model of social class? Findings from the BBC's great british class survey experiment. **Sociology**, 47 (2), p.19-250, 2013.

SCHULTZ, Theodore W. **O Valor Econômico da Educação**. Tradução: Werneck, P. S. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. **Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Jessé. Pierre Bourdieu e a reconstrução da sociologia crítica. In: SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.43-61, 2012.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 87-127.

TANGAARD, Lene. The Research Interview as a Dialogical Context for the Production of Social Life and Personal Narratives. **Qualitative Inquiry**, v. 15, n. 9, p. 1498-1515, November 2009.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, Feb. 2006.

VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 117-134, Abr. 2007.

VALLE SILVA, Nelson do. O esquema analítico e a classificação ocupacional. In: HASENBALG, Carlos; VALLE SILVA, Nelson do (orgs.). **Origens e Destinos: Desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p.37-54.

VOLKMER MARTINS, Bibiana. Expansão e Diversificação do Ensino Superior no Brasil: a mobilidade social e a inserção profissional dos jovens estudantes e egressos de cursos superiores tecnológicos na região metropolitana de Porto Alegre-RS. 2016, 435 f. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

VOLKMER MARTINS, Bibiana; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. Expansão e Diversificação do Ensino Superior, Impactos no Mercado de Trabalho e Inserção Profissional no Brasil: reflexões iniciais e proposta de agenda de pesquisa. In: Encontro de Administração Pública e Governança, 2014, Belo Horizonte. **Anais do VI EnAPG**, 2014.

VOLKMER MARTINS, Bibiana; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. Reflexões sobre a Empregabilidade dos Jovens Provenientes de Cursos Superiores de Tecnologia. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 1, p. 37-54, 2017.

VOLKMER MARTINS, Bibiana; SILVA, Camila Scherdien; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. Mercado de Trabalho: Mobilidade e Estrutura de Classes no Processo de Inserção Profissional de Jovens no Brasil. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 9, 2016, Belo Horizonte. **Anais do IX Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2016, p. 1-14.

WACQUANT, Loic. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos Estudos**, nº96, Julho de 2013.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

APÊNDICE A – RETRATOS SOCIOLÓGICOS

JULIANA

Quando nos conhecemos, em agosto de 2016, Juliana estava com 27 anos e havia acabado de se graduar em Direito, cinco anos após seu ingresso no curso. Quem nos apresentou foi um colega da Pós-Graduação, que residia na mesma residência estudantil que ela, a qual oferece moradia gratuita para estudantes de fora da Região Metropolitana de Porto Alegre, desde que atendam à critérios socioeconômicos pré-estabelecidos.

Depois do primeiro contato, por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas, combinamos de nos encontrar em um local sugerido por ela, um café na região do Centro da cidade, a mesma na qual ela reside e trabalha. As duas entrevistas se deram nesse mesmo local, com uma semana de intervalo entre elas, ambas no turno da manhã e antes do início da jornada de trabalho de Juliana.

Juliana não é tímida, mas também não é extrovertida e afeita a longas conversas, podendo ser descrita como uma pessoa reservada. Na época dos nossos encontros, ela estava se preparando para a segunda fase da prova da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, exame que a habilitaria a exercer a advocacia, e trabalhando no pequeno escritório onde havia realizado seu último estágio e fora contratada para atuar em regime de 30 horas semanais, como bacharel. A redução na carga horária havia sido solicitada por ela e acordada com sua chefe, pois nesse momento a prioridade de Juliana era sua aprovação na prova da Ordem.

Juliana é oriunda do interior do Estado, tendo nascido em uma cidade que fica a pouco mais de 100 quilômetros de Porto Alegre. No entanto, ela já mora há aproximadamente três anos na capital, na mesma residência estudantil. O desejo de sair do interior já existia há algum tempo, mas talvez faltassem motivos para justificar essa mudança. Foi a partir da seleção para a bolsa do Prouni que Juliana pode realizar esse desejo, tendo saído da cidade natal para residir em Porto Alegre assim que conseguiu um estágio que financiasse seus custos. No entanto, a apesar do forte desejo de sair do interior, Juliana segue visitando os pais e irmãos com frequência, já que diz sentir falta da convivência com a família, além do fato de seus pais terem diversos problemas de saúde, o que acaba mantendo-a muito próxima da família. Além disso, o namorado de Juliana mora na sua cidade natal, bem como várias de suas amigas de infância. Assim, sua rede social parece estar estabelecida na cidade de origem, fazendo com que ela retorne sempre que possível, principalmente nesse momento de pós

formatura, quando passou a ter mais tempo livre aos finais de semana. Essa é uma contradição aparente no relato de Juliana, no momento em que ao mesmo tempo em que gostaria de deixar a cidade do interior para trás, a obrigação familiar acaba chamando-a de volta, mantendo-a perto dos pais e familiares.

Para Juliana, não havia motivo para parar de estudar, por essa razão, tão logo concluiu o ensino médio, buscou alternativas para continuar se qualificando. Antes de ingressar na universidade pelo Prouni, Juliana já havia ingressado em outros dois cursos de nível superior: Biologia e Letras. O primeiro em uma universidade privada, localizada em uma cidade vizinha a sua, e o segundo em uma universidade federal da região sul do estado, sendo esse um curso à distância.

Ao longo do primeiro ano no curso de Biologia, Juliana percebeu que iria demorar muito tempo para se formar, já que não poderia arcar com o alto custo da mensalidade. Assim, decidiu trocar para o curso de Letras, vinculado à uma universidade federal, e, portanto, gratuito. Mesmo assim, Juliana não estava satisfeita, pois sentia que todo o seu esforço para estudar acabaria não sendo recompensado no futuro, devido à natureza do curso e as restritas possibilidades profissionais que ele a oportunizaria. Algum tempo depois, ouviu falar sobre o Prouni, tanto por intermédio de conhecidos quanto pela mídia, e a partir da influência de uma prima que cursava Direito na PUCRS, decidiu se inscrever no Programa, escolhendo Direito como primeira opção e Administração como segundo. Sua escolha pelo curso de Direito se deu, em um primeiro momento, motivada pela possibilidade de realizar concursos públicos e assim conquistar estabilidade, um bom retorno financeiro e um estilo de vida confortável. Após seu ingresso no curso, no entanto, Juliana mudou de ideia, desistindo da carreira pública, em um primeiro momento, para buscar a prática do exercício da advocacia em escritórios privados.

Para o futuro, Juliana tem como objetivo a aprovação na prova da Ordem, o que a possibilitará advogar pelo escritório onde trabalha, e na sequência cursar uma especialização na área previdenciária. A escolha pela área da pós-graduação é utilitarista, assim como foi a escolha pelo curso de graduação. Sua área de maior interesse era o direito trabalhista, no entanto, ela pretende escolher a área previdenciária por ser a que oferece maiores oportunidades dentro do escritório onde atua. Além disso, ela planeja continuar nesse mesmo escritório por, pelo menos, mais três anos, a fim de ganhar experiência, aprendendo com quem tem mais tempo de profissão. Futuramente, Juliana pensa em talvez abrir o seu próprio escritório, mas apenas quando já tiver certa prática no exercício da advocacia.

Ela pensa também sobre a possibilidade de cursar um mestrado, mas apenas depois da especialização, que ela acredita ser mais valorizada pelo mercado de trabalho e, portanto, ofereceria melhores perspectivas profissionais. Juliana relata que o objetivo inicial de trilhar a carreira pública, quando ingressou no Direito, acabou ficando em segundo plano, devido a sua decepção com a rotina de trabalho experimentada nos estágios realizados em órgãos públicos. Entretanto, não descartaria a possibilidade de voltar para a sua cidade natal, caso fosse aprovada em um concurso público de nível superior.

A família

O desejo latente em Juliana de sair do interior reproduz, de certa forma, a história de seus pais. Ambos estão na faixa dos 60 anos de idade, têm origem no meio rural e são pertencentes a famílias numerosas, tendo cada um deles 13 irmãos. Sua mãe cursou até a sexta série, já quanto à escolaridade do pai, Juliana não soube precisar. Ele, hoje com 64 anos, assim como os outros filhos homens da família, começou a trabalhar ainda muito jovem, aprendendo o ofício de mecânico junto ao pai. Devido à problemas de saúde, seu pai também trabalhou durante um período como caminhoneiro, até se aposentar por invalidez. Mesmo assim, ele seguiu realizando pequenos “bicos” como mecânico, nas oficinas de irmãos e parentes. Juliana afirma que ele nunca conseguiu parar de trabalhar e que nos momentos em que precisou se manter em casa, por conta dos problemas de saúde, “*quase ficou louco*”, assim como quase enlouqueceu a família. Já a mãe, hoje com 62 anos, sempre foi dona de casa, sendo a responsável pela criação dos filhos, o cuidado com o marido e a organização da vida doméstica.

O casamento dos dois se deu contra a vontade de ambas as famílias, que eram vizinhas e tinham desavenças com relação a terras, o que levou o jovem casal a se mudar para outro estado, começando sua nova vida longe da família de origem. Entretanto, seu pai foi acometido por uma doença grave, o que fez com que retornassem, após o nascimento do primeiro filho, para o interior do Rio Grande do Sul. Após o retorno, passaram a morar durante os primeiros anos no mesmo terreno que os avós maternos de Juliana. Doze anos após o nascimento do primeiro filho, sua mãe, aos 36 anos, se descobriu grávida, não tendo sido essa planejada. Foi nesse momento que nasceram Juliana e sua irmã gêmea.

Juliana tem na figura dos pais um exemplo de trabalho duro e constante ao longo da vida. Quando questionada sobre o que mais admira na trajetória de seus pais, afirma:

“Acho que é a perseverança, eles sempre passaram bastante trabalho, meu pai sempre doente... e na época assim, era difícil sabe, não tinha em casa, eles batalharam bastante sabe, foram insistentes. Por exemplo, foram contra tudo, contra todos, pra conseguir aquilo que eles queriam sabe? E também é difícil né, se manter casado por mais de 50 anos, criar os filhos, se preocupar em educar né, embora a gente, a gente nunca faltou nada em casa, eles sempre trabalharam muito pra manter”.

Os irmãos de Juliana continuam morando na mesma cidade onde nasceram, no entanto, não residem mais com os pais. Sua irmã gêmea mora com o namorado e também ingressou na faculdade por intermédio do Prouni, cursando Administração modalidade à distância em uma faculdade da região. O irmão de Juliana tem 40 anos, é casado, tem uma filha pequena e atua como mecânico na cidade, tendo aprendido e herdado do pai a profissão.

Juliana é muito próxima de seus avós, tios, tias e primos, sendo comuns as visitas e o convívio com os parentes, principalmente do lado materno. Mesmo residindo em Porto Alegre, ela viaja com frequência para sua cidade natal, se fazendo presente nas festas e encontros familiares. Um aspecto específico da família de Juliana é sua relação com a doença, tema esse muito presente na sua vida pessoal até hoje, já que, por diversas vezes, enquanto trabalhava e estudava em Porto Alegre, seguiu acompanhando os diversos problemas de saúde da família, em especial do pai. Assim, Juliana cresceu em um ambiente que tinha a saúde como pauta constante, o que acaba por mantê-la próxima e ligada à família até hoje, motivada por um senso de responsabilidade para com os pais. Por essa razão, Juliana não se imagina morando muito longe dos familiares, restringindo suas opções de moradia a Região Metropolitana de Porto Alegre e aos arredores de sua cidade natal.

A infância

Juliana passou sua infância no interior, vivendo um estilo de vida simples e pacato, que se resumia ao trabalho e a convivência com os parentes:

“(...) final de semana sempre vinha as tias mais velhas, que sempre vinham visitar a gente, aí nas férias ia pra casa de uma tia, ia pra casa de outra, sempre fui acostumada a circular bastante na família. (...) [final de semana] tinha que tomar o chimarrão com a vó, 10h30, 11h00, já tava todo mundo indo. Era sagrado”.

Sua rotina na infância se dividia entre auxiliar à mãe e à irmã nos trabalhos domésticos, ir para a escola, e permanecer em casa no turno da noite. Aos finais de semana, visitava os parentes e brincava com os amigos na rua:

“Eu fui muito criança, eu fui criança até os 14 anos, ainda brincava na rua (...) todas as pessoas que a gente brincava, que eu tinha contato, não tinham essa preocupação, de moda, com roupa... era mais ou menos assim, todo mundo na escola pública, porque não tinha outra opção, brincava na rua (...) já eu botava o que a minha mãe me desce e saía sabe? Não era um tipo de vaidade que eu tinha, mas não só eu, meus amigos também (...).”

O estilo de vida simples acabou sendo incorporado a Juliana, que mesmo após o ingresso em uma universidade privada, relata não ter se deslumbrado ou mesmo se sentido incomodada pelas diferenças aparentes entre sua origem social e a de seus colegas.

Juliana se recorda de ter desde cedo uma rotina de compromissos e responsabilidades em casa, a partir de uma clara divisão sexual do trabalho:

“(...) eu lembro que eu era pequena e a gente sempre ajudou em casa, ah, tem que lavar a casa, limpar, ajudar a tirar o pó, ajudar a fazer alguma coisa, sempre teve a rotina de ajudar a minha mãe, meu pai sempre trabalhou fora, meu irmão também”.

Assim, Juliana esteve em contato com o mundo do trabalho desde nova, naturalizando a centralidade desse na sua vida e de sua família. No turno da noite, após a escola, a família costumava ouvir rádio ou assistir a novela como forma de lazer, indo, muitas vezes, dormir cedo. Os únicos momentos nos quais Juliana saía da cidade natal e tinha contato com modos diferentes de ação era nas férias escolares, quando passava algum tempo na casa de suas tias ou ainda viajava para Porto Alegre, para ir ao cinema ou passear no *shopping center*.

Mesmo que passasse seus dias brincando na rua, gozando de certa liberdade, sua mãe sempre se mostrou preocupada com os filhos e interessada em conhecer os amigos e suas famílias. Assim, ela se mantinha sempre informada e vigilante a cerca das ações e comportamentos dos filhos, tendo o fato de residir em uma cidade pequena a auxiliado a manter um maior controle sobre os filhos:

“E por eu ter uma família muito grande, bem conhecida lá na cidade, todo mundo que passava, se me visse, eu sabia que qualquer pessoa que me pegasse em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa que minha mãe não aprovaria, ela ficaria sabendo”.

A escola

No ensino fundamental, Juliana não gostava de estudar, motivo pelo qual rotineiramente fugia da escola. Repetiu de ano na segunda série, quando uma de suas professoras suspeitou que ela tivesse algum problema de visão, o que se confirmou no diagnóstico de uma doença congênita que reduzia sua capacidade visual. Mesmo assim, ela recorda ter ficado de castigo durante as férias devido à reprovação, não podendo frequentar o

sítio de uma amiga. No entanto, Juliana não relata ter sido punida por meio de violência física, relatando apenas situações em que ficou de castigo ou foi repreendida, principalmente pela mãe.

Juliana repetiu de ano novamente na oitava série, dessa vez justificado por ela como reflexo da rebeldia vivida na pré-adolescência. Sua mãe percebeu que seu desempenho estava aquém do esperado e, preocupada com a situação da filha, foi em busca de auxílio. No entanto, nem mesmo as aulas particulares conseguiram evitar que Juliana repetisse o ano mais uma vez:

“(...) lembro que a minha dinda era professora e ela ia lá na minha casa, me dava aula particular, só que eu não queria nada com nada sabe, é por isso que eu digo, quando a pessoa não quer, não adianta”.

Quanto à escola, essa era, na opinião de Juliana, muito bagunçada, pouco rígida e sem regras, sendo essa localizada em uma região pobre da cidade, o que fazia com que ela fosse uma das crianças com mais recursos econômicos. As turmas eram compostas por alunos de diversas idades, sendo alguns já mais velhos por conta de reprovações de ano. Mesmo os professores não sendo muito exigentes, Juliana foi acompanhada de perto pela mãe, ao longo de sua trajetória escolar, a qual era responsável por participar das reuniões escolares e buscar o boletim das filhas. O pai de Juliana se manteve afastado da criação dos filhos, delegando essa responsabilidade para a esposa, numa clara divisão sexual entre o casal:

“Na época ele achava que a preocupação dele era outra, que ele tinha que sustentar, que ele tinha que prover a casa e o que eu tenho que me preocupar é isso, nunca se envolveu muito”.

Já na adolescência, Juliana percebeu que estudar seria necessário para seu futuro profissional, e passou a levar a escola mais a sério:

“E eu só fui me preocupar com a minha formação no ensino médio, no ensino fundamental foi, ah, vim pro colégio porque a minha mãe me mandou”.

Entretanto, o que mais a atraía no ambiente escolar eram os campeonatos esportivos, dos quais participou ao longo do ensino médio:

“(...) embora meus pais não tivessem dinheiro e coisa, a gente sempre conseguiu participar bastante. Eu trabalhava parcial, aí já conseguia ganhar uma coisinha, e aí ia, era a coisa que eu mais gostava na época do ensino médio”.

Ao ingressar no ensino médio, foi para a única escola que oferecia esse nível de ensino na cidade, sendo essa pública. O fato de crescer e estudar no interior acabou favorecendo sua escolarização e vida profissional, visto que as cidades menores contam, em geral, com pouca variedade de instituições de ensino, o que faz com que crianças de diferentes origens sociais estudem juntas e tenham acesso ao mesmo nível de formação.

Juliana se descreve como uma adolescente tranquila, que não causava preocupações ou transtornos aos seus pais:

Eu nunca fui muito de sair, muito de festa, e meus irmãos também, (...) então já era uma tranquilidade a mais pros meus pais assim... Embora eles cuidassem, perguntavam com quem a gente ia, mas nunca chegou a ser um problema assim, lá em casa”.

Juliana não tinha o hábito de sair à noite para se divertir, até mesmo por ter sua semana tomada pelos compromissos domésticos, escolares e laborais, os quais ocupavam seus três turnos durante a adolescência. Aos finais de semana, além das obrigações domésticas, fazia programações caseiras com suas amigas, principalmente depois que uma delas engravidou ainda na adolescência. Percebe-se que seus momentos de lazer e descanso se restringem a momentos de convívio familiar e doméstico, preenchidos com atividades simples como tomar chimarrão e jogar conversa fora.

Uma questão intrigante nos relatos de Juliana é a ausência de referências tanto à irmã gêmea quanto ao namorado. Foi na adolescência, aos 15 anos, que Juliana começou um relacionamento amoroso, que perdura por 12 anos. Mesmo assim, ela apenas se referiu ao namorado quando questionada sobre seu estado civil, se limitando a dar poucas informações, como o fato de ele ter 32 anos, residir com os pais na cidade de origem e trabalhar como técnico de informática. Enquanto ela apresenta planos bem definidos de carreira e futuro, ele ainda não sabe exatamente o que pretende fazer, pensando inclusive em tentar construir uma nova vida no exterior, plano que não parece ser compartilhado com Juliana. Mesmo estando em uma relação que, ao que parece, não apresenta muitas perspectivas futuras devido à falta de alinhamento quanto aos objetivos de vida futura, Juliana se mostra pouco preocupada com a resolução desse conflito, estando focada na prova da OAB, voltando todo seu tempo e seus esforços para isso. Assim, Juliana demonstra dar prioridade a sua carreira e a si mesma no momento de saída da universidade.

Aos 14 anos Juliana ingressou no mundo do trabalho, passando a trabalhar como auxiliar na loja de um familiar aos finais de semana. Com a conclusão do ensino médio,

começou a trabalhar em tempo integral, entretanto, não tinha nenhum vínculo formal de trabalho, o que a incomodava e fazia com que se sentisse explorada. Mesmo assim, sua mãe só permitia que ela deixasse o trabalho na loja quando conseguisse outra oferta de emprego. Por sugestão da irmã, ela enviou um currículo para um escritório da cidade, onde passou a trabalhar como auxiliar administrativa, permanecendo nesse local por quatro anos. As expectativas do pai de Juliana quanto ao futuro dos filhos eram baixas, resumindo-se a arranjar um emprego na cidade e permanecer nesse, a fim de se sustentarem. Já a mãe de Juliana tinha maiores ambições para a filha, principalmente porque não queria que ela reproduzisse a sua história de vida:

“Sim, e o sonho do meu pai era que eu ficasse trabalhando na loja, ele sempre achava que ah, a loja tá crescendo, a loja tá ficando grande, e aí ela me explorando horrores, sem carteira assinada, sem nada e ele achando aquilo o máximo, tipo eu trabalhando domingo, na véspera de natal, a loja crescendo e eu sem nada e ele achava aquilo ótimo, entendeu? O importante é que ela tá trabalhando... pra ele aquilo ali era ótimo. Minha mãe, ela queria assim, ah, se tu quer, tu tem que estudar... ela que falava mais, acho que por ficar em casa, tem aquela coisa de ah, eu não quero que tu passe pelo que eu passei, de ter esses tipos de privações”.

Assim, não havia uma preocupação por parte do pai de Juliana quanto às condições de trabalho as quais ela era submetida, ou quais seriam suas perspectivas de trabalho futuras. O importante para ele era que ela estivesse desempenhando algum tipo de trabalho, seja ele precário ou não. Já sua mãe esperava que ela não reproduzisse a sua história, incentivando a filha a ser independente, estudar e buscar um emprego melhor. Juliana se identifica muito com a personalidade e o gênio de sua mãe, tendo essa grande influência em sua trajetória e nas disposições por ela incorporadas.

O ensino superior

Quando Juliana concluiu o ensino médio, se viu impelida a continuar estudando: *“Parar pra não fazer nada não faz sentido, vai ficar fazendo o que? Vai ficar em casa”?* Para ela, pareceu natural seguir se qualificando, agora por meio de um curso de nível superior. No momento da escolha do curso, os fatores decisivos foram: ser próximo de casa, pois sua mãe não queria que ela deixasse a cidade natal, e ter uma mensalidade que pudesse pagar. Por essa razão, iniciou seus estudos de nível superior no curso de Biologia, matriculada em uma universidade particular localizada em uma cidade vizinha. Ao longo do primeiro ano de curso percebeu que iria demorar muito tempo para se formar, já que não poderia arcar com o custo de muitas disciplinas por semestre. Além disso, o curso acabaria restringindo suas opções de

carreira à docência, uma ocupação que não a atraía. Frente a esse cenário, trocou para o curso de Letras EAD, em uma universidade pública, até que tomou a decisão: “(...) *ah não, se é pra cansar, então vou cansar de verdade. Ai consegui a bolsa e acabei optando por Direito*”.

Ela precisava de algo que oferecesse um retorno garantido e melhores perspectivas futuras, já que, independente do curso, teria que conciliar a rotina de trabalho e estudo, bem como lidar com a distância e o fato de morar no interior. Assim, viu no Direito a sua melhor opção, pois oferecia mais status, um leque maior de oportunidades profissionais, além da opção pela carreira pública, a qual iria lhe proporcionar estabilidade e conforto. Juliana já se mostrava, desde o início da sua trajetória acadêmica, preocupada com o mercado de trabalho e suas possibilidades de inserção profissional após a conclusão do curso. Ela não tinha tempo a perder, até mesmo porque já estava dois anos “atrasada”, devido as reprovações no ensino fundamental.

Com a seleção e aprovação no Prouni, veio à necessidade de deslocamentos diários para Porto Alegre, a fim de frequentar o curso. Entretanto, durante os dois primeiros anos ela seguiu morando e trabalhando em sua cidade natal, como auxiliar administrativa, percorrendo diariamente a distância entre as duas cidades, o que tomava várias horas do seu dia. Apenas na metade do curso ela começou a buscar por estágios na área do Direito e no momento em que foi aprovada em um deles, pediu demissão do emprego fixo e passou a morar em Porto Alegre. Apesar de ter um emprego formal, com carteira assinada, Juliana sabia que precisaria ter experiências na área do Direito, se quisesse se inserir nesse campo após a formatura. Por essa razão, não teve dúvidas ao abrir mão de um emprego como auxiliar administrativa, que não oferecia perspectivas de crescimento no curto prazo, por um estágio em um órgão público, onde passaria a ganhar menos e não teria a possibilidade de efetivação, mas que ofereceria a oportunidade de aprender sobre advocacia na prática.

Quanto a sua experiência na universidade, Juliana não se envolveu em muitas atividades extraclasses, limitando sua participação à algumas palestras, feiras de carreira e atividades pontuais que conseguia conciliar com o horário de trabalho. Entretanto, todo o tempo em que estava em sala de aula era de extrema dedicação, afinal, estar ali exigia um esforço que não poderia ser desperdiçado:

“Sabia que, bah, tô vindo lá do interior, passei duas horas e meia no ônibus, eu preciso prestar atenção na aula, eu preciso ir pra aula, por mais que eu esteja cansada, acabada, que eu tenha pego chuva, não posso perder a viagem né”?

Quando ingressou no curso de Direito pelo Prouni, quase toda a sua turma era composta por bolsistas. Entretanto, poucos concluíram o curso, sendo que na turma de Juliana apenas ela se graduou no tempo regular. O curso exigia dedicação e estudo extraclasse, o que para ela era um pré-requisito óbvio de uma formação de nível superior. O trabalho duro era natural para Juliana, o que a diferenciava dos colegas não bolsistas, muitas vezes vistos por ela como preguiçosos e “reclamões”, e mesmo de alguns colegas bolsistas, que esperavam aprender os conteúdos e serem aprovados nas disciplinas sem se dedicar ao estudo fora da sala de aula:

“Eu sabia que eu tinha que estudar, não existe milagre. (...) eu falo pras gurias: gurias, não tem caminho fácil. Elas trancam a cadeira, eles trancam muito sabe? Só que não tem caminho fácil, se tu não sentar e dizer, olha eu preciso estudar, eu vou ler, eu preciso entender isso aí (...).”

Juliana notou grandes mudanças em si mesma, a partir do momento de ingresso na universidade, principalmente com relação à ampliação da sua visão de mundo:

“Acho que eu sei outra pessoa da faculdade. Tu acaba meio que... eu morava no interior né? E aí tu mudar pra Porto Alegre, e eu sempre quis mudar, então acaba que, foi uma coisa que me desenvolveu como pessoa. Na verdade, em casa, com os pais, no interior, eu acabo, a gente acaba meio que se acomodando, ficando acomodado. Mas, e essa questão do curso também né, porque o Direito, tu acaba conhecendo áreas que tu não tinha tanto contato, eu não tenho pais advogados, e essa questão também de poder enxergar as coisas de uma forma diferente, porque querendo ou não tu muda, mesmo que tu não concorde com certas coisas, tu passa a escutar, a entender de uma forma diferente... Compreender porque determinada pessoa pensa de determinada forma”.

Ao final do curso, Juliana estava receosa com o momento de saída da universidade, com medo de ficar desempregada. Ela sabia que, diferente de alguns de seus colegas, não possuía parentes advogados ou inseridos no meio jurídico, que pudessem contratá-la em seus escritórios ou indicá-la para vagas de trabalho. Ela precisaria conquistar um posto de trabalho por conta própria.

O trabalho

Na metade do curso, Juliana percebeu que precisaria ter experiência na área do Direito, já que isso seria essencial para sua colocação profissional. Devido à dificuldade em conseguir se inserir no campo do Direito na sua cidade natal, onde as relações de emprego se devem, essencialmente, ao capital social mobilizado, ela decidiu buscar por estágios em Porto Alegre, onde acreditava ter mais chances de sucesso:

“Na minha cidade teria algumas opções, mas no interior é bem, são bem menos escritórios e tem, geralmente é o pessoal que ou o filho tá estudando, o pai já tem escritório, então acaba restringindo muito a tua área de atuação num escritório menor sabe”.

Seus dois primeiros estágios foram em órgãos públicos, localizados próximos a sua casa e tendo uma carga horária diária de quatro horas. Mais próximo ao final do curso ela passou a buscar por vagas de estágios em escritórios privados, a fim de diversificar suas experiências profissionais, enriquecendo seu currículo e ampliando suas possibilidades de trabalho.

A escolha entre quais estágios se aplicar ou não foi pautada pela possibilidade de conciliação com a faculdade, buscando trabalhos que não fossem prejudicar seus estudos, além da facilidade de acesso e deslocamento entre sua casa, a empresa e a universidade. Juliana sabia que estagiar em uma empresa longe de casa e com uma alta carga horária de trabalho significaria maiores custos com transporte e alimentação, bem como menos tempo de estudo, o que tornaria seu dia-a-dia ainda mais desgastante. Como bolsista, ela não poderia ter notas baixas ou mesmo ser reprovada. Assim, optou por estágios em órgãos públicos, com carga horária reduzida, que possibilitavam mais tempo para os estudos.

Seus chefes e supervisores de estágio sempre desempenharam um papel de extrema importância na formação de Juliana. Foi neles que ela buscou conselhos, auxílio e suporte, atuando tanto como seus orientadores profissionais quanto pessoais:

“A minha chefe chegou e disse: posso olhar teu TCC? Pode. Ai ela foi lá, corrigiu meu TCC, isso não existe sabe, acredito que não existe. (...) ela me ajudou, em coisas que ela não precisaria saber”?

Durante suas experiências de estágio, Juliana pode conhecer a rotina de trabalho de um órgão público e achou essa uma carreira muito engessada e burocrática. Assim, passou a considerar a possibilidade do concurso público apenas com a condição de exercer um cargo de nível superior, o que traria maior status e maior remuneração, diferente de uma função de nível médio, que acabaria desqualificando seus cinco anos de estudo e dedicação para a obtenção de um diploma. Essa situação é a mesma que se apresenta na possibilidade de mudança para o exterior vislumbrada pelo namorado, onde ela teria que recomeçar a vida como uma imigrante sem titulação, já que seu diploma não seria válido fora do Brasil. Juliana descarta esses dois caminhos, pois teme, depois de tanto esforço para concluir o ensino superior, se ver em uma situação de rebaixamento de diploma, ao exercer uma função inferior à sua titulação.

Após ser contratada no escritório onde realizou seu último estágio, Juliana planeja permanecer nesse local por mais alguns anos, a fim de ganhar experiência e prática na profissão, bem como dar sequência aos estudos, realizando uma pós-graduação. Todo o seu planejamento no momento das entrevistas dependia da conquista da licença para advogar, por meio da aprovação no Exame da Ordem dos Advogados, o que se traduziria em um aumento salarial, permitindo sua matrícula em um curso de especialização. A exigência da aprovação na prova da OAB é específica do curso de Direito, sendo essa mais uma barreira a ser vencida pelos estudantes oriundos das classes baixas, no momento em que a origem social tem um grande impacto com relação ao sucesso no exame. Isso por que:

“Quem estuda, mora com os pais, e consegue tirar o último semestre, os últimos dois meses, tipo, ah, vou fazer o TCC e não vou fazer estágio, ter uma vida mais tranquila, (...), trabalhar quatro horas, ótimo, tu consegue. Os amigos que eu conheço, que fizeram isso, pararam de trabalhar, todo mundo passou na OAB. Claro que o Prouni vai enfrentar mais dificuldades porque, o cursinho, por exemplo, o cursinho é caríssimo, e aí além de tu não ter tempo, porque tu trabalha oito horas por dia, tu vai ter que ter a grana pra fazer o cursinho. E a qualidade do estudo depois, quando tu tá trabalhando oito horas por dia”?

Assim, Juliana buscou o apoio que seus pais não poderiam lhe oferecer na figura de seus chefes, solicitando para que trabalhasse menos horas, a fim de ter tempo para estudar.

Seus planos futuros são detalhados e organizados. Após a conclusão da especialização, que pretende cursar, ela possui três diferentes planos traçados: se voltar para a magistratura, permanecer no escritório caso esse ofereça possibilidades de crescimento ou ainda abrir seu próprio escritório de advocacia. A escolha pela especialização se dá a partir de sua preocupação com a inserção no mercado de trabalho, já que ela vê a formação continuada como um pré-requisito para o seu crescimento profissional.

Por fim, pode-se dizer que a vida ensinou Juliana a acreditar mais em trabalho duro do que na sorte:

“(...) Tem que estar lá, insistindo, uma hora acontece, mas é na insistência, não é só na sorte. Ninguém nunca bateu, tá Juliana, vamo lá, porque eu sempre fui consciente com a realidade, tu vai ter que ir, porque teu pai não vai pagar uma faculdade particular pra ti, tu vai ter que insistir, tu quer, tu vai. (...) Eu sempre soube que não podia ir contando com a sorte”.

TIAGO

Tiago tem 24 anos e se graduou em Direito na metade do ano de 2016, cinco anos após seu ingresso no curso. Ele nasceu e foi criado em uma cidade da Região Metropolitana de

Porto Alegre. No momento da realização das entrevistas, ele estava ocupando em um cargo de confiança em um Fórum da Região Metropolitana, mas seu foco estava voltando para a seleção do mestrado em Direito, para a qual iria se candidatar ao final do ano.

Conheci Tiago por meio da indicação de uma antiga colega do ensino fundamental, que intermediou nosso contato por meio do Facebook. Os primeiros contatos se deram pela rede social, e após alguns encontros desmarcados, conseguimos nos encontrar duas vezes no mês de setembro de 2016, na primeira vez ao final da tarde, em um café, e na segunda para um almoço, ambos próximos ao Fórum onde trabalha.

Tiago foi sempre muito receptivo, se mostrando interessado pelo meu tema de estudo e muito curioso quanto a minha trajetória, opiniões e experiências vividas, motivo pelo qual me senti, muitas vezes ao longo das nossas conversas, sendo também entrevistada por ele. Ele pareceu confortável ao falar de si mesmo, inclusive passando a impressão de gostar de falar sobre si mesmo e suas conquistas pessoais e profissionais. No entanto, quando abordávamos assuntos determinados assuntos, ele parecia menos confortável ao se expor, principalmente temas relacionados a conflitos ou momentos de insegurança e incerteza. Assim, ele parecia querer direcionar a fala para suas conquistas, exaltando-as e fazendo com que, em alguns momentos, me sentisse entrevistando-o para uma vaga de emprego. As experiências relatadas por Tiago demonstram que, apesar de sua postura autoconfiante, beirando em algumas situações a arrogância, ele parece ser um rapaz inseguro, que se sente cobrado e pressionado, tendo medo de não corresponder às expectativas ou ainda, fracassar.

A família de Tiago parece ser um dos grandes incentivos para que ele busque se qualificar, a fim de ter uma vida melhor, tendo contribuído para a reprodução e incorporação da crença na formação como caminho para a ascensão social. Desde a infância seus pais já se preocupavam com sua inserção profissional, escolhendo para ele o caminho da formação técnica, como forma de garantir um primeiro emprego mais qualificado. Antes de seu ingresso no ensino superior, Tiago sempre estudou em escolas públicas e uma, em especial, marcou sua trajetória. Ele cursou o ensino médio em uma escola técnica reconhecida na Região Metropolitana pela qualidade da sua formação. Essa escolha se deu por pressão de seus pais, que desde cedo já haviam expressado o desejo de que Tiago estudasse lá. Ele, apesar do pouco interesse pela formação técnica, acabou seguindo a vontade dos pais. Tiago saiu empregado do curso, mas não estava satisfeito com a área de atuação, então assim que conseguiu a bolsa para estudar Direito pelo Prouni, trocou o emprego de carteira assinada por

um estágio na nova área. Parece que a conquista da bolsa justificava, perante seus pais, o abandono da carreira técnica, em prol de uma formação de nível superior.

Quanto a seus relacionamentos pessoais, esse se resumem a família e amigos de infância, a maioria originária do grupo de jovens da Igreja Católica do qual fez parte por mais de 10 anos. Tiago não demonstra interesse em investir seu tempo em relacionamentos amorosos nesse momento, já que um namoro iria exigir grande parte do seu tempo e ele prefere se dedicar integralmente à carreira.

A escolha de Tiago pelo Direito se deu de maneira racional e utilitária. Ele relata que, ao entrar no sistema do Prouni, procurou por cursos com uma maior oferta de bolsas e que não eram da área de ciências exatas, decidindo, a partir desses dois critérios, pelo curso de Direito. Seu desejo inicial era cursar Comunicação Social, mas por receio quanto a posterior inserção no mercado de trabalho decidiu se tornar advogado, considerando essa uma profissão com melhores oportunidades de carreira e crescimento. Ao longo do curso Tiago se decepcionou com alguns comportamentos e atitudes de seus colegas de profissão, motivo pelo qual decidiu trilhar a carreira acadêmica a partir da conclusão da graduação, almejando o ingresso no curso de mestrado *stricto sensu*.

Tiago valoriza e reconhece alguns distintivos sociais, que busca incorporar, como forma de distinção social. Isso é representado em seu interesse por viagens, intercâmbios, fluência em idiomas estrangeiros, incorporação e citação de teorias e teóricos acadêmicos e apresentações de trabalhos de pesquisa em congressos. Ele busca estar inserido nesses espaços socialmente reconhecidos, que podem servir como meio de diferenciação.

Para o futuro, Tiago almeja ingressar e concluir o mestrado, advogando de maneira autônoma concomitantemente ao curso. Após a conclusão do mestrado, pretende ingressar como docente em alguma instituição privada de ensino superior e, quem sabe, abrir seu próprio escritório de advocacia. Ele vislumbra, frente ao contexto de expansão do acesso à qualificação no país e aumento no número de instituições de ensino, boas oportunidades para a docência, apostando nesse como caminho para o futuro.

A família

A família de Tiago tem grande influência em sua trajetória e experiências vividas. Percebe-se que essa tem um relacionamento muito próximo, muitas vezes de amizade e companheirismo, talvez pelo fato de seus pais serem jovens. Eles se conheceram ainda no ensino fundamental, na mesma cidade na qual ele viria a nascer, quase 10 anos depois,

quando sua mãe tinha 17 anos de idade e seu pai 19, fato que os levou a casar. Tiago descreve seus pais como muito joviais, presentes e participativos em sua vida:

“Eu tiro eles pra meus irmãos assim, porque eles saem junto comigo, os meus amigos são os amigos deles também. É a gente sempre participou de grupo de jovens, eles participavam como coordenadores, então eles conhecem todos os meus amigos, meus amigos vão jantar lá em casa, eles tão sempre juntos. (...) às vezes eu chego em casa e meus amigos tão lá. Cansei de sexta-feira de noite, eu vinha da aula e tava cheio de gente lá em casa”.

Seu pai tem 44 anos e hoje trabalha como instrutor em um curso técnico profissionalizante, tendo concluído um curso tecnológico em Produção Industrial, modalidade EAD, há dois anos, por influência de Tiago. Entretanto, durante 24 anos ele atuou como operador técnico em uma indústria mecânica, até o momento em que foi demitido, sendo esse um fato marcante na trajetória de Tiago, que pode inclusive ter contribuído para seu desinteresse pela carreira técnica industrial.

Seu pai concluiu o ensino médio e um curso técnico em Eletromecânica quando tinha 19 anos de idade, no mesmo ano de nascimento de Tiago. Já sua mãe, 43 anos de idade, durante boa parte da vida foi dona de casa e se dedicou ao cuidado dos dois filhos, voltando a trabalhar quando esses já estavam mais velhos. Na época das entrevistas, ela atuava como operadora de telemarketing, mas segundo Tiago, não estava satisfeita com o emprego. Ela concluiu a oitava série, mas por influência do filho tinha voltado a estudar e estava concluindo o ensino médio em 2016. Após a conquista do diploma de nível médio, Tiago já havia sugerido que ela iniciasse um curso técnico na área de Recursos Humanos, pois assim teria maiores chances de conseguir um trabalho mais qualificado. A irmã de Tiago tem metade da sua idade, 12 anos, e estava cursando o ensino fundamental, mas já é incentivada pelo irmão a pensar em seu futuro e definir sua escolha profissional, tendo ele projetado nela sua frustração por não ter cursado Medicina:

“Ela quer fazer Direito e eu já proibi ela, ela vai fazer Medicina. Ela: ah, eu quero fazer Direito ou quero fazer Letras. Daí eu falei: tá, então paga a tua faculdade. Medicina eu ia pagar pra ti. Eu boto uma pressão nela”.

Tiago reproduz com a irmã a pressão que seu pai coloca nele, para que estude nas melhores instituições e tenha sucesso em uma carreira tradicional, como Engenharia ou Medicina. Essa mesma pressão que recebeu ao longo da vida, agora é ele quem tem colocado nos pais, para que sigam se capacitando:

“Eu na verdade que insisti pra eles estudarem né. (...) minha mãe foi pelo Enem, ela fez o Enem, eu inscrevi ela e falei: tu vai fazer, obrigatoriamente. Técnico em alguma coisa ela vai fazer, pra conseguir um emprego melhor. Eu obriguei né, eu obriguei eles a estudarem. Porque a perspectiva não é boa né, porque tu vai estudar mas tu não tem emprego certo, né, então. Meus pais têm ciência disso, por isso que a gente traçou planos né, eu disse, não adianta tu ir pra faculdade e não conseguir se colocar num trabalho, por isso que eu falei pra ela, faz um curso técnico. Eu tenho noção da realidade. E meu pai agora ele quer uma pós né, provavelmente vai começar em pedagogia, eu tô pensando nisso pra ele (...)”.

O pai de Tiago parece ser o mais racional da família. Tiago o descreve como realista e muito duro, exigindo dele os melhores resultados e o melhor desempenho. Foi com ele que Tiago aprendeu a ser ambicioso e determinado, tendo internalizado ao longo da vida diversas cobranças e expectativas de seu pai:

“(...) meu pai sempre foi muito rígido. Por isso que tipo ah, tu vai fazer agora a UFRGS, tu vai ter que passar. Tu vai fazer tal curso, tu vai ter que passar, tu vai fazer a prova x, tu vai ir bem, ele nunca aceitou eu meio que fracassar. Sempre cobrou muito, bastante. A minha mãe não. Minha mãe era mais, ah, tenta de novo, meu pai não. Meu pai sempre foi mais realista”.

Ao mesmo tempo que seu pai parece ter tido influência na ambição de Tiago, sua mãe representa para ele a humildade e valorização das relações pessoais e da família. Assim, com a mãe, Tiago relata ter aprendido a ser humilde: *“(...) não deixar o dinheiro, principalmente, falar acima das relações e tu levar aquilo que tu sempre foi adiante (...)”.*

Percebe-se na família de Tiago uma dinâmica de incentivo mútuo, como um ciclo vicioso de crescimento, no momento em que eles parecem ter um projeto coletivo de melhoria de vida e ascensão social. É como se, no momento em que um deles se capacita e conquista um emprego melhor, tivesse a responsabilidade de puxar todos os outros consigo, incentivando para que também estudem e assim, sigam crescendo e conquistando juntos melhor qualidade de vida.

Ao longo de sua vida, Tiago morou em duas diferentes residências, sempre na mesma cidade. A primeira foi a casa de seus avós, que dividiu também com seus pais e sua madrinha até os nove anos de idade. Depois disso, passou a morar na mesma casa em que reside até hoje, construída pelo próprio pai. A conquista da casa própria, através do trabalho e esforço de seu pai é motivo de orgulho para ele e para a família, composta pela mãe, pai e sua irmã mais nova. Para Tiago, o que mais o orgulha na família é tudo o que seus pais conseguiram conquistar e construir ao longo da vida:

“Meu pai tem uma casa muito bonita que foi o sonho deles. Ele ficou nove anos construindo aquela casa. Tem um carro bonito, que ele conseguiu. Construiu uma família perfeita, posso considerar perfeita, que eles que lutaram... acho que é isso, família e os bens que guardam a família. E eles sempre me deram esses conceitos de família, que é muito importante. E tu acreditar no poder da família, de construir uma família (...) Foi uma coisa que eles sempre me ensinaram. Não o julgamento moral do que é certo ou errado, mas sim o que eles acham que é certo ou errado e a partir disso eu fazer os meus julgamentos”.

Os bens conquistados pela família têm destaque na fala de Tiago, demonstrando ser esse um aspecto valorizado por ele. Isso leva a imaginar que, para Tiago, a ascensão social e a melhoria na qualidade de vida estão diretamente associadas ao acesso a bens de consumo e o aumento no poder de compra.

Tiago convive bastante com seus tios, tias e avós, tendo inclusive compartilhado a residência com uma de suas tias por muitos anos:

“A gente tá sempre reunindo, sábado é meio dia na casa de um, domingo de meio dia na casa de outro e o café da tarde na casa de outro, meio dia na minha casa, domingo meio dia na casa da minha vó o churrasco e domingo de noite o café na casa da minha tia. Todo mundo bem unido assim e tal, sempre junto. Todo mundo mora perto, da cerca de 5 minutos de uma casa pra outra, de a pé”.

Essa relação de proximidade faz com que ele não almeje sair da cidade natal, ou se afastar do grupo familiar. A família é uma influência benéfica para Tiago, no momento em que o leva a buscar ser melhor.

A infância

Na primeira infância, Tiago permaneceu em casa, aos cuidados da mãe, que não trabalhava fora e por isso não teve necessidade de colocá-lo em uma creche. Já com o início do ensino fundamental, ele passou a ter uma rotina preenchida por atividades escolares, permanecendo os dois turnos do dia na escola. Durante o turno da manhã, Tiago estudava, cumprindo a carga horária do ensino fundamental e a tarde se envolvia em outras atividades oferecidas pela escola:

“Eu me lembro que eu ia de manhã pra escola, de tarde eu ia também pra escola, porque eu fazia ou era teatro, ou era coral, ou era algum projeto voltado pra escola. Às 17h em lembro de me encontrar com meus amigos todos os dias num campinho ou no ginásio pra jogar futebol. Eram as coisas que eu fazia todo o dia, todo o dia. E nos finais de semana eu fazia curso de informática uma época, uns dois anos eu acho eu fiz curso de informática. É isso que eu lembro mais. Não lembro de muita coisa...”

Ainda na infância Tiago começou a cursar informática aos sábados, por exigência do seu pai, que já se mostrava preocupado com a empregabilidade e o aumento das chances de sucesso profissional do filho. Assim, desde muito jovem Tiago já associava seu tempo livre a capacitação, disposição que ele irá mobilizar novamente no momento de entrada no ensino superior. Além disso, desde a infância há uma preocupação de seus pais em inseri-lo nas melhores escolas públicas, para que ele tivesse acesso a uma formação de qualidade.

Quando questionado sobre sua rotina aos finais de semana, Tiago descreve-a como não tendo nada de especial ou diferente:

“Domingo eu não fazia nada, domingo eu, sei lá, o que que eu fazia nos domingos... ficava em casa, via meus amigos, sei lá. (...) eu tinha muita convivência com meus primos também, tudo o que eles faziam eu tava junto. Eu gostava de me envolver em varias atividades, desde sempre”.

Entretanto, ao longo das nossas conversas, em determinado momento ele comenta sobre um grupo de jovens pertencente à Igreja Católica que frequentava na juventude, com encontros semanais aos domingos. Quando começo a explorar esse tópico, descubro que sua presença nesse grupo compõe uma parte importante e considerável de sua vida:

“Eu participei durante uns sete anos, dos meus 14 aos meus 21. Alguns anos eu fui coordenador, um ou dois anos. Meus pais eram os tios coordenadores, eles e mais dois casais. Era um grupo de mais ou menos 80 jovens, era muita gente, muito legal. A gente fazia muita amizade, a gente fazia muitas coisas assim diferentes, varias atividades. É... daí no fim a gente acabou saindo, porque saturou sabe? Mas a minha mãe sente muita falta. Agora a minha irmã tá participando do grupo, porque ele existe ainda. Eu vou às vezes, tipo, dar uma palestra, quando tem algum retiro, alguma coisa. Mas não, ativamente não. Meus amigos, a maioria são de lá. Nem todos, mas a maioria sim, de 10 amigos 6 são de lá”.

A convivência nessa comunidade representa uma característica importante da família de Tiago, já que tanto ele quanto seus pais se envolviam e participavam ativamente das atividades do grupo, sendo a maioria de seus amigos provenientes desse espaço de socialização:

“Era nos domingos, das 17h30 às 20h, mas aí a gente fazia uma janta depois, era sagrado, todo domingo fazia uma janta, comprava uma batata frita, alguma coisa, comia um cachorro quente, então ia até umas 22h, 23h. A gente fazia bastante retiro, nas sextas-feiras, ia na quinta feira pra algum lugar, arrumava tudo e aí recebia o pessoal na sexta de noite, era uma função, era muito legal”.

Tiago não deixa claro porque deixou de participar do grupo, dando a entender em alguns momentos que isso se deve a falta de tempo depois do ingresso na universidade. No

entanto, seus pais e sua irmã seguem participando, e muitos de seus amigos são provenientes desse grupo, sendo presentes em sua vida até hoje.

A escola

Tiago estudou em uma escola pública, na mesma cidade onde morava e desde pequeno buscou se envolver em todas as atividades que lhe eram propostas: *“eu participava de tudo o que eu podia na escola, (...) eu participava de tudo. A minha escola era muito boa, do município”*.

Já no ensino médio, uma grande mudança em sua vida foi à aprovação e ingresso em um colégio técnico público muito prestigiado da Região Metropolitana de Porto Alegre, onde cursou o ensino médio integrado ao curso de eletrotécnica. Por decisão de seu pai, que não lhe ofereceu alternativa senão cursar o ensino médio nessa instituição, ele se preparou e aplicou para o processo seletivo, que consiste em uma prova, nos moldes de um vestibular, muito concorrida, levando muitos jovens a se matricularem em cursos preparatórios ainda no ensino fundamental:

“Ninguém da minha escola passava no X. Eu passei porque eu fiz cursinho, eu passei ali, pelos últimos, mas eu entrei né. Daí foi bem complicado, mas passei, fiz os quatro anos. Tu pega o ritmo né? Meus pais queriam que eu fosse pro X. Porque era uma boa escola, tu sai de lá empregado... Sei lá pra onde eu queria ter ido... acho que essa nunca foi uma opção, ir pra outro colégio. A única coisa que eles queriam que eu tivesse feito era ir pro X. Eu fiz e eles viram que não deu muito certo”.

A escolha de seus pais pela escola se deve ao fato de essa preparar os alunos para a entrada rápida no mercado de trabalho. Assim, viam na formação dada pela escola uma ótima oportunidade de qualificação e aumento da empregabilidade de Tiago, por meio do ingresso em uma das grandes indústrias da região. Parece que seu pai via na reprodução de sua história de ascensão social por meio do emprego estável no setor industrial como o melhor caminho também para Tiago. A expectativa de seus pais se concretizou, já que Tiago saiu empregado, atuando como vendedor em uma revenda de uma multinacional fabricante de motores e ganhando na época um bom salário, em torno de mil e quinhentos reais.

Apesar de o colégio ter proporcionado um ensino de qualidade, o qual Tiago passou a reconhecer após ingressar na universidade e se perceber mais preparado do que vários de seus colegas, suas lembranças da formação técnica não são positivas, se referindo a esse como um período muito difícil de sua vida:

“Daí quando eu fui pro X eu levei um susto, porque era muito difícil, bah, muito difícil. Eu ia nos reforço, eu ia, pra passar. Porque era muito difícil. Não sabia nada de química, a gente chegou lá numa química meio complexa no primeiro ano e tive muita dificuldade. Daí tinham umas matérias técnicas, eu nunca tive nada técnico, imagina tu começar a estudar eletricidade, no primeiro ano. Foi um horror e eu não gostava... Mas me fez bem lá, estudei muito, aprendi muita coisa, que quando eu entrei na universidade muita gente não sabia, gente que tava no projeto de pesquisa e que no X tu sabe de cor e salteado as normas da ABNT, desde o primeiro ano. Mas não era isso que eu queria né”.

A relação dos pais de Tiago com seu desempenho escolar era de muita cobrança por resultados, tendo ele sido habituado a prestar contas de suas conquistas, principalmente para seu pai:

“Meus pais não acompanhavam colégio assim, no X não. No ensino fundamental também não. Era só quando eu tava muito precisando de alguma coisa assim, daí meu pai vinha, dava uma olhada, às vezes indicava professor particular. Eu fiz aulas particulares de física, matemática, porque era muito difícil. Meu pai sempre falou assim: eu só quero ver o resultado final, aí de tu aparecer reprovado. Então eu sempre tive muito medo. E no colégio sempre foi tipo 8 e meio, 9, 10. Eram as minhas notas no fundamental. Ah, no ensino médio era um horror. As minhas notas eram a média, 6,7, não passava de 7, 7,5. Peguei recuperação algumas vezes, no X peguei bastante recuperação”.

O momento de ingresso no ensino superior foi para Tiago um momento de alívio, onde pode ser distanciar da carreira técnica e a partir daí, passou a ter uma maior autonomia em suas escolhas profissionais, legitimado pela possibilidade de passar de um técnico em eletrotécnica para a posição e o status de advogado.

O ensino superior

Quando questionado sobre em qual momento da vida Tiago decidiu que tentaria entrar em uma universidade, ele relata nunca ter pensado na possibilidade de não fazer uma faculdade. Esse foi um plano que criado desde sua entrada no técnico, a partir da influência tanto da escola onde estudou quanto da influência dos seus pais. Assim, apesar de não gostar da área técnica na qual se formou, Tiago concluiu o curso e prestou seu primeiro vestibular para o curso de Engenharia na UFRGS, por influência dos professores e do discurso reproduzido na escola onde estudou:

“E lá eles colocam uma coisa na tua cabeça, que ou tu ia fazer Engenharia ou tu não ia ser ninguém na vida. Meio máquina assim, ou tu faz Engenharia, ou tu vai ser pobre. E como na época eu não queria ser pobre, eu restei vestibular na UFRGS pra Engenharia”.

Como Tiago já sabia que “*não queria ser pobre*” acabou se inscrevendo no seu primeiro vestibular para Engenharia, mas não foi aprovado. Da Engenharia, Tiago acabou decidindo pelo Direito, motivado pelo número de vagas e bolsas, mais do que qualquer outra expectativa com a carreira, com a universidade ou com o curso:

“Nunca pensei em fazer Direito, nunca pensei mesmo. Tinha pensando em Publicidade, tinha pensado em Jornalismo, em Engenharia como eu disse, em Educação Física, que eu acho tri, tinha pensado em varias coisas. Uma hora pensei em Medicina, meu deus, vou estudar muito pra passar em Medicina, mas nunca pensei em Direito. Ai quando eu vi as notas de corte, vi que ia dar pro Direito, ai eu confirmei e foi. E deu certo”.

Na escolha do curso Tiago transparece o dilema entre fazer o que gosta e fazer o que trará mais retorno financeiro e maior reconhecimento social. Suas preferências, por afinidade com as áreas de estudo, eram por Comunicação ou Educação Física, mas isso não o impedia de almejar Engenharia e Medicina, cursos considerados de maior status e que têm médias salariais mais elevadas. Acabou optando pelo Direito, sendo esse um curso que também carrega um histórico de reconhecimento social e que é associado ao título de doutor, como na Medicina, mas não é um curso com competências matemáticas, como a Engenharia.

Ao longo da sua jornada no curso de Direito, acabou se aproximando da área da Medicina, por meio de bolsas de iniciação científica. Assim, Tiago descobriu no Direito a oportunidade de se aproximar de suas áreas de interesse dentro da universidade, mesmo não estando diretamente vinculado a elas:

“Porque hoje Direito te possibilita juntar qualquer coisa, tu consegue juntar Medicina com Direito, Publicidade, juntar Serviço Social, Letras, com Direito. Então por isso que o Direito me fez feliz, se assim posso dizer”.

Sobre a universidade, ao mesmo tempo em que Tiago se diz muito realizado e orgulhoso de estudar nessa instituição, ele deixa transparecer sua frustração por não ter sido aluno da UFRGS, que é uma universidade pública e de grande renome no estado. Assim, durante uma de nossas conversas ele relata que mesmo estando na universidade com bolsa do Prouni, tentou ainda mais uma vez ingressar na UFRGS, no curso de Direito, tendo sido reprovado no vestibular:

“E o que que eu posso te dizer é que eu não quero abrir mão dessa universidade, eu gosto muito, gosto muito de ser filho dessa universidade e acho que ela tem uma estrutura extraordinária. (...) eu tentei UFRGS de novo, mas pra Direito, só que quando eu vi a densidade de candidatos por vaga e eu não ia estudar pra um

vestibular em função de já estar na faculdade... eu fiz porque foi aquele negócio assim, ano passado eu não passei na UFRGS, eu tenho que passar na UFRGS, foi um negocio mais assim... e eu desisti na metade do vestibular assim, no segundo dia eu já vi que eu não ia passar e eu nem fui, acabei desistindo”.

Durante o curso superior, Tiago seguiu reproduzindo a exigência de seu pai por boas notas e excelente desempenho acadêmico, agora partindo dele mesmo essa cobrança:

“Na universidade(...) me dediquei muito, muito, muito. Minha media era 9,6, a média geral, até o quarto semestre. Eu estudava demais assim. Eu jurei, quando eu ganhei a bolsa, eu falei que eu não ia pegar recuperação e eu não peguei”.

Tiago tem tendência a se jogar de cabeça no que se propõem a fazer e querer aproveitar tudo ao máximo, não desperdiçando nenhuma oportunidade. Assim, ele se envolveu em diversas atividades na universidade, muitas vezes abrindo mão do tempo livre e preenchendo seus finais de semana com atividades relacionadas:

“(...) digamos agora no nono semestre, eu tava fazendo nove cadeiras, TCC 2, tava trabalhando seis horas, tava fazendo inglês, tava fazendo IC, tava coordenando um grupo de estudo, tava dando monitoria, é, tava fazendo tudo isso. Não sei como... na verdade eu abdiquei dos meus sábados e dos meus domingos, pra fazer relatório. Mas foi muito bom. Tô sentindo falta disso, tô me sentindo meio vagabundo agora”.

Assim, ao longo da graduação Tiago realizou estágios desde o primeiro semestre, enquanto também participava de grupos de pesquisa na universidade e atuava como bolsista de iniciação científica, o que o oportunizou apresentar trabalhos científicos em diversas instituições de ensino pelo estado, além de seguir participando de eventos científicos vinculados a escola onde realizou seu curso técnico.

No entanto, ele também parece ter uma tendência a desistir daquilo que acredita ter chances de fracassar ou não ser tão bem-sucedido quanto gostaria. Essas situações apareceram em alguns momentos ao longo de seus relatos, como quando, no meio do curso, Tiago se aplicou para um período de mobilidade acadêmica, através de um convênio firmado com uma universidade de Lisboa, em Portugal. Após a ida a Portugal, seu período de intercâmbio acabou se restringiu a apenas oito dias, já que chegando lá desistiu da mobilidade e voltou para o Brasil:

“Daí eu acabei o quarto semestre e fui fazer intercambio, pra Lisboa. E eu cheguei em Lisboa e vi uma realidade, a qual eu não gostei, eu odiei na verdade, e eu fiquei oito dias só. Eu ia ficar seis meses, fiquei oito dias e voltei. Foi horrível. Eu tinha juntado uma grana, eu tinha passado por alguns problemas aqui no Brasil já e eu fui pra lá meio não querendo ir, meio indo. Daí chegando lá eu fiquei sozinho, eu fui sempre de estar no meio da galera e eu não gostei de ficar sozinho e a

universidade não foi receptiva, e eu fui sem lugar pra ficar, aí fiquei num hostel e não gostei do hostel (...) acabei não fazendo amizade, tava me sentindo mal e aí foi, ah, quer saber? Vou voltar. Daí eu voltei eu voltei com outra mente”.

Os reais motivos para a desistência da viagem não foram expressos por ele, tendo evitado esse tema ao longo de nossas conversas, sempre que eu o sugeria. Entretanto, uma possibilidade é que ele tenha se preparado pouco para essa viagem, tendo se aplicado, talvez, por impulso, na ânsia de não perder as oportunidades que a universidade poderia lhe proporcionar. A distância da família e dos amigos, e o fato de se ver sozinho, em outro país, logo na sua primeira viagem, parece ter contribuído para que ele decidisse retornar para casa. Tiago considera esse intercâmbio interrompido como um momento decisivo do curso, no qual ele definiu seus próximos passos de carreira e onde iria colocar seus esforços:

“Aí eu falei, não, agora eu tenho que determinar o que eu quero no Direito, se eu quero concurso, se eu quero advogar, se eu quero carreira acadêmica. Daí eu decidi que eu queria carreira acadêmica, então eu comecei a fazer grupo de estudo, participei de dois grupos de estudo, entrei pra iniciação científica, fiz um ano na Medicina, em IC”.

Tiago demonstra ter interesse pela troca de culturas e aproximação com outros países em outros momentos de sua trajetória. Na universidade, participou de um programa para auxiliar alunos estrangeiros durante sua temporada de estudos, o que o oportunizou receber uma aluna da Espanha na casa de seus pais pelo período de duas semanas. Além disso, no segundo semestre de 2016 ele havia começado a estudar francês, fato que ele demonstra ter prazer e orgulho em compartilhar.

Sobre sua relação com os colegas e professores ao longo do curso, Tiago fala com carinho de sua orientadora do trabalho de conclusão, se referindo a ela como uma grande amiga, que conheceu seus pais e já é praticamente da família. É ela quem tem o auxiliado no processo de aplicação para o mestrado, corrigindo seu projeto e dando sugestões para melhoria do trabalho. Além disso, relata ter sempre se dado bem com a maioria dos professores, buscando estabelecer relações de amizade, inclusive tendo trabalhado como estagiário no escritório de um de seus professores. O trabalho no Fórum que Tiago estava desempenhando após a formatura também foi fruto da indicação de um dos seus professores orientadores de iniciação científica.

Tiago acabou fazendo amizade com outros bolsistas ao longo do curso, relatando que essas aproximações acabavam acontecendo naturalmente durante o curso. No momento em

que ele ingressou na universidade, no ano de 2011, havia um grande número de bolsistas, o que se refletia na segregação existente nas salas de aula:

“E aconteceu uma coisa na sala de aula que foi a separação. Infelizmente. E não foi nem por a gente perguntar: ah, tu é Prouni? Vem pra cá. Não, aconteceu automaticamente essa separação. Ninguém sabia quem era Prouni. Mas como entrou bastante gente, digamos que uma fileira do canto era só Prouni, e do outro lado o pessoal que não era Prouni. Mas é claro, eu fiz muitas amizades, amizades que eu vou levar pra vida. Pessoas que eu só ligava e dizia, bah tu me ajuda, faz isso e isso pra mim, entra no meu e-mail e vê isso e aquilo, tava na rua fazendo alguma coisa e na hora as pessoas sempre se ajudavam. Muito solidárias as pessoas”.

Tiago, assim como os outros bolsistas do seu curso, acabou estabelecendo uma rede de apoio, buscando superar junto aos colegas as dificuldades vividas ao longo do curso, como a distância diária percorrida entre a residência e a universidade, a necessidade de conciliar o curso com a jornada de trabalho, os três turnos diários preenchidos por atividades profissionais e acadêmicas, bem como os finais de semana de trabalho e estudo.

Apesar da escolha de Tiago pelo Direito ter sido influenciada pelas oportunidades profissionais vislumbradas por ele no curso, como a fácil inserção, boa remuneração, status associado à função e ampla oferta de vagas, ao longo do curso ele percebeu que apenas o acesso à universidade e o diploma não seriam suficientes para que conseguisse um emprego, o que mesmo assim não o fez se arrepender da escolha profissional:

“(...) em nenhum momento eu pensei em desistir do Direito, muito pelo contrario, só pensei em aprofundar. Mesmo sabendo que o mercado de trabalho tá uma porcaria. E pelo final tu já tem essa noção... e se eu pudesse, faria de novo, com certeza, não trocaria de curso mais. (...) Acho que tá faltando a ética no Direito. No Direito tem muita competição, muita gente e tu acaba tendo que se qualificar demais e quem não é qualificado demais tem que usar de algum meio pra se inserir”.

O momento de formatura foi para Tiago também um momento de muita apreensão como é em geral para todos os graduandos, independente do curso e instituição de ensino:

“Ah, foi apreensivo, porque tu vai cair no mercado de trabalho, tu tem que te sustentar, tá todo mundo te cobrando, tá na hora de tu ganhar dinheiro, tu vai sair de uma faculdade de Direito, vai sair advogado, tu tem que ganhar dinheiro, tem que ficar rico. Inclusive meus pais achavam que eu ia ficar rico do dia pra noite, que eu ia me formar e ficar rico, mas não”.

Após a formatura, Tiago se considera um privilegiado, por ter ao menos conseguido um emprego, situação diferente de muitos dos seus colegas de curso, que estão desempregados. Ele não consegue disfarçar a decepção com a realidade que encontrou no

mercado de trabalho, após a saída do sistema de formação. Depois de cinco anos de estudo, Tiago estava ganhando exatamente o mesmo salário que recebia quando atua como técnico em eletrotécnica, porém agora como bacharel em Direito:

“Porque eles tão oferecendo muito pouco de salário. Tem escritório aí que tá oferecendo 800 reais, 1200, 1500 é o que eu recebo. É muito baixo, tu não paga uma parcela da faculdade. Então o mercado de trabalho tá horrível. E daí tu vai estudar pra concurso, tu tem que parar de trabalhar pra estudar pra concurso, então isso fica pra uma classe mais dominante, se assim posso dizer. Digamos, o próximo juiz vai ser o filho do juiz, entendeu? Independente que tem que passar no concurso, o filho do juiz tem o dia inteiro pra se preparar, tem dinheiro pra se sustentar, tem dinheiro pra almoçar, se ele não trabalhar, tem dinheiro pra pagar o cursinho bom. Não vou dizer que alguém do Prouni que não tenha dinheiro não consiga, talvez consiga, mas com muito mais sacrifício. Isso é meritocracia né? Mas não digo que é impossível, bem pelo contrário. É possível, só que é muito mais difícil. Então vai depender da tua força de vontade de abdicar...”

Assim, ele saiu do ensino superior tendo um olhar mais crítico com relação ao mercado de trabalho e a própria educação de nível superior, ao mesmo tempo em que também vislumbra, nesse cenário de mercantilização do ensino, oportunidades que podem ser aproveitadas, estando já graduado:

“A educação meio que virou mercadoria né, infelizmente. Isso parece papo de comunista, não sou comunista, mas é verdade, entendeu? E é uma pena, porque se perde né. Mas o lado positivo, que eu destaco disso, é que nós, que vamos terminar o mestrado daqui um tempo, temos que entrar no mercado de trabalho e essas universidades grandes não abrem as portas pra nós, isso pode ser um mero ponto positivo, mas é um ponto positivo”.

O trabalho

Sua primeira experiência de trabalho foi durante o curso técnico em eletrotécnica, no qual trabalhava no setor de vendas de uma empresa de motores. Entretanto, apesar de ser um emprego com carteira assinada, formal, e com um salário que ele considerava muito bom, acabou saindo desse emprego logo no seu primeiro semestre no curso de Direito, quando conseguiu um estágio na procuradoria do município onde mora:

“Tava ganhando bem, e eu no primeiro semestre consegui um estágio no Direito, numa procuradoria do município de sapucaia. E na época eu acho que eu tava ganhando uns 1600, pra seis anos atrás é muito dinheiro e eu fui pro estágio pra ganhar 500 reais”.

O motivo para a mudança de área tão rápida foi o fato de Tiago não gostar da área elétrica e não querer desperdiçar um tempo no qual poderia estar tendo experiências na área

do Direito. Para Tiago, o que faz um bom advogado é a prática, e por isso ele queria começar a viver a prática de sua futura profissão o quanto antes. Ele acredita que não há tempo a perder e que quem quer ser um bom profissional, precisa se jogar de cabeça, e logo, no que faz. Além disso, por morar com os pais e não precisar arcar com seus custos de moradia e alimentação, ele teve a oportunidade de fazer essa escolha, situação essa que seria diferente se ele dependesse do próprio salário para viver.

Nas buscas de Tiago por estágios e experiências de trabalho, ele se mostrou proativo, ou como ele mesmo se descreve: “*cara de pau*”, já que diversas vezes abordou professores ou colegas para oferecer sua força de trabalho ou ainda questionar a cerca de possíveis oportunidades. Em seu primeiro estágio na área do Direito, na procuradoria pública da cidade onde mora, tomou conhecimento da vaga por meio de um anúncio. Já o segundo estágio, no Procon, foi intermediado pela indicação de uma amiga. Outra experiência, após o retorno de Portugal, foi na defensoria pública, um estágio voluntário para o qual ele se candidatou por vontade de conhecer melhor o funcionamento desse órgão. Mesmo sendo voluntário, Tiago esperava passar a receber algum auxílio durante o estágio, fato que não se concretizou, fazendo com que ele saísse dessa vaga poucos meses depois e ingressasse em um banco, atraído, em um primeiro momento, pelo salário oferecido, mas acabou não gostando da atividade e do setor. O último estágio que Tiago fez foi no escritório de advocacia de um dos seus professores:

“Escritório também fui eu que cheguei pro meu professor e falei: professor, o senhor não quer um estagiário? E ele ah, realmente, tô precisando. Eu fui na cara dura, como a vida inteira, de mandar e-mail perguntando, tipo, ah, não precisa de alguém”?

Seu atual posto de trabalho também foi fruto de uma indicação, de um dos professores orientadores de iniciação científica. Hoje o principal objetivo de Tiago é ingressar no curso de Mestrado em Direito, para seguir seus estudos, e depois passar a advogar e dar aulas:

“Eu quero fazer a prova do mestrado agora, espero passar, meus planos são o mestrado mesmo, e se eu passar no mestrado eu vou abrir um escritório pra mim, escritório pequeno, ter algumas ações e fazer o mestrado. Com o mestrado eu quero fazer o doutorado, quero dar aula e advogar. Se eu não passar no mestrado esse ano e nem no ano que vem, eu vou fazer uma coisa que não era meus planos, mas daí eu vou fazer u concurso e vou passar. Não são meus planos, não é o que eu queria pra minha vida, mas eu não posso ficar esperando a vida inteira pela oportunidade do mestrado”.

A escolha pela carreira acadêmica também se dá por uma insatisfação com o mercado de trabalho. Tiago relata ter tido algumas experiências frustrantes, em suas participações em processos seletivos para escritórios de advocacia, onde dificilmente conseguia se encaixar no perfil almejado para a vaga:

“Eu acho que, a pessoa fala: ah, a gente tá procurando um perfil. Já fui em varias entrevistas, ah, a gente tá procurando um perfil de pessoa. E eu nunca me encaixo no perfil, entendeu? (...) Já fui em entrevistas, inclusive fiz uma antes de entrar aqui e eu tava muito pilhado porque era uma matéria bem legal e daí a mulher do RH que fez a entrevista falou: ah, a gente gostou muito de ti mas tu não te encaixa no perfil da empresa. Daí foi esse, eu fiz outros processos também em escritório que não rolou, perfil também”.

Além disso, Tiago também sofreu a decepção de ver seu pai ser demitido da empresa que trabalhou por mais de 20 anos, o que pode ter frustrado suas expectativas com o mercado de trabalho:

“Eles demitiram ele, porque eles demitiram todos os funcionários antigos porque eles são uns filhos da p e meu pai ficou muito brabo, que ele dedicou à vida inteira praquela empresa e quando ele mais precisava eles demitiram ele”.*

FERNANDA

Fernanda tem 22 anos e concluiu o curso de Administração em agosto de 2016, no qual ingressou quatro anos antes. Nos conhecemos por intermédio de uma colega da UFRGS, cujo namorado era vizinho de Fernanda e a indicou para participar da pesquisa. Logo em nosso primeiro contato, Fernanda questionou se poderíamos conversar por Skype, pois ela estava desempregada, morando com os pais em uma cidade da Região Metropolitana e o deslocamento até Porto Alegre seria difícil para ela.

Precisei ser insistente até conseguir realizar a primeira entrevista com Fernanda, a qual ocorreu sete semanas após nosso primeiro contato. Durante esse período, ela esteve ocupada fazendo alguns “bicos”, principalmente relacionados às eleições de outubro de 2016, em outros momentos esquecia que havíamos agendado a entrevista e constantemente solicitava que nossa conversa fosse remarcada. Ao final, conseguimos conversar em dois momentos diferentes, com duas semanas de intervalo entre cada encontro, sempre ao final da tarde e via Skype.

Fernanda se mostrou muito comunicativa, aberta e simpática, tanto que ambas as conversas duraram em torno de duas horas. Ela parecia muito à vontade ao contar sobre sua vida e trajetória e suas falas eram acompanhadas de emoção e sentimento, principalmente quando o tema era seus pais. Como Fernanda estava desempregada no período em que nos

conhecemos, era ela quem se ocupava dos cuidados da casa, desempenhando atividades domésticas como limpeza e preparo das refeições para a família. Essa situação gerava nela uma grande frustração, pois não esperava, ao concluir um curso de nível superior, estar desempregada e dependendo financeiramente dos pais. Muitas vezes Fernanda se questionava acerca do que havia feito errado, ou porque se encontrava nessa situação, já que havia estudado e se dedicado tanto ao longo dos últimos quatro anos.

Quando nos conhecemos, Fernanda estava desconfortável com a situação em que nem trabalhava nem estudava. Ela destacou que essa era a primeira vez, desde seus cinco anos de idade, que havia parado de estudar. Para ela, o estudo sempre foi um prazer e uma realização, como também foi o princípio gerador de muitas cobranças pessoais, estresse e ansiedade. Ela demonstra se cobrar muito por resultados, incorporando uma cobrança para que seja bem-sucedida que parece ter origem, principalmente, em sua mãe.

Fernanda é a filha caçula da família, composta pelos pais e o irmão, seis anos mais velho do que ela. Ela mora desde o nascimento na mesma casa, em uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre. Sua família é grande, tendo 12 tios e tias, e tem origem no interior de outro estado da região sul. Seu pai foi o primeiro a migrar para a Região Metropolitana de Porto Alegre quando tinha em torno de 20 anos de idade, em busca de melhores oportunidades de vida. Depois de conseguir se estabelecer e arranjar trabalho voltou para a cidade natal para se casar com a namorada, mãe de Fernanda. O casal foi seguido, posteriormente, por seus irmãos e pais, que também se estabeleceram na mesma cidade.

No momento em que conheci Fernanda, seus pais estavam em vias de se aposentar e se preparavam para retornar para seu estado e cidade de origem, onde haviam construído uma casa. Na época, Fernanda havia decidido acompanhar os pais na mudança, já que não estava empregada e esperava encontrar melhores oportunidades de trabalho no interior. Ela acreditava que, no interior, seu diploma finalmente traria o retorno que ela esperava, diferenciando-a no mercado de trabalho. Essa expectativa levava Fernanda a fazer o movimento inverso ao do pai, saindo da capital em busca de melhores oportunidades no interior.

Fernanda reforça o quanto gosta de ler, estudar e se manter bem informada, o que segundo ela, faz com que seja vista por algumas pessoas de seu convívio como esnobe. Para ela, ser identificada como arrogante nessas situações havia deixado de ser uma crítica e passado a se tornar quase um elogio, já que era sinal de que ela era diferente daqueles que compartilham com ela a mesma origem social. Além disso, ela reforçou algumas vezes, ao longo de nossas conversas, o quanto evitava, mesmo tendo nascido na periferia, reproduzir alguns

comportamentos que considera característicos desse espaço social, seja por meio de seus gostos, formas de se vestir, falar ou se portar. Fernanda procura enfraquecer algumas disposições compartilhadas entre as pessoas consideradas de classe baixa, tentando fugir de um estigma de classe.

Antes do ingresso na universidade, ela havia estudado em três diferentes escolas, uma ao longo de todo o ensino fundamental e outras duas no ensino médio. Quando estava na oitava série, exigiu da mãe que a inscrevesse para uma vaga na melhor escola pública da cidade, localizada a quase uma hora de distância da sua casa. No entanto, devido à necessidade de começar a trabalhar, ainda no ensino médio, ela se viu obrigada a mudar para uma escola próxima a sua casa, onde passou a estudar no turno da noite. Essa foi uma escolha imposta a Fernanda, que até hoje a provoca arrependimento, por conta da perda na qualidade do ensino a que teve acesso.

A escolha pelo ingresso na universidade é visto por Fernanda como natural, já que afirma nunca ter considerado parar de estudar após a conclusão do ensino médio. Quando ao curso, em um primeiro momento Fernanda desejava cursar Comunicação Social, mas devido à percepção de ser esse um curso com pouca oferta de emprego, decidiu pela Administração, acreditando que esse curso ofereceria melhores oportunidades e um amplo leque de opções para a sua inserção profissional.

Fernanda também dedica parte de seu tempo ao namorado, que havia conhecido há alguns meses por meio de um aplicativo de relacionamento. Ele trabalhava como vendedor de peças de automóveis, ocupação que aprendeu na prática com o avô e da qual gostava muito. Assim como seu irmão, Fernanda descreveu o namorado como preguiçoso para os estudos, tendo terminado o ensino médio sem perspectivas de ingresso em um curso superior. Apesar de se apresentar como uma contradição, no momento em que Fernanda valoriza tanto o estudo e tem planos de seguir se qualificando, a falta de perspectiva de seu namorado não parecia incomodá-la durante nossas conversas.

Para o futuro, Fernanda pretende ingressar em um curso de pós-graduação, pois reconhece a importância de continuar se qualificando, assim como afirma sentir falta do ambiente acadêmico e de estudar. Além disso, espera encontrar no interior ofertas de emprego, onde poderia se inserir profissionalmente, agora como bacharel em Administração.

A família

O pai de Fernanda, 54 anos, é descendente de italianos, e trabalhou como pedreiro e operário fabril logo após sua chegada a Porto Alegre. Há pelo menos 30 anos ele atua como vigilante de um colégio particular de Porto Alegre e ao final de 2016 estava aguardando sua aposentadoria. Já a mãe de Fernanda, 51 anos, trabalhou até o nascimento da filha como auxiliar de limpeza, também em um colégio particular de Porto Alegre, passando depois a trabalhar como diarista em casas de família. Ambos estudaram até a quarta série e começaram a trabalhar ainda na infância, ajudando a família no cultivo do fumo.

O que Fernanda mais admira em seus pais é o fato de terem educado dois filhos, apesar da baixa escolaridade. Fernanda ressalta que educação não é o mesmo que instrução e que a primeira nunca faltou a seus pais. Sua mãe é descrita como muito paciente e o pai como simpático e alto astral:

“E os dois são muito trabalhador, muito, muito mesmo. Sempre transmitiram muito isso para mim e pro meu irmão, o quanto o trabalho é importante na vida da gente”.

Além disso, eles sempre foram exigentes com os filhos. Ao tirar uma boa nota na escola, Fernanda escutou diversas vezes de seu pai que não havia feito mais do que a sua obrigação. Essa postura fez com que Fernanda se tornasse também muito exigente consigo mesma, levando-a a buscar atingir o melhor resultado, no que quer que faça.

Foi nos pais que Fernanda buscou força e motivação para estudar e ir além do que eles puderam ir. O sonho de cursar uma faculdade partiu deles, sendo transmitido à Fernanda ao longo da criação. O fato de ela ter sido a primeira da família, tanto do lado materno quanto paterno, a concluir o ensino superior faz o diploma conquistado por Fernanda ser motivo de orgulho.

Já seu irmão acabou seguindo a mesma trajetória profissional do pai, trabalhando desde os 18 anos de idade como vigilante em um curso pré-vestibular. Fernanda considera a trajetória profissional do irmão consequência do seu baixo interesse e dedicação aos estudos, tendo ele, por insistência da família, concluído o ensino médio. Assim como ela, ele também segue morando com os pais. A relação de Fernanda com o irmão é, por vezes, conflituosa, já que ela é taxada por ele, assim como por outros familiares, de arrogante, por se “achar” melhor do que os outros devido ao fato de ter concluído um curso de nível superior.

A infância

Fernanda foi criada na mesma casa que vive até hoje, localizada em um bairro na periferia de uma cidade satélite de Porto Alegre. Sua rotina na infância era composta, no turno da manhã, pela ida a escola, que ficava a duas quadras da sua casa, e no turno da tarde pela realização dos deveres escolares. Às vezes Fernanda também ocupava o turno da tarde assistindo televisão, tirando um cochilo, ou ainda, jogando vôlei na rua com os vizinhos.

Aos finais de semana, se recorda de acompanhar os pais em visitas aos parentes, sendo esse um hábito ainda presente em sua família, principalmente as refeições compartilhadas na casa dos avós. Além disso, por volta dos 10 anos de idade, Fernanda começou a frequentar em um Centro de Tradição Gaúcha (CTG) por influência de um professor de sua escola, onde fez aulas de dança, as quais ajudaram-na a se tornar menos tímida. Assim, as aulas de dança passaram a fazer parte da sua rotina, ocupando, junto com as brincadeiras com os vizinhos e as visitas a família, seu final de semana:

“Porque assim, eu não tinha par, então a gente tinha que arrumar um par lá na hora. Fulana tá sobrando, fulano também, então junta e vocês vão dançar a noite toda tá? Tinha que conversar com as pessoas quando elas falavam comigo, eu tinha que responder, e ali eu fui perdendo a timidez. Eu tinha 12 anos e já ia pra baile com o pessoal, tenho amizades até hoje lá do CTG, desde 2004 e hoje ainda frequento”.

Percebe-se que a rotina de Fernanda, até a conclusão do ensino fundamental, era restrita ao bairro, já que seus amigos, sua escola e seus familiares se encontravam todos nesse mesmo espaço.

Já as férias, ao longo de sua infância e juventude, não renderam divertidas lembranças para Fernanda, pois seus pais costumavam dedicar esse período do ano para a execução de melhorias e reformas na casa, nas quais Fernanda tinha que colaborar:

“E até hoje é assim. A minha família nunca foi muito de viajar sabe. Esse negócio assim de praia, a gente nunca foi. Era sair de férias então para fazer reforma, ou seja, sair de férias para trabalhar”.

Na família de Fernanda, o trabalho acaba ocupando todo o tempo de vida, inclusive aquele que deveria ser dedicado ao descanso. Assim, mesmo quando não estão trabalhando fora, acabam preenchendo seu tempo com o trabalho que é realizado no ambiente doméstico.

Sendo a filha mais nova, Fernanda presenciou diversas brigas entre seus pais e seu irmão mais velho, que não gostava de estudar e tinha como hábito matar aula:

“(...) quando meu pai descobriu que ele tava matando aula, o chinelo pegava. Então eu via essa situação, eu via o quanto os meus pais ficaram de certa forma bravos e magoados também, por que eles queriam muito que meu irmão estudasse e se dedicasse. Então eu cresci vendo aquilo ali e eu criei na minha cabeça eu tinha que estudar, que eu só tinha que tirar 10”.

Assim, Fernanda passou a desempenhar o papel de filha modelo, que era comportada e atendia as expectativas dos pais. No entanto, seu bom comportamento fazia com que eles dedicassem ainda mais atenção a seu irmão, talvez por acreditarem que ele demandava maior cuidado e supervisão, o que acabou gerando nela uma constante sensação de rejeição. Fernanda passou a nunca estar satisfeita com seus resultados, exigindo cada vez mais de si e buscando o reconhecimento e aprovação dos pais em tudo o que fazia e a cada conquista que obtinha:

“(...) quando eu tava aprendendo a ler e a escrever, a profê falava: pede ajuda pro papai e pra mamãe no dever. Eu fazia todos os meus temas de casa, tudo bonitinho no caderno e eu queria que eles olhassem o meu dever de casa e eles nem aí. Nem aí entre aspas né? Porque eles sabiam que eu fazia certinho”.

A escola

Fernanda iniciou sua vida escolar quanto tinha cinco anos de idade, ingressando em um colégio público próximo a sua casa:

“Foi uma coisa pela qual eu sempre tive gosto, eu sempre quis. Eu lembro quando minha mãe foi fazer minha matrícula na escolinha, eu tava assim enlouquecida. (...) Eu sempre tive gosto por estudar e foi criando uma coisa dentro de mim, que eu tinha sempre que ser melhor do que eu fui anteriormente. Então, se uma matéria eu tirei 9, tá na hora de eu me puxar, estudar mais e tirar um 10”.

Quando concluiu a oitava série, precisou trocar de escola, já que essa não oferecia o nível médio. Nesse momento, ela pediu para a mãe inscrevê-la em um colégio estadual que ficava no centro da cidade e era reconhecido pela qualidade do ensino:

“Próxima a minha casa, a escola que tinha ensino médio era muito ruim e a minha melhor amiga estudava numa escola no centro. Só que todo mundo que morava aqui na vila saía da escola que era do município e ia para essa que era ruim para caramba, e a minha mãe queria que eu fosse pra essa e eu disse não, eu não vou, eu não vou para a aula, eu não faço prova, se vocês me colocarem lá eu me rodo”.

Fernanda conseguiu uma vaga nessa escola, onde afirma ter tido uma ótima formação e boas lembranças, mesmo tendo passado a acordar muito cedo, devido à distância de sua casa: *“eu tinha que levantar às cinco e meia da manhã. Mas eu ia super feliz, porque eu amava a escola, amava os professores (...)”.*

Foi no segundo ano do ensino médio, quando tinha 15 anos, que Fernanda começou a trabalhar, a fim de ajudar os pais com o orçamento doméstico. Como menor aprendiz¹⁷, ela conseguiu conciliar o estudo no turno da manhã com o trabalho, no turno inverso. Já no terceiro ano, Fernanda foi selecionada para uma vaga de estágio em um banco público. No entanto, o horário de trabalho, das 11 horas da manhã até às cinco horas da tarde, exigia que ela passasse a estudar a noite, turno não ofertado onde estudava. Assim, Fernanda precisou escolher entre permanecer na escola de que tanto gostava e se formar com seus colegas, tendo para isso que desistir do estágio, ou pedir transferência para a escola que ficava próxima a sua casa, de onde havia feito um grande esforço para fugir, passando a estudar a noite:

*“E daí a única escola que teria ensino médio aqui é uma escola... é uma merda, desculpa o termo. Muito ruim o ensino, ainda mais quando é de noite, porque de noite a maioria dos alunos são adultos, tão fazendo só pra se formar mesmo, e eu vi que eu era a única ali que queria fazer vestibular, que queria alguma coisa a mais. (...) Aí por questões de, eu não sei te dizer se foram financeiras, ou pressões... eu não sei te dizer exatamente o porquê... Aí eu optei por sair da minha escola, aceitar o estágio e vir para tal escola m... E foi um ano horrível. (...)Então a turma era composta por velhos (...) me desculpa o termo, umas v***, que iam com uns vestidos que, meu Deus... vileira máster. Porque eu moro em vila, mas eu não preciso demonstrar isso na forma como eu me visto né”?*

Voltar para a escola do bairro, ou como chamava Fernanda, “da vila”, foi uma grande frustração e decepção. Ela afirma ter sido essa uma das piores decisões que já tomou na vida, quando, na verdade, essa não parece ter sido uma escolha que ela teve, no momento em que precisava auxiliar os pais com o orçamento doméstico e não podia abrir mão de uma oferta de trabalho para permanecer na escola que mais lhe agradava.

O ensino superior

Quando estava no primeiro ano do ensino médio, Fernanda ficou sabendo sobre a existência do Prouni por intermédio de uma professora. A partir desse momento, ela passou a se preparar para a prova do Enem, ao longo de todo o seu ensino médio:

“Teve uma professora que, ela conversou com a turma sobre as possibilidades né, de se conseguir uma bolsa pra ensino superior. Foi aonde eu comecei a pesquisar mais sobre o assunto. Ela só comentou e o resto eu fui atrás. (...) foi aonde eu optei por já testar mais ou menos os meus conhecimentos pro Enem, então eu fiz o Enem já no segundo ano do médio, só pra me testar realmente, pra ver se eu conseguiria pra concorrer a uma bolsa”.

¹⁷ Sobre o programa menor aprendiz: <http://www.empresas.ciee.org.br/portal/empresas/aprendizlegal/>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

Quando estava no terceiro ano, Fernanda fez novamente o Enem, agora “para valer”. Com a nota obtida, ela se inscreveu para o curso de Administração, como primeira opção, e para o Tecnólogo em Gestão de Turismo, como segunda. A escolha pela IES, segundo ela, não teve nenhuma motivação específica, o que a atraía na instituição eram as bolsas ofertadas:

“Inicialmente fui aprovada pra minha segunda opção, que foi Gestão de Turismo, e ai na lista de espera que eu consegui pra Administração. Mas foi aquela expectativa, ah, será que vai dá, será que não vai dar... Então quando saiu o resultado que eu tinha sido aprovada, meu Deus do céu, foi só festa”.

Mesmo estando ainda no terceiro ano, além da inscrição para o Prouni, Fernanda tinha feito também o vestibular para o ingresso em uma faculdade privada de Porto Alegre, conhecida por ter uma mensalidade mais barata do que instituições como a que conseguiu a bolsa do Prouni. Assim, se ela não fosse selecionada para receber a bolsa, começaria a cursar o ensino superior privado arcando com os custos da mensalidade, logo após a conclusão do ensino médio.

A escolha pela Administração se deu a partir de sua experiência como menor aprendiz, quando realizou um curso profissionalizante no Senac¹⁸, voltado para a área administrativa. A experiência profissional acabou levando Fernanda para a Administração principalmente por ser uma área ampla, que na visão dela oferecia muitas possibilidades, um “leque de opções” e oportunidades muito maior do que outros cursos. Entretanto, antes disso seu desejo era outro:

“(...) é que no Jornalismo eu vejo sempre uma pessoa muito curiosa, sempre gostei muito de ler e escrever, sempre tava com um jornal ou um livro na mão, então me atraia a coisa de instigar, de investigar, de relatar os fatos (...) ai depois que eu pesquisei melhor, amadureceram as ideias na minha cabeça, ai eu vi que realmente não era o caminho”.

Fernanda acabou se convencendo que o Jornalismo não era o caminho para ela, optando pela segurança e a garantia de emprego que é associada aos cursos mais tradicionais, como a Administração.

Quanto ao desejo de ingressar em uma universidade, Fernanda relata que esse sempre foi o sonho de seus pais, os quais acabaram projetando nela esse desejo, ao longo de sua criação:

“Era o sonho deles pra mim e também criou esse sonho em mim, então eu sempre trouxe isso comigo, desde criança. (...) eu sempre tive certos objetivos meio

¹⁸ SENAC é o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, atuando como gente de educação profissional voltado para o Comércio de Bens, Serviços e Turismo do País.

traçados assim, desde a época do ensino fundamental eu já tinha em mente né (...) desde sempre eu trazia comigo essa ideia de fazer a faculdade”.

O ingresso na universidade foi o ingresso em um novo mundo, totalmente desconhecido para ela, já que nenhum outro membro da sua família havia ingressado na universidade antes:

“Nunca tive o sonho de estudar na UFRGS e sempre ouvi falar muito bem dessa IES, então escolhi ela. Antes até de eu entrar lá, eu não tinha noção do que era esse mundo que eles falam né? Eu nunca tinha ido lá, não conhecia pessoas que estudavam lá, só escutava falar assim (...)”.

Por essa razão, ao longo dos dois primeiros anos ela enfrentou dificuldades para acompanhar as aulas, apreender os conteúdos e ser aprovada nas avaliações:

“Os professores chegavam: ah, isso aqui vocês viram no ensino médio então a gente vai só repassar. E eu não vi no ensino médio, eu não tinha ideia do que o professor tava falando, então teve momentos, aulas, que eu ficava só olhando pro quadro, olhando o professor falar, mas eu não assimilava nada (...)”.

Fernanda, desde seu ingresso na universidade, já temia o que teria de enfrentar nesse novo ambiente, principalmente por conta da sua origem social e trajetória escolar. Assim, ela sabia que esse era um espaço destinado aos jovens formandos pelos melhores colégios de Porto Alegre, e que por conta disso, teria que se dedicar muito para conseguir acompanhar o desempenho dos demais colegas não bolsistas. Fernanda acreditou que seu sucesso ou seu fracasso dependeriam apenas dela, do quanto estaria disposta a correr atrás para superar as desvantagens que trazia acumuladas desde seu ensino fundamental:

“Nas primeiras aulas eu tive muita dificuldade, eu tinha que estudar muitas horas por dia e as minhas expectativas, no caso, só pioraram né, quando eu participei assim de todas as primeiras aulas e daí eu fiquei meio desesperada. Porque eu não tinha conhecimento de nada daquilo, era um mundo totalmente novo pra mim. E eu sabia que a cada novo sempre a tendência seria piorar, porque os conhecimentos vão se acumulando. Então eu tava com bastante medo, mas depois eu já fui pegando o ritmo e me tranquilizei, me estabilizei e as expectativas começaram a melhorar depois de certo tempo né... onde a gente começa a se inserir bem na tua área, começa a usar termos da área, começa a realmente ver aonde tu te encaixa de fato naquela profissão”.

Depois do seu ingresso na universidade, Fernanda afirma ter aprendido a se adaptar e conviver com pessoas diferentes, o que para ela é fruto de sua experiência no curso de Administração. Entretanto, esse parece ter sido resultado da oportunidade de conviver com

peças diferentes daquelas com as quais estava habituada a se relacionar no ambiente doméstico e ao longo da sua infância e juventude:

“Eu entrei pra faculdade com 18 anos, então vamo começa pelo fato de que foi uma mudança, um choque de realidades pra mim. Eu saia de um lugar, que é mais simples, pro mundo da universidade, onde chegava lá e os colegas: ah, olha meu Iphone 7 novo, não sei que... eu nem telefone tinha, eu tinha um celularzinho (...) Essa foi a primeira mudança que eu percebi em mim, que eu passei a me adaptar muito fácil em qualquer ambiente onde eu ia, até porque a universidade é um mundo onde tem uma diversidade muito grande de pessoas, de diferentes jeitos e personalidades (...) antes eu não tinha muita paciência pra lidar com pessoas muito diferentes de mim (...).”

Assim, Fernanda considera que sua experiência universitária ampliou muito seus conhecimentos e sua rede de contatos, proporcionando acesso a pessoas, áreas e informações, as quais não teria a oportunidade de conhecer se não tivesse ingressado em uma grande universidade:

“(...) então a gente tem muitos contatos lá dentro, a partir dos teus colegas conhece outras pessoas que conhecem outras pessoas e assim tu vai indo. Uma pessoa postou um negócio sobre uma excursão (...) e eu resolvi ir naquela excursão, então ali já comecei a me entrosar com o pessoal da História, da Geografia, que conhece o pessoal da Biologia, e assim eu fui, fui formando uma rede enorme de conhecidos e de amigos lá dentro”.

Entretanto, essa sua nova rede parece não ter contribuído, por meio de indicações para oportunidades de trabalho, para sua inserção profissional. Fernanda relata que, ao longo do curso, sua rede de contatos acabou se restringindo, “sem querer”, a outros bolsistas do Programa:

“Não sei se é uma coisa de atração, mas depois de muito tempo eu descobri que todo o meu grupinho de amizades, todo mundo era bolsista. Totalmente sem querer, a gente foi se conhecendo, foi indo, lá pelo terceiro semestre que, um dia a gente conversando sobre Enem, Prouni, e o pessoal: ah, eu também sou bolsista... Sério? Eu também sou. E ali a gente se descobriu todos sendo bolsistas”.

Fernanda parece ter certa dificuldade em lidar com, e principalmente assumir, sua origem de classe. Enquanto os outros entrevistados optaram por “dar a cara a tapa”, assumindo sua condição de bolsistas ao pedirem a ajuda dos professores, colegas e supervisores de estágio para vencer as dificuldades e desafios que passaram a enfrentar nesse novo espaço, ela demonstra ter se sentido acuada e insegura nesse novo ambiente:

“Eu confesso que eu tinha certo medo de enfrentar preconceito, por ser bolsista. (...) Então foi uma dificuldade que eu tive no início, esse medo, essa ansiedade. As coisas começaram a melhorar a partir do final do segundo semestre, eu fui vendo que realmente era a área que eu queria, que me oferecia boas oportunidades, então as expectativas começaram a melhorar cada vez mais (...).”

Além disso, ela parece ter conseguido participar de poucas atividades oferecidas pela IES, ao longo do curso. Sua presença na universidade acabou restrita, principalmente, a participação nas aulas, tendo assistido a algumas palestras e visitado a feira de carreiras da universidade. Uma iniciativa que Fernanda tentou por diversas vezes participar foi o Projeto Rondon¹⁹, entretanto não foi selecionada nos processos seletivos que concorreu. Ao final do curso, ela também participou da comissão de formatura, descrevendo essa como uma experiência de grande aprendizado, principalmente com relação ao desenvolvimento de suas habilidades interpessoais. Além disso, durante a faculdade ela realizou três estágios, que segundo ela agregaram muito a sua personalidade, oferecendo aprendizados tanto para sua vida pessoal quanto profissional.

Quanto ao momento de conclusão do curso, esse foi, para Fernanda, um período muito estressante. Além do trabalho de conclusão de curso, que ela relata ter sido um desafio muito grande por conta da falta de prática e experiência na condução de um projeto de pesquisa, ela acabou sendo desligada de seu último estágio dois meses antes da formatura, se vendo desempregada ao final do curso:

“É, é um período meio chato, porque tu sai da faculdade, fica meio perdido e também aquela questão de eu não estar trabalhando (...) E eu sou uma pessoa muito ativa, então isso pra mim é bem chato, bem estranho, mas... é o que tem no momento. Agora é procurar trabalho desesperadamente até achar”.

O trabalho

Fernanda já trabalhava antes mesmo do ingresso no ensino superior, tendo começado aos 14 anos como jovem aprendiz e depois como estagiária em um banco. Já no ambiente universitário, ela participou de um projeto do Sebrae²⁰, voltado para o atendimento a microempresários, e teve três experiências de estágio:

“O meu primeiro estágio durou um ano e um mês, mais ou menos, era em uma imobiliária de pequeno porte, e eu comecei sabendo absolutamente nada da área, nada mesmo, e sai de lá, de uma oferta de estagiaria para gerente da imobiliária. Só que o meu nível de estresse tava tão alto lá, minha ansiedade tava tão alta, que eu não conseguia fazer outras coisas, então foi onde eu optei por sentar com meu supervisor e pedir pra sair, literalmente”.

¹⁹ Esse é um projeto voluntário, do Governo Federal em parceria com as Instituições de Ensino Superior, que visa levar jovens universitários para trabalharem em prol do desenvolvimento econômico e social das regiões mais carentes do país. Para maiores informações acesse: <http://www.projektorondon.org.br>.

²⁰ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas: <https://sebrae-rs.com.br>.

Seu segundo estágio foi na área administrativa de uma distribuidora de produtos da área da saúde, que ficava próxima a sua casa e a universidade. Entretanto, enquanto ela estava trabalhando na empresa, sua sede foi transferida para outra cidade da Região Metropolitana, o que tornou inviável seu deslocamento entre a residência, o trabalho e a universidade:

“Eu não tenho como sair de casa e chegar no trabalho antes das 8h da manhã. A não ser que eu saísse de casa 4h30, 5h da manhã. Então mais uma vez tive que sair do meu estágio, por coisas alheias, digamos, a minha vontade”.

Um dos seus critérios de escolha para estágios e vagas de trabalho era a localização, já que precisava deslocar-se diariamente por meio de transporte público. Além disso, Fernanda afirma ter buscado por estágios que pudessem contribuir para sua carreira: *“Eu nunca quis um estágio que eu tivesse que só servir cafezinho. O que isso agrega pra mim como profissional? Nada. Fazer café eu faço na minha casa”.*

No entanto, sua última experiência de estágio, em um pequeno escritório de advocacia, acabou não se mostrando uma escolha acertada, uma vez que, apesar das promessas de contratação para uma vaga efetiva feitas por seus chefes, ela acabou tendo seu contrato de estágio cancelado dois meses antes de sua formatura. A proximidade com a conclusão do curso fez com que ela não tivesse mais tempo de buscar por outro estágio, que poderia se transformar em um contrato de trabalho efetivo. Esse foi o momento de maior decepção para Fernanda, quando se viu, ao final do curso, desempregada e sem perspectivas de inserir-se profissionalmente pela via do estágio universitário:

“É que na verdade, assim oh, eu acho que é de todo universitário, no início tu achar que vai sair da faculdade com a tua vida profissional totalmente pronta. Ai, eu vou sair da faculdade, antes de eu sair eu vou tá num emprego bom, eu vou tá num cargo legal e nem sempre é isso que acontece. Foi o que aconteceu comigo. Agora eu tô no mundo aí dos desempregados, parece que assim, vou te falar bem a verdade, parece que tu sai de um mundo pra outro completamente diferente, por que quando tu faz faculdade tu ainda tem a possibilidade de buscar um estagio estágio ou alguma coisa assim. Depois que tu termina ou tu busca um CLT ou um trainee, só que o trainee também, meu Deus, é um mundo de gente concorrendo né? Então é um pouco frustrante isso, saber que tu é formada, tem um diploma, tá com teu diploma ali na mão, cheio de vontade de trabalhar, de aplicar o que tu aprendeu e as pessoas não te dão essa oportunidade”.

Por essa razão, ela havia decidido se mudar junto com os pais para uma cidade com menos de cinco mil habitantes após a formatura, supondo que seu diploma poderia ter maior valor, perante o mercado de trabalho, em um local onde poucas pessoas tinham acesso ao

ensino superior. Fernanda, ao final do curso, percebeu que, mesmo tendo um diploma de nível superior, sua colocação no mercado de trabalho não seria garantida por esse, fazendo dela mais uma jovem em busca de emprego:

“Em Porto Alegre, se tu chega lá, ah, o que que tu tem? Ah, eu sou formada em Administração... grandes merda! Tem mais 50 que também são. Lá eles te olham de uma maneira um pouco diferente, se tu tem um curso superior, tem já um certo diferencial né, até pela questão do número de pessoas que moram lá”.

DIEGO

Diego se graduou em Administração em julho de 2016, aos 26 anos. No momento em que nos conhecemos ele já atuava há sete anos como funcionário público em um órgão do Governo do Estado. Apesar de estudar na Região Metropolitana, ele reside com a família em Porto Alegre, o que demandava um deslocamento de cerca de 100 quilômetros diariamente. Diego foi o único dos entrevistados contemplado com uma bolsa parcial do Prouni, no valor de 50% da mensalidade, já que sua renda como funcionário público, somada a renda dos demais membros de sua família, ultrapassava o critério de elegibilidade para a bolsa integral.

Conheci Diego por intermédio de sua prima, também aluna da UFRGS, a qual estabeleceu nosso primeiro contato. Nossas duas entrevistas aconteceram em outubro de 2016, ambas no local de trabalho de Diego e tiveram uma semana de intervalo cada. Apesar de se dizer muito tímido, Diego me surpreendeu ao longo de nossos encontros, que passaram de duas horas de duração cada. Em um primeiro momento ele pareceu um pouco nervoso com o fato de estar sendo entrevistado, mas logo pareceu se sentir mais a vontade ao conversar sobre sua trajetória. Diego acabou se mostrando muito comunicativo e atencioso, ao mesmo tempo em que também procurou manter certa postura profissional ao longo dos encontros, por meio de uma maneira mais formal de se expressar.

Diego demonstra ser pouco ambicioso, valorizando mais a estabilidade e a segurança, mesmo que isso tenha como consequência uma menor remuneração ou signifique mais tempo entre uma promoção e outra. Ele parece ter encontrado seu lugar no setor público, onde planeja permanecer o resto de sua trajetória profissional.

Diego ingressou no curso de Administração por meio do Prouni quando tinha 22 anos de idade. Ele relata ter optado, após a conclusão do ensino médio, por buscar um posto de trabalho estável e só depois tentar ingressar na universidade. Seu primeiro emprego foi como

terceirizado em uma secretária pública, tendo sido posteriormente aprovado em concurso público para atuar nesse mesmo órgão. Foi a partir da experiência prática que Diego decidiu cursar Administração, percebendo o curso como generalista e por isso, oferecendo muitas possibilidades de carreira, principalmente com relação ao acesso a concursos públicos de nível superior. Assim, sua escolha se deu a partir das oportunidades do mercado, não visando à profissionalização em uma área específica e sim a manutenção do seu atual emprego e crescimento na carreira.

Ao longo do curso, Diego acabou restringindo seu envolvimento no ambiente universitário a presença nas aulas, no momento em que trabalhava e residia em outra cidade. Ele relata ter sentido falta de compartilhar com os colegas momentos de descontração, como idas ao bar após as aulas, ou participar de confraternizações, o que também acabou influenciando nas poucas relações de amizade que conseguiu estabelecer ao longo do curso.

Após a formatura, Diego continuou desempenhando o mesmo trabalho, na mesma função e no mesmo local que já atuava anteriormente ao ingresso no ensino superior. Entretanto, um dos seus planos futuros é a aprovação em um concurso público de nível superior, valorizando assim seu esforço, ao longo dos últimos seis anos, para obtenção do diploma de bacharel em Administração. Além disso, pretende com o diploma aumentar sua remuneração, o que o ajudará a realizar o desejo de sair da casa dos pais, adquirindo sua casa própria, um carro e outros bens materiais. Apesar do desejo expresso com relação à aquisição de bens, Diego não se mostra ambicioso em seu discurso, mobilizando suas disposições para uma postura de simplicidade e humildade, as quais são características que admira em seus pais.

Por fim, mesmo desejando sair da casa dos pais, onde também mora sua irmã mais velha, ele pretende continuar residindo no mesmo bairro onde nasceu e cresceu, a fim de manter sua rede de contatos, através da proximidade física de seus parentes e amigos de infância. Diego parece satisfeito com o estilo de vida que aprendeu com seus pais, desejando mantê-lo também ao longo de sua vida adulta.

A família

A história da origem familiar de Diego remonta à trajetória de seus avós. Seu avô paterno trabalhava como pedreiro e sua avó era dona de casa, no entanto, também trabalhava informalmente costurando peças de roupa “para fora”, a fim de contribuir com o orçamento doméstico. O seu avô materno era policial militar e sua avó trabalhava como ascensorista.

Já seu pai trabalhou durante um período como técnico em Contabilidade, tendo concluído o ensino médio integrado ao curso técnico em uma escola pública de Porto Alegre, e foi também policial militar concursado por um período, tendo desistido da carreira militar após ter “se desgostado” do trabalho, não tendo Diego entrado em detalhes quanto ao que motivou a saída de seu pai. Sua mãe, apesar de ter estudado menos do que seu pai, tendo concluído o ensino fundamental, foi a responsável pelo sustento da família. Ela ingressou, ainda na adolescência, em uma rede de lojas de abrangência nacional como vendedora e foi crescendo ao longo de 30 anos de trabalho, chegando ao cargo de gerente da loja que fica no Centro da cidade.

Assim, Diego e a irmã foram criados pelo pai, que era o responsável pelas tarefas domésticas, enquanto sua mãe trabalhava fora, de segunda a sábado. Diego deixa subentendido algumas fases difíceis pelas quais seus pais passaram, ao longo de seus 33 anos de casamento:

“Tinha época, dentro de casa, complicadas, assim... meu pai com a minha mãe. Meu pai enfartou cedo, era fumante desde muito cedo, bebia... chegava tarde em casa, minha mãe tinha que trabalhar cedo, daqui a pouco se estressava. Mas esse é episódio superado... muito por causa do infarto, ele teve que pensar a vida de outra forma, tomou um susto pra largar tudo, então, assim, não estaria aqui pra ter visto a minha irmã e eu se formar, pode estar”.

Diego admira muito a sua mãe, por ter sido sempre muito esforçada e dedicada, sendo para ele um exemplo de trabalhadora incansável, que nunca “deixou a peteca cair”. O trabalho sempre foi muito importante para ela, tendo sido sua prioridade ao longo da vida. Diego relata o quanto difícil é para a mãe se “desligar” do trabalho quando está em casa ou de férias. Ela conviveu pouco com os filhos, já que trabalhava de segunda a sábado e dedicava os domingos para se recuperar da pesada rotina que levava no comércio. Entretanto, para evitar se afastar da família, ela chegou a recusar promoções de trabalho, que demandariam sua transferência para outros Estados, o que reforçou em Diego a disposição incorporada de valorização e proximidade da família.

Quanto ao pai, Diego admira o apoio que ele sempre deu aos filhos, incentivando-os a estudar e buscar ser melhor a cada dia, dando o máximo de si em tudo o que fazem. Além disso, ele parece ter sido um exemplo de honestidade e retidão para Diego, sendo muito rígido com os filhos. Era seu pai quem desempenhava o papel de exigir dos filhos postura, boas notas e bom comportamento.

Para Diego, seus pais conseguiram passar para ele e a irmã uma base de princípios e valores, principalmente relacionados à dedicação, esforço e trabalho duro, da qual tem muito orgulho:

“Então essa questão de responsabilidade eu sempre tive muito cedo. E vem muito de casa, está no sangue à questão de trabalho, medo de trabalho a gente não tem, minha mãe trabalha desde os 16, tem a fama de ser trabalhadora e tudo mais. Ela podia estar mal em casa, mas estava trabalhando. Meu pai, mesmo não trabalhando, sempre se envolve em alguma coisa pra fazer um trabalho. Então, assim, a família sempre muito humilde, mas muito trabalhadora. Desde o meu vô, minhas tias, mesmo não tendo um trabalho formal, mas sempre fazendo algo em casa. Uma costura... ah, não tem costura, ficava cuidando dos irmãos”.

Além de seus pais, toda a família de Diego, incluindo seus tios, tias e primos, parece compartilhar um projeto familiar coletivo de melhoria de vida, vendo a qualificação como caminho para o crescimento pessoal e profissional:

“E hoje nós estamos tendo a oportunidade de fazer, de estar realizando um sonho deles também, a oportunidade que eles não tiveram, eles conseguiram nos proporcionar (...). Eu falei pro meus pais que eu ter me formado não é um sonho só nosso, né? É da família”.

Diego, assim como seus primos, compõe a primeira geração da família a ter acesso à universidade: três, dos seis primos da família, têm formação de nível superior. Os outros três, que não ingressaram na universidade, representam um motivo de preocupação para o projeto coletivo da família. Assim, os pais de Diego, que parecem ser vistos como os mais bem-sucedidos do grupo familiar, muitas vezes têm a responsabilidade de ajudar seus irmãos e sobrinhos, seja financeiramente, seja por meio de incentivo ou exemplo, a avançarem nos estudos e na trajetória de crescimento.

Tanto Diego quanto sua irmã desejavam ingressar na UFRGS quando concluíram o ensino médio, mas não foram aprovados no vestibular. Ela acabou se formando em Contabilidade, em uma faculdade privada menos renomada, na qual podia arcar, com a ajuda dos pais, com os custos da mensalidade:

“(...) sempre a preocupação, não vamos parar de estudar! Então, assim, a família deu um jeito, conseguiu ajudar ela. Sempre trabalhava desde cedo também, desde os 16, 17 anos, começou a estagiar e ajudava a pagar a faculdade (...)”.

Já Diego conseguiu ingressar por meio do Prouni, sendo o único entrevistado com bolsa parcial do programa, uma vez que já era funcionário público quando foi aprovado. Ele teve ajuda da família para arcar com restante da mensalidade que não era coberto pela bolsa.

A infância

Diego cresceu e foi criado em um condomínio localizado na zona sul da cidade, onde reside até hoje. É nesse lugar que ele estabeleceu grande parte da sua rede de relacionamento e seu ciclo de amizades, já que seus vizinhos eram também seus colegas de escola.

Durante a infância, a rotina da sua família era voltada para as atividades de trabalho e estudo, ao longo da semana, e os finais de semana eram dedicados para a convivência em família. Como a rotina era controlada pelo pai de Diego, esse era rígido com relação aos horários e tempos destinados para brincadeira, principalmente quando essa ocorria na rua:

“(...) durante o dia, se brincava no pátio do condomínio, que é cercado, brincava na praça, jogava corrida de tampinha, bem brincadeira de criança mesmo... E futebol, assim, esportes a gente praticou bastante (...) Então, de noite, o pessoal ia lá em casa, eu ia na casa dos meus amigos, de noite tinha que ficar em casa. Eu comecei a ficar mais na rua de noite quando tinha 13, 14 anos, começava mais a descer, interagir. Mas assim, sexta, sábado e domingo, né? Que eram os dias que não tinha aula no dia seguinte. Mas assim, à noite era videogame, reunia a gurizada lá em casa, era porta bem aberta (...) Agora, o domingo, é com a família, tem o horário que a gente almoça, é o dia que a gente fica junto”.

Assim, Diego foi acompanhado de perto pelos pais, tendo de seguir regras e horários estabelecidos por eles. A ausência da mãe durante a maior parte da semana, ao mesmo tempo em que desperta certo ressentimento em Diego, também o motiva a trabalhar duro, já que ele admira muito a mãe por todo o esforço despedido em prol da família afirmando, tendo aprendido com ela a não ter medo do trabalho:

“Então, com ela [a mãe] sempre foi o domingo. Imagina a rotina, trabalha de segunda a sábado, tem só um dia pra descansar, domingo quer descansar, quer passar teu domingo dormindo. O que a gente sentia falta assim... a minha mãe é muito caseira. “Mãe, vamos aproveitar, vamos sair”. Mas as nossas visitas sempre quando tinha era família mesmo, vai visitar a vó, vai visitar o avô... a minha mãe não é muito de viajar. Se ela tiver 30 dias periga ela passar os 30 dias em casa. Tem amigos meus que nem conhece a minha mãe. Meu pai todo mundo conhece, mas a minha mãe não. A minha mãe sai cedo e volta tarde, passa despercebido, né? Mas em casa, faz alguma coisa gostosa pra gente comer, senta ali com a gente”.

A família de Diego não costumava viajar ou sair nas férias, permanecendo em casa nesse período, a fim de descansar e aproveitar o período para organizar a casa, a rotina doméstica e visitar os familiares.

Outra parte importante da infância de Diego foi sua relação com o futebol, sendo essa uma das suas principais atividades de lazer desde pequeno. O hábito de jogar bola se mantém até hoje, quando encontra, uma vez por semana, os amigos de infância para praticar o

esporte, além das frequentes idas ao estádio de futebol, para acompanhar as partidas de seu time.

A escola

Diego iniciou sua vida escolar no jardim de infância, quando ingressou em uma escola pública que ficava próxima a sua casa. Por conta da proximidade, muitos de seus colegas de escola eram também seus vizinhos de condomínio, fazendo com que seus contextos de socialização na infância se restringissem ao bairro onde morava:

“Eu fiz do jardim à oitava tudo em um colégio perto de casa, só tinha ensino fundamental. Da primeira a terceira eu fiz à tarde, então nas manhãs já não tinha muita brincadeira, era mais no fim de semana(...) e da sexta à oitava, sempre foi pela manhã. Então era estudo pela manhã e à tarde, era brincadeira quando os amigos estavam ali. E como a gente morava em condomínio, os amigos eram os colegas de colégio”.

Ele permaneceu nessa mesma escola até o término do ensino fundamental. Já no ensino médio, Diego trocou de escola, indo para uma instituição de ensino pública que é referência na cidade por conta da qualidade de ensino oferecido. Essa escolha se deu já pensando na próxima etapa, visando à preparação para o vestibular e ingresso no ensino superior:

“Quando a gente trocou pro ensino médio, a gente trocou de escola e nós tínhamos conhecidos de escolas particulares e o nosso conhecimento, às vezes, era na frente do próprio particular. Então mesmo a escola tendo uma dificuldade com estrutura, a gente tinha ótimos professores. É uma escola que prepara muito bem, foca pro vestibular, pro Enem”.

Os pais de Diego sempre deixaram claro que era o esforço dele que fazia a escola ser boa, e não seria uma boa escola que faria dele um bom aluno. Eles o ensinaram que o mais importante é estar atento as oportunidades e saber aproveitá-las: *“Então isso, os meus pais sempre deixaram bem claro, pra gente sempre estudar, não parar”.*

Portanto, seu pai tinha um papel muito importante na vida escolar de Diego, acompanhando seu progresso de perto e auxiliando nas tarefas escolares:

“Se tinha que auxiliar em uma questão, nos ajudava. Meu pai é uma pessoa muito inteligente, daí questão de leitura, família mesmo, questão de estudo a gente fazia muito em casa. Fazia ali as sílabas, praticar... questão de colégio eu nunca tive dificuldade. Claro, tem matéria que a gente gosta mais, matéria que a gente gosta menos, mas a família no geral sempre foi amigável, sempre fui estudioso, já vem assim de família (...)”.

Assim, ele conta com orgulho que nunca rodou em nenhuma matéria ao longo de sua trajetória escolar, nem mesmo chegou a fazer algum tipo de recuperação, o que se repetiu também ao longo de sua trajetória universitária, mesmo já tendo que conciliar os estudos com o trabalho nessa fase:

“Então passei 100% no ensino médio e a minha irmã também nunca rodou e na universidade a mesma coisa também, nunca cheguei a pegar nenhuma recuperação, no TCC passei ileso também, graças a Deus e a minha irmã também conseguiu passar tudo, mesmo trabalhando, mesmo estudando. A gente conseguiu conciliar e não interferiu, ninguém morreu em trabalhar e estudar. E isso eu vejo muito que é de casa, assim, né?”

Diego aprendeu desde cedo que o trabalho não deve atrapalhar os estudos, sendo natural a conciliação dessas duas jornadas diárias. O trabalho, como o ensinou sua mãe, não é um fardo, e sim uma parte fundamental da vida.

O ensino superior

Diego já sabia, desde cedo, quanto a expectativa de sua família para que ele estudasse e conquistasse uma vaga na universidade: *“O colégio sempre incentivou, e os pais em casa, a própria família”*.

Assim, a decisão pela continuação dos estudos após o ensino médio já havia sido tomada pela família, a partir do seu projeto coletivo de melhoria de vida. Pra Diego, era natural a transição do ensino médio para o ensino superior. Cada um dos primos foi trilhando seu caminho para o ingresso no ensino superior, tendo alguns sido aprovados no vestibular para a UFRGS, enquanto outros ingressaram em instituições de ensino superior privado:

“Uma questão de... não somos uma família de renda alta, não somos classe média, então não teríamos condições. Na época dela [sua prima] não tinha essas questões de Prouni, então era realmente via federal e graças a Deus conseguiu. Eu não consegui a federal, mas consegui por outros meios”.

Já a escolha do curso, se deu principalmente por razões utilitaristas e racionais. Diego se interessava, inicialmente, pelo curso de Jornalismo, mas viu que a área da Administração poderia lhe ampliar as oportunidades e possibilidades de trabalho e inserção:

“É, muito assim, a minha ideia, eu queria, como eu gosto da área esportiva, seria a ideia do Jornalismo. Na UFRGS, Jornalismo, Engenharia Civil, que eram duas opções que a gente tinha... quando eu comecei a trabalhar aqui na secretaria, foi dos meus 18 para os 19 anos, era uma terceirizada, como auxiliar administrativo, eu tinha feito até esses cursos profissionalizantes. Eu fazia o básico de informática: Word, Excel... e técnicas administrativas, ali do dia-a-dia, rotina, então ali eu já gostei”.

A partir da experiência de trabalho que ele teve já na saída do ensino médio, na qual pode vislumbrar as oportunidades atreladas à carreira pública e perceber sua afinidade com o curso de Administração, acabou optando por esse no momento da inscrição para o Prouni. Ao obter a bolsa no valor de 50% do curso, Diego pagava, com o auxílio dos pais, os outros 50% restantes. Por essa razão, precisou esperar a irmã concluir seu curso superior para aumentar o número de disciplinas cursadas, o que o fez levar seis anos para concluir a graduação, ao invés do tempo mínimo de quatro anos. Esse é um exemplo do projeto coletivo da família, onde é importante que todos consigam atingir seus objetivos profissionais, contanto para isso uns com a ajuda e o suporte dos outros.

Um fator que prejudicou o aproveitamento do curso para Diego foi seu vínculo de trabalho efetivo, que exigia dele uma maior carga horária de trabalho, restringindo seu tempo na universidade ao momento das aulas. Assim, Diego não tinha tempo de estabelecer relações pessoais com muitos dos seus colegas, ou mesmo compartilhar momentos de lazer com esses:

“Mas uma dificuldade que eu tive ao longo do curso, as poucas amizades, assim... os poucos que tu tive eu pude cultivar, esses poucos que eu tive foram muito bons. Então em questão de amizade que eu consegui manter, dos amigos que eu tive, foi um casal, que é o pessoal que eu conheci no meio do curso, mas é Whatsapp, Facebook, os churrascos dos formandos, mas vai morrendo, né? Teve muitas pessoas ali que eu nunca conheci, foi aquela questão mesmo de formatura... Então, a questão da amizade é aquilo com o formando, tu combina a cadeira, agora a questão de “ah, vamos sair pra uma festa” por exemplo, eu não podia fazer isso aí. Por exemplo, eu vinha de trem, o trem último é umas 23h, então isso eu senti falta, que aqui em Porto Alegre eu poderia fazer, depois da faculdade tomar uma cerveja, comer um xis”.

Seus momentos de lazer continuaram sendo partilhados com seus amigos de infância, os quais seguem, em sua maioria, residindo no mesmo bairro que ele. A distância e o pouco tempo livre na semana acabaram colaborado para que ele não incluisse os novos contatos que estabeleceu na universidade a sua antiga rede de amizade.

Diego, ao mesmo tempo em que reconhece a importância do apoio e estrutura familiar para que pudesse seguir estudando, também reproduz o discurso meritocrático de responsabilização do indivíduo por suas conquistas e resultados obtidos:

“Antigamente, se tu pega nossos pais mesmo, têm o ensino médio e não tem graduação. Então, hoje, até falo pro pessoal, só não faz a graduação quem não quer ou realmente não tem condições, porque nós temos os meios pra buscar”.

Em outros momentos da sua fala, entretanto, ele reconhece e reforça o quão difícil é concluir um curso superior, principalmente quando se precisa trabalhar concomitante ao curso. Além disso, ele parece perceber que o diploma universitário não representa mais um

destaque no mercado de trabalho, nem mesmo garante um posto de trabalho, como ocorria na geração de seus pais e principalmente de seus avós:

“Com graduação, hoje, já é difícil, imagina sem? É maçante, é cansativo? Com certeza, mas nada é fácil na vida (...) Mas nunca me desmotivou, muito pelo contrário, sempre tive o apoio em casa. Nada como chegar em casa, chegava 23h30, 00h e estava a minha mãe com a comida quentinha (...). Então tudo o que eu conquistei foi na base do meu esforço e do incentivo da minha família, então eu tenho valores que eu trago de casa e dos próprios mestres que eu tive ao longo da escola, faculdade (...)”.

Mesmo assim, ele é muito otimista com relação ao futuro e segue defendendo a importância do estudo e da qualificação como condição para uma melhoria de vida. Se para seus pais a graduação já parecia suficiente para uma melhor colocação no mercado de trabalho, Diego acredita que agora ele precisará ir além, buscando se pós-graduar para conseguir se diferenciar:

“E essa coisa a gente já tinha em casa, não para, não para, não para... estudo nunca é demais. Então, vem de família. Eles não tiveram lá atrás, mas nos deram as condições de estudar. Hoje a gente está estudando e espera que a tendência agora é só melhorar, acho que aquele momento de dificuldade já ficou lá atrás. (...) Hoje a gente sabe que a graduação é o ensino médio de antigamente. Só a graduação não basta. Tem que fazer o que a gente tá fazendo aqui, se especializando num mestrado, é a minha ideia talvez futura”.

Assim, Diego também reproduz o discurso da empregabilidade e da necessidade permanente de qualificação, a fim de se manter e melhorar sua posição no mercado de trabalho. Para isso, defende que se abra mão de ganhos ou confortos no curto prazo, apostando no retorno futuro que advirá dos sacrifícios feitos no presente:

“Então é como eu disse da outra vez, eu vejo que não é o momento nem de juntar o dinheiro, mas de focar no estudo. Tu dá um passo atrás hoje, pra dar dois na frente. Então eu abro mão do dinheiro aqui pra ganhar lá na frente”.

O trabalho

Diego começou a trabalhar logo após a conclusão do ensino médio, tendo conseguido se dedicar apenas aos estudos até os 18 anos de idade:

“Se eu fosse estagiar, estagiava à tarde, mas no ensino médio eu não tinha a ideia de estagiar, porque a Educação Física que a gente tinha, era no turno inverso e se tu trabalhasse tu podia abrir mão, fazia uma prova, era optativa. Tipo a minha irmã, ela trabalhou com 16, 17 anos e eu estava com 17 anos e não tinha

trabalhado ainda. A minha irmã me cobrava “vai trabalhar, guri! Dá um jeito”!. Mas eu comecei a trabalhar... foi com 17 anos que eu terminei o colégio, e eu comecei a trabalhar com 18, 19 anos (...)”.

Sua primeira experiência de trabalho foi em um *call center*, mas essa durou poucos dias, já que Diego não se adaptou a forma de trabalho e a natureza da atividade, se referindo a essa experiência como traumatizante. Já no período de treinamento ele percebeu que não tinha aptidão para o posto, que era de telemarketing ativo, desistindo do trabalho. Logo depois, Diego conseguiu uma vaga como terceirizado no órgão público onde ainda trabalha hoje. A experiência como temporário acabou abrindo as portas do serviço público para Diego que, uma vez dentro do órgão, começou a se preparar para concursos públicos. Assim, ele conseguiu ser aprovado enquanto ainda trabalhava no órgão, mudando seu contrato de trabalho de funcionário terceirizado para funcionário concursado, o que o trouxe estabilidade e melhores condições de trabalho. Seu ingresso na universidade se deu após ter tomado posse no cargo público: *“A minha ideia era que pelo Prouni, eu podia conseguir me graduar, a ideia é fazer concurso pra área de ensino superior e buscar novos desafios”*.

Para ele, sempre foi importante aliar a prática a teoria, bem como buscar a inserção no mercado de trabalho desde o início do curso, o que o motivou a se preocupar primeiro com a conquista de uma vaga de trabalho estável, antes do ingresso na universidade: *“Por isso eu disse, o importante... Ah, a bolsa te ajuda no estudo, mas tem que ter prática. Se tu não tiver dentro do mercado, pra tu conseguir te inserir depois, é complicado”*.

Entretanto, Diego se sente hoje frustrado por exercer uma função de nível médio, já tendo um diploma de ensino superior. Para ele, a carreira pública tem algumas desvantagens, como a ausência de meritocracia, já que considera ter pouco controle sobre a sua carreira e seu crescimento profissional, uma vez que existem jogos políticos, indicações e apadrinhamentos, que acabam desmotivando-o em alguns momentos. Contudo, mesmo considerando o setor público pouco meritocrático, Diego se sente, em geral, recompensado por seu esforço individual até agora:

“Quando eu troquei pra este setor aqui (...) eu entrei aqui como funcionário e a chefia que estava aqui, que até era numa época na transição, eu sempre busquei o quê? Aprender! Como é que faz? Não ficar sempre na mesma coisa, entendeu? Sempre tive interesse de aprender, daí eu fui recompensado”.

Após a conclusão do curso, Diego pretende *“dar valor ao diploma, buscar algo realmente compatível”* com a sua formação. Para isso, tenciona se inscrever em concursos de nível superior, principalmente para bancos públicos, cuja carreira o atrai mais, ao oferecer

melhores salários e maior possibilidade de crescimento. Além disso, ele julga importante seguir estudando, mas só pretende realizar um curso de pós-graduação quando estiver em uma função que reconheça financeiramente o diploma, o que justificaria o esforço demandado pela qualificação.

GUSTAVO

Gustavo tem 25 anos e se graduou em Administração no final de 2015, exatos quatro anos após seu ingresso no curso. Apesar de não se considerar um bom aluno ao longo da infância e juventude, o desejo de ingressar na universidade parece ter despertado durante o ensino médio, levando-o a realizar uma prova para concluir esse nível de formação um ano antes do previsto. Foi assim que Gustavo ingressou na faculdade logo após concluir o Ensino Médio, mesmo não tendo condições de arcar com os custos envolvidos. Por dois anos ele esteve vinculado ao curso de Administração em uma universidade da Região Metropolitana, onde cursava uma ou duas disciplinas por semestre, já que dependia de uma bolsa da instituição. Em 2011 Gustavo conseguiu ingressar em outra universidade de renome, agora com bolsa integral do Prouni, o que também o motivou a mudar de cidade, passando a residir em Porto Alegre.

Conheci Gustavo por intermédio de uma colega da UFRGS, que havia trabalhado com ele em um grupo de pesquisa na IES onde foi bolsista. Começamos a conversar através do Facebook e fizemos nossa primeira entrevista em uma quinta-feira pela manhã, via Skype. Quando nos conhecemos, em setembro de 2016, ele já estava formado há mais de seis meses e havia ingressado há pouco mais de um mês em um programa *trainee* de uma empresa multinacional. Esse programa consistia em um treinamento prático e focado, com duração de três meses, realizado na região Nordeste do país, e após sua conclusão os *trainees* iriam assumir postos de gestão em lojas da empresa.

Em nossa primeira conversa, Gustavo elogiou muito a empresa onde estava trabalhando, se dizendo realizado com o trabalho, com o posto que iria assumir após a conclusão do treinamento e com as futuras oportunidades que a empresa lhe ofereceria. Aproximadamente 20 dias após nossa primeira conversa, marcamos uma nova entrevista por Skype, quando Gustavo me surpreendeu ao contar que havia pedido demissão, estava morando na região Sudeste, graças à generosidade de um amigo que o havia recebido, e estava em busca de um novo emprego. Nesse momento comecei a perceber o quão complexa

é a história de Gustavo, a partir de todas as contradições que ele apresentou em seu discurso e seu posicionamento ao longo de nossas conversas.

Gustavo é um jovem extremamente carismático, divertido e desenvolto, com grande habilidade de comunicação. Essas características fizeram com que ele se destacasse na universidade, tendo participado de diversas iniciativas institucionais e de promoção do curso de Administração, seja por meio de sua imagem, veiculada em campanhas de comunicação, ou mesmo através de seus depoimentos em palestras dentro e fora da universidade.

Ele nasceu e foi criado em uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, onde morou até se mudar para Porto Alegre, quando obteve a bolsa do Prouni. Seus pais já haviam se separado antes mesmo de seu nascimento, no entanto, seguiram dividindo o mesmo domicílio por mais de dez anos. Quando Gustavo tinha 11 anos de idade sua mãe decidiu se afastar fisicamente do marido, deixando-o na casa da família e mudando com os três filhos para uma residência alugada. Sendo Gustavo o filho caçula, sua irmã, 15 anos mais velha, acabou compartilhando com a mãe a tarefa de criá-lo, permitindo que ela pudesse trabalhar fora, a fim de sustentar a família. Hoje a irmã de Gustavo é casada, tem uma filha e segue morando na casa da mãe. Já seu irmão, 10 anos mais velho do que ele, é descrito por Gustavo como o problema da família, o que o faz receber grande parte da atenção da mãe. Assim, o fato de sua mãe já ter demonstrado certa preferência pelo irmão em algumas situações de conflito faz com que Gustavo se sinta rejeitado e desvalorizado, prejudicando sua relação com a família.

Nota-se que a relação de Gustavo com sua mãe é complicada, principalmente pela dificuldade que ele parece ter em aceitar o jeito pouco carinhoso e ríspido dela. Percebe-se que a origem familiar é um ponto chave na trajetória de Gustavo, sendo sua família a causa de várias de suas decepções e mágoas. Gustavo tem um forte sentimento de rejeição, levando-o a buscar se superar em tudo o que faz, a fim de provar para o seu valor para a família e receber algum tipo de reconhecimento. Ao contrário de outros entrevistados, os quais buscam no suporte e apoio familiar a motivação para ir além do que seria esperado, Gustavo teve como motivação seu complicado relacionamento familiar, que fez com que ele buscasse, desde a infância, a sua independência. Assim, durante pequeno, Gustavo relembra passar o máximo de tempo possível na rua, na companhia de seus amigos. Dessa maneira, evitava conviver ao máximo com a família, já que os momentos passados em casa eram preenchidos, comumente, por brigas e discussões.

A necessidade de manter-se distante da família se traduz no discurso de exaltação da liberdade proferido por Gustavo, procurando não se prender a nada nem a ninguém. É por essa razão que ele, logo após a formatura, se mudou para a região Nordeste, em busca de oportunidades de emprego. Por conta de sua pré-disposição para a mudança, ele critica seus amigos de infância que nunca saíram da cidade e que tem suas vidas centradas na família, nos relacionamentos amorosos e nos bens materiais, como carros. Para Gustavo, tanto relacionamentos amorosos quanto bens acabariam o prendendo a um local específico, fazendo com que ele desistisse de correr atrás dos seus sonhos, razão pela qual ele afirma nunca ter namorado. No entanto, em outros momentos, ele também relata a impossibilidade de ter uma namorada sem antes ter um emprego e renda, apontado esses como motivos para que ele não invista seu tempo em relacionamentos amorosos.

Ao mesmo tempo em que Gustavo defende sua liberdade de ir e vir, afirmando não querer se fixar em nenhum lugar, uma de suas justificativas para a saída do *trainee* foi não desejar mais morar de aluguel, já que considera esse um desperdício de dinheiro. Assim, ele relata estar trabalhando para juntar dinheiro e poder comprar um apartamento. No entanto, a intenção de comprar um imóvel é uma contradição aparente em seu discurso, já que fixar-se em um local acabaria limitando sua inclinação para a impermanência.

Gustavo optou pelo curso de Administração quando ingressou na universidade, mas seu desejo era estudar Psicologia. Ele se diz um apaixonado por essa área, o que fez com que se aproximasse da Psicologia ao longo do curso de Administração. O interesse de Gustavo pela Psicologia e suas constantes leituras sobre o tema parecem ter contribuído para sua capacidade auto reflexiva. Muitas vezes, ao longo das entrevistas, ele analisava sua própria trajetória, buscando explicações para as decisões e caminhos tomados ao longo da vida, como quando explicou sua necessidade de mudança e seu espírito aventureiro como uma possível influência de seu pai, que era caminhoneiro e passou grande parte da infância de Gustavo longe da família.

Não obstante sua paixão pela Psicologia, Gustavo não se inscreveu para esse curso quando aplicou pelo Prouni, pois sabia que precisava trabalhar para poder se sustentar durante o curso. Deste modo, viu na Administração a oportunidade de concorrer a vagas de estágio desde o primeiro semestre, aliando sua necessidade financeira com o ganho de experiência profissional na área. Gustavo, que começou a trabalhar quando tinha 11 anos, vislumbrou no curso superior a oportunidade de concorrer a vagas de trabalho melhores do que as que tinha acesso, ampliando sua rede de contatos e seus conhecimentos adquiridos.

Gustavo parece ter incorporado alguns discursos que utiliza para justificar muitas de suas ações. Ao longo de nossas conversas, foi possível perceber que ele desistiu do *trainee* devido à exigência da empresa para que ele se fixasse em Porto Alegre, o que o manteria fisicamente próximo da família. No entanto, ele não apresentou esse como motivo de sua desistência da vaga, afirmando que não gostaria de voltar a morar no Sul por conta do clima, o que motivou-o a mudar para outra região do país.

Gustavo expôs fatos delicados sobre sua história e origem familiar, no entanto, parecia fazer isso com certa naturalidade, como se essa fala já houvesse sido contada outras tantas vezes. No entanto, apesar do discurso que soa, por vezes, um tanto quanto ensaiado, em alguns momentos Gustavo parece “baixar a guarda”, revelando mais sobre si mesmo, o que parecia gerar certo desconforto, principalmente quando solicitado acerca de maiores informações sobre alguns episódios familiares. Sentia como se os questionamentos pudessem contrapor e comprometer seu relato organizado, o que fazia com que ele, algumas vezes, optasse por encerrar sua fala de maneira abrupta, com a frase: “*e era isso*”. Nesses momentos, ele parecia passar a mensagem de que era necessário encerrar o tópico e mudar o rumo da conversa.

Com relação ao futuro e suas expectativas Gustavo afirmou que seu desejo era conseguir um emprego em uma grande empresa, permanecer nessa durante aproximadamente cinco anos, a fim de obter experiência, “criar um nome” e crescer na carreira. Depois disso, em torno dos 30 anos de idade, ele almejava ingressar em um curso de mestrado e conciliar a carreira executiva com a docência.

Gustavo se mostra um jovem obstinado e confiante, ao mesmo tempo em que apresenta falas e comportamentos contraditórios. Apesar de sua origem social e familiar, ele é defensor do discurso meritocrático, favorável a redução do Estado e a liberdade de mercado. Seu lema de vida, expresso em diversos momentos ao longo das entrevistas é: “*vai lá e faz*”. Para ele, cada um é responsável por correr atrás dos seus sonhos, ter disposição e “cara de pau” suficiente para conquistar seus objetivos, como ele mesmo faz. Assim, ele acredita que o sucesso é fruto do esforço individual, apesar de todas as dificuldades que precisou vencer para seu ingresso, permanência e conclusão do curso superior.

A família

Desde seu nascimento, Gustavo tem uma história familiar complicada, marcada por episódios de violência doméstica, o que acabou tendo grande influência em sua socialização e formação:

“Tem uma história bem louca, que não era pra eu ter nascido né, porque o pai e a mãe se separaram muitos anos atrás e aí o pai foi atrás da mãe, ameaçou ela de morte, se ela não voltasse, aí ela teve que voltar, naquela época, imagina, o pai era o cara que mandava em tudo, na família, então ele obrigou ela a voltar com ele e aí eu nasci (...)”.

Seu relacionamento com os pais é conflituoso, baseado em interações ausentes de afeto. Isso fez com que ele, desde a infância, preferisse estar na rua com os amigos, tentando reduzir ao máximo o tempo que passava em casa:

“Eu nunca gostei muito da mãe porque ela sempre foi muito agressiva, e de gritar, eu já sou mais da paz, eu detesto que gritem comigo, não gosto, eu fico muito brabo e lá em casa sempre foi muito gritando”.

Seus pais, apesar de separados, dividiram o mesmo domicílio durante toda a sua infância, muitas vezes sem trocar uma palavra entre si. A mãe de Gustavo, hoje com 62 anos, é do interior do Rio Grande do Sul, tendo se mudado ainda jovem para a Região Metropolitana de Porto Alegre, onde conheceu seu futuro marido, na época 20 anos mais velho do que ela e que trabalhava como taxista. Ela, tendo estudado até a quarta série do ensino fundamental, trabalhou boa parte da vida como cozinheira, e há 15 anos trabalha em uma padaria da cidade. Enquanto a mãe se manteve na cidade, o pai, que foi caminhoneiro durante infância de Gustavo, passava longos períodos longe da casa e da família. Hoje os dois já estão aposentados, mas a mãe de Gustavo segue trabalhando, a fim de obter renda suficiente para pagar as contas e sustentar a família. Gustavo transparece em sua fala acreditar que tanto o pai quanto a mãe não estudaram por preguiça, o que demonstra ser reflexo de sua crença na meritocracia:

“Os dois sempre foram muito assim, da roça, muito colono sabe, nunca foram de estudar não. A mãe sempre foi daquelas que não quer aprender, pra tu ter uma ideia eu que sacava dinheiro pra ela no banco, porque ela não quer aprender a sacar o dinheiro no banco”.

Seu pai, que tem 80 anos de idade, tem uma história de vida complicada, tendo inclusive um episódio de passagem pelo sistema carcerário, devido a um crime passional cometido quando era mais jovem contra a ex-mulher. Devido a esse fato, a mãe de Gustavo sempre teve medo do ex-marido, que a manteve submissa durante muitos anos. Ele afirma

conhecer muito pouco da história de seu pai, principalmente devido à relação distante e impessoal que procura manter com ele:

“O pai nunca quis saber de nada, ele sempre foi da palavra final, ele nunca quis saber dos filhos. Eu via o meu pai uma vez a cada seis meses quando eu morava Porto Alegre, contato mínimo”.

Apesar da pouca convivência, Gustavo é o único da família que ainda se relaciona com o pai, que há 10 anos vive sozinho, na antiga casa da família.

Gustavo parece tentar compensar a rejeição que sente por parte dos pais através de suas conquistas educacionais e profissionais, como uma maneira de demonstrar seu valor, principalmente para a mãe:

“(...) o meu irmão acabou saindo meio que corrido de lá, porque ele tava sempre bêbado, sempre incomodando, sempre fazendo festa, etc. então a minha mãe acabou correndo com ele, mas ele sempre foi o preferido da minha mãe, isso ela já deixou claro, e eu nunca vou esquecer o dia que ela disse que preferia ele, acho que isso pra um filho é f né? Tu ouvir isso, ainda mais quando tu é todo certinho e o teu irmão é um filho da p* e ela vai lá e diz eu prefiro o Gabriel. Mas tá, tudo bem...e é isso”.*

Entretanto, apesar das mágoas que Gustavo carrega em relação aos pais, ele afirma ter aprendido com a mãe a ser correto e generoso:

“(...) se tem uma panela de comida, primeiro eu dou pros meus amigos, pra minha família e depois pra mim. Eu cansei de ver a mãe assim, ah, tem uma fatia de pão, eu vou dar pro Gustavo e eu fico sem. Isso pra mim ficou”.

Já com relação ao pai, ele sente dificuldade em trazer características que admira e que acredita ter incorporado durante a criação:

“Do pai... que estranho, eu nunca parei pra pensar em nada que eu seja parecido com o pai. O pai sempre foi muito ranzinza (...). O pai sempre foi mais durão, mais sério. Eu acho que por ver esse modelo dele e não gostar, eu acabei pegando esse desvio, eu acabo sendo exatamente o oposto dele (...)”.

Gustavo é o caçula de três irmãos, tendo uma irmã de 40 anos e um irmão de 35. Sua irmã concluiu o ensino médio e trabalha em uma clínica particular em função administrativa. Ela chegou a iniciar um curso superior de Enfermagem, por incentivo de Gustavo, mas acabou desistindo. Mesmo casada, segue morando com a mãe de Gustavo, junto com seu marido e a filha de cinco anos. Aos olhos da irmã, Gustavo é o mais bem-sucedido da família,

motivo pelo qual ela acredita que, após a conclusão do ensino superior, ele deveria passar a ajudá-la, inclusive financeiramente. Ele se diz incomodado com os pedidos da irmã, tendo ela já lhe pedido até mesmo um carro de presente, ou mesmo solicitando para que ele lhe pague as mensalidades de um curso superior:

“A minha irmã eu insisti pra ela entrar na faculdade, porque quando eu comecei eu comecei pagando, fiquei dois anos né, pagando, fazendo uma cadeira, ganhava outra de bolsa, então ela queria muito fazer enfermagem e eu disse começa, faz a primeira cadeira, ponto. Fiz ela fazer o vestibular, ela foi lá, fez, passou, entrou e fez um semestre de Enfermagem, aí ela não conseguiu mais pagar e saiu. Mas pelo menos eu consegui fazer ela dar um start assim né, ok, desistiu, desistiu, paciência”.

O irmão de Gustavo foi pouco citado ao longo de nossas conversas. Ele sofre de alcoolismo e, por conta disso, não mora mais com a família:

“A minha irmã, mora ela, meu cunhado e minha sobrinha, meu irmão morava até início do ano, mas por brigas também ele saiu, minha mãe correu com ele, mais ou menos assim e é isso. Meu irmão, ele é alcoólatra. Ele não tem nada assim, nunca guardou dinheiro, todo o dinheiro dele é pra beber (...). Fui o único da família que fez faculdade. Ela estudou até o terceiro ano acho, terminou o ensino médio, e meu irmão foi até, sei lá, sétima série”.

Percebe-se de maneira implícita na fala de Gustavo uma mágoa pelo caminho que seus irmãos tomaram, como se desejasse que eles tivessem também estudado e se graduado, se tornando independentes da mãe, como ele fez. Ele parece ter tentado influenciar na mudança de trajetória deles, em especial da irmã, no entanto, parece não ter tido sucesso até então.

Conhecendo a história familiar de Gustavo, se torna claro o motivo de seus constantes esforços para distanciar-se da família, já que essa, ao invés de incentivá-lo, acaba, em muitas situações, atrapalhando seu desenvolvimento. Ao invés de construir junto com ele um projeto coletivo de melhoria de vida, como ocorre na trajetória dos outros entrevistados, sua família parece “puxá-lo” para problemas e conflitos familiares que o desestabilizavam emocionalmente, mantendo-o preso a sua origem social:

“Também jogo de interesse sabe? Rola um jogo de interesse... tipo ah, agora que tu é formado, tu vai ganhar bem, aí tu pode me dar isso, pode me dar aquilo... quando a pessoa fala isso eu já, da vontade de vomitar sabe. Ah, vai me dar tal coisa, vai comprar um carro pra mim. Eu não tenho um carro sabe, e eu vou comprar um carro pra ti? Por quê? Mas eu não discuto né, eu fico quieto e me afasto né (...).”

Muitas vezes, Gustavo parecia assumir o papel de adulto responsável pela família, sendo chamado a resolver problemas de sua mãe e irmã. Essa responsabilidade acaba o sobrecarregando, desviando seu foco de seus próprios problemas e responsabilidades,

principalmente no seu momento de vida atual, no qual ele vive a transição para a vida adulta, definindo os rumos de sua vida para o futuro:

“Então eu prefiro tá longe. E a mãe nunca disse ‘eu te amo’ sabe, isso ela nunca falou. Quando eu fui morar sozinho em Porto Alegre um dia eu liguei pra ela e ela falou ‘eu te amo’. Então acho que tem que tá longe pra sentir, pra dar valor sabe. A mãe é assim, só dá valor quando tá longe”.

Gustavo parece não dar conta de resolver os problemas dos membros de sua família, preferindo assim se afastar, a fim de tentar resolver os seus próprios dilemas.

A infância

Gustavo se recorda pouco da infância, estando suas lembranças associadas à convivência em família e aos momentos compartilhados com os amigos no bairro onde nasceu e foi criado. Gustavo afirma não ter muitas lembranças do período anterior aos seus 11 anos, o qual parece ter sido o mais difícil de sua família:

“Eu não tenho muita lembrança assim da infância, são pequenas. Mas é isso, é engraçado, porque eu não lembro muito assim da infância, acho que por não ter sido algo muito legal, então não consigo lembrar. Eu consigo lembrar a partir dos 11 anos, trabalhando e aí podendo ter coisas que eu queria, a partir daí em diante. E eu lembro que foi uma época, a partir dos 11, que eu comecei a tá cada vez mais na rua e pouco dentro de casa... ahm... deixa eu ver... acho que é isso”.

Para ele, as experiências mais felizes estão relacionadas aos amigos e aos momentos que passava com esses. Esse padrão de comportamento segue presente até hoje na vida de Gustavo, já que ele segue evitando a proximidade e o convívio com a família:

“Eu lembro que eu sempre fui muito da rua, nunca fui muito de ficar dentro de casa. Eu tava sempre na rua, na casa dos amigos, não gostava muito de ficar em casa, com a mãe, com a família, eu preferia tá na rua com os amigos. Sempre meio bicho solto assim (...)”.

No período anterior ao seu ingresso na escola, ele se lembra de acompanhar a mãe, diariamente, em sua jornada de trabalho. Assim, uma de suas principais lembranças da infância está relacionada ao trabalho:

“Quando eu era pequeno ela trabalhava fora. Eu lembro de ir com ela pro restaurante, enquanto ela trabalhava eu ficava lá brincando, ficava lá fazendo sei lá, qualquer coisa, e é isso”.

A rotina de Gustavo mudou, ao longo da sua infância, principalmente quando ele começou a trabalhar na mesma padaria que a mãe. Antes de completar 11 anos, seus dias da semana se resumiam a frequentar a escola no turno da manhã, ficar em casa assistindo televisão à tarde e passar o turno da noite na rua, junto aos amigos do bairro. Mesmo sendo tão jovem, Gustavo parecia já “se criar sozinho”, tendo pouca supervisão e controle dos pais:

“(...) ficava com os amigos até meia noite, uma hora, sempre foi bem de rua assim. E como eu cresci numa área que só tinha guris, não tinha nenhuma guria, então a gente cresceu em 10, 12 guris, tudo muito amigo. Ai depois quando eu comecei a trabalhar, ai eu ficava na rua até umas 19h, com os amigos, ai ia pro trabalho, das 19h até meia noite, uma hora, trabalhava e de manhã aula. Basicamente foi isso. A gente passava o dia inteiro na rua, basicamente isso, o dia inteiro. Se pudesse ficar mais, além do dia inteiro...”

Era na rua, com os amigos, ou ainda na casa desses, que Gustavo se sentia bem e acolhido, buscando fora do lar àquilo que não recebia de seus pais:

“(...) a gente sempre foi conhecido ali da turminha ali do bairro por isso né, a gente fazia churrasco na rua, a gente jogava taco, futebol, enfim, amassar carro de vizinho, quebrar vidro da janela da vizinha, isso tudo o que tu imagina, a gente fez. Tava sempre aprontando alguma coisa na rua, mas sempre coisas boas, nunca coisas tão ruins, eram coisas só pra gente rir mesmo”

Nos finais de semana, sua mãe tinha o hábito de visitar os familiares, já que era proibida pelo marido de receber visitas em casa. Gustavo, apesar de não gostar de passar seus finais de semana com parentes, era obrigado a acompanhá-la, assim como também a frequentar a Igreja aos domingos, sendo essa uma exigência da mãe:

“E ai final de semana na missa do domingo, que ela obrigava a ir também, quem não fosse apanhava, então era obrigado e eu odiava. Ela me xinga hoje em dia porque eu sou ateu, não que eu seja ateu, mas ela diz que eu sou. Eu só não gosto de ir na missa, cada um tem o seu jeito de orar. E é isso, é isso”

Gustavo guarda mágoas e ressentimentos da infância, aparecendo ao longo de sua fala referências à episódios de violência, seja física ou psicológica, a começar pelo próprio relacionamento de seus pais, que reproduziram esse comportamento violento também no seu relacionamento com os filhos. As poucas lembranças que Gustavo tem do pai estão associadas a brigas ou discussões, assim como com a mãe, que apesar da convivência mais próxima, também mantinha uma relação baseada em agressões verbais, gritos e xingamentos.

Na infância, era sua irmã quem representava o papel de carinho, afeto e acolhimento, que Gustavo não identificava na mãe:

“A mãe sempre foi mais de boa, mas por cuidar da gente sozinha a mãe acabava brigando com a gente por nada né, porque qualquer besteira ela brigava, então a gente cresceu não gostando um pouco da mãe também né... Eu lembro de apanhar muito quando era pequeno e isso me criou uma certa distância com a mãe. Agora, depois de mais idade que eu tenho me relacionado um pouco melhor com ela, mas desde pequeno eu nunca gostei, eu sempre dizia que a minha mãe era a minha irmã sabe (...) ela que fazia coisas legais pra mim né (...).”

Para além da família, muitos dos amigos de infância de Gustavo, com os quais ele compartilhava várias horas de seu dia, continuam sendo seus amigos até hoje. Por vezes, essas antigas relações acabam gerando certo desconforto em Gustavo, por conta da divergência de opiniões e visão de mundo que agora, após ter saído do bairro onde nasceu e ter vivido outras experiências, ele percebe entre si e os amigos:

“Os meus amigos sempre brincam, cara, eu não te entendo, tu tem 25 anos e não tem um carro. Porque aqui ou tu têm um carro ou tu é ninguém. Então todos os meus amigos têm carro, nenhum deles tem faculdade, mas todos eles têm carro. Nenhum deles conhece o Brasil inteiro e eu conheço o Brasil inteiro. Então tem coisas que eles não entendem... eu digo cara, eu não quero um carro, eu quero tá feliz e eu tô”.

A trajetória escolar

Gustavo entrou na escola na primeira série, tendo estudado em duas instituições diferentes, ambas públicas, ao longo de sua trajetória escolar. No ensino fundamental, ele repetiu a sétima série, devido à reprovação nas disciplinas de Religião e de Geografia, fato que o motivou a trocar para uma escola que era considerada mais fraca, ou, em suas próprias palavras: *“um colégio bem de vila assim”*. Foi nessa escola, onde a média era nota cinco e passar de ano era uma certeza, independente do esforço, que ele cursou e concluiu o ensino médio. Gustavo afirma que não gostava de estudar e acabou frequentando a escola porque era obrigado pela mãe:

“Eu lembro de não gostar de ir pra escola, lembro de matar aula, de não estudar, aí eu rodei na sétima série, daí quando eu rodei, aí ficou aquela coisa, ah, começou a trabalhar, rodou. Mas continuei trabalhando né, porque queria e até porque precisava de dinheiro né (...).”

No entanto, apesar do pouco interesse nos estudos, Gustavo não era desinteressado pelo ambiente escolar como um todo, sendo atraído pelas oportunidades de relacionamento interpessoal existentes nesse, em especial com os professores. Essa relação de amizade e proximidade com os professores, iniciada na escola, acabou se repetindo também no ambiente universitário:

“(...) eu tenho assim muito forte, é o convívio com os professores, que eu sempre me dei muito bem com eles e eu sempre tive um histórico negativo, porque meus irmãos passaram por esses colégios e tudo o que tu imagina de ruim eles fizeram lá, então quando eu entrava eles diziam: ‘Gustavo, irmão do fulano e da sicrana? Putz’, já ficava aquele clima ruim. Então eu sempre fui taxado por ruim, mesmo sem ser né. Mas isso é engraçado, porque tu acaba te tornando arteiro né, tá no nome, tá no sobrenome. Mas sempre me dei muito bem com os professores, acho que isso ajudou bastante porque eles acabavam me acobertando”.

Dos seus amigos do bairro, alguns eram alunos da mesma escola onde ele cursou o ensino médio. Entretanto, eles não eram colegas de classe, pois Gustavo era o mais novo do grupo, o que fazia com que seus amigos estivessem mais adiantados do que ele:

“Mas é engraçado que hoje em dia eu sou o único que ta formado e eles nenhum tá. Não que eu tenha passado por eles, mas eu tinha um pouco isso tipo, putz, eu preciso estudar porque eles tão na minha frente né, então, acho que por isso aquela gana de ter uma faculdade logo né, e eu entrei continuei e terminei. Alguns deles entraram e saíram, alguns nem entraram, então...”

No ambiente escolar, Gustavo era atraído pelos eventos e atividades extraclasse, envolvendo-se com qualquer outra iniciativa que não fosse relacionada às aulas tradicionais. Esse mesmo comportamento está presente também ao longo de sua vida universitária, já que Gustavo buscou, ao longo da graduação, estar presente em todos os eventos e atividades oferecidos pela IES.

Os pais de Gustavo pouco acompanhavam seu desempenho escolar. Seu pai não se envolvia nos assuntos escolares do filho e sua mãe, até mesmo pela pouca escolaridade, limitava sua participação as cobranças para que ele fosse à escola, estudasse e não repetisse o ano, muitas vezes feitas por meio de brigas ou xingamentos. No entanto, duas pessoas acabaram influenciando Gustavo a melhorar seu desempenho na escola: uma tia e uma prima. Foram elas, ao demonstrarem interesse por seus estudos e resultados obtidos na escola, que o motivaram, por diversas vezes, a seguir estudando:

“Só essa minha tia e essa minha prima acompanhavam, e era assim, uma vez no ano, só quando elas iam lá em casa né. [sobre a tia] ela é diretora escolar e ela sempre teve metida no meio da educação, então sempre que ela ia lá em casa, ela queria ver o meu boletim, então ela sempre puxava a minha orelha. A mãe, ela ficava puta quando via uma nota vermelha, mas assim, pra mim entrava num ouvido e saía no outro, então eu não dava muita bola, ficava de castigo, fazia um monte de coisa, mas eu tava cagando e andando. O pai nunca quis saber, quando eu rodei, que daí ele veio pra cima, veio me peitar, a gente brigou, ele veio bater em mim e eu dei um chute nele, mas foi a única vez que a gente brigou de se bater e que ele também tentou interferir na minha vida assim”.

Mesmo gostando do ambiente escolar, Gustavo queria concluir logo os estudos, livrando-se dessa que era uma obrigação imposta pela mãe. Contudo, ao longo do ensino médio, por influência de alguns de seus professores, ele decidiu se inscrever para o vestibular, vislumbrando melhores perspectivas, principalmente com relação ao seu futuro profissional, a partir do estudo. Além disso, acreditava que estar na universidade faria dele alguém importante, sendo esse um dos seus desejos:

“Eu sempre quis, no segundo grau, sair da escola, e entrar na faculdade. Esse foi sempre o desejo, tanto que o quanto antes eu consegui, eu fui lá e fiz, quando eu fiz a prova do Enceja. Mas eu ouvi isso de professores sabe? Poxa, entra na faculdade, esquece esse mundo aqui. E aí eu levei isso a sério e fiz de tudo pra sair né, e isso nossa, me transformou num cara muito mais sério, responsável. Quando eu tava na faculdade que eu senti que putz, agora eu virei gente, agora eu não sou só um aluno de merda”.

Assim, Gustavo fez a prova do Enceja²¹, obtendo o diploma de conclusão do ensino médio quando estava no início do terceiro ano, o que o permitiu se matricular na universidade ainda naquele mesmo ano. Seu ingresso na universidade se deu quando começou a cursar três disciplinas do curso de Administração, por conta de uma bolsa recebida pela instituição de ensino, chamada de bolsa filantropia. Essa é uma bolsa própria da universidade, que oferece a isenção do pagamento de algumas disciplinas para os alunos elegíveis, sendo à renda familiar um dos pré-requisitos de seleção. Assim, após o acesso a universidade, Gustavo passou a ter acesso também a novas oportunidades de estágio, aumentando suas chances de inserção em ambientes diferentes dos quais havia trabalhado até então.

A entrada no ensino superior

Gustavo não gostava de estudar e diz não ter sido um bom aluno, até seu ingresso no ensino superior, quando passou a se dedicar aos estudos. Essa mudança se deu no momento em que sua permanência no ambiente universitário e também sua independência financeira, dependiam do bom desempenho na faculdade. Sendo bolsista do Prouni, Gustavo não poderia rodar ou tirar notas baixas nas disciplinas, já que perder a bolsa significaria perder o acesso às pessoas, espaços e oportunidades que passou a ter após a entrada na universidade:

“Porque passei a ter compromissos né, principalmente morando sozinho né, porque eu pagava aluguel, eu tinha que ter dinheiro pra comer e tudo tava ligado a bolsa do Prouni. Porque se eu perdesse ela eu ia parar de morar em Porto Alegre, eu ia

²¹ Para maiores informações sobre o Enceja, acessar o site oficial: <http://portal.mec.gov.br/enceja>. Último acesso em 16 de julho de 2017.

parar de conhecer pessoas novas lá, e aí ia perder toda uma atividade que eu tava gostando né, eu ia perder meu estágio, então tudo girava em torno da faculdade, tinha que tá bem nela”.

Para Gustavo, estar na faculdade significava, finalmente, ser alguém importante, sendo esse o espaço onde ele poderia buscar o reconhecimento, a admiração e a aprovação que não recebia dos pais. Assim, ele ingressou, aos 21 anos, no curso de Administração em uma das três melhores IES, permanecendo nessa por dois anos, até sua aprovação pelo Prouni em outra IES, quando recebeu uma bolsa no valor de 100% do curso.

Além da influência de seus professores durante o ensino médio, a decisão de ingressar na universidade também se deu por influência de uma prima, que se formara em Direito:

“Depois teve uma prima que entrou na faculdade e se formou advogada, e ela tem uma postura assim de advogada desde que ela nasceu, eu acho. Então ela sempre foi muito regrada, muito certinha e eu me inspirei um pouco nela também e ela sempre me incentivou muito, ela queria ver minhas notas, até hoje ela vem atrás de mim, quer saber como que eu tô, o que eu tô fazendo, pra onde que eu vou...”.

Quanto à escolha do curso, durante o ensino médio Gustavo pensava em cursar Educação Física, mas hoje se diz aliviado por não ter escolhido esse caminho de formação. Mais próximo da conclusão do ensino médio, ele percebeu que gostaria de estudar Psicologia, mas que devido a sua necessidade de trabalhar e se sustentar ao longo do curso, essa não seria uma formação possível, devido à impossibilidade de atuar na área desde o início do curso:

“Eu queria ter feito Psicologia, mas o mercado de trabalho é muito difícil pra quem tá no início e como eu precisava de trabalho e renda pra me manter, pra pagar a universidade, então eu comecei fazendo Administração com ênfase em Comércio Exterior e aí na outra universidade eu continuei na Administração com ênfase em Comércio Internacional. Acho que o que a galera que entra em Comércio Internacional imagina é que vai poder viajar, vai aprender outra língua e etc e tal. No decorrer do curso tu vê que não é assim né... Mas eu esperava trabalhar na área de Administração, numa área mais administrativa”.

Mesmo não tendo ingressado no curso de Psicologia, Gustavo foi se aproximando da área enquanto estava na universidade, aproveitando para assistir algumas aulas no curso de Psicologia e se aproximar dos professores. Como resultado, ele acabou aproximando teoricamente as duas áreas em seu trabalho de conclusão do curso, tendo sua banca de avaliação composta por professores tanto da Administração quanto da Psicologia.

Quando ao curso de Administração, Gustavo se diz satisfeito com a escolha, por ser um curso amplo e que o possibilita atuar em diversas áreas:

“Psicologia já é muito mais focado. Provavelmente eu vá fazer, mas mais futuramente né. Mas pra dar dinheiro, pra conseguir trabalho, pro mercado de trabalho, Administração foi o ponto chave e deu muito certo”.

Já sua passagem pela IES parece ter sido muito proveitosa, tanto para ele quanto para a instituição. Gustavo se envolveu em todo o tipo de atividade possível dentro da universidade, se tornando um aluno bem relacionado, o que era seu objetivo desde o ingresso no curso:

“Então... eu fiz o comercial da IES pro vestibular, eu fui orientador financeiro, que é uma atividade comunitária, então a gente recebeu treinamento pra receber as pessoas de fora, pra dar orientações em tudo o que envolve o universo do dinheiro. Eu fui bolsista de iniciação científica também, e sempre que tinha eventos lá eu era sempre o primeiro a ganhar ingresso da universidade pra participar, porque como eu tava sempre lá, o dia inteiro, envolvido em tudo, então eles sempre davam pra mim. E como eu conhecia todos os professores e todos também me conheciam então isso facilitava. Participa de voluntariado lá dentro da universidade também. Ia com professores às vezes em escolas pra dar palestras, fazia de tudo, tudo lá pra poder criar um nome lá dentro né. (...) [os professores] eles iam muito em escolas da rede pra fazer propaganda da IES né e daí eu ia junto pra falar né, pra dar a minha experiência lá. Ia voluntariamente”.

Mais ao final do curso, Gustavo também abriu uma pequena empresa, junto a um colega. Ele permaneceu pouco tempo na empresa, saindo da sociedade após um ano aproximadamente, a fim de se aplicar para vagas em grandes empresas. Essa escolha se deu por meio da crença de que grandes empresas poderiam lhe proporcionar oportunidades de crescimento rápido, por meio de um plano de carreira estruturado.

Além das atividades ligadas diretamente a IES, Gustavo também fez trabalho voluntário ao longo do curso, por intermédio de uma organização não governamental que visa fomentar o empreendedorismo entre os jovens. Esse trabalho se resumia a visitar escolas na periferia da cidade e instigar os jovens a permanecerem na escola e darem continuidade aos seus estudos. Nessas palestras, ele relatava sua história de vida e suas experiências, descrevendo como saiu de um bairro pobre e passou a ser um jovem universitário com potencial e perspectivas de melhoria de vida:

“E aí, outras coisas fora da IES, eu fazia voluntariado, e aí envolvia óbvio a IES né, porque eu contava a história de como eu entrei, como ser bolsista, e é isso. É que eu acho que, o pessoal quando ouve uma história assim, do que aconteceu, eles ficam mais entusiasmados (...).

Gustavo enfatiza na sua fala sobre o curso superior o quão duro foi percorrer essa jornada, por conta das noites não dormidas, a pouca convivência com os amigos e a família, o tempo livre do qual precisou abrir mão. Tudo isso foi feito em prol do objetivo de conquistar

o diploma de ensino superior. Ele parece ficar a vontade ao desempenhar o papel de exemplo para outros jovens, apresentando sua trajetória como um *case* de sucesso:

“Então meio que instiga a galerinha assim, a fazer o Enem. Porque muitos não querem fazer, não tem noção do que é, não tem noção do que é estar na faculdade. Então eu tento mostrar pra eles que quando eu tava no lugar deles. Na escola, eu também era um vagabundo, não estudava, queria matar aula, mas quando eu entrei na faculdade, ai muda, tu faz aquilo que tu quer, que tu gosta, e tem gente da tua idade, enfim, eu tento convencer eles de que é bom estar na faculdade, (...) mesmo que tu comece pagando, mas logo se consegue bolsa né, que foi o que aconteceu comigo né. A gente sempre acha que ah, porque a nossa historia é difícil, ah, não vou conseguir, ai bah, o cara lá trabalhou, se ferrou, foi direto fazer a prova e conseguiu, porque que tu não vai né? Ai eles caem um pouco na real né”?

Gustavo parece reproduzir o discurso meritocrático nas escolas, passando para os jovens a responsabilidade de, assim como ele fez, correr atrás das oportunidades, até que consigam conquistá-las. Assim, sua intenção era promover um impacto positivo em outros jovens, por meio de sua experiência e exemplo de trajetória de sucesso.

Com tantas atividades a desempenhar, a rotina de Gustavo ao longo do curso era intensa. Durante o primeiro ano, ele seguiu morando com a mãe, estagiando nessa mesma cidade, o que exigia viagens diárias para assistir as aulas. Aproximadamente na metade do curso, quando conseguiu um estágio em Porto Alegre, Gustavo saiu da casa da mãe, passando a morar sozinho, o que acabou por afastá-lo dos amigos de infância e da família. Nos primeiros anos após a mudança, ele passou a evitar, sempre que possível, sair de Porto Alegre, vendo a mãe uma ou duas vezes por ano. Optava, assim, por dedicar o pouco tempo livre que tinha para realizar alguma atividade ao ar livre, como correr ou andar de skate.

Com relação a bolsa do Prouni, Gustavo demonstra ter usado sua condição de bolsista como um ponto a seu favor. Ele parece muito confortável com essa situação, inclusive destacando-a como uma prova de seu esforço e dedicação. Entretanto, muitos dos seus colegas não viam essa situação da mesma maneira que ele, já que a sua turma acabou dividindo-se entre aqueles que eram bolsistas e aqueles que não eram:

“A IES, óbvio, quem estuda lá e paga é muito rico e quem não paga é Prouni, tu vê nitidamente essa diferença. Na minha turma inicial foi muito nítida, tanto que ficou dividida. E eu sentei no meio e eu fiz amizade com os dois lados e ai tinha a festa no mesmo dia dos dois lados e eu sempre era o que acabava não indo em nenhuma das duas porque dava briga né... Até hoje me dou muito bem com os que são ricos, mas óbvio, me dou muito melhor com os que são Prouni né, que acaba que os assuntos são mais lincados né. Mas agora por exemplo, o emprego que eu tô hoje quem me indicou foi um desses que tá do lado dos ricos né, que ele não quis essa vaga, indicaram pra ele e ele disse: ah Gustavo, tem essa vaga aqui tu quer, ai fui lá, fiz entrevista e consegui”.

Gustavo, com sua maneira de ser, conseguiu conquistar a amizade de ambos os grupos da turma, o que inclusive o trouxe vantagens, como a indicação por meio de um dos colegas não bolsistas para uma vaga de *trainee*. Dessa forma, partiu dele o esforço para se aproximar dos colegas não bolsistas, mesmo que esses tivessem um estilo de vida muito diferente do seu, demonstrando sua facilidade em transitar entre diferentes classes sociais. Gustavo parece ter percebido nessas relações algumas vantagens e oportunidades que seus colegas bolsistas não poderiam lhe oferecer:

“É óbvio, o cara que paga e mora em Porto Alegre, num bairro nobre, o assunto dele é totalmente diferente do cara que não paga, que veio do interior e que não tem dinheiro. É totalmente diferente. E eu cansei de esses mais ricos lá fazerem festa, irem em lugares mais ricos e às vezes eu queria ir, e eu ia né, pra poder me enturmar, não tinha um real no bolso mas ia né, dava um jeito”.

Assim, ele vê com muita clareza as diferenças sociais existentes dentro da universidade, após a implementação das políticas públicas de expansão do acesso, percebendo os conflitos que se originam dessas diferenças:

“É que a universidade tem muito rico e a turma que a gente pegou, o pai de um é dono disso, o pai de outro é dono daquilo e tudo coisas grandes e chiques e famosas, não era assim, ah meu pai trabalha, não, meu pai é dono de tal coisa. E eles adoravam falar isso sabe, uma coisa bem bizarra... e óbvio que tu como Prouni, tu ouve alguém falando isso, tu pega nojo da pessoa né, porque isso ali é o valor dela né e ali já criou-se uma distinção”.

Ainda com relação a rede social que Gustavo conseguiu formar a partir da universidade, ele buscou se aproximar dos professores, estabelecendo relações de amizade e proximidade com esses, como já havia feito no ensino médio:

“Então isso foi muito bom, uma amizade mais chegada com os professores. Final de semana também, sair pra almoçar, sair pra jantar, isso foi legal. E também mestrandos, doutorandos, que faziam bolsa lá, conheci todos, fiz amizade com todos e acho que isso também foi bom. (...) muitos professores conseguem vagas de emprego pros alunos sabe, então cara, cria uma intimidade com ele, cria uma amizade com ele. Ele tá aqui pra te ajudar, não pra te ferrar”.

Dessa maneira, Gustavo conseguia aprender mais com seus professores do que seus colegas, pois sua relação não se limitava ao espaço da sala de aula e aos conteúdos abordados na disciplina. Por diversas vezes, Gustavo era convidado pelos professores para almoçar, jantar ou participar de alguma atividade de lazer no final de semana, principalmente por esses terem conhecimento de sua condição de aluno bolsista, o qual morava sozinho em Porto

Alegre e era responsável pelo seu sustento. Os professores também auxiliavam Gustavo em suas dificuldades acadêmicas, por exemplo, quando ele relata ter tido muita dificuldade em uma disciplina da área da matemática, a qual precisou cursar quatro vezes até conseguir a aprovação. Além disso, o período de escrita do trabalho de conclusão de curso foi para ele muito desgastante, já que conciliava, na época, três atividades profissionais diferentes: estágio, bolsa de pesquisa e alguns trabalhos informais que fazia durante o final de semana, como complemento da renda.

No momento da formatura, Gustavo não queria nenhum tipo de cerimônia ou comemoração. Entretanto, por incentivo de seus professores e ex-chefes, acabou mudando de ideia, participando da cerimônia de colação de grau e depois jantando com seus convidados em uma churrascaria, no sistema de adesão, quando os convidados pagam pelo seu consumo. A cerimônia de colação de grau foi desconfortável para Gustavo, já que seus familiares não atenderam a suas expectativas de vestimenta e postura:

“Pra mim foi bem estranho sabe, porque meu irmão, por exemplo, não foi, até falei pra ele que se quisesse podia ir, mas não foi. Minha irmã foi, meu cunhado foi, mas, é... todo mundo ia bem vestido né, e minha irmã foi bem normal, meu cunhado também, tipo, tavam cagando e andando, como se fosse só um canudo lá que o Gustavo tá recebendo. A mãe já foi um pouco mais bem vestida né. É isso né. Pra mim foi bem... eu não queria me formar, eu não queria fazer a formatura, muito por causa disso (...).”

Logo após a formatura, Gustavo havia recém-saído da pequena empresa que tinha fundado, e estava em busca de emprego em grandes empresas. Por estar desempregado, voltou a morar com a mãe, experiência que acabou não dando certo e o motivou a mudar-se para a casa de parentes na Região Nordeste do país, onde acreditava que seria mais fácil se inserir no mercado de trabalho:

“(...) mais pro fim eu já tava enjoado de Porto Alegre, queria voltar pra minha cidade, pros amigos, pra tá mais perto do pessoal ali, aí eu morei com a minha mãe uns quatro meses e aí eu vi que uma vez morando sozinho não tem como voltar a morar com a mãe, e aí eu decidi ir pro Nordeste”.

A inserção no mercado de trabalho

A primeira experiência de trabalho de Gustavo foi aos 11 anos, quando ele começou a trabalhar na mesma padaria que a mãe. A motivação para trabalhar se deu pelo desejo de adquirir bens materiais que seus pais não poderia lhe dar:

“(...) meus amigos sempre tiveram tudo, eu sempre tive que trabalhar pra ter o que eles também tinham, roupa, tênis, coisas que eu queria. Então com 11 anos comecei a trabalhar (...)”.

Até o ingresso na universidade, Gustavo seguiu trabalhando na mesma padaria, intercalando o trabalho com outras atividades, como ajudante em uma fruteira de bairro, DJ aos finais de semana e garçom em festas e eventos. Assim que ingressou na universidade, conseguiu um estágio em um banco público, onde permaneceu por dois anos. Depois disso, trabalhou durante dois anos para uma multinacional em regime de contrato temporário, onde atuava como auditor em supermercados. Quando conseguiu um estágio em outro banco público, dessa vez em Porto Alegre, decidiu morar sozinho, permanecendo nesse estágio durante os dois anos de contrato, até conseguir seu primeiro emprego com carteira assinada, onde passou a atuar como secretário na própria IES:

“Era o emprego que eu sempre quis, porque aí com emprego lá eu conseguia bolsa de estudo pra fazer Psicologia ou fazer mestrado, mas aí eu fiquei 3 meses nessa vaga (...) Aí quando eu pedi demissão eu comecei o negócio próprio, a gente ficou uns 6 meses assim, só focado nela e hoje segue com meu sócio. E aí eu sai e fui pro Nordeste, fiquei 5 meses lá. Aí voltei e agora faz um mês, fiquei uma semana aqui sem emprego, aí consegui essa vaga [no trainee]”.

Em suas experiências de trabalho, Gustavo buscou em seus chefes e supervisores o carinho, aconselhamento e reconhecimento que não recebia de seu pai, tendo sido esses importantes também para o fortalecimento de sua autoestima e confiança:

“Tem muita gente de fora que foi mais pai que ele. (...) cada lugar que eu passei teve alguém que acabou ocupando esse papel sabe, aquilo que eu não tinha em casa, que era atenção, carinho, ouvir assim, ter alguém pra te ouvir, então acabei tendo fora né”.

Apesar de já trabalhar há pelo menos 10 anos quando ingressou na universidade, Gustavo considera que seu ingresso no mercado de trabalho se deu apenas após a conclusão do curso superior e aprovação no programa *trainee*. Nesse processo seletivo em particular, para o qual foi indicado, sua desenvoltura e habilidade de comunicação parecem ter sido decisivos para sua aprovação:

“Eu acho que foi agora, porque até então eu tava muito disperso, tanto é que eu trabalhava em vários lugares ao mesmo tempo. Eu nunca foquei. Quando eu fiz os estágios não tinha chance de ser efetivado, ainda assim eu dei o meu máximo, eu fiz tudo o que eu pude (...) E agora só depende de mim pra crescer muito rápido, depende de mim pegar conhecimento e demonstrar trabalho. Então por isso que eu brinco que agora que eu entrei no mercado de trabalho, antes eu tava treinando,

tava brincando, tava estagiando, tava me virando né, me sustentando. Agora começa a carreira”.

Quando questionado sobre o que almejava para o futuro, Gustavo direcionou sua resposta para a vaga de *trainee* que estava ocupando no momento em que fizemos a primeira entrevista, mesmo que 20 dias depois ele já não estivesse mais vinculado a essa:

“Eu me vejo liderando uma equipe, gosto da área de vendas, gosto porque é uma área que te dá uma ascensão muito rápida e se tu tem carisma e lábia tu consegue vender (...) Gerente, sub gerente, níveis hierárquicos mais acima, que vão pra São Paulo, eu gostaria disso. E eu me vejo também um pouco mais futuramente, dando aula. O sonho é dar aula, gosto da universidade, gosto de passar aquilo que eu conheço, então tudo tende a seguir esse caminho, mas antes eu quero criar nome, nome numa empresa e de preferência multinacional”.

Percebe-se que Gustavo é um jovem ambicioso, que almeja tornar-se alguém reconhecido em sua área. No entanto, o que mais chama a atenção em sua história são as contradições apresentadas em suas ações e falas, assim como sua facilidade de adaptação, aos mais diversos ambientes e contextos sociais. Ele apresenta características associadas a uma postura de humildade e colaboração, ao mesmo tempo em que busca se distinguir socialmente e é ambicioso. Com relação à família, ele apresenta o discurso de valorização da sua origem social e familiar, mas tenta se manter o máximo de tempo possível distante do núcleo familiar, já que a proximidade acaba tendo uma influência negativa sobre ele. Gustavo, ao mesmo tempo em que é disciplinado e planeja seu futuro, consegue mudar seus planos e abrir mão de atividades que antes pareciam relevantes, se lançando em direção ao novo e desconhecido com uma rapidez incrível. É por conta de seu comportamento que Gustavo, dentre os participantes do estudo, é o que mais se aproxima do título de *trânsfuga de classe* (LAHIRE, 2004).

APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA JOVENS EGRESSOS

Dados perfil

1. Qual o curso superior tu fizeste/está te formando?
2. Instituição de Ensino;
3. Idade;
4. Quando tu entraste no curso? E quando tu te formaste/te forma?

Eixo temático Ensino Superior

5. Me conta como foi a tua entrada no ensino superior

(Quando que tu decidiste que queria fazer faculdade? Sempre teve esse sonho? Alguém te encorajou a entrar no ensino superior? Alguém te desencorajou? Como tu conheceu o Prouni? Porque decidiu se inscrever? Qual o tipo de bolsa recebeu? Como foi esse processo? Como foi a escolha do curso? Teve a influência de alguém? O que tu buscavas quando escolheu esse curso? O que esperava conquistar? E como foi a escolha da universidade? Tu tentaste outros cursos e outras universidades também? Porque deu preferência para essa?)

6. Me conta como foi teu percurso na universidade

(Quais eram as tuas expectativas quando tu entraste na universidade? Quais foram as maiores descobertas? Em que tipo de atividades passou a se envolver? Quais foram as maiores dificuldades? Como a tua rotina mudou depois da entrada na universidade? Como foi o momento após a formatura? O que tu sentiste? Qual foi o pior momento ao longo da sua graduação? Por quê? Qual foi a melhor coisa que a graduação te trouxe/oportunizou? Por quê?)

7. Me fala sobre as tuas experiências na universidade

(Em quais atividades te envolveres, cursos que fez, eventos, etc? Tu fizeste outros cursos desde que entrou na universidade? Por quê? Quais ainda quer fazer? Por quê? Que tipo de emprego tu esperava ter depois de se formar? Quanto você esperava ganhar? Essa expectativa se concretizou? Se não, o que faltou para isso?)

8. Me fala sobre as pessoas que tu conhecestes na universidade

(Tu fizeste novos amigos na universidade? Como eles são? Como é tua relação com os professores? Tem algum professor em particular que o inspira? Por quê? E algum que não gosta? Por quê?)

Eixo Temático Trabalho

9. Me conta das tuas experiências de trabalho

(Quais foram? Como chegou a elas, quanto tempo ficou, como saiu? O que cada um deles significou de bom e de ruim na sua vida? Quando que tu consideras a teu momento de entrada no mercado de trabalho?)

10. Me conta sobre os processos seletivos para estágio e emprego que tu fizeste, como foram

(Como tu te sentes nas seleções de emprego que participa/já participou? O que tu achas que é teu diferencial? O que é importante para ti na hora de avaliar uma oferta de trabalho? O que tu buscas em um emprego?)

11. Me conta do teu trabalho atual

(Como conseguiu? Está há quanto tempo? Quais são as atividades? Como é a rotina? Qual foi a influência da tua formação no teu trabalho? Tu achas que a tua formação te ajuda no trabalho? O que tu mais gostas no teu emprego? E o que tu menos gostas? Tu pretendes continuar nesse trabalho? Por quanto tempo? Está satisfeito?)

12. Me conta sobre o que tu esperas pro teu futuro

(Quais são os maiores desafios que vês no mercado de trabalho hoje? Como gostaria que fosse tua próxima experiência de trabalho? Como tu gostaria que fosse tua trajetória profissional? Tu achas que teus planos mudaram ao longo da tua formação? O que mudou? O que tu acreditas ser necessário para o teu crescimento profissional? O que tu gostarias de conquistar? Como pretende alcançar esses objetivos?)

13. Me diz o que trabalho significa na tua vida

(O que significa sucesso/ser bem-sucedido para ti? O que tu precisarias ter/alcançar para ser uma pessoa de sucesso? Quem é um exemplo para ti? Por quê? Tu gostarias de ser como ele (a)?)

Eixo Temático: Família

14. Me conta a tua história

(Onde tu nasceste? Onde já morou? Onde mora hoje? Com quem? Quem compõem a tua família?)

15. Me conta a história dos teus pais

(Teus pais/responsáveis são daqui? Sempre moraram aqui? Como eles se conheceram? Onde tua mãe nasceu? Onde estudou? Até qual série? Onde ela já trabalhou? Onde trabalha hoje? Como é a tua mãe? Quais as maiores qualidades dela? E os defeitos? Onde teu pai nasceu? Onde estudou? Até qual série? Onde ele já trabalhou? Onde trabalha hoje? Como é a teu pai? Quais as maiores qualidades dele? E os defeitos?)

16. Me conta sobre a tua infância

(Quais são tuas maiores lembranças da infância? O que tu mais gostava de fazer? Como era o dia a dia da tua família quando tu eras criança? Como eram os dias da semana? E os finais de semana? Qual a lembrança mais viva que tu tens do teu pai na infância? E da tua mãe? O que os teus pais geralmente faziam no tempo livre?)

17. Me conta sobre teu relacionamento com a família na infância

(Teus pais eram presentes? Carinhosos? Conversavam com você? Quais são suas principais lembranças? O que tu achas que cada um deles fez de melhor para a sua criação? E o que tu farias diferente se estivesse no lugar deles? Qual foi o exemplo que cada um deles deixou para ti? Em qual deles tu mais se espelha? Por quê? Com qual deles tu te acha mais parecido? Por quê? Como era teu relacionamento com teu (s) irmão(s)?)

18. Me conta sobre teu relacionamento com a família hoje

(Como é teu relacionamento com a mãe? E com o pai? Se dão bem? Tem proximidade? Tu gostas de estar próximo deles? Como é teu relacionamento com os irmãos? Do que tu tens mais orgulho na história da tua família? Tem algo que não tem orgulho? Como é hoje o dia a dia da sua família? O que gostam de fazer no tempo livre? O que fazem nos finais de semana?)

19. Se possui companheiro (a): me conta sobre o teu namorado (a) /marido (esposa)

(Como se conheceram? O que ele (a) faz? O que vocês fazem juntos no teu tempo livre?)

20. Se tem filhos: me conta sobre o teu filho

(Quantos anos tem teu (s) filho (a) (s)? Foi planejado? Como foi quando descobriram que estavam grávidos? O que mudou na tua vida, trajetória a partir disso?

Eixo temático: Escola

21. Me conta sobre tua trajetória escolar

(Em quais escolas tu estudou? Eram públicas ou privadas? Se mudou de escola, porque mudou? Tu achas que as escolas que estudou eram boas? Por quê? Quantos anos tinha quando começou a estudar? Tu gostavas de estudar? O que tu mais gostavas na escola? Quais as tuas lembranças mais marcantes da escola? Quais as matérias que mais gostava? Por quê? Quais menos gostava? Por quê? Quais eram teus hábitos de estudo? Como eram tuas notas? E dos seus amigos? Como eram os teus amigos na escola? Ainda tem contato com eles? Como era a relação com teus professores? Tem algum professor que te marcou por algum motivo? Qual e por quê? Tu gostavas de ir à escola? Por quê? Como era a tua rotina quando estava no colégio? Como era a relação dos teus pais com teus estudos e com a escola? Os teus pais acompanham teu andamento na escola? Como eles faziam isso? Quais outras atividades participava quando estava no colégio? E fora dele?)

APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA COORDENADORES PROUNI

Apresentação

1. Primeiramente, gostaria de saber um pouco sobre a tua trajetória profissional, formação, tempo na Universidade, quando ingressou na coordenação do Prouni, relação com o Programa e como se deu essa vinculação.

Sobre a criação do Programa

2. Sobre a implementação do Prouni na Universidade, como ocorreu?
3. Qual o suporte/orientação dado pelo Governo nesse processo de implementação?
4. Como foi a aceitação por parte do público interno?
5. Como foi a procura por parte do público externo?
6. Qual o número de vagas ofertadas desde a implementação do Prouni? Esse número aumentou?
7. Qual tipo de vaga ofertado e as quantidades? (Bolsa integral, parcial)
8. Como é o processo seletivo na Instituição para seleção dos bolsistas?

Perfil dos alunos

9. Qual o perfil do aluno Prouni na Instituição? (origem social, raça, idade, gênero)
10. Quantos são?
11. Esse perfil mudou ao longo do tempo? De que forma?
12. O quanto muda esse perfil de um curso para o outro?
13. Os alunos Prouni estão concentrados em quais cursos?
14. Qual a taxa de conclusão e de evasão dos alunos Prouni? Quais cursos com as maiores taxas e quais com as menores?
15. Os alunos entram em busca de uma primeira inserção profissional ou de uma recolocação? (são alunos trabalhadores?)

Acompanhamento

16. Quais os dados coletados e disponíveis sobre os alunos Prouni na Universidade?
17. Qual o suporte ofertado pela instituição na entrada desses alunos?
18. E ao longo do curso, qual o acompanhamento realizado?
19. É feito acompanhamento para o ingresso no mercado de trabalho?
20. Quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos durante os cursos?
21. E após?
22. Quais os resultados logrados pelos alunos após a formação?

Avaliação

23. Que instrumentos de avaliação do Programa existem?
24. Que tipo de acompanhamento é feito por parte da Coordenação Nacional do Programa/MEC?
25. Como você avalia os resultados do Programa?
26. O que poderia ser melhorado?
27. Onde podem ser obtidos dados públicos sobre o perfil dos alunos Prouni?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando um estudo com a finalidade de compreender como se dá a transição da universidade para o mercado de trabalho dos alunos beneficiados por uma bolsa do Prouni. Para tanto, estamos conduzindo entrevistas com jovens estudantes e egressos pelo Prouni que estudaram em universidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. As entrevistas serão gravadas e depois transcritas, sendo devidamente arquivadas após o término da pesquisa. Embora esta pesquisa não traga nenhum benefício direto aos participantes, a sua colaboração poderá contribuir para a construção de conhecimento científico nesta área e beneficiar perspectivas de intervenções futuras. O único incômodo previsto é o de disponibilizar o tempo para a realização das entrevistas. É importante salientar que a sua participação na pesquisa é voluntária; portanto, caso não queira participar da entrevista, você não precisa assinar este termo. Você também pode interromper a entrevista a qualquer momento, se assim desejar, sem qualquer prejuízo para você. Os resultados globais da pesquisa poderão ser publicados posteriormente em periódico científico, porém seu anonimato será assegurado.

Esta pesquisa é orientada pelo Prof. Sidinei Rocha de Oliveira, da Escola de Administração da UFRGS, com quem podem ser obtidas maiores informações, caso seja do seu interesse (e-mail: sroliveira@ea.ufrgs.br) e conduzida pela pesquisadora Camila Scherdien da Silva (e-mail: camila.scherdien@ufrgs.br)

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____
declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, e estou de acordo em participar da mesma. Fui igualmente informado: a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo; b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas; d) que as informações obtidas através das entrevistas serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados dos pesquisadores responsáveis na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Data ___/___/___ Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____